



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A Intervenção Social e o Desenvolvimento Local: O Estudo de Caso do Bairro São Vicente de Paulo

Departamento de Educação, Desporto e Intervenção Social

Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local

2023, Vanessa Costa de Oliveira



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Vanessa Costa de Oliveira

A Intervenção Social e o Desenvolvimento Local: O Estudo de Caso do Bairro São Vicente
de Paulo

Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local,
apresentada ao Departamento de Educação, Desporto e Intervenção Social da Escola
Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professor Doutor Ricardo José Espírito Santo de Melo

Arguente: Mestre e Especialista em Animação Sociocultural Mário Miguel Vieira Montez

Orientador: Professor Doutor Nuno Manuel dos Santos Carvalho

Novembro, 2023

Agradecimentos

À Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), por me acolher durante seis anos, entre a execução da Licenciatura e do Mestrado, permitindo-me evoluir nos meus conhecimentos e contribuindo para conhecer melhor a realidade da vida e do mundo profissional.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Nuno Carvalho, pela dedicação e pela paciência no que diz respeito ao esclarecimento de dúvidas e orientação de trabalho a desenvolver, bem como no constante aconselhamento e nas diversas reuniões de reflexão e construção de conteúdos. Ao professor que nos ensina a ver minuciosamente os pormenores do nosso trabalho e a refletirmos sobre ele, a valorizarmos o nosso trajeto e a questionar sobre a melhor versão de tudo o que possa ser melhorado. Mais do que um professor, um ser humano que ensina a ter calma em todas as circunstâncias e por ser o primeiro a fazer-nos ver que a pressa, muitas vezes, é inimiga da perfeição.

Aos jurados da minha Prova Pública, professor Ricardo Melo e professor Mário Montez, que me apoiaram incessantemente na ousadia que cometi no meu trabalho, que refletiram comigo sobre ele e que viram sempre em mim uma aluna com um valor acrescido.

Aos meus pais, Helena Oliveira e Jorge Oliveira, que me acompanham sempre nos meus voos, que me vão amparando nas minhas quedas e que me incentivam a acreditar que o trabalho um dia é recompensado. Que me olham com olhos de ver e que nada esperam de mim, apenas que seja feliz como sou e em tudo o que faço ao longo da vida.

À minha avó, a famosa Tia Aurélia, com uma idade bem característica, que se orgulha de mim e tem disposição para ainda me acompanhar nestas aventuras.

Aos meus amigos mais próximos, que acreditam nas minhas loucuras, na minha ambição, na minha vontade de vencer e que respeitam e me apoiam nas minhas escolhas por mais difíceis que elas possam ser.

À Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, mais especificamente ao Reitor Ivanildo Farias da Silva e ao senhor Manuel Fernandes, por me terem dado a autorização e a oportunidade de estudar, observar, analisar e absorver toda a realidade vivenciada no Bairro São Vicente de Paulo, no passado e nos anos de 2021 e 2022.

Ao senhor José Rosa, mais do que um ex-elemento da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, um professor na arte da vida e na arte profissional, que me ensinou a ver o mundo para além da cor que pretendemos que ele seja e por me permitir aprender e deixar que absorvesse tudo o que me quis ensinar.

Aos colegas que outrora me acolheram de braços abertos e me apoiaram neste percurso de conhecimento, mais propriamente, aos vários elementos da Autoridade de Saúde Pública – Concelho de Arganil, da Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil – Centro de Saúde de Arganil, da Passo a Passo com a Criança e a Família - Associação de Ajuda Psicossocial, do CLDS 4G de Arganil, do Município de Arganil, da Associação Juvenil CUME – Cultura Urgente para a Mudança Enérgica, da Freguesia de Arganil e da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil.

Às entidades que me cederam as entrevistas para este estudo e me permitiram ter uma perceção mais consistente e fundamentada de um contexto pouco aprofundado, como o Presidente da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, o Presidente da Câmara Municipal de Arganil, o Vereador dos Pelouros da Educação e Qualificação, do Desporto, da Gestão Administrativa e Qualidade e do Ambiente, Mobilidade e Energia, a Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos, a Presidente da Conferência Nossa Senhora de Assunção de Arganil e o Presidente da Junta da Freguesia de Arganil.

À Dra. Helena Travassos, Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil, não só por me ter cedido a entrevista, mas por me ter acompanhado de forma genuína e amiga em todas as minhas dificuldades, os meus desabafos, as minhas angústias, as minhas dúvidas, as minhas tristezas e inspirar-me a refletir que gostaria que o meu percurso fosse ser uma profissional semelhante ao que é hoje.

Aos voluntários e às outras entidades que quiseram fazer parte desta experiência, partilhando e aprendendo com a esperança de acreditar que todos juntos podemos contribuir para o bem-estar dos outros.

À voluntária neste processo, Carina Brito, e às estagiárias que vivenciaram e conheceram esta realidade comigo, Jéssica Martins e Mariana Tenreiro, ajudando intensivamente no estudo do bairro.

Ao Agrupamento Escola de Arganil, que por intermédio das estagiárias me permitiram crescer mais a nível de orientação, de ser mais exigente, avaliadora e transmissora de conhecimentos e que viram em mim a antiga aluna, que estudou nesse mesmo estabelecimento, mais evoluída, estudada e com mais experiência e capacidade de ser uma inspiração para outros jovens.

Aos moradores do bairro por me ensinarem a ser mais tolerante, resiliente e observadora. Que me ajudaram a evoluir, em todos os parâmetros da vida, enquanto os dias iam passando e os desafios aparecendo.

A todos que passaram por mim ao longo deste estudo e que me deram uma palavra de apoio, de esperança, de fé, um sorriso e todo um conjunto de positivismo.

À vida no geral, que me ajuda a compreender sobre a forma simples como adotamos viver, na forma como tratamos as pessoas, refletindo pormenores como a bondade, a gratidão, a coragem, o respeito, a humildade, a educação, a solidariedade, a união, o desenvolvimento, a responsabilidade, o valor, o carisma e a aptidão que fazem de nós melhores pessoas. A ela que nos prega mil e uma partidas, nos entrega mil fardos com propósito de lutarmos e evoluirmos cada dia para sermos a nossa melhor versão.

A mim, que me encontro e desencontro várias vezes pelos caminhos da vida e decido sempre ultrapassar os obstáculos, decidindo abraçá-los como vitórias. Que me permito crescer em cada experiência, em cada aprendizagem adquirida, em cada alegria conseguida, em cada tristeza não esperada, mas, por vezes, necessária.

E agradecer a todos os que lutaram comigo até ao fim e que tiveram esperança que todos os dias fossem melhores! O segredo para atingir os resultados está na “Força, Foco e Fé”.

Obrigada.

A Intervenção Social e o Desenvolvimento Local: O Estudo de Caso do Bairro São Vicente de Paulo

Resumo:

O presente estudo incidiu sobre o Bairro São Vicente de Paulo e denomina-se “A Intervenção Social e o Desenvolvimento Local: O Estudo de Caso do Bairro São Vicente de Paulo”. É enquadrado em termos teóricos pelos eixos: Desenvolvimento Local Sustentável; Intervenção Social; Desenvolvimento Comunitário. Teve como objetivos gerais: Estudar e conhecer o Bairro São Vicente de Paulo; Conhecer as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo; Apresentar recomendações aos diversos níveis.

A metodologia aplicada é de carácter qualitativo. As técnicas de recolha de dados utilizadas foram a Pesquisa Bibliográfica e Documental, as Conversas Informais, a Observação Participante, o Diário de Bordo e as Entrevistas Semiestruturadas realizadas a sete personalidades de entidades relevantes que integram o território estudado. Para analisar as informações recolhidas, as técnicas utilizadas foram a Análise Bibliográfica e Documental e a Análise de Conteúdo.

Em termos de resultados obtidos, estes foram ao encontro dos objetivos do estudo, destacando-se a importância e os efeitos positivos que teve a implementação do projeto de intervenção realizado no bairro para a melhoria das suas condições e conseqüente melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes, bem como uma melhoria no relacionamento e participação das diversas entidades o que, para além da importância presente se pode revelar de extrema importância em termos futuros.

Palavras-chave: Território; Desenvolvimento Local Sustentável; Desenvolvimento Comunitário; Intervenção Social; Participação Local.

Social Intervention and Local Development: The Case Study of the Bairro São Vicente de Paulo

Abstract:

The present study focused on the São Vicente de Paulo Neighborhood and is called “Social Intervention and Local Development: The Case Study of the São Vicente de Paulo Neighborhood”. It is framed in theoretical terms by the axes: Sustainable Local Development; Social Intervention; Community Development. Its general objectives were: Study and get to know the São Vicente de Paulo neighborhood; Know the interventions carried out in the São Vicente de Paulo neighborhood; Present recommendations at different levels.

The methodology applied is qualitative in nature. The data collection techniques used were Bibliographic and Documentary Research, Informal Conversations, Participant Observation, Log Diary and Semi-structured Interviews carried out with seven personalities from relevant entities that make up the studied territory. To analyze the information collected, the techniques used were Bibliographic and Document Analysis and Content Analysis.

In terms of results obtained, these met the objectives of the study, highlighting the importance and positive effects that the implementation of the intervention project carried out in the neighborhood had to improve its conditions and consequent improvement in the quality of life of its residents. inhabitants, as well as an improvement in the relationship and participation of the various entities, which, in addition to its present importance, could prove to be extremely important in future terms.

Keywords: Territory; Sustainable Local Development; Community Development; Social Intervention; Local Participation.

Sumário

Introdução.....	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Do Desenvolvimento ao Desenvolvimento Local Sustentável.....	4
1.2. Desenvolvimento Comunitário e Território.....	16
1.3. Intervenção Social e Desenvolvimento Local e Comunitário.....	23
CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	28
2. Objetivos e Metodologia.....	29
2.1. Objetivos do estudo.....	29
2.1.1. Objetivos gerais.....	29
2.1.2. Objetivos específicos	29
2.2. Questão Inicial e Questões orientadoras.....	29
2.3. Metodologia.....	30
2.3.1. Instrumentos de recolha de dados	31
a) Pesquisa Bibliográfica e Documental.....	31
b) Conversas Informais	31
c) Observação Participante	32
d) Diário de Bordo.....	36
e) Entrevistas Semiestruturadas	36
2.3.2. Instrumentos de análise de dados.....	38
a) Análise Bibliográfica e Documental	38
b) Análise de Conteúdo.....	38
CAPÍTULO 3 - CAMPO EMPÍRICO	39
3. Caracterização Geográfica e Sociodemográfica	40
3.1. Concelho de Arganil	40
3.2. Freguesia de Arganil.....	42
3.3. Bairro São Vicente de Paulo.....	43
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
4. Apresentação e discussão dos resultados	45
4.1. Condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo	45

a) Visão sobre o Bairro São Vicente de Paulo	46
b) Considerações sobre as pessoas que habitam no bairro	50
c) Relação das entidades com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo	51
d) Relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com as outras entidades	52
e) Papel das entidades nas intervenções no bairro	53
4.2. Intervenções no bairro ao longo do tempo	54
a) Condições do bairro	55
b) Intervenção das entidades ao longo dos anos	56
c) Implementação de um projeto no bairro	57
4.3. Forma de integração das entidades no âmbito do Desenvolvimento Local.....	61
a) Intervenções que se integram no âmbito do Desenvolvimento Local	61
b) Outros projetos que as entidades desenvolvem e se integram no âmbito do Desenvolvimento Local.....	63
4.4. Futuro do Bairro e Participação das entidades.....	65
a) Desenvolvimento de outros projetos	66
b) Acompanhamento das entidades parceiras	67
c) Ideias ou sugestões a desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo	68
d) Visão sobre o bairro e as pessoas que nele habitam.....	70
e) Participação ou Desenvolvimento de projetos futuros no bairro	71
f) Auxílio das entidades nas necessidades e dificuldades quotidianas dos moradores do bairro.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
Conclusões e Recomendações.....	75
BIBLIOGRAFIA.....	82
Referências Bibliográficas	83
Fontes.....	89
ANEXOS.....	90
Anexo I - Declaração de Autorização para a execução do estudo	91
Anexo II - Planta do Bairro São Vicente de Paulo	92
Anexo III - Esboço da zona habitacional do Bairro São Vicente de Paulo	93

Anexo IV - Mapa Topográfico do Bairro São Vicente de Paulo (Parte Superior)	94
Anexo V - Resumo do Programa Bairros Saudáveis.....	95
Anexo VI - Resumo do Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida”	97
Anexo VII - Fotografias do Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida”	100
Anexo VIII - Notícias publicadas sobre o Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida” .	117
Anexo IX - Caracterização da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil	121
Anexo X - Questionário sobre Pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo	123
Anexo XI - Regulamento de Funcionamento e do Código de Conduta de Residente do Bairro São Vicente de Paulo.....	127
Anexo XII - Reflexão sobre sugestões de intervenções a executar Bairro São Vicente de Paulo	140
Anexo XIII - Análise das respostas ao Questionário sobre Pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre a Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo.....	143
APÊNDICES	146
Apêndice I - Pedidos de apoio no Estudo	147
Apêndice II - Guiões de Entrevistas Semiestruturadas	156
Apêndice III - Transcrições das Entrevistas Semiestruturadas	187
Apêndice IV - Entrevista por escrito	280
Apêndice V - Matriz de análise de conteúdo das entrevistas.....	287

Lista de Abreviaturas

CIMRC - COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DA REGIÃO DE COIMBRA.....	40
INE - INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA.....	41
EN17 - ESTRADA DA BEIRA	42
IC6 - ITINERÁRIO COMPLEMENTAR DO PINHAL INTERIOR NORTE	42
IP3 - ITINERÁRIO PRINCIPAL N.º 3.....	42
GNR - GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.....	46
CLDS - CONTRATOS LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	64
CAFAP - CENTRO DE APOIO FAMILIAR E ACONSELHAMENTO PARENTAL	64
FAMI - FUNDO PARA O ASILO, A MIGRAÇÃO E A INTEGRAÇÃO.....	64
CPCJ - COMISSÕES DE PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS.....	201
ISLA - INSTITUTO SUPERIOR DE LEIRIA.....	214
IEFP - INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	226
APPACDM - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PAIS E AMIGOS DO CIDADÃO DEFICIENTE MENTAL.....	226
POPMC - PROGRAMA OPERACIONAL DE APOIO ÀS PESSOAS MAIS CARENCIADAS	248
FEAC - FUNDO EUROPEU DE APOIO A CARENCIADOS	248
IPSS - INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL.....	263
PES - PROJETO DA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE	264
CGD - CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS	280
GFRA - GRUPO FOLCLÓRICO DA REGIÃO DE ARGANIL.....	280

Lista de Figuras

FIGURA 1 - ENQUADRAMENTO TERRITORIAL DO CONCELHO DE ARGANIL	40
FIGURA 2 - DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA A EXECUÇÃO DE UM ESTUDO NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO.....	91
FIGURA 3 - PLANTA DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO.....	92
FIGURA 4 - ESBOÇO DA ZONA HABITACIONAL DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO	93
FIGURA 5 - MAPA TOPOGRÁFICO DA ZONA SUPERIOR DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO (ZONA DE CULTIVO, DE ACESSO AOS ANIMAIS E DE ARRUMOS)	94
FIGURAS 6 A 14 - BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO ANTES DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO.....	100
FIGURAS 15 A 18 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 1 - “PROTEJA-SE DO COVID-19”	101
FIGURAS 19 - FOTOGRAFIA DA ATIVIDADE 2 - “COMO MELHORAR E MANTER AS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE”	101
FIGURAS 20 A 23 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 3 - “WORKSHOP + SAÚDE” - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 3 - “WORKSHOP + SAÚDE”	102
FIGURAS 24 A 26 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 4 - “ELABORAÇÃO DE REGULAMENTO DE FUNCIONAMENTO E DE CÓDIGO DE CONDUTA DE RESIDENTE, NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO” .	102
FIGURAS 27 A 33 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 5 - “ATELIER’S DE FAMÍLIAS” – “SABER SER, SABER ESTAR, SABER FAZER”	103
FIGURAS 34 A 38 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 6 - “PARTILHA DE SABERES”	103
FIGURAS 39 A 46 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 7 - “ELABORAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO E APRESENTAÇÃO PÚBLICA”	104
FIGURAS 47 E 48 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 8 - “QUAL O CAMINHO A ESCOLHER?”	105
FIGURAS 49 A 52 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 9 - “PÕE O BAIRRO A SEPARAR E A RECICLAR”	105
FIGURAS 53 A 56 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 10 - “COMPOSTAR É RECICLAR”	106
FIGURAS 57 A 62 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 11 - “REFORÇO DE HORTAS BIOLÓGICAS” – “AS HORTAS CÁ DO BAIRRO”	106
FIGURAS 63 A 67 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 12 - “+ SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL”	107
FIGURAS 68 A 79 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 13 - “REQUALIFICAÇÃO DE 14 HABITAÇÕES”	108
FIGURAS 80 A 88 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 14 - “VEM DAR COR AO BAIRRO - PARTICIPA COMO VOLUNTÁRIO”	109

FIGURAS 89 A 99 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE 15 - “REMOÇÃO DE “MONOS”	110
FIGURAS 100 A 104 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “RECEÇÃO DE DONATIVOS”	110
FIGURAS 105 E 106 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “VISITA DO PAI NATAL AO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO E ENTREGA DO CABAZ DE NATAL”	111
FIGURAS 107 A 109 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “DIA DOS AFETOS”	111
FIGURAS 110 E 111 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “LIMPEZA NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO”. 111	
FIGURAS 112 A 118 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “DEMOLIÇÃO DE BARRACÕES E LIMPEZA DA BARROCA”	112
FIGURAS 119 A 121 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “DISTRIBUIÇÃO DE PAZ E FÉ NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO”	112
FIGURAS 122 A 124 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “ACOLHIMENTO DE DUAS ESTAGIÁRIAS E UMA VOLUNTÁRIA NO PROJETO”	113
FIGURAS 125 E 126 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “SESSÃO FOTOGRÁFICA NO SUB-PAÇO”	113
FIGURAS 130 E 131 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “VISITA AO BAIRRO – DICAS DE POUPANÇA AMBIENTAIS”	114
FIGURAS 132 A 137 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE NO “MERCADO DE NATAL”	114
FIGURAS 138 A 143 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “APRESENTAÇÃO SOBRE O PROJETO E ÁREA DE ESTUDO DAS ALUNAS E VISITA AO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO DA TURMA DO 12.º ANO CURSO PROFISSIONAL DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL”	115
FIGURAS 144 E 145 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “CAMPANHA DE DOAÇÃO DE LIVROS”	115
FIGURAS 146 E 147 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE NO “FESTIVAL INTERCULTURAL”	115
FIGURAS 148 A 150 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “VOLUNTARIADO NA LOJA SOCIAL DE ARGANIL” 36	116
FIGURAS 151 A 153 - FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE “JÚRI DAS PROVAS DE APTIDÃO PROFISSIONAL DAS ALUNAS DO 12.º ANO DO CURSO PROFISSIONAL DE ANIMADOR/A SOCIOCULTURAL”	116
FIGURAS 154 A 157 - NOTÍCIAS SOBRE O FINAL DO PROJETO “ARCO-ÍRIS” – “VEM DAR COR À TUA VIDA”	120
FIGURA 158 - PAPÉIS COLORIDOS DAS REFLEXÕES DA REUNIÃO	142
FIGURA 159 - FOLHAS DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS REALIZADOS NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO	145

FIGURAS 160 e 161 - CONTACTO COM O PRESIDENTE DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO E DA FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE ARGANIL PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO.....	148
FIGURAS 162 e 163 - CONTACTO COM O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO.....	149
FIGURAS 164 e 165 - CONTACTO COM O VEREADOR DO PELOURO DO AMBIENTE, MOBILIDADE E ENERGIA, EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO, DESPORTO, GESTÃO ADMINISTRATIVA E QUALIDADE PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO.....	150
FIGURAS 166 e 167 - CONTACTO COM A VEREADORA DOS PELOUROS DE AÇÃO SOCIAL, DA JUVENTUDE E DOS RECURSOS HUMANOS PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO	151
FIGURAS 168 e 169 - CONTACTO COM O PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE ARGANIL PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO.....	152
FIGURAS 170 e 171 - CONTACTO COM A VEREADORA DOS PELOUROS DE AÇÃO SOCIAL, DA JUVENTUDE E DOS RECURSOS HUMANOS A SOLICITAR A PARTICIPAÇÃO DA TÉCNICA SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL EM APOIAR NO ESTUDO	153
FIGURAS 172 e 173 - CONTACTO COM A TÉCNICA SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO	154
FIGURAS 174 e 175 - CONTACTO COM A PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO DE ARGANIL PARA PEDIDO DE APOIO NO ESTUDO	155

Lista de Tabelas

TABELA 1 - RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS REALIZADOS NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO	144
TABELA 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO E DA FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE ARGANIL	159
TABELA 3 - GUIÃO DE ENTREVISTA AO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL.....	163
TABELA 4 - GUIÃO DE ENTREVISTA AO VEREADOR DO PELOURO DO AMBIENTE, MOBILIDADE E ENERGIA, EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO, DESPORTO, GESTÃO ADMINISTRATIVA E QUALIDADE.....	168
TABELA 5 - GUIÃO DE ENTREVISTA À VEREADORA DOS PELOUROS DE AÇÃO SOCIAL, DA JUVENTUDE E DOS RECURSOS HUMANOS.....	173
TABELA 6 - GUIÃO DE ENTREVISTA À TÉCNICA SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL.....	178
TABELA 7 - GUIÃO DA ENTREVISTA À PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO DE ARGANIL	182
TABELA 8 - GUIÃO DE ENTREVISTA AO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE ARGANIL.....	186
TABELA 9 - MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	311

Introdução

A literatura e a investigação acerca das famílias multiproblemáticas pobres têm enfatizado os seus défices, a descrição dos problemas e os modos de disfuncionamento familiar. Assim, o mundo criado para e sobre estas famílias relaciona-se com o que está mal, ausente, insuficiente ou estragado (fragilidade, patologia e disfuncionalidade). Neste contexto torna-se difícil, para famílias e profissionais, acreditar e fomentar a melhoria de vida nestas famílias (Ausloos, citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues e Grilo, 2007, p. 14).

Esta é a realidade existente nos dias de hoje e que se torna cada vez mais recorrente e mais frágil conforme o decorrer dos anos.

As pessoas recorrem a apoios para tentar conquistar uma melhor qualidade de vida, sendo complicado, por vezes, de satisfazer as suas necessidades quotidianas.

Nos diversos contextos sociais as pessoas procuram a satisfação das suas necessidades através de uma diversidade de recursos que estão disponíveis, mas nem sempre acessíveis. Apesar das legítimas ambições de acesso aos recursos disponíveis, a escalada para lá chegar é, para muitas das pessoas, um processo complexo, dinâmico, sinuoso e imprevisível. Nem todas as pessoas têm as mesmas capacidades de resolver os seus problemas sociais e pessoais (Fialho, 2021, p. 13).

Estes problemas, para além de afetarem as famílias, afetam, no seu todo, as comunidades e conseqüentemente os territórios onde estão inseridas, e, de que são exemplo os bairros sociais.

É nesta perspetiva que surge este estudo, o qual procura dar a entender a importância da Intervenção Social e do Desenvolvimento Local num Bairro Social, o Bairro São Vicente de Paulo. Este bairro possui agregados familiares que correspondem ao padrão descrito anteriormente.

A questão de partida deste trabalho é “Intervenção Social e Desenvolvimento Local no Bairro São Vicente de Paulo”.

As motivações que me levaram a desenvolver este trabalho foram o interesse em conhecer um contexto social na freguesia onde habito, a oportunidade de observar e participar num projeto de intervenção num bairro social, o gosto por trabalhar com as

peças no terreno e o interesse pela constante aprendizagem pelas áreas de estudo que abrangem este trabalho.

O presente trabalho é constituído por quatro capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico, o qual é constituído pelos seguintes tópicos: Do Desenvolvimento ao Desenvolvimento Local Sustentável; Desenvolvimento Comunitário e Território; Intervenção Social e Desenvolvimento Local e Comunitário.

O segundo capítulo é referente aos objetivos e à metodologia.

O terceiro capítulo caracteriza o Campo Empírico, ou seja, o concelho e a freguesia de Arganil, o Bairro São Vicente de Paulo.

O capítulo quatro apresenta e discute os resultados da investigação efetuada.

Por fim, apresentam-se as conclusões e recomendações que expõem uma visão do conjunto dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Do Desenvolvimento ao Desenvolvimento Local Sustentável

A conceção de Desenvolvimento está ligada à ideia de mudança centrada no homem e nas suas estruturas, partindo do indivíduo para a sociedade em que se insere, onde todas as áreas podem sofrer transformação.

O conceito desenvolvimento surge após a Segunda Guerra Mundial estando associado ao conceito de crescimento económico, de bem-estar, progresso e realização, marcando grandemente as sociedades contemporâneas. Tem como modelo a experiência histórica dos países europeus desenvolvidos, que estão voltadas para a industrialização (Amaro, 2001, p. 83).

Nos primeiros 30 anos após a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento assentou de acordo com Amaro (2004, p. 10) em "...onze mitos que marcaram fortemente o conceito, as práticas e as expectativas de desenvolvimento, traduzindo-se nomeadamente em "modelos" e "kits" propostos (ou impostos) aos que "vão mais atrás", como receitas seguras para os seus processos de desenvolvimento."

Os mitos são o Economicismo, o Produtivismo, o Consumismo, o Quantitativismo, o Industrialismo, o Tecnologismo, o Racionalismo, o Urbanicismo, o Antropocentrismo, o Etnocentrismo e o Uniformismo.

Outra ideia que surgiu foi as primeiras formulações do conceito de desenvolvimento, associando o conceito de modernização.

Este paradigma de modernização teve uma influência decisiva nas abordagens económicas, sociológicas, políticas e psicológicas do desenvolvimento dos primeiros tempos após a Guerra Mundial, tornando-se a perspetiva dominante, nomeadamente na visão que se tinha sobre os países subdesenvolvidos e sobre as estratégias que lhes eram aconselhadas (Amaro, 2004, p. 11).

Nos finais dos anos 60 e no início dos anos 70, deu-se uma transformação nas abordagens e nas práticas do desenvolvimento, levando à busca de novas conceptualizações e estratégias.

Durante este período, os chamados trinta anos gloriosos, desde a implementação do Plano Marshal, em que revitalizou uma economia europeia destruída pela Segunda

Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, assistindo ao colapso subsequente dos grandes impérios europeus (sobretudo pelo Império Inglês e colónias francesas no norte de África) fruto da autodeterminação dos seus povos, como já falado anteriormente, assistiu-se a um período de crescimento económico e desenvolvimento tecnológico sem paralelo, fruto do “duelo” entre os blocos de leste, refira-se União Soviética e bloco ocidental, refira-se “NATO”, em que a constante corrida às armas e a novas tecnologias forçaram a que o desenvolvimento tecnológico acelerasse. Ou seja, este desenvolvimento acompanhou o crescimento económico, mas também criou novos problemas e desafios, como refere Amaro (2004, p. 13) “...mesmo nos países mais desenvolvidos, onde o crescimento económico e o progresso tecnológico, apesar de espetaculares, não só não resolveram todos os problemas de desenvolvimento e bem-estar das populações, como criaram novos “mal-estares” e impasses.”

Segundo Carvalho (2016), tratava-se de um modelo de desenvolvimento assente no paradigma funcionalista que não respondia às necessidades das populações.

“O paradigma funcionalista, assenta: no crescimento económico; tem um carácter exógeno; é um desenvolvimento de cima para baixo (top-down); alicerça-se em determinados sectores da atividade económica, em áreas geográficas bem específicas; é monolítico e centralizado; não atende à satisfação das necessidades básicas das populações; não mobiliza nem estimula a participação.” (Carvalho, 2016, p. 88)

É nesta altura, segundo Amaro (2004, p. 18), até aos anos 80 do século XX, que surgem seis conceitos que renovam o conceito de desenvolvimento, nomeadamente, o Desenvolvimento Local, o Desenvolvimento Comunitário, o Desenvolvimento Participativo, o Desenvolvimento Humano, o Desenvolvimento Social e o Desenvolvimento Integrado.

Cada um destes conceitos foca-se em vertentes diferentes, mas que se consolidavam na sua função e na sua aplicação, tendo como objetivo sempre o desenvolvimento.

Como refere Oliveira (2002, p. 41), “...o desenvolvimento passa a ser entendido como uma resultante do processo de crescimento auto-sustentado, ou seja, talvez alcançar a capacidade de crescer sem fim, de maneira contínua.”

Para além destes conceitos, com o passar dos anos a palavra desenvolvimento começou a corresponder a diferentes significados e a aglutinar-se a outros conceitos, sendo por isso, possível atualmente trabalhar o desenvolvimento em muitos âmbitos, promovendo sempre melhorias em vários aspetos e que levem à satisfação das necessidades das pessoas.

Freitas (2005, p. 1476) refere que “Conceber o desenvolvimento de novas formas começou, pois, a tornar-se inevitável.”

Vasconcellos e Garcia (1998) citado por Oliveira (2002), defendem que,

“O desenvolvimento, em qualquer conceção, deve resultar do crescimento económico acompanhado de melhoria de qualidade de vida, ou seja, deve incluir “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores de economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar económico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia).” (Vasconcellos e Garcia, 1998, citado por Oliveira, 2002, p. 38)

Com base no referido, o conceito de desenvolvimento consiste num processo que tem como finalidade a melhoria da qualidade de vida de todos os cidadãos de um território, região, país ou continente, tendo em conta a satisfação das necessidades. Segundo Lopes (2006) referido por Reis (2012, p. 160), “...o desenvolvimento tem de ser para todas as pessoas, não para algumas, mas para todas, onde quer que vivam.”

Este processo permite adquirir e aumentar as competências de cada pessoa, contribuindo para a construção do conhecimento humano, a realização dos seus objetivos e trabalhando a autoconfiança para uma mais facilitada convivência quotidiana com a sociedade.

Em conformidade com o descrito anteriormente Viveiros (2008), evidencia que

“(...) o Desenvolvimento deve ser um processo integrado, envolvendo as dimensões económica, social, cultural, ambiental e política, privilegiando para essa integração o trabalho a nível local, em meios desfavorecidos, atuação que não se esgota na componente económica do Desenvolvimento,

incluindo também com destaque a educação para a autoestima, a cidadania ativa e a valorização da cultura local.” (Viveiros, 2008, p. 2)

Estas considerações vão ao encontro da finalidade do Desenvolvimento do Local, que se foca no desenvolvimento do território e da comunidade que nele reside, ou seja, segundo Carvalho (2016) em oposição ao paradigma funcionalista, o Desenvolvimento Local radica na emergência de um novo paradigma, o paradigma territorialista.

“Um novo paradigma em que participação dos cidadãos e restantes atores se revela como condição para o sucesso das políticas definidas no qual a perspectiva territorialista veio colmatar uma grande lacuna do paradigma anterior ao conferir aos atores locais o desempenho de um papel fundamental nas estratégias de desenvolvimento, nomeadamente ao incentivar e motivar desde o seu início a participação das populações implicadas, quer através das propostas de ação, quer através da definição de objetivos a alcançar, tornando, dessa forma, as populações “cúmplices” das iniciativas levadas a efeito e aumentando em consequência as possibilidades de sucesso.” (Carvalho, 2016, p. 89)

Assim, segundo Carvalho (2009, pp. 81-82) “O Desenvolvimento Local é um processo endógeno geralmente assente em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo económico e a melhoria da qualidade de vida das populações.”

Desta forma, o desenvolvimento deve aumentar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, ampliando os rendimentos e as formas de riqueza, ao mesmo tempo que assegura a conservação dos recursos naturais.

Viveiros (2008, p. 167), menciona que “O Desenvolvimento Local é um processo de transformação da realidade sustentado na capacitação das pessoas para o exercício de uma cidadania ativa e transformadora da vida individual e em comunidade.” (p.2)

De acordo com Amaro (2001, p. 167), “...só se pode falar de Desenvolvimento Local se estiverem reunidos tendencialmente estes nove elementos”:

“- O Desenvolvimento Local é um processo de transformação, de mudança, que recusa a conservação;

- É centrado numa comunidade, o que significa que o ponto de partida de referência base é a própria comunidade local. (...);

- O local é o resultado duma construção de identidades: há um grupo de interesses que se assume, que se identifica e onde são mobilizáveis ações de solidariedade concretas. (...);

- O desenvolvimento parte da existência de necessidades não satisfeitas a que se procura responder, antes de mais a partir das capacidades locais, mas articulando-as com os recursos exógenos numa perspetiva de fertilização mútua. (...);

- [O desenvolvimento vem] Assumindo uma lógica integrada, o que pressupõe que mesmo que se comece por responder a um problema localizado, (...) não há hipótese de ficarmos sectorialmente centrados [no problema] (...);

- O local é por natureza integrado, tudo tem a ver com tudo, o que pressupõe um trabalho de parceria, a cooperação, a definição de ações conjuntas, a negociação de conflitos e das solidariedades locais;

- O impacto tendencial em toda a comunidade quer dizer que tem um efeito de exemplificação para a comunidade toda e tende a ir para além dos promotores iniciais e do grupo restrito inicial;

- E segundo uma grande diversidade de caminhos, (...) [porque] é a diversidade de caminhos, de protagonismos, de respostas que tem [por base] o desenvolvimento local;

- (...) O DL é uma oportunidade para abrir as portas para uma coisa nova que é a ideia de “Estado-Parceiro” e de “Sociedade-Providência.” (Amaro, 2001, pp. 166-167)

Segundo Buarque (1995) citado por Carvalho (2009, p. 82), “...o desenvolvimento local representa também uma forma de integração económica com o contexto regional e nacional, que gera e redefine oportunidades e ameaças, exigindo a competitividade e especialização.”

O desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas das pessoas que residem nas localidades em torno de um projeto coletivo.

Reis (1998) mencionado por Amiguinho (2005, p. 15), considera a raiz do Desenvolvimento Local como “...um impulso generoso, de carácter local e endógeno, assente na mobilização voluntária, cujo objetivo é originar ações com as quais se produzem sinergias entre agentes, tendo em vista qualificar os meios de vida e assegurar bem-estar social.” Para que este processo se desenvolva deve-se primeiramente compreender que o desenvolvimento se centra na comunidade e que se deve incentivar a mesma a participar neste processo.

Assim, é necessário que o processo de desenvolvimento procure estimular a iniciativa, a participação, a cidadania, o *empowerment*, a democracia participativa de forma integrada como vida de reflexão (Amaro, 2001, p. 164).

Desta forma, devem ser realizadas iniciativas que valorizem a participação de todos os agentes envolvidos no processo, bem como melhorar as condições de vida das populações, através da participação e consciencialização da comunidade.

Como abordam Becker e Miranda (1997) referidos por Carvalho (2009, p. 83), “O local é um elemento de transformação social, política e económica, privilegiando novas formas de solidariedade e parceria entre os atores.”

O desenvolvimento tem, assim, em conta todos os fatores que influenciam o local, a partir das potencialidades, ou seja, “O desenvolvimento local deverá também ser visto como um processo que procura articular os produtos endógenos e exógenos de forma sustentável com vista a atingir um desenvolvimento integrado que melhore a qualidade de vida em todos os domínios.” (Carvalho, 2009, p. 83)

A potencialidade do local está presente na diversidade, salientando a sua natureza única enquanto território que potencia os aspetos característicos e singulares do património natural e cultural, como por exemplo, a paisagem, os monumentos, as tradições.

Na perspetiva de Buarque (2006) referido por Bulhões, em 2017, o desenvolvimento local pode ser considerado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo económico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consciente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir

para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local. Ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população.

Ao abordarmos sobre sustentabilidade surge implícito o conceito de Desenvolvimento Local Sustentável. É um processo e uma meta a ser alcançada a médio e longo prazo, gerando uma reorientação do modelo de desenvolvimento, enfrentando e redefinindo a base estrutural de organização e economia, da sociedade e das suas relações com o meio ambiente natural (Carvalho, 2009, p. 86).

Esta noção tem vários objetivos desde permitir a valorização e potencialização dos recursos endógenos com o envolvimento e participação de todos os agentes envolvidos no processo, até trabalhar para a melhoria das condições e qualidade de vida das populações. Para atingir resultados é necessário criar diferentes formas de intervenção através de ações que levem à participação e consciencialização da comunidade.

Para Marinez e Julio (1998), “O desenvolvimento local sustentável numa perspetiva de desenvolvimento comunitário deverá promover assim a tomada de consciência, criatividade, integração e os valores culturais.”

O desenvolvimento é um processo que se centra essencialmente na comunidade, verificando as necessidades e refletindo em soluções que possam responder a estas dificuldades através das capacidades locais e dos recursos exógenos que podem ser uma mais-valia.

Jara (2001) referido por Carvalho (2009, p. 88), considera que o desenvolvimento local sustentável numa perspetiva de desenvolvimento comunitário deverá promover assim a tomada de consciência, a criatividade, a integração e os valores culturais.

Além disso, deve dar resposta às necessidades que possam surgir, devem-se estabelecer redes de solidariedade, parcerias e aproveitar profissionais de diferentes áreas que existam na região e que possam ser recursos de desenvolvimento através das ideias, opiniões e sugestões que poderão ter. Poderão ainda ser elementos que idealizem e construam projetos que queiram vir a desenvolver que poderão enriquecer cada vez mais as localidades, apoiando ou solucionando algumas necessidades.

O Desenvolvimento Local pode impulsionar o Desenvolvimento Comunitário, pois é importante desenvolver nas diferentes regiões atividades e projetos nestas vertentes que recuperem o que já foi perdido, que lutem pela transformação desse mesmo lugar ou que volte a ajudar a torná-lo novamente vivo, dinâmico, bem como mais organizado e mais estruturado.

Segundo Viveiros (2008),

“O Desenvolvimento Local opera-se com a participação comunitária. Ele deverá nascer do diagnóstico da realidade social, procurando responder às expectativas e colmatar as necessidades mais prementes dos grupos. Um processo sustentado nos recursos endógenos do território e partilhado pela comunidade. Uma aposta na educação permanente geradora de um desenvolvimento cultural, social e económico.” (Viveiros, 2008, p. 4)

Ainda de acordo com o autor mencionado anteriormente, Viveiros (2008), este refere que,

“Falarmos de desenvolvimento local é refletirmos sobre o desenvolvimento comunitário ou desenvolvimento da comunidade” e que “O desafio do desenvolvimento local e comunitário reside no axioma “pensar global, agir local”, ou seja, é partindo da realidade social que devem ser encontradas soluções participadas, integradoras e valorizadoras das gentes e dos recursos comunitários.” (Viveiros, 2008, p. 5)

Por tudo o que foi mencionado anteriormente, se conclui que o Desenvolvimento Local deve incorporar as dimensões da sustentabilidade.

O conceito Desenvolvimento Sustentável surgiu em 1987 com a divulgação do Relatório Brundtland, intitulado “Nosso futuro comum”, no âmbito da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas (1988), e faz parte de uma série de iniciativas, anteriores à Agenda 21, as quais apontam uma crítica perante comportamentos adotados por países industrializados e repetidos pelas nações em desenvolvimento, e que evidenciam os riscos do uso excessivo dos recursos naturais, sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas.

Segundo o Relatório Brundtland (1991, p. 54), o Desenvolvimento Sustentável é “...o desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.”

O conceito adota assim um modelo de desenvolvimento, que foca na harmonização do avanço económico e social com uma exploração controlada da natureza, atendendo às necessidades e apetências humanas, tanto no presente como no futuro.

Considera-se ainda um conceito ainda em construção (Nascimento, 2012, Junior e Ferreira, 2013, Veiga, 2010), que precisa de ganhar uma força transformadora.

Desta forma, o Desenvolvimento Sustentável é constituído por quatro dimensões que abarcam todas as perspetivas anteriores, o desenvolvimento económico, ambiental, social e político / institucional. O autor Sachs (2004) apud Ramos e Patrício (2014, p. 319), vem confirmar a ampliação do conceito de “sustentabilidade” envolvendo-o em diferentes dimensões interligadas entre si (social, ambiental, económica, espacial ou territorial, cultural e política).

O objetivo do Desenvolvimento Sustentável passa por melhorar as condições de vida dos indivíduos, preservando simultaneamente o meio envolvente a curto, médio e, sobretudo, a longo prazo e ter um desenvolvimento economicamente eficaz, socialmente equitativo e ecologicamente sustentável.

Em 2012, Martins e Cândido (p. 4) referem que a sustentabilidade significa a possibilidade de se obterem continuamente condições iguais ou superiores de vida em dado ecossistema, visando a manutenção do sistema de suporte da vida.

De acordo com a Cimeira da Terra sobre Ambiente e Desenvolvimento, ou mais conhecida por Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (1992) citado por Carvalho (2009, p. 89), “...existem dois documentos estruturantes de uma abordagem sustentável ao ambiente que são a Agenda 21 e a Declaração do Rio.”

A Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (1992) foi uma conferência de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas com o objetivo de debater os problemas ambientais mundiais.

Como afirma Guerra, Nave e Schmidt (2004),

“...o desenvolvimento sustentável, surge como a verdadeira razão de ser de uma Agenda 21 Local (A21L) como a finalidade última de um programa de orientação estratégica de ação coletiva, em que o nível de governação local ganha uma importância acrescida pela possibilidade de contacto imediato com os problemas e pela proximidade às populações e a todos os parceiros locais que importa cativar para as causas da sustentabilidade dos respetivos territórios.” (Guerra, Nave e Schmidt, 2004, p. 51)

Relativamente aos dois instrumentos, que fundamentam o Desenvolvimento Sustentável, podemos considerar que a Declaração do Rio é um documento fundador das modernas políticas de ambiente a nível internacional, regional, nacional e local.

No que diz respeito à Agenda 21 Local, segundo Carvalho (2009),

“...a Agenda 21 Local assume-se como um instrumento de política privilegiado para a implementação do desenvolvimento local sustentável ao nível municipal. Ou seja, a Agenda 21 Local é um documento orientador dos governos, das organizações internacionais e da sociedade civil, para o desenvolvimento sustentável, com o objetivo de conciliar a proteção do ambiente com o desenvolvimento económico e a coesão social.” (Carvalho, 2009, pp. 89 - 90)

De acordo com Baker (2006), “...vários fatores contribuíram para elevar a definição de desenvolvimento sustentável constante no Relatório Brundtland à formulação dominante na esfera internacional, no âmbito da discussão ambiental e do desenvolvimento.”

Em maio de 2001, foi criada uma estratégia da União Europeia a favor do desenvolvimento sustentável e a Parceria Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pela Comissão em 2002, conferiu-lhe uma dimensão externa.

A estratégia da União Europeia a favor do desenvolvimento sustentável, foi revista em 2005, com o objetivo de lhe conferir um novo dinamismo.

Segundo as Nações Unidas, houve em 2015 a definição da Agenda 2030, que é constituída por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Este é um documento que integra várias dimensões do desenvolvimento sustentável (social, económico, ambiental) e que tem como objetivo principal promover a paz, a justiça e as instituições eficientes.

Para Buarque (1994), mencionado por Silva, Cândido e Martins (2009, p. 4), o Desenvolvimento Sustentável pode ser entendido como o processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade, compatibilizando, no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência económicos, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, partindo de um claro compromisso com o futuro e a solidariedade entre gerações.

Os seus objetivos vão ao encontro da maneira inadequada como as pessoas têm usado os recursos naturais, apesar de nos últimos anos o surgimento de uma maior consciencialização na alteração de procedimentos ao nível da proteção e conservação da natureza ser já uma realidade presente na população, pois senão a consequência será não haver um futuro nesta nossa “casa”.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram baseados nos avanços e exemplos obtidos com os 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, estabelecidos entre 2000 e 2015, e resultam de um trabalho conjunto de vários governos e cidadãos de todo o mundo. São estes os seguintes: Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; Alcançar a igualdade de género; Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos; Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos; Promover o crescimento económico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; Tornar as cidades e as habitações dos humanos inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis; Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; Tomar medidas urgentes para combater a

mudança climática e os seus impactos; Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade; Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Segundo Junior e Ferreira (2013),

“...a sustentabilidade é uma qualidade de ser sustentável, ou seja, a qualidade de manter algo “mais ou menos estável por um longo período”. Pensamos que de acordo com o desenvolvimento sustentável a sustentabilidade tem de ser analisada à luz de uma lógica dominante, alertando para a justiça de pensar nos outros, os que estão para vir.” (Junior e Ferreira, 2013)

É nesta vertente que devemos seguir os objetivos do Desenvolvimento Sustentável, como a melhoria das condições de vida dos indivíduos, preservando simultaneamente o meio envolvente a curto, a médio e, sobretudo, a longo prazo e conseguir um progresso economicamente eficaz, socialmente equitativo e ecologicamente sustentável.

Assim, face ao desenvolvido acima, e, de acordo com Carvalho (2009) o desenvolvimento local incorpora, todos as dimensões da sustentabilidade enunciadas, procurando assegurar a permanência e a continuidade, nos médio e longo prazos, dos avanços e melhorias na qualidade de vida, na organização económica e na conservação do meio ambiente.

Ou seja,

O desenvolvimento local sustentável surge como o processo de mudança social e aumento das oportunidades da sociedade, compatibilizando, no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência económicos, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade

social, partindo de um claro compromisso com o futuro e a solidariedade entre gerações. (Carvalho, 2009, pp. 84 - 85)

1.2. Desenvolvimento Comunitário e Território

A sustentabilidade é um fator bastante importante para desenvolver um trabalho de Desenvolvimento Comunitário. Para além, de o processo de desenvolvimento pertencer à própria comunidade local e ser dirigido por ela, a parceria e a participação comunitária são fundamentais.

As Nações Unidas mencionado por Silva (1964), consideram que,

“O Desenvolvimento Comunitário é uma técnica pela qual os habitantes de um país ou região unem os seus esforços aos dos poderes públicos com o fim de melhorarem a situação económica, social e cultural das suas coletividades, de associarem essas coletividades à vida da Nação e de lhes permitir que contribuam sem reserva para os progressos do País.” (Nações Unidas citado por Silva, 1964, p. 1)

Com base no referido, o Desenvolvimento Comunitário é considerado um processo que trabalha em prol da melhoria das condições de vida da população de forma que permita à mesma organizar-se com o fim de resolver os seus problemas, ou seja, devemos realçar e incentivar as capacidades e qualidades dos indivíduos para se envolverem no que é deles. De uma forma mais resumida, para dar origem ao Desenvolvimento Comunitário é preciso organizar a comunidade.

Idanez & Ander-Egg (1980) citados por Moreno (2012), refere que o Desenvolvimento Comunitário se constitui como,

“Uma técnica de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos institucionais, mediante a participação ativa e democrática da população, no estudo, planeamento e execução de programas ao nível de comunidades de base, destinados a melhorar o seu nível de vida.” (Idanez e Ander-Egg, 1980, citados por Moreno, 2012, p. 27)

O Desenvolvimento Comunitário é caracterizado por ter vários objetivos a serem cumpridos nomeadamente, identificar as suas necessidades, identificar os seus objetivos, definir uma ordem de prioridade, ter vontade de trabalhar para satisfazer essas necessidades ou esses objetivos, encontrar os recursos internos e/ou externos necessários para a sua realização, entre outras tarefas, atitudes e comportamentos a adotar.

De acordo com Fragoso (2005, p. 24), "...o desenvolvimento comunitário representa um processo radical, que através da participação, da organização dos coletivos e da sua ação de comunidade, aponta um caminho inequívoco em direção à libertação e emancipação dos sujeitos."

Assim, podemos dizer que o Desenvolvimento Comunitário é um processo que se foca em educar as pessoas, ao nível dos seus comportamentos e atitudes, trazendo consigo novas formas de pensar, de agir e de estar.

A educação é reconhecida por ser uma componente fundamental de um plano de Desenvolvimento Comunitário.

A educação, percebida neste contexto, leva os indivíduos, primeiro a conhecimento de si e depois à interiorização das ferramentas que lhe vão dar a compreender os outros para a sua convivência num determinado meio (Piedade, 2017, p. 39).

Com base no referido anteriormente, a Educação é um processo que visa facilitar a aprendizagem ou adquirir conhecimentos, habilidades, valores, crenças e hábitos.

Calleja (2008) observa a educação como:

"(...) a ação que desenvolvemos sobre as pessoas que formam a sociedade, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com o seu cotidiano, para atuar conseqüentemente a partir do processo educativo assimilado." (Calleja, 2008, p.108)

Mais do que isso, este conceito responde a várias metas a serem atingidas e ao mesmo tempo trabalhadas.

De acordo Flecha, Oliver e Melo (2000) mencionados por Gomez, Freitas e Callejas (2007), referem que “A Educação deve reforçar e promover as necessárias capacidades coletivas para pensar e educar em termos de projeto, bem como as competências e atitudes individuais imprescindíveis para os agentes locais de mudança.”

Portanto, para atingir estes resultados deve-se ter em conta fatores como o crescimento humano, sendo uma ferramenta extremamente relevante e que abrange diferentes funções como aumentar a autoconsciência, aumentar o autoconhecimento, melhorar ou desenvolver novas habilidades e competências, melhorar o estilo ou a qualidade de vida, entre outras.

A educação é um processo de socialização constante do indivíduo que tem por finalidade “fazer dele um ser verdadeiramente humano” (Durkheim, 2009, citado por Lopes, 2012, p. 6).

Assim, podemos dizer que educar é transmitir os conhecimentos, de forma a preparar as pessoas para a vida ensinando comportamentos e hábitos que a capacitam de viver numa sociedade como refere Laita (2015) mencionado por Piedade (2017, p. 37) é um “... processo de aquisição de ferramentas entres eles hábitos e destrezas para dar resposta aos desafios que a vida individual vai exigindo como resposta a diferentes solicitações.”

A educação é uma prática social inerente à existência humana e pode caracterizar-se como um conjunto de atividades através das quais as pessoas aprendem e ensinam o seu universo natural e sociocultural (Gomez, Freitas e Callejas, 2007, p. 159).

Com base no referido, a Educação engloba os processos de ensinar e de aprender, sendo um processo que se faz ao longo da vida.

O desenvolvimento e a educação da comunidade são conceitos que se interligam porque promovem a mudança de uma forma mais significativa do que outras áreas de intervenção.

Gomez, Freitas e Callejas (2007) partilham desta ideia em comum dizendo que “A Educação e o Desenvolvimento têm como finalidade na sociedade “(...) alcançar melhores condições de vida e uma maior humanização.”

De forma, a trabalhar em prol de transformações é importante criar e inovar estratégias para prevenir certos acontecimentos e, desta forma, conseguir ir ao encontro

das pessoas incentivando-as de maneira a que elas sintam e acreditem que também podem ajudar neste processo, sentindo-se úteis na transformação e no bem-estar futuro da comunidade.

Segundo Faria (2009, p. 4207), “Ao organizar a população de uma comunidade podemos criar sinergias e dar força às pessoas para evitar a alienação dos indivíduos, assegurando a responsabilização e a participação ativa da comunidade na resolução dos seus próprios problemas.”

No trabalho comunitário é também fulcral estabelecer contacto entre entidades que queiram cooperar, trabalhar esta vertente e desenvolver a relação com as pessoas que pertencem àquela comunidade.

Reis (2012, p. 161) vai ao encontro desta ideia referindo que “O desenvolvimento só se realiza plenamente quando se contempla a participação ativa das pessoas e das organizações, em torno dos seus problemas e dos valores onde radica a sua identidade.”

Para promover o Desenvolvimento Comunitário nas localidades é preciso refletir muito bem e perceber as realidades para conseguir atingir esse objetivo.

Mendes (2013, p. 5) reflete também sobre esta participação através do que já foi vivido dizendo que “O conceito de Desenvolvimento Comunitário abarca um conjunto de experiências, opiniões e construções que tornam complexa a criação de uma definição clara e concisa dos seus princípios e ações.”

É um processo que permite perceber que devemos utilizar todos os fatores positivos de um local contribuindo os mesmos para atingir mais rapidamente os resultados como, por exemplo, deve-se trabalhar cada vez mais as potencialidades existentes e ter em conta os recursos humanos que valorizam as suas raízes e têm um conjunto de conhecimentos e ensinamentos que lhes foram passados sobre o seu território. Deve-se fazer o reaproveitamento ou a recuperação de elementos que cateterizavam tanto o território como as pessoas, por exemplo, os valores, os costumes, as tradições, as histórias populares, o património, entre outros.

Sobre este assunto Moreno (2012) que refere que,

“O Desenvolvimento Comunitário é fator importante no desenvolvimento de um país, visto que é uma forma de garantir o bem-estar

social dos membros pertencentes às próprias comunidades (...)” e ainda nos faz refletir que “(...) é relevante participação da comunidade no seu processo de desenvolvimento.” (Moreno, 2012, p. 27)

Em comunidades mais isoladas é fundamental que haja uma intervenção ao nível das entidades locais, de entidades parceiras, de redes de solidariedade, para que as novas formas de pensamento, mais atuais e viradas para os problemas presentes, sejam apresentadas, ensinadas e implementadas, com *um follow up* de forma a verificar se estas continuam a ser praticadas.

Como referem Steiner e Farmer (2018, p. 31), “Para as comunidades que não possuem um histórico de envolvimento, parece que é valioso fornecer apoio de atores externos (por exemplo, um oficial de desenvolvimento comunitário). Essa pessoa externa pode agir para induzir o engajamento e iniciar a participação.”

Ou seja, um dos pontos relevantes para o desenvolvimento, é criar guias na comunidade através da formação de pessoas para auxiliarem na transformação de um território. Devemos trabalhar com as pessoas no seu desenvolvimento e acompanhá-las numa primeira fase para que estas futuramente se interessem para tornar a sua localidade mais estruturada, organizada e dinâmica. Estas pessoas podem ser os futuros cuidadores do espaço, adquirindo mais competências, através da aquisição de um sentido mais elevado de responsabilidade e priorizando também uma melhor comunicação e relação entre as pessoas residentes na região.

Logo podemos considerar que “... o empoderamento é uma construção que liga forças e competências individuais com sistemas naturais e organizacionais de ajuda.” (Perkins e Zimmerman, 1995, citado por Gonçalves, Costa e Cristóvão, 2013, p. 88)

Neste processo de empoderamento, devemos estimular as pessoas para que elas sejam os responsáveis pela sua comunidade, através do interesse de preservar, inovar, criar novas iniciativas, envolverem mais pessoas neste processo educativo, estabelecerem contatos e mais valias para dar origem a algo diferente.

Gohn (2004) mencionado por Gonçalves, Costa e Cristóvão (2013, p. 89), refletiu que “As ações de empoderamento traduzem-se num aumento da capacidade de gerar

processos de desenvolvimento, coletivos e sustentáveis, coordenando recursos e iniciativas, ainda que através da mediação de agentes externos.”

Uma das bases para realizar o trabalho comunitário passa por estabelecer relações entre as pessoas, ajudando-as a estabelecerem contacto entre si, sendo que “O desenvolvimento comunitário acontece quando as pessoas são conscientes das suas necessidades e graças ao esforço por elas empreendido para alcançar o seu bem-estar.” (Piedade, 2017, p. 35)

Mais do que estabelecer relações entre as pessoas, deve-se também dar-lhes ferramentas para que as mesmas se tornem responsáveis pelo desenvolvimento da comunidade. Desta forma, o fator fulcral a trabalhar será o envolvimento das pessoas na comunidade, no processo de aprendizagem, de participação e de organização, empoderando-as.

Nascimento, (2000), citado por Barreto (2004, p. 2), define que “Um processo de empoderamento é como um processo em que uma coletividade adquire poder à medida que fortalece laços de coesão, capacita-se e habilita-se para promover autodesenvolvimento.”

As pessoas devem ser as protagonistas da sua própria mudança, pois não haverá educação, nem intervenção se o outro não quiser. E, é por isso, que devemos dar às pessoas que se inserem numa determinada comunidade a oportunidade de se afirmarem.

O processo educativo, enquanto ação comunicativa e de construção cultural, não se limita à interação “sujeito racional- sujeito racional”, mas abre-se a um amplo espectro de entes que podem interatuar com a inteligência humana e ajudar na promoção de um certo modo de estar na vida e de ser no mundo (Gomez, Freitas e Callejas, 2007, p. 167).

Deve haver uma boa comunicação com as pessoas e um trabalho contínuo com elas no terreno, pois se queremos que transformem o "seu mundo", nós temos de ser o exemplo e ajudá-los, não fazendo por eles, mas sim motivá-los a que intervenham e acompanhá-los nas pequenas tarefas que têm de ser realizadas. O antigo ditado popular “Não dê o peixe, ensine a pescar” vai ao encontro da perspectiva de Faria (2009), que considera,

“...a mudança social passa por uma melhor teia de relações espaço temporais da realidade social contemporânea, pelo que qualquer mudança comunitária implica um cuidado especial com o trabalho multidisciplinar realizado pelos agentes de intervenção que em tempo algum devem minimizar o capital humano e social, pois este constitui a força geradora da transformação individual e social.” (Faria, 2009, p. 4208)

Neste processo de envolvimento das pessoas, também é muito importante perceber o que as mesmas têm para transmitir, pois a experiência de uma determinada pessoa pode ser um bom fator para criar ou continuar a desenvolver um projeto, tornando-o mais enriquecedor com aquela informação.

Cid e Peres (2007, p. 209) referem que “A força empreendedora destes projetos é a dinamização, a qual exige uma forte participação da população local que, por seu lado, na maioria dos casos, uma profunda mudança de mentalidades.”

As pessoas interessam-se mais por um projeto onde se espelha a realidade ou a experiência de várias pessoas e que vá evoluindo ao longo do trabalho executado, do que apenas ser baseado na ideia de uma pessoa que o criou e que se limita a implementá-lo.

Tendo em conta isto, é fundamental pensar em atividades em que os intervenientes se possam sentir ativos e onde seja permitido dar ideias e ver, quem sabe, algumas delas implementadas, o que dará mais motivação e interesse às pessoas para continuarem a participar.

Assim, sentir-se-ão incluídas no processo e úteis na transformação. Sentem ainda que são ouvidas, que podem contribuir bastante e que não é apenas feito tudo como os outros querem. Existe um elo de proximidade com o redor.

Baptista (2006, p. 65), refere que “Proximidade é relação, é movimento, é caminho.” Assim, podemos constatar que cativar as pessoas e estabelecer uma relação de proximidade são fatores chave que poderão levar ao sucesso de um projeto.

Compreende-se, portanto, que o Desenvolvimento Comunitário se assume como uma estratégia de intervenção social integrada fundamental para o desenvolvimento dos territórios e proximidade com as comunidades.

1.3. Intervenção Social e Desenvolvimento Local e Comunitário

Neste ponto, aborda-se sobre a Intervenção Social e como a mesma pode ser aplicada para potenciar o Desenvolvimento Local e trabalhar o Desenvolvimento Comunitário de um território.

Mais do que isso, ir-se-á entender que a Intervenção Social não é só aplicada no contexto de ação social e serviço social e que pode também ser usada como um método para implementar projetos e facilitar este processo, focando eles em diferentes eixos de intervenção, com a saúde, o urbanístico, o económico, o social, o ambiental ou outras vertentes. A intervenção social compreende a ação de agentes sociais institucionais sobre um determinado contexto social, tendo como finalidade a mudança do mesmo.

Segundo Guerra (2007), a noção de intervenção social provém, por um lado, da ação social de cariz caritativo desde há séculos existente na Europa e da ação da sociologia de intervenção desenvolvida no final do século XIX e durante o século XX.

Lopes (2008) refere que depois da época do 25 de abril de 1974, a intervenção social passou a desenvolver-se também em redor de preocupações educativas e culturais, nomeadamente através da ação de campo do Movimento das Forças Armadas e das campanhas de alfabetismo e de educação de adultos nas quais a animação sociocultural teve um papel fundamental.

Rúbino e Varas (2004) citado por Fialho (2021),

“...definem a intervenção como um processo de atuação sobre a realidade social (e educativa) que tem como finalidade alcançar um desenvolvimento, mudança ou melhoramento de situações, coletivos, grupos ou indivíduos que apresentem algum tipo de problema ou necessidade para facilitar a sua integração social ou a sua participação ativa no sistema social a nível pessoa pessoal, económico-laboral, cultural e/ou político.” (Rúbino e Varas, 2004, citado por Fialho, 2021, p. 194)

De acordo com Montez (2015, p. 16), o foco da intervenção social alterou-se significativamente com esta abordagem sociocultural e educativa promotora de

capacitação das populações, geradora de melhoria das condições de vida e de participação das populações na política local.

Ou seja, perante o referido, a intervenção social é uma área que foca na cidadania ativa e na autonomização que as pessoas devem ter sobre as suas vidas.

Refere ainda que com a implementação de políticas sociais inscritas nos quadros de apoio comunitários, durante os anos 90 do século XX e o início do século XXI, a intervenção social estruturada desenvolveu-se muito significativamente, contribuindo em força para a empregabilidade de profissionais das áreas de intervenção social no terceiro sector ou sector da economia social (Montez, 2015, p. 16).

O processo de intervenção tem inerente uma dinâmica multidisciplinar, na qual se destaca o papel dos assistentes sociais psicólogos, sociólogos, entre outros especialistas com formação no domínio das ciências sociais e humanas cujo desafio reside na promoção de dinâmicas de emancipação das pessoas, individualmente e coletivamente, através da colocação do sujeito no centro do processo transformacional (Fialho, 2021, pp. 13-14).

Neste processo também se trabalham as habilidades e as competências das pessoas, de forma a fornecer ferramentas para que possam aprender cada vez mais a viver em sociedade, a participar nela de forma construtiva, objetiva, onde podem dar as suas opiniões e contribuir com as suas ideias.

Fialho (2021) defende ainda que “A intervenção, é sim, um processo de capacitação de pessoas e grupos, rumo à sua autonomia, ao qual recorrentemente denominamos por mudança individual ou coletiva.”

A intervenção social preocupa-se com que as pessoas conquistem melhores condições de vida, a sua dignidade, a assimulação dos seus direitos, mas também de que têm deveres perante o que os rodeia. Muitas vezes, este caminho é difícil, porque esta prática conduz a conceitos que precisam de ser constantemente trabalhados.

Refletir sobre a intervenção social, qualquer que seja a perspetiva, acarreta necessariamente pensar sobre conceitos como os de exclusão e inclusão social, cidadania e mudança (Fialho, 2021, p. 57).

A exclusão e inclusão social, bem como a cidadania e mudança são conceitos muito trabalhados junto de famílias com necessidades ou problemáticas. Este também pode ser

o público-alvo mais difícil de apoiar, ou seja, “As famílias multiproblemáticas pobres encontram-se entre os grupos populacionais com mais dificuldades, aos mesmo tempo que se incluem nos grupos mais difíceis de ajudar.” (Sousa, Hespanha, Rodrigues e Grilo, 2007, p. 14)

Devido a realidades com estas ou outras diferenciadas deve apoiar-se o trabalho junto destes contextos sociais, ou seja, procurar fazer intervenção social.

Ao realizar este processo é essencial haver bases de respeito mútuo e de algum distanciamento entre a pessoa e a situação problema em questão, contribuindo para uma melhor análise profissional e um conhecimento mais aprofundado da realidade.

Este processo requer bastante profissionalismo, clareza e abstração porque, por exemplo, “Fazer um planeamento da intervenção social não pode ser paliativo para um determinado problema social. Fazer planeamento de intervenção social deve apelar à eficácia e eficiência de atuação dos interventores sociais que procuram promover a mudança.” (Fialho, 2021, p. 158)

Ainda nesta jornada é preciso ter consciência que o trabalho não é feito apenas pelo profissional, a pessoa que está disposta à mudança tem também de ser o sujeito da sua intervenção, ou seja, tem de mostrar vontade, interesse, esforço para realizar todo um processo que lhe permitirá obter outra qualidade e postura perante a vida.

Como menciona Baptista (2006), “...toda a intervenção é uma mediação. Todos os objetos de mudança implicam uma teia de compromissos e contratos que, funcionando como quadros estruturantes de relações humana, condicionam os itinerários e, conseqüentemente, as estratégias de acompanhamento.”

Ao realizar todo este trabalho é importante perceber ainda a importância de valorizar as capacidades e competências que cada um possui. Através da observação e estudo, torna-se mais fácil perceber as necessidades de cada pessoa e mobilizar entidades ou recursos que se possam oferecer respostas consoante cada situação ou cada problema social.

É de extrema relevância que os sujeitos da ação também depois de todo este processo e durante o mesmo se sintam incluídos na sociedade e que procurem continuar um crescimento e desenvolvimento pessoal, melhorando cada dia o seu percurso de vida e as

suas condições. No fim do processo, as pessoas vão sentir-se ouvidas e valorizadas pela sua vivência como também refere Paulo Freire mencionado por Fialho (2021, p. 59), “não existem pessoas sem conhecimento. Elas não chegam vazias. Chegam cheias de coisas. Na maioria dos casos trazem junto consigo opiniões sobre o mundo, sobre a vida.”

Para este fim, é necessário que as diversas entidades competentes de cada região, nas suas diferentes áreas de atuação e de intervenção, analisem e intercedam em conformidade. Através disso, as pessoas poderão alcançar um nível de vida melhor e adquirirem um espírito de comunidade equiparado às demais que já se encontram nela inseridas.

Antes da sua intervenção devem executar uma das etapas mais importante da intervenção social, o Diagnóstico Social.

Segundo Fialho (2021, p. 174), “O diagnóstico é uma etapa do processo de intervenção social que procura a obtenção de informações e conhecimento consistente sobre a situação ou problema com o objetivo de potenciar toda a intervenção social.”

Ao realizar o diagnóstico é possível perceber e observar a realidade que se pretende intervir e para isso é essencial estruturar ações que vão ao encontro das necessidades do lugar e das pessoas que nele habitam.

Idáñez e Ander Egg (2007) referem que,

“...o diagnóstico social é um processo de elaboração e sistematização de informação que implica conhecer e compreender os problemas e necessidades dentro de um determinado contexto, as suas causas e a evolução ao longo do tempo, assim como os fatores condicionantes e de risco e as suas tendências previsíveis.” (Idáñez e Ander Egg, 2007, p. 27)

Muitas vezes, para apoiar a resolução de necessidades e problemas são precisos recursos e intervenções contínuas no terreno. Por vezes, torna-se difícil conciliar e atender a todos os atores de uma cena bem como o seu contexto, sendo em algumas situações mais eficaz e estratégico estabelecer parcerias para realizar um trabalho com melhores resultados. Ou seja, este modo de atuar permite “...garantir uma ação planeada e coordenada que permita um melhor aproveitamento das competências, uma capitalização de experiências e do conhecimento, uma gestão económica dos recursos e

a possibilidade de ter um plano estratégico de intervenção, em torno de objetivos consensualizados.” (Sousa, Hespanha, Rodrigues e Grilo, 2007)

Por vezes, fazer trabalhos aprofundados em contextos sociais que necessitam a intervenção social torna-se um processo árduo e deve-se valorizar todas conquistas adquiridas durante o decorrer do mesmo.

Como este trabalho de urgência, de curto prazo, é incongruente com o objetivo da produção de mudanças profundas, pois estas são, no campo socioeducativo, de longo prazo, isso leva a que os trabalhadores sociais desenvolvam uma consciência de que têm de “valorizar pequenos ganhos” para não se sentirem “frustradas no seu trabalho...” (Baptista, 2006, p. 68)

Desta forma, é possível perceber que a intervenção social é uma ação muito importante a ser desenvolvida com as pessoas ou comunidades que procuram vários tipos de melhorias nas suas condições.

Após, por exemplo, a realização de um projeto se houver um corte ou um afastamento as pessoas envolvidas sentir-se-ão novamente abandonadas, se o elo de confiança e de proximidade for quebrado poderão haver consequências futuras, pois “... o fim de um projeto pode levar a que os progressos conseguidos tenham um retorno não apenas para o nível em que as pessoas se encontraram inicialmente como, pior ainda, à acentuação do sentimento de abandono e de exclusão social.” (Lopes, 2011)

Assim, deve-se ter em conta, que as intervenções sociais são trabalhos concertados realizados continuamente que pretendem atingir resultados a longo prazo, e não produzir um efeito contrário.

CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS E METODOLOGIA

2. Objetivos e Metodologia

Neste capítulo serão apresentados os objetivos da presente investigação, a questão de partida e as questões orientadoras. Explanam-se e fundamentam-se, ainda, as opções metodológicas adotadas ao longo do estudo.

2.1. Objetivos do estudo

Na presente investigação definiram-se os seguintes objetivos gerais e específicos:

2.1.1. Objetivos gerais

- Estudar e conhecer o Bairro São Vicente de Paulo;
- Conhecer as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo;
- Apresentar recomendações aos diversos níveis.

2.1.2. Objetivos específicos

- Observar e analisar o contexto social;
- Refletir sobre a importância da realização de um projeto de intervenção para o processo de transformação do local;
- Refletir sobre a relevância da realização de projetos onde se insiram estas vertentes.

2.2. Questão Inicial e Questões orientadoras

Para responder aos objetivos propostos formulou-se a seguinte questão de partida: “A Intervenção social e o Desenvolvimento Local no Bairro São Vicente de Paulo”.

Para operacionalizar a questão de partida formularam-se as seguintes questões orientadoras:

- Que intervenções houve no Bairro São Vicente de Paulo nos últimos anos?
- Porque foram feitas as intervenções no bairro?

-Quem realizou as intervenções no bairro?

-Quais são as estratégias que podem ser aplicadas no bairro para fazer uma intervenção concertada e que corresponda às necessidades urgentes dos moradores e do espaço onde habitam?

-Como é que a participação dos moradores contribui para o Desenvolvimento Local/Comunitário?

-Como é a relação do bairro e dos seus moradores com a comunidade onde se inserem?

-Como é a relação do bairro e dos seus moradores com a entidade responsável pelo espaço?

-Quão importante será elaborar projetos para ajudar na melhoria deste local?

-Que importância terá o incentivo ao relacionamento de proximidade entre os atores?

-Que importância tem a promoção da autonomia dos atores locais?

2.3. Metodologia

A presente investigação é um estudo de caso acerca do Bairro São Vicente de Paulo. Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa que procura conhecer de forma pormenorizada a evolução e o atual contexto do bairro.

Merriam (1988, citado por Carmo & Ferreira, 1998, p. 217) sintetiza do seguinte modo as características de um estudo de caso: “particular – porque se focaliza numa determinada situação, acontecimento, programa ou fenómeno; descritivo – porque o produto final é uma descrição rica do fenómeno que está a ser estudado; heurístico – porque conduz à compreensão do fenómeno que está a ser estudado; indutivo – porque a maioria destes estudos tem como base o raciocínio indutivo; holístico – porque tem em conta a realidade na sua globalidade. É dada uma maior importância aos processos do que aos produtos, à compreensão e à interpretação”.

Numa primeira fase foi necessário pesquisar e estudar as dimensões teóricas que estão diretamente relacionadas com o estudo, bem como para elaborar uma

caraterização do contexto empírico do estudo, ou seja, a Câmara Municipal de Arganil, a Junta de Freguesia de Arganil e o Bairro São Vicente de Paulo.

Posteriormente, procedeu-se à construção dos instrumentos a utilizar para a recolha de dados no terreno, com destaque para os guiões das entrevistas semiestruturadas.

Assim, no que respeita aos instrumentos de recolha de dados foram usadas as seguintes técnicas: Pesquisa Bibliográfica e Documental; Conversas Informais; Observação Participante; Diário de Bordo; Entrevistas Semiestruturadas.

Relativamente aos instrumentos de análise de dados, foram utilizadas a Análise Bibliográfica e Documental e a Análise de Conteúdo.

2.3.1. Instrumentos de recolha de dados

a) Pesquisa Bibliográfica e Documental

A técnica da Pesquisa Bibliográfica e Documental foi a primeira a ser utilizada no presente estudo e foi através da mesma que se recolheram as informações através de várias fontes documentais, livros, artigos científicos e notícias (Anexo VII), para a construção do enquadramento teórico e caraterização do campo empírico, sendo que alguns documentos se revelaram, também, importantes para a compreensão e complemento da análise dos resultados da investigação. Foi ainda analisado para complementar o estudo o Regulamento de Funcionamento e de Código de Conduta de residente do Bairro São Vicente de Paulo (Anexo XI).

b) Conversas Informais

A segunda técnica aplicada foram as Conversas Informais aos residentes do Bairro São Vicente de Paulo, de forma a fazer uma recolha de informações mais específica que permitisse conhecer mais o local, as famílias que residem em cada habitação, as suas histórias de vida e os acontecimentos caraterísticos do bairro, entender a dinâmica existente neste local, estabelecendo um elo de proximidade com as pessoas para um

futuro contacto e relacionamento com as mesmas, conhecer as suas vivências no bairro e entender quais as suas ideias, sugestões e opiniões sobre o bairro.

No decorrer da execução deste procedimento foi ainda possível estabelecer algumas pequenas conversas com alguns habitantes da comunidade de Arganil, com alguns voluntários do projeto e também alguns ex-moradores do Bairro São Vicente de Paulo. Teve-se em atenção a abordagem que estas pessoas tinham sobre o passado do bairro e das pessoas que habitam nele, o ambiente existente, os comportamentos e as atitudes, as opiniões e sugestões acerca de ideias que gostariam de ver a serem implementadas no bairro.

c) Observação Participante

A Observação Participante baseia-se na relação entre investigador e investigados uma vez que para tal é necessário que o investigador esteja a fazer a sua pesquisa no terreno, isto é, a investigação tem lugar nas situações sociais nas quais o investigador participa.

Peretz (2000) considera que o objetivo da observação é atribuir significado aos dados recolhidos e que a finalidade é recolher e registar as componentes da vida social. Refere ainda quatro pilares que atribuem fiabilidade à recolha e registo dos componentes recolhidos: o investigador deve inserir-se junto dos indivíduos e do seu meio, deve observar o desenrolar dos acontecimentos, registá-los e finalmente interpretar o que se observa e redige.

Como nota prévia considera-se importante referir que, na realização do presente estudo, a investigadora dispôs de uma posição de observadora privilegiada na medida em que exerceu funções de coordenação no projeto de intervenção realizado no bairro. A designação do mesmo era Projeto “Arco-Íris” – “Vem Da Cor à Tua Vida”.

O Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida” (Anexo VI) surgiu duma candidatura ao Programa Bairros Saudáveis (Anexo V), e focou-se numa intervenção multifacetada, de participação comunitária e de parcerias locais. A candidatura foi financiada com 50 mil euros.

A intervenção foi realizada em 14 habitações no Bairro São Vicente de Paulo, na freguesia e concelho de Arganil, com a participação de 24 moradores, respeitando cinco eixos de intervenção, saúde, social, económico, ambiental e urbanístico.

O objetivo principal deste projeto era contribuir para a melhoria da qualidade de vida e da dignidade humana da população de estratos sociais desfavorecidos ou em situação de vulnerabilidade social, residente no Bairro São Vicente de Paulo, através de intervenções concertadas (personalizadas e coletivas) entre a entidade promotora, as entidades parceiras e a população residente.

Tinha como objetivos específicos:

- Melhorar o nível de literacia em saúde, nas áreas: do COVID-19, diabetes, hipertensão, saúde mental, alcoolismo e aumentar a prática de estilos de vida saudável (alimentação, atividade física, ocupação dos tempos livres), através de ações de sensibilização e apoio individualizado;
- Capacitar os indivíduos para um processo de mudança e de (re)integração social, através da definição do seu projeto de vida e promovendo o envolvimento e a participação dos cidadãos em questões relacionadas com o bairro, potenciando o envolvimento coletivo e as redes de vizinhança, bem como aumentar o orgulho e a satisfação de pertença ao Bairro São Vicente de Paulo, doravante Bairro "Arco-Íris";
- Promover a integração de indivíduos em medidas ativas de emprego, formação e qualificação profissional, através de entrevistas, avaliação do perfil, encaminhamentos para empresas e entidades, para formação e/ou para o Centro Qualifica, bem como para a certificação de deficiência e/ou incapacidades, por forma a dotar a população de recursos;
- Melhorar o espaço público, bem como proceder-se à remoção de lixos e desperdícios na zona envolvente do bairro, através da promoção de uma educação ambiental para todas as faixas etárias e garantir uma eficiência energética dos sistemas de reciclagem, reutilização dos recursos e uso eficiente da água; Melhorar os espaços contíguos dos animais de estimação; Compostagem; Reforçar as Hortas Biológicas; Reforçar as relações de vizinhança e de entreeajuda; Incentivar a troca de produtos;

- Promoção de qualidade, bem-estar e conforto habitacional à população residente no Bairro São Vicente de Paulo, através de intervenções em 14 habitações, em obras de conservação/restauro do parque habitacional, nomeadamente: em telhados, pinturas exteriores e interiores, criação de casas de banho em algumas habitações, colocação de botijas do gás no exterior, instalações elétricas e acessibilidades, por forma a melhorar as condições de habitabilidade com conforto para os seus moradores.

Para dar resposta aos objetivos realizaram-se quinze atividades de intervenção: Atividade 1 - “Proteja-se do COVID-19”; Atividade 2 - “Como melhorar e manter as condições de habitabilidade”; Atividade 3 - “Workshop + Saúde”; Atividade 4 - “Elaboração de Regulamento de Funcionamento e de Código de Conduta de residente, no Bairro São Vicente de Paulo”; Atividade 5 - “Atelier’s de Famílias - Saber Ser, Saber Estar, Saber Fazer”; Atividade 6 - “Partilha de Saberes”; Atividade 7 - “Elaboração de uma Exposição Fotográfica do Bairro São Vicente de Paulo e Apresentação Pública”; Atividade 8 - “Qual o caminho a escolher?”; Atividade 9 - “Põe o Bairro a Separar e a Reciclar”; Atividade 10 - “Compostar é Reciclar”; Atividade 11 - “Reforço de Hortas Biológicas - As Hortas cá do Bairro”; Atividade 12 - “+ Saúde e bem- estar animal”; Atividade 13 - “Requalificação de 14 Habitações”; Atividade 14 - “Vem dar cor ao Bairro - Participa como Voluntário”; Atividade 15 - "Remoção de "monos".

Assim, este projeto para além da intervenção concreta no bairro permitiu, enquanto instrumento metodológico, no domínio da observação participante, observar vários aspetos que caracterizam o Bairro São Vicente de Paulo e as pessoas que nele habitam, bem como observar os resultados do próprio projeto de intervenção. Exemplos do que se quis observar neste local são o modo de estar e agir dos residentes, o interesse que os mesmos têm pelo bairro, as relações que os moradores estabelecem entre si, a forma como está estruturado e organizado o bairro e a envolvimento que existe para participar em intervenções que sejam necessárias realizar no mesmo.

O uso deste instrumento de recolha de dados permitiu, assim, observar a realidade do bairro, de perto, conviver com as pessoas, e conhecer algo da sua história de vida.

Na intervenção foram realizados questionários e tidas em conta reflexões das entidades parceiras para este estudo, que faziam parte do projeto de intervenção.

As ferramentas são, a reflexão sobre sugestões de intervenções a executar Bairro São Vicente de Paulo (Anexo XII), e o Questionário sobre pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo e a sua análise (Anexo X). A Reflexão sobre sugestões de intervenções a executar Bairro São Vicente de Paulo consiste em promover a reflexão das entidades parceiras do projeto sobre as necessidades que o bairro ainda carecia e fizessem algumas sugestões de atividades que se podiam implementar futuramente no bairro. O Questionário teve como objetivo ouvir os moradores do Bairro São Vicente de Paulo, sobre as regras a aplicar no bairro e a conduta que cada morador deve ter, com vista ao bom funcionamento do mesmo, sobretudo o fortalecimento das relações interpessoais e de entreaajuda com os vizinhos (Anexo XIII).

Considera-se de extrema importância mencionar que o Presidente da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil e os elementos que a constituem autorizaram a realização deste estudo associado ao Bairro São Vicente de Paulo, elaborando um documento comprovativo (Anexo I).

Relativamente à posição da investigadora, como participante no projeto de acordo com (Carmo & Ferreira, 1998) podem ocorrer os seguintes constrangimentos: a questão deontológica (correndo o risco de levantar eventuais conflitos de interesse entre a investigadora e as populações alvo), acesso a determinados questões que se revelam interessantes do ponto de vista da investigação, mas que por razões de certas regras de controlo de informação não podem ser divulgadas levando assim a situações de dupla fidelidade.

Contudo, esta técnica de investigação revelou-se fulcral para o entendimento dos dados recolhidos, sendo que “a observação é um meio indispensável para entender e interpretar a realidade social” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 110) e é através desta que podemos selecionar as informações pertinentes descrevendo e interpretando os dados.

d) Diário de Bordo

Uma das formas de descrever as observações é através do Diário de Bordo, que se resume no fundo ao processo de compilação de observações, descritas o quanto antes e afastado do contexto.

Esta técnica de registos de observação também denominada de diário de bordo trata duas questões primordiais: a relação do investigador com o meio e o relato das jornadas de investigação (Peretz, 2000). Permite orientar e reorientar o trabalho e produzir notas importantes para o relatório final. Nele deve estar relatado o grupo estudado, respeitando o ponto de vista dos atores e sem especulações. O importante “são os outros, os observados e o resultado das relações do investigador com estes” (Peretz, 2000, p. 126).

Neste estudo utilizou-se o diário de bordo para fazer o registo diário das tarefas desempenhadas, fulcrais para o desenvolvimento desta investigação e da futura ação. De forma complementar foi, ainda, feito um registo fotográfico (Anexo VII) que serviu de guia orientador e perceção das diferenças que se vão verificando no Bairro São Vicente de Paulo ao longo da nossa participação.

e) Entrevistas Semiestruturadas

Tendo em conta a natureza deste estudo, a entrevista surge como técnica fulcral uma vez que permite explorar ideias, sentimentos, algo que outras técnicas, pela sua especificidade não permitiriam. Com a entrevista semiestruturada é possível obter informações comparáveis entre sujeitos (Bogdan & Bilken, 1982) o que neste caso permite confirmar ou enriquecer determinadas questões que se prendem com o objeto em estudo. Segundo (Carmo e Ferreira, 1998), a entrevista é uma recolha sistematizada de informação na qual se procede a uma interação direta entre o investigador e o sujeito envolvido na ação, permitindo ao primeiro obter informação, que desconheça e tenha selecionado previamente com a elaboração de um guião de perguntas e seja de conhecimento fluente do segundo.

Assim, realizaram-se sete Entrevistas Semiestruturadas (Apêndice III) estratégicas a personalidades representantes de entidades consideradas fundamentais e que se encontram ligadas com as áreas e os aspetos que irão ser estudados, ou que estiveram e ainda estão interligadas na dinâmica, gestão, estruturação e organização do Bairro São Vicente de Paulo. Assim, foram efetuadas entrevistas às seguintes personalidades: Presidente da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil; Presidente da Câmara Municipal de Arganil; Vereador dos Pelouros da Educação e Qualificação, do Desporto, da Gestão Administrativa e Qualidade e do Ambiente, Mobilidade e Energia; Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos; Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil; Presidente da Conferência Nossa Senhora de Assunção de Arganil; Presidente da Junta da Freguesia de Arganil.

Antes da execução de qualquer entrevista e guião foi pedida a colaboração (Apêndice I) das entidades mencionadas acima para proceder ao estudo.

Reforça-se que as entidades mencionadas acima conhecem a realidade de perto e podem, assim, contribuir de forma muito importante para alcançar os objetivos do estudo.

Os entrevistados foram previamente contactados e informados dos objetivos do estudo. Todos os contactados concordaram em ceder a entrevista mediante um agendamento prévio. As entrevistas foram, na sua maioria gravadas em suporte eletrónico, com consentimento dos entrevistados, tendo sido posteriormente transcritas, sendo que, uma das entrevistas, a pedido expresso do respondente foi efetuada por escrito (Apêndice IV).

As perguntas foram estruturadas no sentido de responder a um conjunto de objetivos previamente definidos e expressos nos respetivos guiões de entrevista (Apêndice II).

De realçar que, as entrevistas semiestruturadas depois dos procedimentos descritos anteriormente irão ser objeto de análise conforme, a Matriz de Análise de Conteúdo (Apêndice V).

2.3.2. Instrumentos de análise de dados

a) Análise Bibliográfica e Documental

Foi efetuada uma Análise Bibliográfica e Documental simplificada que consistiu na leitura e organização do material recolhido e deu origem ao suporte teórico deste estudo, bem como caracterizar o campo empírico. Efetuou-se, igualmente, a análise do Diário de Bordo.

b) Análise de Conteúdo

Após o registo escrito das entrevistas, passou-se ao tratamento da informação recolhida tendo, para tal sido construído uma matriz de análise, conforme anexo já referenciado acima. A construção dessa matriz começou com uma análise exaustiva dos dados recolhidos que posteriormente foram organizados de acordo com as suas características, em dimensões de análise, categorias e subcategorias. Nessa organização da informação esteve subjacente a organização do guião das entrevistas situação que permitiu mais facilmente identificar os padrões bem como os tópicos dos assuntos e selecionar as unidades de registo que ilustravam os diferentes conteúdos.

Posteriormente procedeu-se à descrição dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 3 - CAMPO EMPÍRICO

3. Caracterização Geográfica e Sociodemográfica

Neste capítulo apresenta-se uma caracterização sumária do campo empírico onde se realiza o estudo, com destaque para o Bairro São Vicente de Paulo.

3.1. Concelho de Arganil

O concelho de Arganil tem a sua localização no centro de Portugal e faz parte do Distrito de Coimbra. Constitui-se, ao nível das NUT III, como um dos dezanove municípios da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra – CIMRC 1.

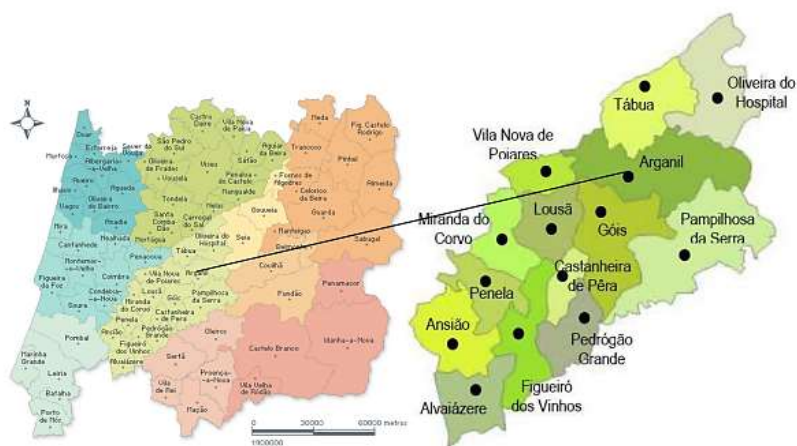


Figura 1 - Enquadramento Territorial do concelho de Arganil

(Fonte: Câmara Municipal de Arganil, 2015)

Este concelho é constituído por 14 freguesias, Arganil, Benfeita, Celavisa, Folques, Piódão, Pomaes, Pombeiro da Beira, São Martinho da Cortiça, Sarzedo, Secarias, Cerdeira e Moura da Serra, Côja e Barril de Alva, Vila Cova do Alva e Anceriz, Cepos e Teixeira.

O concelho de Arganil tem uma área de 332,8 km², estruturando-se a mesma no sentido Norte-Sul, entre os rios Ceira e Alva, e no sentido Oeste-Este, entre a Ponte da Mucela e a Serra do Açor. Os rios Ceira e Alva pertencem à bacia hidrográfica do rio Mondego.

A região é heterogénea no que diz respeito aos aspetos naturais e humanos, constituindo-se, assim, em duas “sub-regiões”.

A primeira “sub-região” é a do vale do Alva, sendo constituído por zonas de pequena e média altitude, não ultrapassando por regra os 400 metros e, a segunda “sub-região” é a da Serra, que se situa a Oriente de uma linha traçada a partir de Góis, por Celavisa, Folques, Cerdeira a Anceriz, até Avô.

No sentido Nordeste/Sudeste, o concelho de Arganil é circundado pelas Serras do Açor e da Lousã, que o atravessam situando-se a uma média de 516m.

Localiza-se na província da Beira Litoral, e as suas delimitações são a Norte, os concelhos de Penacova, Tábua e Oliveira do Hospital, a Sul, os concelhos de Góis e Pampilhosa da Serra, a Este, os concelhos de Seia e Covilhã, e a Oeste, o concelho de Vila Nova de Poiares.

A presente caracterização é feita com base no Diagnóstico Social do Concelho de Arganil de 2015.

O concelho de Arganil tem 12.145 habitantes, distribuídos por 9.718 alojamentos.

Dos 12.145 habitantes do concelho de Arganil, 5.788 (47,7%) são do género masculino e 6.357 (52,3%) são do género feminino.

No que diz respeito ao total da população residente, o grupo mais representativo engloba a população com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, com uma taxa de 47,9%, em 2001, e uma taxa de 49,3% em 2011, seguindo-se a população com mais de 65 anos, com 26,1%, em 2001 e 30%, em 2011.

Neste concelho o setor primário e o setor secundário detêm um menor peso, face ao setor terciário, que detêm uma maior importância, quando comparado com os restantes setores.

Em primeiro lugar surge o comércio por grosso e a retalho, seguido por outras atividades das quais se destacam as empresas de construção, as indústrias transformadoras, os setores do alojamento e da restauração.

Relativamente ao grau de instrução atingido pela população do concelho de Arganil, este tem vindo a melhorar significativamente, salientando-se o número de habitantes com curso superior, que passaram de 297 para 569 indivíduos, entre o ano 2001 e o ano

2011, ou seja, cerca de 4,6% da população é detentora de formação superior (INE, Censos 2011).

A taxa de analfabetismo registada no ano 2011 no concelho diminuiu relativamente ao ano 2001, de 12,8% para 8,0%, o que é positivo. Contudo, é das percentagens mais altas, quando comparada com as taxas registadas no país e na região onde o concelho se insere.

Segundo, os Censos do INE de 2021 houve alteração em relação aos dados referentes ao concelho de Arganil.

Arganil conta agora com um total de 11 068 habitantes e 10 918 alojamentos.

Entre 2011 e 2021 registou uma diminuição geral da população. Esta diminuição situa-se na ordem dos 8,81%, correspondente a menos 1069 indivíduos e menos 9 alojamentos em todo o concelho, correspondente a uma descida na ordem dos 0.08%.

O concelho de Arganil ainda que tenha decrescido em número de indivíduos registou uma subida nos alojamentos, com mais 63 (2.57%), assim como a união das freguesias de Coja e Barril de Alva, com um acréscimo de 17 alojamentos (1.25%) face a 2011.

3.2. Freguesia de Arganil

A freguesia de Arganil, situa-se no centro do concelho, no sopé da Serra e a sua sede localiza-se na margem esquerda do Rio Alva e é atravessada pela ribeira de Folques.

É uma das catorze freguesias/união de freguesias do concelho de Arganil.

Situa-se a cerca de 58 km de Coimbra e os acessos rodoviários mais importantes são a EN17, a 8 km ou o IC6, que dá acesso ao IP3, a cerca de 12 km.

A Freguesia de Arganil é constituída pelos lugares de Alagoa, Aveleira, Barrosa, Cadavais, Carvalhas, Casal de São José, Gaeiras, Liboreiro, Lomba, Maladão, Nogueira, Pereiro, Ponte da Valbona, Rochel, São Pedro, Salão, Sarcina, Senhor da Ladeira, Torrozelas, Valbona, Vale do Cordeiro, Vale Nicolau, Vale da Nogueira e outros.

Segundo os dados dos Censos de 2021 realizados pelo Instituto Nacional de Estatística, a freguesia de Arganil tem 4002 habitantes.

3.3. Bairro São Vicente de Paulo

A pesquisa foi concretizada junto do Bairro São Vicente de Paulo, localizado no concelho e freguesia de Arganil.

O Bairro São Vicente de Paulo é caracterizado por ser um espaço de pequena dimensão (Anexos II a IV), constituído por 7 lotes, com um total de 14 fogos e com 24 moradores. É um bairro que apoia famílias carenciadas, sendo a cedência das habitações a título gratuito.

No que se refere à constituição da população que reside neste local pode dizer-se que é culturalmente heterogénea, porque tem pessoas de várias etnias e, por outro lado, socialmente homogénea, pois, a maioria das pessoas apresenta baixas condições socioeconómicas. Para além disso as pessoas que habitam o bairro beneficiam de bolsas de formação, de prestações sociais e de respostas sociais e solidárias.

Quanto às habitações, algumas encontram-se degradadas, tanto no interior como no exterior e outras encontram-se com marcas de utilização do tempo, mas com algumas evidências de preservação.

No bairro constata-se uma desorganização habitacional que prejudica a forma como o mesmo é estruturado como, por exemplo, a falta de cuidado com as habitações.

Devido a todas estas condições e situações o bairro ganhou má fama acabando por ser estigmatizado e apelidado pela comunidade arganilense como o “Bairro dos Pobres”. A comunidade fala do bairro como o “pior local do mundo”, marginalizando os seus residentes.

No que diz respeito à sua finalidade, o bairro foi construído como resposta de habitação social para a população mais carenciada.

O título de propriedade do Bairro São Vicente de Paulo pertence à Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil (Anexo IX).

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4. Apresentação e discussão dos resultados

Como complemento de análise, e compreensão, das entrevistas utiliza-se a informação recolhida pelos restantes instrumentos, ou seja, as conversas informais e a observação participante registadas no diário de bordo.

Esta análise, encontra-se descrita, de forma pormenorizada, no capítulo 2, referente à metodologia do estudo.

Esta análise das Entrevistas Semiestruturadas foi desenvolvida conforme a matriz de análise de conteúdo atrás referida.

Assim, a categorização das entrevistas foi estruturada segundo duas dimensões de análise: A) “A vida no bairro e a contribuição para o seu melhoramento”; B) “O futuro do bairro”.

Cada dimensão de análise encontra-se dividida em duas categorias, a dimensão de análise A) “A vida no bairro e a contribuição para o seu melhoramento” é constituída pela categoria 1) “Condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo” e pela categoria 2) “Intervenções no bairro ao longo do tempo”. A dimensão de análise B) “O futuro do bairro” é composta pela categoria 3) “Forma de intervenção das entidades no âmbito do Desenvolvimento Local” e pela categoria 4) “Futuro do Bairro e Participação das entidades”.

Por sua vez, as categorias encontram-se em subcategorias que se explicitam a seguir no início da análise de cada categoria.

4.1. Condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo

A categoria 1, “Condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo”, é constituída pelas seguintes subcategorias: a) Visão sobre o Bairro São Vicente de Paulo; b) Considerações sobre as pessoas que habitam no bairro; c) Relação das entidades com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo; d) Relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com as outras entidades; e) Papel das entidades nas intervenções no bairro.

a) Visão sobre o Bairro São Vicente de Paulo

Na primeira subcategoria, “Visão sobre o Bairro São Vicente de Paulo”, percebeu-se que a opinião sobre o local, as suas condições e o modo como se encontrava estruturado e organizado eram vistos de duas formas distintas, com uma visão positiva e com uma visão negativa.

Como visão positiva destacou-se principalmente a sua localização geográfica, a estrutura e a organização do bairro, ou seja, “...pela localização geográfica, quem passa, quem passava fora, quem passa fora não fica com uma fotografia negativa daquele espaço. Porque as casas até são, têm uma construção harmoniosa, a localização é boa e é desafogada” (Entrevistado 2), e “...que uma das coisas, uma das melhores coisas do bairro é que ele é muito visível e tem até do ponto de vista de característica de habitação e de casas, um aspeto pitoresco, mas como estava muito malcuidado...” (Entrevistado 4)

Como visão negativa identificaram-se duas opiniões semelhantes e bem específicas sobre o bairro sendo que “o Bairro São Vicente de Paulo nós olhávamos para aquele espaço quase como uma espécie de gueto que estava um pouco à margem de tudo o resto” (Entrevistado 2), e que “tinha muito mau aspeto, parecia aquilo a que vulgarmente se chama “um bairro da lata”, um “gueto” pouco atrativo para a vista de quem por lá passava.” (Entrevistado 7)

Com base na observação participante verificou-se, ainda, que a comunidade arganilense tinha uma estreita e especial relação com o bairro e os seus residentes. Estes não concordavam com certos acontecimentos que, muitas vezes, ocorriam no bairro e com os comportamentos e as atitudes que adotavam dentro e fora dele como salientou o Entrevistado 1 “...diante da situação que estava o bairro, tantas confusões, conflitos, GNR, realmente uma calamidade, muitas reclamações dos vizinhos, da sociedade em si.”

Os fatores evidenciados acima foram piorando à medida que os anos iam passando, ao ponto de “...quando se falava do bairro, era sempre ou porque tinha havido um problema ou porquê havia uma confusão ou porque havia terminado as famílias que era necessário ajudar e, portanto, havia sempre esta conotação negativa não se falava do bairro por coisas boas quando elas também já lá deviam existir antes...” (Entrevistado 4)

Por consequência, decorrente de acontecimentos, de comportamentos e de atitudes de índole negativa o bairro ganhou uma imagem negativa. Ao longo de vários anos, foi intitulado com outro nome que retratava a realidade constante daquele local, ou seja, o Bairro São Vicente de Paulo era conhecido por “Bairro dos Pobres” (Entrevistado 7), e “...era um local associado a maus vícios e a más frequências. Existia uma certa aversão ao local. Era sinónimo de confusão e de problemas.” (Entrevistado 7)

De realçar que foi possível aferir estas visões através da Observação Participante e que vão ao encontro da opinião partilhada pelos entrevistados acima descritos, sendo possível perceber que o Bairro São Vicente de Paulo era conhecido pela má imagem que tinha sobre todas as ocorrências que eram geradas naquele lugar e que acabavam por afetar a sua área envolvente.

Para além disso e, ao encontro do abordado pelos entrevistados, o comportamento dos habitantes do bairro, o aspeto exterior do bairro causava incómodo a muitas pessoas que por ele passavam e que observavam um aspeto degradado, sujo e completamente desajustado, causando uma indiferença a longo prazo. A maneira como algumas pessoas levavam o seu quotidiano, como falavam e a postura que assumiam em muitas situações era entendido pelas pessoas como desrespeito, falta de modos e falta de interesse pela sua vida.

Com o passar dos anos, a imagem negativa do bairro foi-se enraizando dando fundamento à maneira como a comunidade olhava para aquele lugar. Durante o desenvolvimento do estudo, originou-se um momento de partilha de informações sobre o passado do bairro com umas ex-moradoras deste local que referiram que “há uns anos atrás eram as pessoas que viviam lá que mantinham o bairro limpo, tinham estima nas casas em que viviam, pois precisavam e não é o que acontece agora.”

Perante o que foi descrito pelos entrevistados e indo ao encontro da Observação Participante, os mesmos partilham da opinião que as pessoas da comunidade relataram, ou seja, onde se inseria o bairro, o sentimento de injustiça na maneira como estavam a ser executadas e estruturadas as necessidades ou prioridades dentro do bairro, porque ao longo dos tempos a dinâmica e organização do bairro também foi piorando, passando de pessoas que zelavam pelos bens a pessoas que pouco ou nada faziam, acumulando e

deixando as situações alastrar. Quem estava de fora sentia que os que lá moravam tinham de lutar pela melhoria do bairro e colocar mãos à obra e não terem tudo de mão beijada.

Quanto à maneira como se encontrava estruturado e organizado o bairro e começando pelo exterior, “...o bairro basicamente tem uma rua, uma rua principal e depois casas de um lado e de outro. O facto é que as casas são espaços exíguos” (Entrevistado 3), e “também tinha ali uma área significativa onde não estava aproveitado, nomeadamente para a exploração agrícola ou hortícola que pudesse até ajudar a alimentar essas famílias, ou seja, é um espaço muito abandonado.” (Entrevistado 3)

No que diz respeito ao interior das habitações e em relação às suas condições, estas eram identificadas como tendo uma aparência de degradação, de pouco cuidado e de falta de interesse dos moradores no embelezamento das mesmas, sendo possível verificar que as “casas tinham uma única casa de banho com poucas ou nenhuma condições. Quartos minúsculos, exíguos mesmo. E impressionava-me a quantidade de gente que morava em algumas das habitações e de paredes meias com outras, porque cada casa são duas casas. Uma construção muito pouco ou nenhuma qualidade” (Entrevistado 3), e que esta situação se caracterizava com uma “...situação terrível das casas, a maneira de arrumar as casas dentro, a organização, barracões por um lado, barracões por outro, sujeira para tudo quanto é lado. Era uma pequena favela do Brasil.” (Entrevistado 1)

De novo, as descrições dos entrevistados vão ao encontro do que se verificou na Observação Participante, percebendo-se que o bairro carecia de uma atenção que gerasse um maior acompanhamento e um envolvimento mais profundo no que diz respeito às infraestruturas e organização deste, uma vez que, se encontrava completamente degradado com muito lixo e “monos” e com uma extrema falta de brio.

Os últimos fatores que foram identificados nesta subcategoria foram a relação entre os moradores, as relações de vizinhança, a relação que estabeleciam com o espaço onde habitam e a própria relação que eles estabeleciam consigo mesmos, pois verificou-se que “...sobressaía ali outro tipo de não só estrutural, mas também comportamental... Portanto, isto tem haver com as pessoas que ali viviam, os desacatos que provocavam, o não ter regras, o não ter limites, o poder ceder a casa, a troca de chaves que havia...” (Entrevistado 5)

Durante anos, e devido à inexistência de regras no bairro a atitude dos moradores regia-se por atitudes e comportamentos caraterísticos como quero, posso e mando e também se verificava que um dos problemas do bairro era o comodismo das pessoas, o querer que fizessem as coisas por eles como salientou o Entrevistado 5 “as pessoas só queriam receber e não queriam nada em troca, não queriam que nós trabalhássemos com eles, não queriam, não nos deixavam, não partilhavam as suas ideias, que tinham medo e sim era um bairro problemático às portas de Arganil.”

De acordo com os entrevistados e também corroborada pela observação participante, foi perceptível que ao olhar para este espaço espelhava-se a realidade que existia nele, desde o passado até ao presente, que se caracterizava por uma degradação ao longo dos tempos e com falta de orientação específica e regrada.

Havia também relações de manipulação e disputa de poder entre os moradores, pois “...o bairro era problemático, de núcleos fechados, grupos de grupos, uns de idosos, outros que controlavam o bairro, portanto, havia quem controlava o bairro em que havia medo para entrar no bairro...” (Entrevistado 5)

De realçar que nas observações efetuadas constatou-se que as entidades, antes da implementação deste projeto, não tinham uma proximidade com o bairro pelo motivo que o Entrevistado 5 indicou, ou seja, um dos fatores que influenciava esta situação era que as entidades tinham receio de entrar no bairro e atuar.

Os moradores tinham uma armadura e moldavam as suas relações, os seus comportamentos e as suas atitudes como uma falsa ilusão pois era “uma situação terrível que estava e se encontrava nesse bairro, tanto os relacionamentos entre eles não tinham um bom convívio, cada um por si e Deus por todos e um engolindo o outro, um ditado que nós falamos.” (Entrevistado 1)

Tal como o Entrevistado 1 mencionou, alguns moradores eram vistos como pessoas sem objetivos, com vidas desfragmentadas e sem interesse pela realidade de coabitar a terra. Assim aquele ambiente era desproporcional e propicio a atritos entre eles.

Relativamente à visão do bairro percebeu-se que “...havia ali um conjunto de contributos todos eles com caráter negativo que contribuíram para o resultado que ele estava.” (Entrevistado 2)

b) Considerações sobre as pessoas que habitam no bairro

Esta subcategoria, “Considerações sobre as pessoas que habitam no bairro”, irá debruçar-se sobre como as pessoas eram vistas antes da implementação do projeto no bairro e como o mesmo proporcionou uma mudança nos seus comportamento e atitudes.

Na perspetiva de como as pessoas eram vistas antes observou-se que “...na generalidade das pessoas são pessoas normais, como todas as outras, havendo agregados com mais dificuldades, outros com menos dificuldades...” (Entrevistado 2), e que “...no início, dizíamos que eram pessoas um pouco à margem de certa parte ali na sociedade, que se autoexcluía até de certa forma, que não se integravam e que olharam com muita desconfiança quando começámos a entrar no bairro.” (Entrevistado 3)

A ideia que se tinha daquele bairro é que se “pensava que eram pessoas muito conflituosas. Achavam, armavam conflitos com qualquer coisa, de qualquer maneira.” (Entrevistado 1)

Constatou-se que entre o antes e o depois existiu algo que estabeleceu uma mudança de comportamentos e atitudes, o que permite a muitos, hoje em dia, fazer uma comparação, por exemplo, “o comportamento de há vinte anos atrás, trinta anos, há dez anos e o comportamento há dois anos a esta parte, está diferente. Muito melhor... Porque as pessoas pensavam que as casas eram deles, apoderaram-se das casas, faziam obras clandestinas sem permissão, eles albergavam pessoas de tráfico de droga, de álcool, de familiares, sem autorização prévia. Não havia regras! Portanto, era um bairro que estava sem norte, sem norte...” (Entrevistado 5), e para além disso salientou-se a importância dessa modificação quando se observa que “existe um antes e um depois... antes da recente intervenção só sobressaia o lado negativo de quem morava ou frequentava o bairro. Mas sempre lá moraram pessoas de bem, que se relacionavam bem com a restante comunidade de Arganil. Pessoas de quem nunca houve nada a apontar negativamente. Após a recente intervenção é o lado positivo de quem mora ou frequenta no bairro que sobressai. Houve uma mudança de atitudes...” (Entrevistado 7)

Ao procurar dar uma oportunidade a este bairro de “renascer” e de percorrer um caminho para a melhoria deste local verificou-se uma alteração de como se pensava em

relação às pessoas que nele habitam, que “...a ideia que fico daquelas pessoas é que é boa gente, a grande maioria das pessoas... E aqueles que não diria boa gente, mas se calhar que precisam de ser mais ajudados, perceberam que tinham que ser ajudados. E de facto procuraram ajuda e estão no caminho para se tornarem pessoas melhores e, portanto, acho isso muito importante” (Entrevistado 3), e a percepção de que as pessoas “...já são diferentes. São mais sociáveis, mais abertas... Mesmo que ainda tenham alguns rebeldes no meio, mas já são, já mudou muito, muito, muito mesmo. A maneira de pensar, a maneira de partilhar, já não têm o mesmo egoísmo que tinham antes.” (Entrevistado 1)

Tendo em conta a opinião dos Entrevistados 1, 3 e 7, e verificando este facto na realidade após a intervenção, verificou-se uma modificação de alguns comportamentos, por exemplo, comportamentos que permitem verificar uma melhoria de maior consciencialização acerca da procura de apoio junto das entidades, sobre as regras, as atitudes e os comportamentos adequados à existência de um bom ambiente do bairro, para uma convivência saudável e cordial bem como para o trato físico do espaço que é comum a todos.

c) Relação das entidades com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo

Abordando agora a relação das entidades com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo verificou-se que existe uma boa sintonia nas relações estabelecidas atualmente, mais solidificada do que no passado, ou seja, “inequivocamente que se nota que há um outro nível de envolvimento e, portanto, mas este nível de envolvimento também tem como correspondência uma corresponsabilização dos habitantes.” (Entrevistado 2)

Existem entidades que referiram que a relação que estabelecem com os moradores do bairro é a mesma que devem exercer em conformidade com o resto da comunidade e que tentam cumprir os seus deveres, por exemplo, “a relação da Junta de Freguesia é igual à que existe com outros bairros ou lugares da nossa freguesia.” (Entrevistado 7)

Observa-se que há entidades que sempre estiveram a par de alguns problemas do Bairro São Vicente de Paulo e que foram também colaboradores que trabalharam na intervenção social através de atendimentos e outros serviços e que defendem que

“Relativamente aos serviços municipais, a minha relação com eles sempre foi boa, foi transparente, foi de imposição muito de regras, e eles ouviam-me, porque também havia cedência...” (Entrevistado 5)

No decorrer deste estudo constatou-se que houve há cerca de três anos uma mudança da entidade responsável pelo bairro. Apesar disso, a entidade que antes tomava conta do mesmo, refere que têm uma boa relação com os habitantes e que “...neste momento sempre tem colaborado e continua a colaborar, evidentemente, porque nós temos um certo carinho por este bairro.” (Entrevistado 6)

Tal como realçaram os Entrevistados 2 e 6, e corroborado pela observação, houve uma melhoria na participação das entidades parceiras visto que o relacionamento com os moradores evoluiu, pois encontram-se mais motivados no envolvimento com o bairro. No passado, as pessoas recusavam-se ou não se interessavam em participar. A concretização deste projeto de intervenção e a implementação de dinâmicas de participação permitiu trabalhar com as pessoas e não para as pessoas, pois as mesmas colocaram mãos à obra para melhorar o espaço onde habitavam e esforçaram-se, também, para obter uma melhor qualidade de vida nas suas diferentes vertentes.

d) Relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com as outras entidades

De acordo com o que o Entrevistado 2 mencionou na subcategoria anterior, este sucesso dos habitantes mudarem a sua postura e os seus comportamentos em relação à participação em atividades que permitissem a melhoria das suas condições de vida teve por base a junção de esforços das entidades e pessoas envolvidas no processo. Esta foi a chave para que a implementação deste projeto chegasse a bom porto e permitisse obter mais recursos de modo a desenvolver, dinamizar e melhorar o bairro e as condições de vida de quem nele habita.

Atualmente, com a nova entidade no comando houve a necessidade de adotar uma nova postura, diferente da que havia antigamente, e que apesar de a relação estar no início e a ser construída “é boa. Eu como Presidente da Fábrica da Igreja, já estive lá algumas vezes. Sou muito bem-recebido... Eles veem aqui no Cartório, também às vezes,

para falar de alguma coisa que aconteceu ou que está acontecendo.... Tem um bom relacionamento... Por mais que por vezes esse mexer no conforto deles incomode, mas graças a Deus até agora eles estão a ter um bom relacionamento...” (Entrevistado 1)

Outro ponto a ter em conta nesta discussão é a relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com as outras entidades, tendo-se constatado que “a relação é boa! Estamos perfeitamente aptos a colaborar e ajudar sempre que for necessário” (Entrevistado 6), e “... sempre foi, uma boa relação. De proximidade e de colaboração. Sempre atendendo áquilo que é e deve ser a área de atuação de uma Junta de Freguesia, com os limites das suas competências bem delimitados.” (Entrevistado 7)

Para além disso, constatou-se que há um vínculo de proximidade e “é um relacionamento positivo de colaboração recíproca...” (Entrevistado 2)

Quando se abordaram outras entidades parceiras foi possível entender que a relação é boa porque valorizam bastante o trabalho em rede, a concertação de parceiros para obter resultados como o bem-estar, a satisfação e a coesão social. Logo, através desta estratégia e de diferentes oportunidades, verificou-se que “...quando as relações são boas, torna tudo mais fácil e neste caso simplificou e muito o desenvolvimento da candidatura e depois tudo e o relacionamento, aliás, nós fomos fazendo sempre que foi algo muito bom que foram reuniões de acompanhamento mensais do projeto.” (Entrevistado 3)

e) Papel das entidades nas intervenções no bairro

As intervenções que foram feitas no bairro e o papel que tiveram as entidades no passado são um ponto importante a ter em conta neste estudo.

Desta forma, verificou-se que a “intervenção ela sempre houve e acompanhamento ele sempre existiu...” (Entrevistado 3), e para além do que é espectral nos termos de direitos de toda a comunidade e acompanhamento se entendeu que no passado as intervenções foram “nenhumas, para além daquela componente passiva de acompanhamento social, de surge o caso, vamos lá acompanhar o caso... Em termos

objetivos de intervenção no bairro não tenho memória de ter existido outra intervenção prévia a esta.” (Entrevistado 2)

Percebeu-se ainda como era efetuado o acompanhamento ao longo das intervenções, ou seja, “...de os apoiar em bens alimentares e pronto havia mães com filhos que também tinham os processos da CPCJ. Organizava-se e pedia-se pequenas obras à Conferência São Vicente de Paulo, houve casas que foram uma contribuição da Conferência São Vicente de Paulo, a Junta de Freguesia, muito esporadicamente, o Município pronto este atendimento de serviços, mas não com tanta força como foi agora. Portanto, isto era mais um apoio pontual...” (Entrevistado 5)

Assim, de acordo com os entrevistados 2 e 5 e, também, perante a Observação Participante, verificou-se que o papel que as entidades tiveram na intervenção realizada no bairro foi bastante importante. Esta permitiu ter um contacto mais próximo com o bairro e com as pessoas que nele habitam, através da realização de trabalhos e de atividades que melhorassem as condições de vida do espaço e dos seus habitantes.

Este acompanhamento foi, ainda, realçado com um fator fulcral para o futuro do bairro e dos seus habitantes, pois este processo permitiu conhecer melhor as necessidades que o bairro ainda apresenta e a partir daí seria um bom ponto de partida para estruturar e implementar outros projetos no futuro.

Ainda referente ao passado, os antigos responsáveis alegaram ter poucos meios financeiros e, por isso, apenas podiam fazer pequenas obras como “...a introdução de águas e, portanto, aquilo são casas antigas com paredes muito velhas e de vez em quando havia infiltrações...” (Entrevistado 6)

4.2. Intervenções no bairro ao longo do tempo

A categoria 2, “Intervenção no bairro no passado”, tem como subcategorias: a) Condições do bairro; b) Intervenção das entidades ao longo dos anos; c) Implementação de um projeto no bairro.

As condições associadas ao bairro resultam de um conjunto de fatores que o tornaram ignorado por muitos e pouco cuidado por outros, como se depreende das opiniões que a seguir se apresentam.

a) Condições do bairro

O Entrevistado 2 referiu que não percebe a origem do desencadeamento das condições que o bairro apresentava ao longo dos anos como “eu não consigo encontrar nenhuma, nenhum enquadramento, nem lhe dar uma resposta que seja muito objetiva porque há casos...” (Entrevistado 2)

O foco do problema também incidiu na postura que os próprios moradores tinham perante o bairro, ou seja, “ninguém queria se envolver com esse bairro. Eram muitos conflitos e ninguém queria nem saber desse bairro e achavam um monte de pessoas ali desocupadas. Não faziam nada por si nem por ninguém, e realmente as pessoas olha já que querem assim isolaram eles e eles ficaram realmente isolados ali naquele bairro... Sem ajudar ninguém eles e nem ninguém ajudava.... Ninguém queria saber de nada mais. Mais distante era melhor...” (Entrevistado 1)

Por outro lado, e devido à postura que adotavam, o apoio vindo da comunidade devido aos seus comportamentos e atitudes tornava o bairro não digno de ajuda “porque as pessoas, eram conotadas como preguiçosos, como só recebiam uma prestação social e subsídios e não queriam trabalhar. E como eram conotadas assim e como tinham comportamentos desviantes e agressivos ninguém os queria ajudar e ninguém se ia lá meter. E quem ia lá para tentar ajudar, que era o caso das senhoras da Conferência São Vicente de Paulo saíam um bocadinho com o rabo entre as pernas, porque eles não permitiam a ajuda e também ninguém estava para aí virado para as qualidades que eles também têm, porque é assim qualquer pessoa tem boas qualidades e maus ou têm efeitos e têm qualidades.” (Entrevistado 5)

Outro fator que ajudou a explicar e compreender as condições do bairro ao longo dos tempos foi a falta de recursos financeiros que levou a uma debilidade na preservação e conservação do bairro, e desta forma “...diria que o que foi acontecendo foi uma

degradação do bairro, uma falta de investimento não é, ou seja, à medida que o bairro foi ficando menos assistido e que o perfil de famílias mudou...” (Entrevistado 4)

Percebeu-se, ainda, que a anterior entidade responsável pelo bairro realmente “...não teriam condições financeiras para remodelar o bairro, como era necessário, até porque uma pequena instituição sozinha não tinha de forma alguma capacidade económica, nem social para tratar como deveria ser necessária.” (Entrevistado 6)

Para além disto, observou-se que mesmo que algumas entidades locais pretendessem fazer alguma intervenção no bairro, para não chegar ao estado de deterioração evidenciado, os mesmos não podiam intervir porque o Bairro São Vicente de Paulo é gerido por uma entidade de estatuto privado cujas responsabilidades lhe são agregadas, “...aquele sentimento, por um lado de impotência porque não podemos nada fazer enquanto outros viram a cara ao lado. E depois há outros que acham que tem que ser as instituições a resolver o problema. E acho que isto era o que se passava aqui também na vila de Arganil.” (Entrevistado 3)

Verificou-se ainda que houve uma evolução positiva nas condições do bairro e que as entidades parceiras tiveram uma intervenção mais efetiva, sendo que “o serviço é o mesmo, o que mudou foi a sensibilização, a capacitação dessas pessoas e a vontade e a partir daí, um brio que começaram a sentir...” (Entrevistado 3), e que “os serviços sociais do Município, e outras entidades sociais, foram acompanhando ao longo dos tempos os moradores, mas não podiam ir para lá das suas competências. Só com a vontade do proprietário e com a sua proatividade foi possível, agora, conjugar esforços para inverter a situação que lá se verificava.” (Entrevistado 7)

b) Intervenção das entidades ao longo dos anos

Abordando a intervenção das entidades ao longo dos anos no bairro verifica-se que este aspeto se encontra interligado com as condições do bairro.

Verificou-se que ao longo dos anos não foi possível fazer intervenções devido à atitude e comportamentos como relatou o Entrevistado 1, dizendo que as intervenções

foram escassas “exatamente pela postura dos próprios moradores que não eram merecedores na época e não tinham atitudes para merecer.” (Entrevistado 1)

Foi referido que ao longo destes anos as intenções realizadas eram esporádicas, ou seja, “não eram concertadas, não tinham, eram positivas num momento que se entregavam bem alimentar, no momento que se encaminhava para o trabalho, mas eram pontuais, não eram de acompanhamento sistemático” (Entrevistado 5), e que estas entidades, para além da entidade responsável pelo bairro não podiam fazer intervenções contínuas porque se tratava de um espaço privado e que quando cumpriam as suas funções estavam a agir de acordo com o que são os deveres da entidade. Portanto, é importante ter em atenção que “...temos que também perceber aquilo que é o quadro formal de intervenção das entidades públicas. E objetivamente, naquele espaço em concreto do ponto de vista daquilo que são as competências do Município, nós cumprimo-las todas...” (Entrevistado 2)

c) Implementação de um projeto no bairro

Da análise verificou-se que a implementação de projeto no Bairro São Vicente de Paulo se revelou como um ponto forte que ajudou definitivamente nesta mudança de atitudes e comportamentos e no melhoramento do próprio ambiente e dinâmica do bairro.

A implementação deste projeto afigurava-se como uma missão complexa, pois “o projeto era para trabalharmos com um todo. Não só como disse a parte física, mas também uma parte humana.” (Entrevistado 1) e a sua origem foi a partir de uma candidatura “...constituída com cinco eixos de intervenção que é o caso da saúde, social, económico, ambiental e urbanístico” (Entrevistado 5)

Este “consistiu num programa público, de natureza participativa, sob a direção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, proprietária do espaço sobre o qual incidiu a intervenção social, para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida no território vulnerável que é o Bairro São Vicente de Paulo, zona habitacional que apoia famílias carenciadas que usufruem de respostas sociais solidárias, através de cedência de

habitação a título gratuito. Contemplava este projeto, entre outras atividades, a intervenção de restauro/conservação em habitações, integração em medidas ativas de emprego e formação e ainda a capacitação dos indivíduos para processos de mudança e integração social.” (Entrevistado 7)

Era um projeto robusto com alguns objetivos e algumas atividades a realizar em diferentes vertentes de intervenção.

Focando-nos nos objetivos do projeto, o mesmo pretendia “...contribuir no fundo para a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas, da população de estratos sociais desfavorecidos, pronto, que estão em situação de grande vulnerabilidade social.” (Entrevistado 5)

Outro objetivo que o projeto pretendia era ajudar a corrigir os problemas urbanísticos e “esta intervenção permitiu resolver isso, permitiu resolver estas desconformidades gritantes. Permitiu naturalmente criar uma condição para além de ser mais agradável com outras condições que antes não existiam, inclusivamente de salubridade para resolver os seus problemas de salubridade, resolveram se os problemas de também de naquilo que tem a ver com a estética do bairro.” (Entrevistado 2)

Ainda no que se refere aos objetivos, o projeto queria consertar a imagem do bairro e o estigma que lhe estava associado, bem como aos seus residentes. A “...eliminação do estigma, o estigma do pobre, do pobre, do coitadinho, do que estás aí, dos preconceitos sobre as pessoas, porque muita gente é trabalhadora, vive lá e nós queríamos passar esta imagem que há pessoas boas e más em todos os sítios.” (Entrevistado 5)

No que diz respeito às atividades do projeto “havia a planificação e estas opções eram concertadas, e depois havia um coordenador...” (Entrevistado 5)

Para a implementação do projeto havia muitas vontades, muitas ideias para alcançar os resultados pretendidos ou até mesmo superá-los, ou seja, “o nosso querer ali foi trabalhar a parte estrutural, que foi feita física, nas casas.... Arrumar os telhados, arrumar casas de banho... A pintura por dentro, por fora... A parte de fora, por exemplo, havia muitos barracões, muitos puxadinhos aqui e ali.... Fazer um bairro que as pessoas pudessem ir lá. Por exemplo, visitar e ter gosto de estar ali, vontade de morar ali, sentir bem em morar ali.” (Entrevistado 1)

Mais do que querer foi possível implementar e as entidades parceiras estiveram envolvidas neste projeto. O projeto “permitiu a interação das diversas entidades parceiras no projeto, no âmbito das suas competências e dentro das respectivas áreas de intervenção, com a população residente no bairro. Essa interação possibilitou o levar de informação e conhecimento variado muito importante aos moradores, alertando-os para os perigos a que estavam expostos devido às insalubres condições em que se encontravam a viver. Foi efetuada intervenção profunda em todo o espaço, com reabilitação do edificado e limpeza nos respetivos espaços exteriores. Com o conjunto de todas as intervenções foi possível dar uma maior dignidade ao espaço e aumentar a autoestima e o bem-estar dos seus habitantes lançando dessa forma os pilares para um futuro mais promissor do bairro com a sua plena integração na restante comunidade da vila de Arganil.” (Entrevistado 7)

Tal como os Entrevistados 1 e 7 realizaram, o projeto elaborado foi desenvolvido em parceria e cooperação entre todas as entidades envolvidas e os moradores.

Para além das atividades que o projeto abrangia foi possível realizar outras dinâmicas, de forma a alcançar mais resultados no bairro e entender quais as necessidades que o mesmo ainda carecia.

Nesta análise, e tendo, também em conta a Observação Participante, é importante referir duas atividades que foram concretizadas e que vão ao encontro de muitas das realidades descritas pelos entrevistados. A primeira atividade consistiu na execução de um brainstorming com as entidades parceiras do projeto, refletindo-se sobre o que cada entidade gostaria de ver, ainda, ser feito no bairro. Também foi realizado um questionário aos moradores, “Pedido de Manifesto de Opinião” sobre a Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo. Este instrumento permitiu compreender a perspetiva dos moradores em relação ao bairro e de como queriam ver o futuro do mesmo.

Depois da utilização destes dois instrumentos verificou-se que as entidades parceiras e os moradores do bairro partilhavam de opiniões similares em relação ao futuro do mesmo, ou seja, o interesse pela realização de diferentes atividades que permitissem a

melhoria das condições de vida e a preservação do que já tinha sido implementado no bairro.

O projeto tinha uma entidade promotora e várias entidades parceiras. A “...entidade promotora como referi há bocado, foi a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil. As entidades parceiras foi o Centro de Saúde de Arganil, neste caso, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil, foi o Município de Arganil, a Conferência de Nossa Senhora da Assunção, que é a Conferência São Vicente de Paulo... Foi a Associação Juvenil C.U.M.E, a Associação Passo a Passo, a Autoridade de Saúde Pública do Concelho de Arganil e a Freguesia de Arganil.” (Entrevistado 5)

No que respeita à participação, os entrevistados refletem sobre a importância do projeto de intervenção no bairro.

Começado pela entidade promotora, “...a Fábrica da Igreja teve esse papel de querer mudar tudo, não só a parte física em si, mas também a parte humana, que foi tão importante para algumas mudanças e melhorarmos realmente aquele bairro que era um pé de guerra.” (Entrevistado 1)

No que concerne ao nível de participações do Município de Arganil, as opiniões são unânimes, caracterizando a ação desta entidade como “...uma espécie de motor de arranque, pusemos a máquina andar.” (Entrevistado 2)

A sua intervenção foi ainda descrita como sendo “...um elemento dinamizador, incentivador, o resto, a máquina depois funcionou, isso é muito positivo.” (Entrevistado 2)

Teve ainda uma postura resiliente neste projeto e o “...papel de não deixar cair, não deixar desanimar e, portanto, acho que de alguma forma assumiu assim aqui, quase a corresponsabilidade, não deixando de ser a Fábrica da Igreja a entidade promotora.” (Entrevistado 4)

O Município de Arganil adotou uma forte presença na maneira como “...agarrou as coisas como uma questão de honra também, não vamos ter que pegar nisto, se isto não está bem, vamos mudar, vamos fazer mudança, vamos também trabalhar com eles” (Entrevistado 5), e se tivéssemos de dar um valor, uma percentagem ao seu nível de

participação seria “...se calhar metade e ficaria por aqui, metade do trabalho se deveu esta parceria com a Câmara.” (Entrevistado 3)

4.3. Forma de integração das entidades no âmbito do Desenvolvimento Local

A categoria 3, “Forma de integração das entidades no âmbito do Desenvolvimento Local”, encontra-se dividida nas seguintes subcategorias: a) Intervenções que se integram no âmbito do Desenvolvimento Local; b) Outros projetos que as entidades desenvolvem e se integram no âmbito do Desenvolvimento Local.

a) Intervenções que se integram no âmbito do Desenvolvimento Local

Depois do conhecimento obtido sobre o projeto implementado no Bairro São Vicente de Paulo, considerou-se importante perceber se estas intervenções se integram no âmbito do Desenvolvimento Local. Constatou-se que as mudanças ocorridas no Bairro São Vicente de Paulo vão ao encontro dos princípios do Desenvolvimento Local.

Destaca-se em primeiro lugar a importância de ter havido envolvimento das entidades parceiras, ou seja, “todas as entidades se envolveram com aquilo ali, cada um fez uma parte e fizeram e deram seu melhor, então quer dizer foi graças a isso, senão não era possível...” (Entrevistado 1)

Outro fator importante foi a proximidade criada, com os moradores do bairro que a qual permitiu ter uma outra visão sobre o mesmo e as pessoas que nele habitam. Como mencionou o Entrevistado 4, que gostava que no futuro fosse aprendida uma lição que “...só com proximidade, eu digo isto muitas vezes, só com conhecer aquela pessoa, conhecê-la e ela não vai ficar perfeita por eu a conhecer, mas vai transformar o olhar.”

Entendeu-se que neste processo o contacto com as pessoas, o trabalho no terreno e a intervenção de proximidade são tarefas, comportamentos e atitudes que devem ser adotados e que são bastantes importantes para potencializar o processo de Desenvolvimento Local,” ...porque ao valorizar aquelas pessoas, ao valorizar aquele local,

contribuiu muito para que alguns ciclos de pobreza e que alguns ciclos de exclusão se quebrassem...” (Entrevistado 4)

Para além da intervenção de proximidade, é importante um local ter um orientador que possa fazer o seu acompanhamento. Este criará uma relação de proximidade e um elo de confiança com as pessoas que vivem no local. Através da adoção desta postura, tornar-se-á um guia para a comunidade, e conseguirá ajudar a atingir mais resultados a longo prazo como foi possível observar no projeto de intervenção do Bairro São Vicente de Paulo, “...todos de mãos dadas, porque tinha uma grande orientadora, realmente conseguiu-se e como foi como do dia para a noite...” (Entrevistado 6)

Como os Entrevistados 1, 4 e 6 realçaram e como observado no contexto de terreno, o facto deste projeto ter tido um olhar clínico e crítico por parte de todas as entidades envolvidas foi importante para revitalizar o bairro. Considera-se que o acompanhamento permitiu perceber que as pessoas se sentiam mais ouvidas e que estabeleciam mais contacto com as entidades dando a conhecer as suas necessidades, os seus conflitos interiores e as situações que os atormentavam, pedindo, por vezes, conselhos para a sua resolução.

Pontos importantes, ainda a realçar, são a participação no local, a participação de alguns elementos da comunidade arganilense no projeto para ajudar a melhorar as condições do bairro e dos seus habitantes e a participação dos próprios moradores no processo como referiu o Entrevistado 2 “...quando conseguimos um nível de integração das comunidades mais aprofundado, quando as pessoas também percebem que há outra abordagem, que há outra preocupação com a sua integração.... Acho que do ponto de vista da construção social de qualquer território isso é um contributo ou é um elemento importante.”

De realçar, também, a importância de, num projeto como este, se apostar no empoderamento das pessoas, dar-lhes ouvidos, dar-lhes voz, transmitir-lhes conhecimentos e aprender com eles, fazer uma troca de partilhas, aceitar as suas ideias e procurar realizá-las.

No projeto implementado as pessoas deram as suas ideias, participaram nas atividades e no restante processo, verificando-se uma mudança em relação ao passado

porque antes as pessoas não partilhavam as suas ideias, os seus descontentamentos ou outras informações relevantes para o desenvolvimento do bairro ou para a melhoria da sua qualidade de vida.

Com a realização do projeto, a realidade que existia no bairro transformou-se e, a uma certa altura, “...as pessoas depois já nos questionavam sobre outros assuntos...” (Entrevistado 5), e “são pessoas também que ganharam uma capacidade e um à vontade de participar mais nas iniciativas da comunidade. Portanto, estão mais integradas na sociedade, não estão tão fechadas ali naquele espaço. Não, antes pelo contrário, parece-me que saem mais, que se envolvem mais, que participam mais nas ações da comunidade, portanto à sua volta. E, de certa forma, acabam por contribuir também com uma vivência social mais tranquila, mais calma também para uma normalidade que existe que é uma zona residencial...” (Entrevistado 3)

Com este projeto observou-se que o Desenvolvimento Local pode ser potencializado através de vários eixos de intervenção, ou seja, “o Desenvolvimento Local depende do desenvolvimento de todas as suas componentes, nomeadamente da componente social e das condições de vida. O desenvolvimento deve sempre nivelar por cima. E todos temos o direito de aceder a melhores condições de vida, nomeadamente de saúde, habitabilidade e sociabilidade.” (Entrevistado 7)

b) Outros projetos que as entidades desenvolvem e se integram no âmbito do Desenvolvimento Local

Sendo o Desenvolvimento Local bastante importante para o progresso dum concelho, de uma freguesia, de um local, em suma, de um território, considerou-se importante ter em conta quais seriam os outros projetos que as entidades desenvolviam e que se integravam no seu conceito, princípios e formas de atuação.

No que diz respeito à entidade religiosa, constatou-se que a mesma trabalha no domínio do património histórico cultural de Arganil organizando atividades, desde caminhadas, passeios, dinâmicas que desenvolvam convívio e partilha entre as pessoas como referiu o Entrevistado 1 “nós tentamos fazer com que as pessoas possam se inteirar

mais, conviver mais, poder partilhar, poder.... Trabalhamos com e nas questões de preservar o património não só a parte cultural, a parte emocional das pessoas, a parte física.... Então tentamos trabalhar num geral, não é uma igreja hoje nós podemos dizer fechada somente rezar e casa... Não.... Rezar e trabalharmos num todo, no desenvolvimento das pessoas para que elas realmente possam sentir participante de tudo...”

No que respeita às entidades políticas como o Município de Arganil e a Junta de Freguesia de Arganil, estas partilham da opinião que o Desenvolvimento Local deve ser um dos seus focos principais, por exemplo, “o Desenvolvimento Local rima quase com a autarquia, com o Município... Esta integração com a juntas, a celebração de contratos programa com as juntas de freguesia que lhes permitem também eles realizarem pequenas obras, promovendo o Desenvolvimento Local junto das populações que estão mais próximas.” (Entrevistado 3)

Para desenvolver um local é preciso adotar estratégias e ter um contacto mais próximo com a população como referiu o Entrevistado 7, “a atividade de qualquer Junta de Freguesia deve sempre pautar-se por uma relação de proximidade com os seus fregueses. Quando respondemos positivamente às suas inquietações e solicitações estamos a contribuir para melhorar as suas condições de vida naquilo que para eles é mais premente e, assim, contribuir, à nossa escala, para o Desenvolvimento Local.”

Verificou-se que o concelho de Arganil possui alguns projetos, “...o CAFAP que a designação é Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, o acompanhamento da família” (Entrevistado 2) e têm “...também um conjunto de respostas mais, mas aí eu acho que são importantes, mas são mais assistencialistas, a questão da Loja Social.” (Entrevistado 2)

Consideram que têm “...objetivos a nível social, queremos chegar a terminadas metas, não é, de integração no caso específico do FAMI e das pessoas que nos escolhem para viver e que são estrangeiras. No caso do CLDS, desde das crianças aos seniores e estes

projetos permitem-nos responder melhor àquilo que são as nossas iniciativas.” (Entrevistado 4)

Ao longo dos anos desenvolveram-se “...outros projetos que a Câmara teve com o PROGRIDE, com o CLDS 3G, com outro CLDS, com outros projetos que são parceiros na área ou da saúde mental ou da parte desportiva, com crianças na parte educacional, ou com a Passo a Passo.” (Entrevistado 5)

Foi, também, possível perceber que o Desenvolvimento Local é um conceito trabalhado no concelho de Arganil como mencionou o Entrevistado 3, “nós grande parte da nossa atividade do dia a dia também é o Desenvolvimento Local e das comunidades, ou seja, nós em qualquer área da nossa intervenção, na esfera do Município, nós promovemos o Desenvolvimento Local...” (Entrevistado 5) e que “...os projetos do Município de Arganil todos se integram na intervenção Desenvolvimento Comunitário.” (Entrevistado 5)

Apesar de este conceito ser trabalho no concelho surge um obstáculo que, muitas vezes, prejudica o desenvolvimento de projetos nesta área e que diz respeito às entidades que os podem realizar como referiu o Entrevistado 5, “o único problema senão é que muitas das vezes os projetos têm que ser feitos por entidades, por IPSS ou por Fábricas da Igreja que foi caso.”

Depois, também existem outras entidades que têm menos possibilidades e recursos, por isso, e não desenvolvem projetos que promovam o Desenvolvimento Local, “nós não estamos muito vocacionadas para isso, portanto, a nossa missão é outra...” (Entrevistado 6), porém sempre que há possibilidade integram, comparecem e apoiam, projetos ou atividades que o promovem.

4.4. Futuro do Bairro e Participação das entidades

A última categoria, “Futuro do Bairro e Participação das entidades”, integra as seguintes subcategorias: a) Desenvolvimento de outros projetos; b) Acompanhamento das entidades parceiras; c) Ideias ou sugestões a desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo; d) Visão sobre o bairro e as pessoas que nele habitam; e) Participação

ou Desenvolvimento de projetos futuros no bairro; f) Auxílio das entidades nas necessidades e dificuldades quotidianas dos moradores do bairro.

a) Desenvolvimento de outros projetos

Neste ponto, “Desenvolvimento de outros projetos”, pretendeu-se entender se seria exequível implementar outro projeto similar neste bairro e junto desta população.

Alguns entrevistados defendem que se houvesse outro projeto teria de ser diferente daquilo que tinha sido feito e que o importante neste momento seria a preservação daquilo que tinha sido conseguido com o projeto anterior como por exemplo, “no bairro similar agora já não faria sentido. No bairro aquilo que temos que perceber todos os intervenientes neste processo, que tem que haver continuidade do que foi ali feito” (Entrevistado 3) e “...acho que no Bairro São Vicente de Paulo devia haver uma continuidade na consolidação dos conhecimentos, no aprendizado, nas regras, pronto naquela continuidade...” (Entrevistado 5)

Outros entrevistados reconhecem que é importante uma continuidade do projeto após a conclusão do anterior, ou seja, “...acho que é muito importante criar-se e desenvolver-se um projeto que desse continuidade ao que eu dizia, não é desta intervenção, surgiram novas necessidades, mas também novas potencialidades. E seria muito bom encontrar um projeto ou uma forma de continuarmos a trabalhar no bairro que permitisse às pessoas que estes ganhos se consolidassem acima de tudo. Porque nós, quando lançamos as sementes, elas demoram muito tempo a que se consiga ver e de facto, na minha perspetiva, havia aqui um trabalho que se for acompanhado, corre menos riscos de se perder.” (Entrevistado 4)

Ainda associado à continuidade surge a necessidade de manter as relações estabelecidas e a partir daí, o processo será realizado no decorrer do tempo. Assim, o Entrevistado 2 referiu que “aquilo que é muito importante, diria que se calhar é, talvez seja mesmo o mais importante no bairro é não perder a ligação. E isto, muitas vezes não tem haver com o fazer lá mais um esforço, mais uma intervenção, tem haver com impedir que se estrague aquilo que se fez” e que “Esse trabalho de ligação àquela comunidade é

importante acho que até mais numa perspectiva de acompanhamento, de dinamização, do que propriamente de intervenção física.” (Entrevistado 2)

Outra constatação foi a concordância que deveria haver outro projeto similar no bairro para conseguir trabalhar mais e fazer outras melhorias, como mencionou o Entrevistado 1 “desde que tenhamos oportunidade e a ajuda das entidades... Sempre é possível...”

Depois de todas as opiniões pode entender-se que existe sempre algo a ser aperfeiçoado no bairro e este “não está na devida perfeição como todos desejavam... Portanto, vamos ter de pôr mãos à obra, segundo se houver outras situações similares com certeza que estamos cá todos para...” (Entrevistado 6)

b) Acompanhamento das entidades parceiras

Num projeto para atingir o Desenvolvimento Local, é fulcral ter vários recursos e entidades que ajudem neste processo de evolução. Por exemplo, uma situação que se verificou relevante nas entrevistas foi a extrema importância em haver uma continuidade no acompanhamento do bairro e das pessoas que nele habitam, ou seja, “uma entidade, por exemplo, quando colabora num projeto em si ela tem de colaborar e tem que dar continuidade, porque se ela não dá continuidade vai voltar, então a tudo que era antes.” (Entrevistado 1)

Constatou-se que, se não houver uma continuidade de acompanhamento, o trabalho que foi desenvolvido poderá ser esquecido, portanto, “...se não houver aqui um acompanhamento com alguma regularidade, daqui a um ano ou dois vamos começar ou podemos cair no erro de voltar ao mesmo...” (Entrevistado 3).

A reflexão do Entrevistado 3 corrobora o que uma moradora do bairro referiu aquando a realização da Observação Participante “Mudam as casas, mas não mudam as mentalidades.”

Sobre este assunto, foram evidenciadas sugestões de como se poderia executar este acompanhamento, por exemplo, “acho que devem continuar a acompanhar o bairro, não pontualmente como nós fazemos, mas uma vez por mês, ou sei lá perceberem se está

tudo bem e nos seus planos de atividades haver essa preocupação e esse comprometimento que fizemos. Portanto, a mim faz-me sentido que cada um, mas eu acho que antes disto deve ser constituída aquela tal equipa e com a equipa no terreno do interlocutor da Fábrica da Igreja e dos moradores, no fundo vai nos levar a surgirem novos problemas e novas funções...” (Entrevistado 5)

Para além deste acompanhamento ser efetuado pelas entidades parceiras, percebeu-se que o mesmo deve, primeiramente, ser feito pela entidade responsável, a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, e que esta deveria nomear um elemento que assumisse as funções associadas ao bairro como existiu aquando da implementação do projeto. Houve um coordenador de projeto que era um elo de mediação entre moradores e a entidade responsável, sendo que a sua presença era, “... determinante e acho que é o maior risco porque de facto a mais valia dos projetos é ter e eu sentia muito isso, é ter uma pessoa que puxa por todos, porque o foco dela é o projeto.” (Entrevistado 4)

Essa pessoa com funções de coordenação deverá trabalhar de uma maneira mais concertada os assuntos associados ao bairro e ajudando a interligar, por exemplo, as necessidades, o contacto com as entidades parceiras ou com os diversos assuntos necessários a tratar com os mesmos, pois “...era determinante que as pessoas do bairro continuassem, que a população do bairro continuasse a ter esta relação de proximidade com os diferentes serviços que foi criada, que não se perdesse este potencial.” (Entrevistado 4)

c) Ideias ou sugestões a desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo

Depois de todo o processo realizado no bairro, foram identificadas novas necessidades havendo ideias ou sugestões a desenvolver e, no futuro, a aplicar no Bairro São Vicente de Paulo.

Uma das ideias focou-se na realização de eventos tanto de índole comunitária junto do bairro e da comunidade, por exemplo, “...ter um ou dois eventos comunitários anuais que a própria população organizava e dinamizada parece-me importante. Haver aquilo que falávamos, não é, que era uma espécie de comissão de moradores do bairro e haver

um responsável pela limpeza, não direto, mas assim haver áreas e cada um ter a responsabilidade de ir verificando se está tudo bem a nível da limpeza do espaço, está tudo bem ao nível das hortas, ou seja, haver aqui uma divisão por pelouros também não é dos habitantes, para que se sentissem responsabilizados” (Entrevistado 4) e eventos associados à integração das potencialidades dos moradores do bairro nos próprios eventos do concelho de Arganil, como aconteceu durante o projeto implementado no bairro, ou seja, “...temos a Câmara Municipal, junto com a parte de ação social, promover alguns eventos ali também no bairro.... Trazer, conforme já fizeram, levar para fazer doces essas coisas que eles sabem lá de melhor nessas festas que temos aqui dentro do concelho.” (Entrevistado 1)

Outra ideia e, considerada fundamental para a independência financeira das pessoas, era que os moradores tivessem um emprego ou pudessem frequentar formações profissionais porque “...é muito importante assegurarmos a integração daquelas pessoas das mais diversas formas. Algumas estão na idade de trabalho tanto quanto possível devem estar no mercado laboral.” (Entrevistado 2)

Afigura-se, ainda, a possibilidade de “...haver uma segunda fase dos Bairros Saudáveis, uma nova candidatura para se fazer, por exemplo, aquilo que perspetivavam que era um espaço comunitário, por exemplo, para crianças, um escorrega, um parque infantil pequenino, mas simbólico para as crianças ou duas ou três máquinas para os idosos fazerem exercício, por exemplo, e haver ali um forno comunitário, um tipo, um telheiro, muito artístico, pitoresco, aberto, com umas telhas, com umas madeiras, com os bancos de jardim, com um forno, com uma elaboração de uma mesa simples, mas que alguém quisesse fazer broa e fizesse broa e uns a faziam umas bolas, umas tigeladas... Eh pá, haver ali um forno comunitário...” (Entrevistado 5) e “continuar o desenvolvimento comunitário, participativo, rede de vizinhança, fortalecimento dos laços de amizade e de partilha de trabalhos, de ajuda...” (Entrevistado 5)

Foram ainda expressas ideias associadas às melhorias no interior das casas e a condição dos arruamentos que fazem a ligação entre as habitações como abordou o Entrevistado 3 “...essa parte, dos acessos e ainda, se possível, algumas intervenções interiores nas casas.”

Depois foram sugeridas dinâmicas de embelezamento do bairro como “...podia haver um concurso a ver quem é que tem um jardim mais apetrechado, mais bonito, tratado ou com o canteiro mais florido ou mais bem-posto ou com mais produtos hortícolas” (Entrevistado 5) e sugestões sobre a estrutura e organização das habitações, por exemplo, “...fazer as casas de modo que em vez de ser para uma família fosse para duas, por exemplo.” (Entrevistado 6)

Como ideia realçou-se ainda a importância do “... acompanhamento próximo, por parte da entidade gestora do espaço e pelas entidades de âmbito social local, de modo a que o trabalho agora realizado não termine.” (Entrevistado 7)

d) Visão sobre o bairro e as pessoas que nele habitam

Apesar das melhorias atrás descritas, observou-se ainda que existe muito a fazer no bairro e que no futuro seria importante continuar a desenvolver trabalho no mesmo.

Da análise das entrevistas percebeu-se que os entrevistados gostavam de ver o bairro no futuro com as evoluções que apresenta depois da implementação do projeto e também ver que as pessoas que nele habitam têm as suas condições de vida melhoradas em vários aspetos como “... as pessoas integradas do ponto de vista profissional e pessoal” (Entrevistado 2) e que possa ser “um bairro modelo, que ainda não é o modelo a nível nacional, mas assim a nível de vida daqui de Arganil, as pessoas agora passam ali, os vizinhos ficam contentes, as pessoas passam ali na frente do bairro ficam contente com tudo o que foi feito.” (Entrevistado 1)

É ambicionada uma continuação nas melhorias dos interiores das casas e nos arruamentos do bairro, neste caso, “...ver o bairro com mais intervenção ao nível de obra, se possível... Para ainda melhorarmos ainda a questão da vida e dos acessos...” (Entrevistado 3)

Ainda associado a melhorias estruturais e na parte da organização das habitações, idealizou-se a possibilidade de a dimensão do espaço ser maior ou de haver a construção de mais casas, ou seja, “...ver o espaço, se calhar um bocadinho mais ampliado.... Poderia dar para fazer mais duas ou três casas.” (Entrevistado 5)

Como sugestão sobre o supramencionado, seria interessante perceber que “...há sótãos que podem ser recuperados para habitarem mais pessoas e terem mais condições. Eu acho que precisavam ali uma intervenção habitacional maior para, por exemplo, uma família com três crianças, os quartos são muito pequenos.” (Entrevistado 5)

Numa perspetiva de ampliação, existe desejo de o bairro poder albergar outras pessoas, pois o Entrevistado 5 mencionou que “gostava de ver novas pessoas.... Outro tipo de pessoas...”

Sobre os moradores do bairro, deseja-se a possibilidade de haver um melhor ambiente no bairro, que os comportamentos e atitudes destes sejam adequados, como se tem observado “...nos últimos tempos, um bairro sereno, tranquilo, limpo e sobretudo com pessoas que me parecem orgulhosas de ali morar, e contentes por se sentirem parte integrante da vila ou do bairro onde o bairro está.” (Entrevistado 3)

Um último desejo e ambição manifestados, é que estas pessoas se empenhem na melhoria constante e que se possam sentir incluídas na sociedade, principalmente na comunidade arganilense, sendo que o Entrevistado 4 “gostava de ver o bairro... completamente integrado...na comunidade, ou seja, não são eles e nós” e que o Entrevistado 7 “gostaria que o bairro fosse apenas mais um de entre todos os que compõem a malha urbana arganilense, que quem olhasse para ele não o visse como um gueto. Que as pessoas que nele habitam estivessem plenamente integradas na sociedade envolvente e não se sentissem discriminadas por nele morar. Que fosse um bairro donde sobressaíssem boas práticas sociais e bons exemplos de vida.”

e) Participação ou Desenvolvimento de projetos futuros no bairro

Numa hipótese de ser possível participar ou desenvolver projetos futuros de melhorias no bairro, quis se perceber se havia interesse da entidade responsável e das entidades parceiras.

A entidade responsável mostrou-se disponível, dizendo que “desde que tenham e surja algum projeto que nós possamos fazer a candidatura. Nada impede se for para melhorar ali a vida deles...” (Entrevistado 1)

No que concerne ao interesse das entidades políticas do concelho e freguesia de Arganil, mostraram o seu apoio na participação em projetos futuros, “...naturalmente que estamos disponíveis e interessados em manter este tipo de colaboração” (Entrevistado 2) e que a “Junta de Freguesia estará sempre aberta à participação em projetos que visem a plena integração dos seus fregueses e que levem à melhoria da qualidade de vida dos mesmos, quer seja neste bairro quer seja noutra qualquer lugar da freguesia.” (Entrevistado 7)

Numa vertente ambiental do Município de Arganil, também houve uma reação positiva ao interesse em projetos futuros sendo que os mesmos poderão ser realizados “...se houver projetos na área do ambiente, o bairro, tal como qualquer outra casa ou prédio da vila, é parte integrante da vila, portanto não há questão para isso.” (Entrevistado 3)

Na vertente social da mesma entidade, foi referido que “...dentro daquilo que são as suas atribuições, mas aqui em parceria também para ajudar pelo menos com a segurança social, percebendo o que é que é possível, o que é que é possível fazer, portanto, quer para os moradores do bairro, quer para todos os habitantes que estejam numa situação de vulnerabilidade no Município, terá que ter, porque a sua missão, é sua essa obrigação, essa disponibilidade” (Entrevistado 4) e que “...os técnicos estão sempre disponíveis para dar ideias, que nós temos que ter espírito crítico, mas as decisões não possam por nós, mas nós podemos sugerir.” (Entrevistado 5)

f) Auxílio das entidades nas necessidades e dificuldades quotidianas dos moradores do bairro

Por último questionou-se se os moradores poderiam contar com o apoio das entidades nas suas necessidades e dificuldades quotidianas que possam vir a ser manifestadas.

As respostas foram bastante positivas, sendo que diversos entrevistados associam a função das entidades em questão a esse propósito, referindo que “é exatamente por isso que nós estamos, vamos querer fazer essas cobranças dessas pequenas taxas, não é para

igreja, mas sim para eles próprios para melhorar um pouquinho do que é preciso ali algumas emergências que vai ser necessário fazer no bairro.” (Entrevistado 1)

Mais do que isso, mencionaram que entre o passado, o presente e o futuro, a missão e a postura de ajudar foi sempre a mesma “já podiam antes e vão poder continuar a poder contar, como é obvio” (Entrevistado 3) e que poderão contar com o apoio “a 100%. A 390%. As portas do Município dos serviços de ação social estão sempre disponíveis para resolver os problemas, dentro das nossas competências e se não for é encaminhado para os serviços competentes.” (Entrevistado 5)

Concluindo, entendeu-se que as entidades se encontram sempre dispostas para auxiliar quem necessita e que o fazem de acordo com a “...área de competências e de acordo com a nossas possibilidades a Junta de Freguesia estará sempre presente para responder ás solicitações que possam vir a surgir quer no presente no futuro.” (Entrevistado 7)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusões e Recomendações

O presente estudo de caso sobre o Bairro São Vicente de Paulo, teve como objetivos gerais estudar e conhecer o Bairro São Vicente de Paulo, conhecer as intervenções realizadas no bairro e apresentar recomendações aos diversos níveis.

As metodologias de cariz qualitativo utilizadas para a recolha da informação, Pesquisa Bibliográfica e Documental, Conversas Informais, Observação Participante e Entrevistas Semiestruturadas, revelaram-se adequadas à prossecução dos objetivos referidos considerando-se que os mesmos foram alcançados.

Assim, apresenta-se, de seguida, uma síntese conclusiva que expõe uma visão de conjunto dos resultados obtidos, bem como um conjunto de recomendações consideradas relevantes para melhorar as condições do bairro, e, conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

O Bairro São Vicente de Paulo tem uma localização geográfica privilegiada, no centro da localidade, sendo este aspeto bastante importante para evitar contribuir para o seu isolamento e conseqüente estigmatização.

Com a realização do projeto de intervenção a relação entre as diversas entidades e os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo, melhorou significativamente, o que releva da sua importância.

O projeto de intervenção, proporcionou, também que a relação da entidade gestora do bairro com as outras entidades se tornasse num bom relacionamento, tendo evoluído e sido construído a partir da proximidade que se estabeleceu através da organização, realização e participação em várias atividades em conjunto.

Assim, o trabalho em rede e parceria constituiu-se, como um elemento muito importante, não só nos aspetos acima referido, mas em todas as outras vertentes em que ocorreu.

Constatou-se que no passado, para além da realização de pequenas obras esporádicas não houve intervenções de manutenção ou melhoria no bairro, daí o estado de degradação a que este chegou.

Essa degradação adveio de alguns fatores a ter em conta, nomeadamente, a falta de recursos financeiros alegados pela entidade responsável anterior pelo bairro bem como a postura dos moradores que não cuidaram da sua preservação.

O Município de Arganil ao longo da implementação deste projeto, revelou-se como umas das entidades fulcrais para o desenvolvimento do mesmo a todos os níveis.

O projeto foi constituído por um conjunto de intervenções de natureza diversa, todas elas importantes para a melhoria das condições do bairro e da qualidade de vida dos seus habitantes, tendo-se verificado que essas intervenções e os seus resultados foram ao encontro dos princípios do Desenvolvimento Local.

Este projeto permitiu a criação de relações de proximidade, a realização de atividades com as pessoas, a mobilização de um conjunto de esforços e de recursos, a mediação de relações, o envolvimento das entidades parceiras, a participação de alguns elementos da comunidade arganilense e outras entidades locais e a participação dos moradores no processo, trabalhando em prol do empoderamento das mesmas.

As pessoas participaram nas atividades e, em alguns momentos foram importantes fontes de transmissão de conhecimento em alguns aspetos de vida e vivências contribuindo, assim, para encontrar soluções para a resolução dos problemas.

Verificou-se que no concelho de Arganil são desenvolvidos alguns projetos que vão ao encontro dos princípios de Desenvolvimento Local, sendo que a entidade que mais se destaca neste domínio é o Município de Arganil.

Ficou clara a relevância da necessidade de realizar outros projetos no bairro, quer similares, ou seja, de continuidade, quer com finalidades e objetivos diferentes.

Defende-se, ainda que, devem ser preservados os resultados obtidos no projeto que foi implementado anteriormente e as relações que foram estabelecidas devem ser mantidas, ou seja, deve continuar a haver um acompanhamento contínuo do bairro e das pessoas que nele habitam.

Considera-se fulcral haver uma continuidade de acompanhamento do Bairro São Vicente de Paulo

Assim, e na sequência do trabalho de campo efetuado e das conclusões apuradas entende-se como relevante efetuar um conjunto de recomendações que podem melhorar

as condições do bairro, e, conseqüentemente a qualidade de vida dos seus habitantes, as quais se repartem por diversos domínios, ambiental, social, económico, urbanístico, entre outros.

As recomendações são as seguintes:

- Obter a colaboração de um voluntário intérprete de Língua Gestual Portuguesa;
- Realizar uma festa anual no Bairro São Vicente de Paulo;
- Entregar um cabaz de natal e realizar um jantar de natal anualmente;
- Efetuar a Queima do Cepo de Natal no bairro;
- Contratar um profissional ou nomear um elemento da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil que assuma a responsabilidade, em permanência, do acompanhamento do bairro;
- Fazer, anualmente, uma árvore de natal comunitária;
- Criar um apoio personalizado junto das crianças que moram no bairro;
- Comemorar as épocas festivas e dias simbólicos através da realização de atividades;
- Instalar água e iluminação na zona de cultivos, arrumos e instalações de animais;
- Estabelecer um dia de limpeza dos espaços públicos do bairro dado que este não é abrangido pelos serviços de limpeza urbana municipal por se tratar de um espaço de gestão privada;
 - Reparar os sistemas de canalização de água e esgotos do bairro;
 - Realizar um concurso para premiar a melhor horta, no sentido de incentivar as pessoas a melhorar os seus espaços de cultivo, podendo, inclusive, potenciar a sua produção de alimentos;
 - Pagar mensalmente uma comissão (“renda”) e depositar o montante numa conta bancária em nome do Bairro São Vicente de Paulo, com a finalidade de manutenção e melhoramento deste, bem como de sensibilização dos moradores para a importância da preservação das habitações e dos espaços comuns;
 - Proceder à substituição dos telhados das habitações;
 - Revitalizar a zona superior do bairro (zona de cultivos, arrumos e instalações de animais);
 - Proceder à pavimentação das ruas;
 - Colocar placas de identificação em cada terreno da zona superior do bairro;

- Colocação de uma placa toponímica de localização do bairro;
- Efetuar a reparação das janelas e das portas interiores e exteriores das habitações;
- Construção de um parque de estacionamento;
- Criar um parque de convívio no espaço exterior, comum, do bairro;
- Melhorar e embelezar a entrada do bairro;

E por último, menciona-se que a investigadora se sentiu gratificada com este estudo, pois teve a oportunidade de vivenciar este processo de uma forma mais participativa, observando e aprendendo ensinamentos para a vida como “Nem tudo o que brilha é ouro!” e que devemos “Agir sempre com a razão e não só com o coração”. Esta refere ainda que, o bairro social comporta um misto de sensações e de experiências que nunca mais se esquecem.

Evidencia-se, relativamente à aquisição de resultados num contexto social ou em outra vertente da vida, que acredita que é na maneira como nos dedicamos às causas que elas resultam, na maneira como nos entregamos e nos doamos às mesmas.

Para complementar esta visão escreveu-se uma poesia, que transmite alguns acontecimentos, observações e vivências no Bairro São Vicente de Paulo.

Poema

Hoje, decidi não me calar
Decidi doar-me...
Na medida do conhecimento,
Da experiência latejante
E do sufoco que atormenta.
Louvo àqueles que com pessoas trabalham,
Que movem esforços para tudo melhorar,
Que juntam recursos,
Sejam eles quais sejam,
Para fazer as causas caminhar.

Percebo incessantemente
Que o trabalho não se fez meramente
Por uma dúzia de moedas
Que nos encham os bolsos, muitas vezes, de ganância,
Mas sim de honra e devoção
Pelo que se gosta de fazer,
Por dom que nos foi entregue
E pelas escolhas que assumimos durante o processo,
Por amor àquilo que tentámos ajudar
Melhorando o ser, o estar e o fazer
E ao mesmo tempo progredir no nosso crescimento,
Profissional e pessoal.
Este é um social que nos rodeia,
Movido de armas para chegar a um objetivo,
Analisando estratégias para chegar ao destino
E pelo meio,
O protagonismo colocar-se atrás das cortinas.
Cada vez mais se vê,
A necessidade atrás da porta
E poucos lutadores prontos a entregar-se
De corpo e alma a um bem maior.
Pergunto-me se estarei errada?
Aos meus olhos não...
As mãos que me fazem escrever
E desabafar um pouco convosco
Do peso que carrego comigo
São as mesmas que trabalham arduamente
Por um sorriso no rosto de quem precisa,
Tanto ou mais que eu,
Fazendo sentido tentar cumprir o resto da missão.

Munidos de força juntos,
Saberemos que conseguiremos atingir resultados
Plausíveis de se ver e sentir...
E quiçá daí refletir...
Muitas vezes, o caminho é longo,
O processo é árduo
E a dor é o que mais se carrega.
Outras vezes, tudo é mais claro
Os dias são mais leves
E contagiados de sorrisos de satisfação
Ou de palavras de gratidão.
Olhamos o mundo,
Vemos de tudo,
O bom, o mau,
O que critica,
O que intensifica a obra,
Os que nada têm,
Os que tudo possuem...
Mas vemos também,
Os que carregam as pedras,
Os que secam as lágrimas,
Os que contam as histórias,
Os que agarram quando caem,
Os que sorriem quando estão sós...
Vemos todos aqueles que realmente,
Querem e lutam por algo diferente e melhor
E que se aprimoram na busca de si mesmos.
Isso é a intervenção mais bonita
E triunfante verificada!
O desenvolvimento de um local,

Verifica-se no mesmo antro de vivência,
Criando impacto para o resto do bem-estar da comunidade
E a evolução interior faz jus à mudança
De comportamentos e de atitudes,
Que outrora não permitiram a contribuição para este patamar.
O processo é mais recompensador,
Quando a consciência assimilar que...
Resulta de fora para dentro
E conseqüentemente de dentro para fora.
Portanto...
Se vives intensamente esta realidade,
Que não te canses ao ler-me,
Sorri ao ver-me...

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- Amaro, R. (2001). O conceito de desenvolvimento local no quadro da revisão do conceito de desenvolvimento. *J. Albino (Supervisão), Desenvolver (Des) Envolvendo: Reflexões e Pistas para Desenvolvimento Local*, Messejana, ESDIME, 155-169.
- Amaro, R. (2004). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, (4), 35-70. Disponível em: [Desenvolvimento — um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria \(openedition.org\)](#)
- Amiguiinho, A. (2005). Educação em meio rural e desenvolvimento local. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(2), 7-43. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872005000200002
- Baker, S. (2006). *Sustainable Development*, 2. London, England: Routledge.
- Baptista, I. (2006). Problemas, dilemas e desafios éticos de intervenção sócio-Educativa. In *Actas do Encontro Intervenção Social, Saberes e Contextos*, 61-73. Disponível em: [Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa: Problemas, Dilemas e Desafios Éticos na Intervenção Sócio-Educativa \(ucp.pt\)](#)
- Barreto, R. (2004). O empoderamento de comunidades e o desenvolvimento local. In *XLII Congresso Da Sober, Cuiabá-MT. Dinâmicas Setoriais e Desenvolvimento Regional*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280134569_O_EMPODERAMENTO_DE_COMUNIDADES_E_O_DESENVOLVIMENTO_LOCAL_-_COMMUNITY_EMPOWERMENT_AND_LOCAL_DEVELOPMENT
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1982). *Qualitative Research for Education: An Introduction Theory and Methods*. Boston, Massachusetts: Allyn & Bacon.
- Bulhões, A. (2017). *Uma abordagem sobre as estratégias para a promoção do desenvolvimento sustentável*. (Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande). Disponível em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/3082/3/ANDERSON%20AMARAL%20DE%20BULH%C3%95ES%20E%2080%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PPGSA%20PROFISSIONAL%202017.pdf>

- Calleja, R. (2008). Os professores deste século. Algumas reflexões. *Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigación, Biodiversidad y Desarrollo*, 27(1), 119-117. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/8cb5/96da0a27837003979488482a096e108733eb.pdf?_ga=2.27406644.909800384.1574954144-964476625.1574954144
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, N. (2009). Desenvolvimento Local Sustentável: A Agenda 21 Local como instrumento de política privilegiado para a sua implementação. In *BARLIA, Revista Científica sobre Ambiente e Desenvolvimento*, (5), 79-94.
- Carvalho, N. (2016). Do paradigma funcionalista ao paradigma territorialista: discursos, práticas e contradições sobre o desenvolvimento local. In *Atas do II Congresso Internacional Educação, Ambiente e Desenvolvimento, Leiria, OIKOS*, 86-98.
- Cid, X., & Peres, A. (2007). *Educação Social, Animação Sociocultural e Desenvolvimento Comunitário*. Universidade de Vigo e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, I, 207-216. Disponível em: <https://biblioteca.cm-barcelos.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=31206>
- Comissão Mundial do Ambiente e do Desenvolvimento. (W.C.E.D.) [1987] - (1991). *O Nosso Futuro Comum*. Lisboa: Meribérica/Liber.
- Faria, M. (2009). Educação para o Empreendedorismo e Desenvolvimento Comunitário. In *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, 4202-4215. Disponível em: <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/t9/t9c311.pdf>
- Fialho, J. (2021). *Manual para a Intervenção Social. Da Teoria à Ação*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Fragoso, A. (2005). Desenvolvimento participativo: uma sugestão de reformulação conceptual. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 23-51. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26465062_Desenvolvimento_Participativo_uma_sugestao_de_reformulacao_conceptual
- Freitas, M. (2005). Educação para o Desenvolvimento Sustentável: sugestões para a sua implementação no âmbito da Década das Nações Unidas. In *Actas Electrónicas do VIII Congresso Galaico-Português de PsicoPedagogia*, 1473-1488. Disponível em: [Educação para o Desenvolvimento Sustentável: sugestões para a sua implementação no âmbito da Década das Nações Unidas | Request PDF \(researchgate.net\)](#)
- Guerra, I. (2007). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia da Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia Editora.
- Guerra, J., Nave, J., & Schmidt, L. (2004). *Agenda 21 Local: Autarcas, participação e desenvolvimento sustentável*. In *Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Acção: Ambiente*, 51-61. Disponível em: [Agenda Local 21 - relatório de progresso \(aps.pt\)](#)
- Gomez, J., Freitas, O., & Callejas, G. (2007). Perspetivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade. *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local* (1.ª ed., 159-243). Porto: Profedições.
- Gomez, J., Freitas, O., & Callejas, G. (2007a). *Orientações complexas da relação educação-desenvolvimento*, 215-243.
- Gonçalves, H., Costa, A., & Cristóvão, A. (2013). Empoderamento de Comunidades Rurais como Prática de Revitalização de Aldeias. *Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado*, 3(2), 86-99. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229773645.pdf>
- Idanez, M., & Ander-Egg, E. (2007). *Diagnóstico Social. Conceitos e metodologia*. Porto: REAPN.
- Junior, R., & Ferreira, L. (2013). Sustentabilidade na era das conferências sobre meio ambiente e desenvolvimento – um olhar para ecologia e economia. *Ambiente & Sociedade*, 16(1), 1-18. Disponível em: [SciELO - Brasil - Sustentabilidade na era das conferências sobre meio ambiente e desenvolvimento - um olhar para ecologia e](#)

[economia Sustentabilidade na era das conferências sobre meio ambiente e desenvolvimento - um olhar para ecologia e economia](#)

- Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção - Associação para a promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, M. (2011). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves: Intervenção - Associação para a promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, P. (2012). *Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber*. Camões - Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa, 1-12. Disponível em: [Camões - Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa: Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber \(ual.pt\)](#)
- Peretz, H. (2000). *Métodos em sociologia*. Lisboa: Temas e Debates.
- Martinez, J. & Julio, C. (1998). *A sustentabilidade do desenvolvimento local. Desafios de um proceso em construção*. Brasil: IICA.
- Martins, M., & Cândido, G. (2012). Índices de Desenvolvimento Sustentável para localidades: Uma proposta Metodológica de Construção e Análise. *Environmental & Social Management Journal/Revista de Gestão Social e Ambiental*, 6(1), 3- 19. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Gesinaldo-Candido-2/publication/316311014_INDICES_DE_DESENVOLVIMENTO_SUSTENTAVEL_PARA_LOCALIDADES_UMA_PROPOSTA_METODOLOGICA_DE_CONSTRUCAO_E_ANALISE_D_OI105773rgsav6i1229/links/59033a5a0f7e9bc0d58d2e6c/INDICES-DE-DESENVOLVIMENTO-SUSTENTAVEL-PARA-LOCALIDADES-UMA-PROPOSTA-METODOLOGICA-DE-CONSTRUCAO-E-ANALISE-DOI105773-rgsav6i1229.pdf
- Mendes, A. (2013). *Projeto de Desenvolvimento Comunitário da Vila de Benedita entre 1962 e 1964: Refletindo sobre as modificações económicas, sociais, educativas e culturais* (Dissertação do Mestrado, Instituto Politécnico de Leiria). Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1816/1/Disserta%20Junho%202013.pdf>
- Montez, M. (2015). *Animação Sociocultural e Metodologia Participativa de Projectos em Contextos de Intervenção Social: os projectos Buga Malta e Al-Futuro*. (Trabalho

para obtenção do título de Especialista em Animação Sociocultural, Instituto Politécnico de Coimbra).

- Moreno, C. (2012). *Desenvolvimento Comunitário, Serviço Social e Mediação Social. Papel do Assistente Social como Mediador Social no Processo de Desenvolvimento Comunitário*. (Memória Monográfica, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38682696.pdf>
- Nascimento, E. (2012). Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. *Estudos Avançados*, 26(74), 51-64. Disponível em: [SciELO - Brasil - Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico](#)
- Oliveira, G. (2002). Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista da FAE*, 5(2), 37-48. Disponível em: [Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento | Revista da FAE](#)
- Piedade, B. (2017). A educação e o desenvolvimento comunitário como alavanca crucial para a coesão social. *Revista Científica de Educação*, (39), 35-52. Disponível em: [A educação e o desenvolvimento comunitário como alavanca crucial para a coesão social \(researchgate.net\)](#)
- Ramos, M., & Patrício, O. (2014). Políticas e Estratégias de coesão económica, social e territorial para um Desenvolvimento Sustentável. *Estudos sobre Grandes Problemáticas do Espaço Europeu-Diversidade Territorial e Oportunidades de Desenvolvimento num Cenário de Crise.*, 316-335. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13214.pdf>
- Reis, P. (2012). Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local. *Exedra: Revista Científica*, (6), 155-172. Disponível em: [Repositório Comum: Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local \(rcaap.pt\)](#)
- Rúbino, M., & Varas, J. (2004). *El análisis de la Realidade en la Intervención Social*. Madrid: Editorial CCS.
- Silva, M., Cândido, G., & Martins, M. (2009). Método de construção do índice de Desenvolvimento Local Sustentável: Uma proposta metodológica e aplicada. *Revista*

Brasileira de Produtos Agroindustriais, Campina Grande, 11(1), 55-72. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Gesinaldo-Candido/2/publication/277927932_METODO_DE_CONSTRUCAO_DO_INDICE_DE_DESENVOLVIMENTO_LOCAL_SUSTENTAVEL_UMA_PROPOSTA_METODOLOGICA_E_APLICADA/inks/54713b590cf216f8cfad0d5e/METODO-DE-CONSTRUCAO-DO-INDICE-DE-DESENVOLVIMENTO-LOCAL-SUSTENTAVEL-UMA-PROPOSTA-METODOLOGICA-E-APLICADA.pdf

- Silva, M. (1964). Oportunidade do Desenvolvimento Comunitário em Portugal. *Análise Social*, 2(7/8), 498-510. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41007689?seq=1>
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Steiner A., & Farmer J. (2018). Engage, participate, empower: Modelling power transfer in disadvantaged rural communities. *Environment and Planning C: Politics and Space*, 36(1), 118-138. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315989416_Engage_participate_empower_Modelling_power_transfer_in_disadvantaged_rural_communities
- Veiga, J. (2010). Indicadores de sustentabilidade. *Estudos Avançados*, 24 (68), 39-52. Disponível em: [\(PDF\) Indicadores de sustentabilidade \(researchgate.net\)](#)
- Viveiros, A. (2008). Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios. *Quaderns d'Animació i Educació Social*, (8), 1-14. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7594093>

Fontes

- Bairros Saudáveis. (2020). *Programa Bairros Saudáveis*. Disponível em: <https://www.bairrossaudaveis.gov.pt/o-programa/o-que-e/index.htm>
- Câmara Municipal de Arganil. (2015). *Diagnóstico Social do Concelho de Arganil*. Disponível em: <https://www.cm-arganil.pt/wp-content/uploads/2015/11/diagnostico-social-2015.pdf>
- Freguesia de Arganil. (2021). *História da Terra*. Disponível em: <https://arganil.pt/junta-de-freguesia/historia-da-terra/>
- Jornal Bairros Saudáveis. (2021). *Projeto "Arco Íris" - "Vem Dar Cor à Tua Vida"*. Disponível em: <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/00000344/index.htm>
- Município de Arganil. (2021). *Investir – Concelho*. Disponível em: <https://www.cm-arganil.pt/viver/concelho/>
- PORDATA. (2021). *Quadro-Resumo: Comparação de Arganil com NUTS III*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/censos/quadro-resumo-comparar/arganil-490>
- VisitArganil. (2021). *Descobrir Arganil*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/descobrir/>

ANEXOS

Anexo I - Declaração de Autorização para a execução do estudo

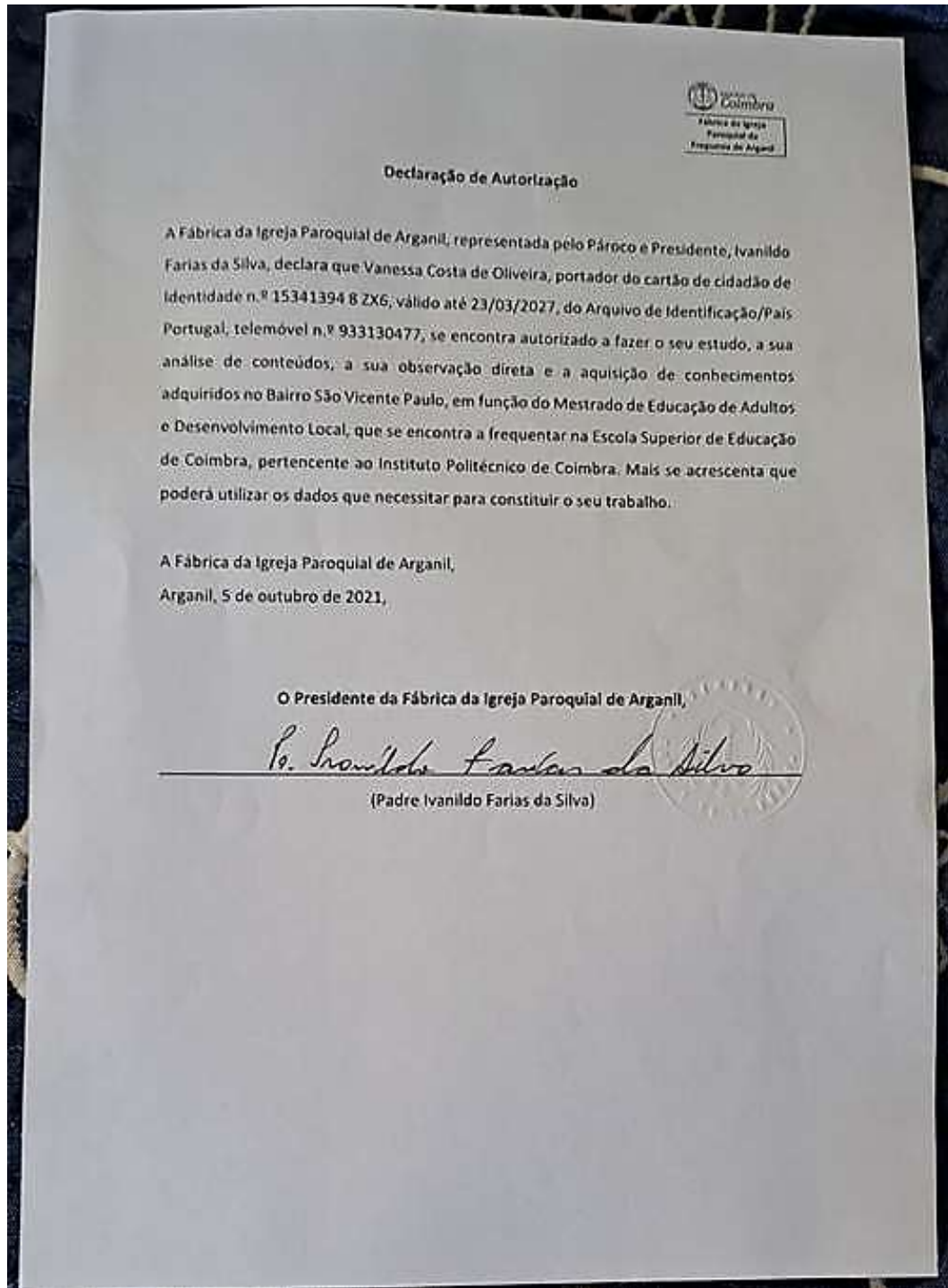


Figura 2 - Declaração de Autorização para a execução de um Estudo no Bairro São Vicente de Paulo

Anexo II - Planta do Bairro São Vicente de Paulo

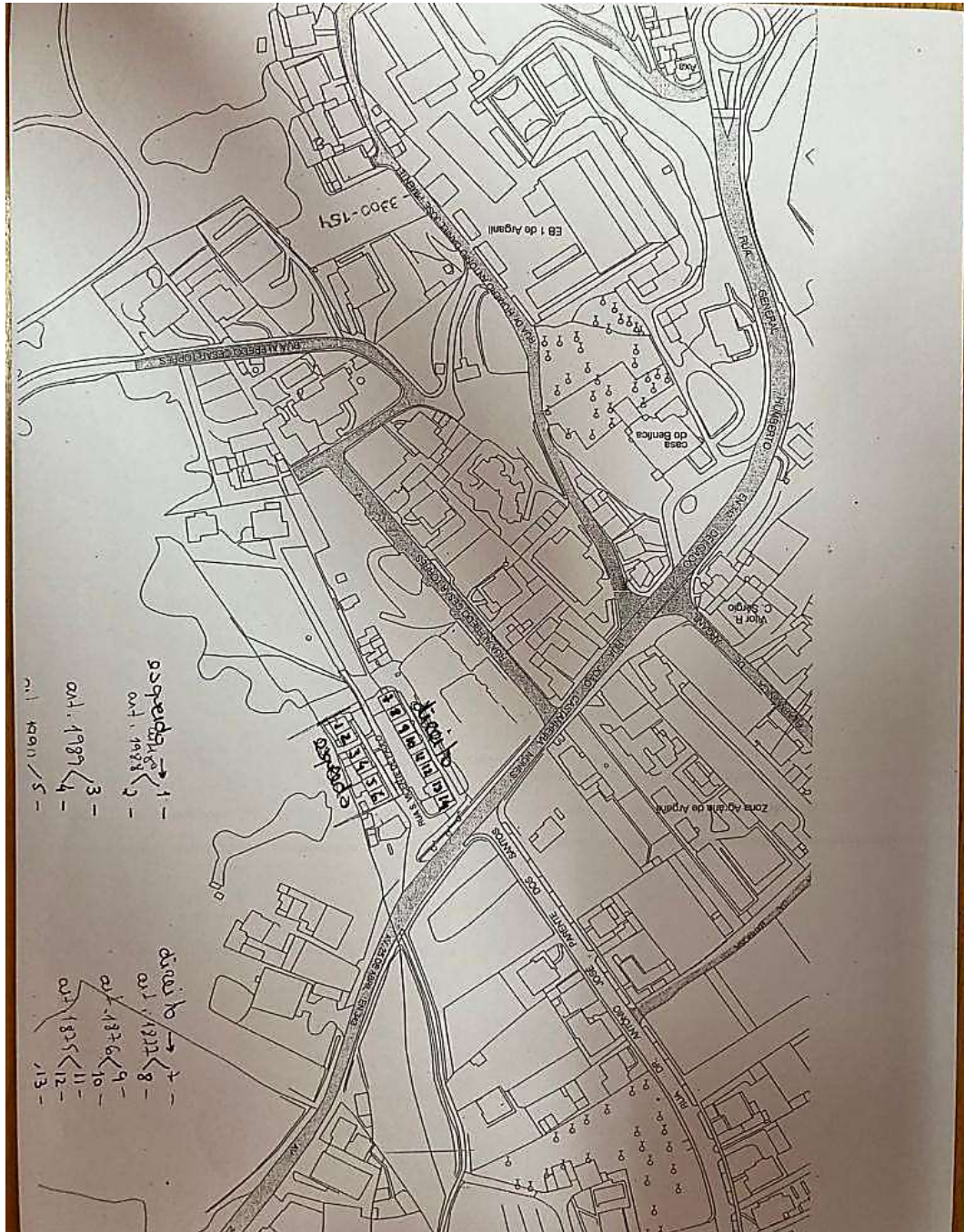


Figura 3 - Planta do Bairro São Vicente de Paulo

Anexo III – Esboço da zona habitacional do Bairro São Vicente de Paulo

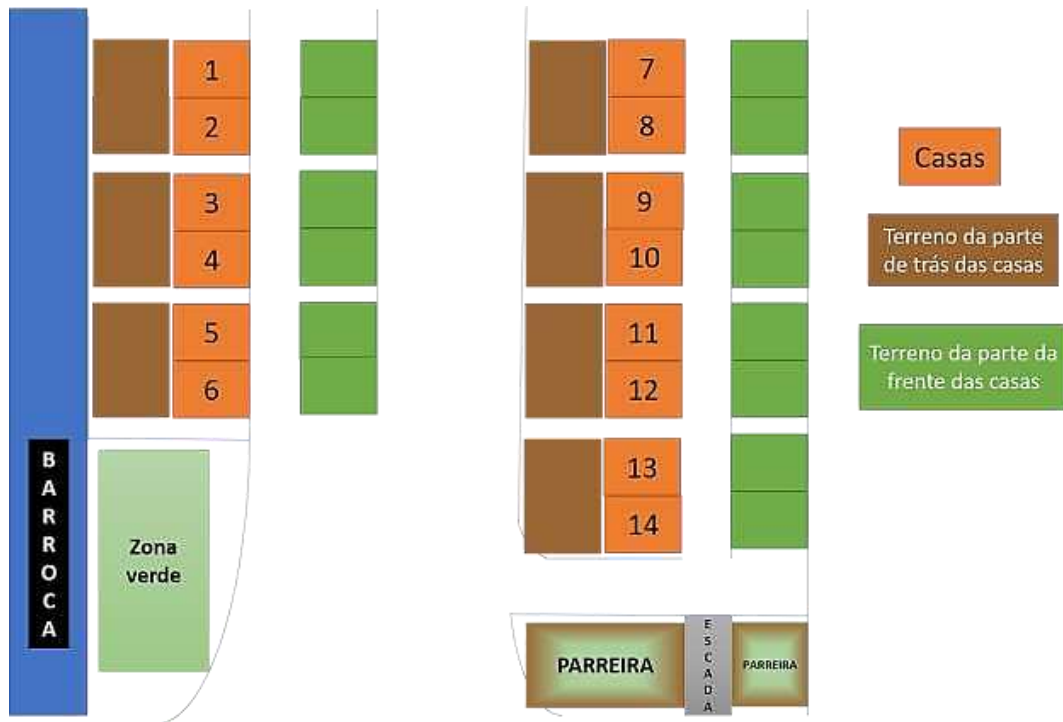


Figura 4 – Esboço da zona habitacional do Bairro São Vicente de Paulo

Anexo IV - Mapa Topográfico do Bairro São Vicente de Paulo (Parte Superior)

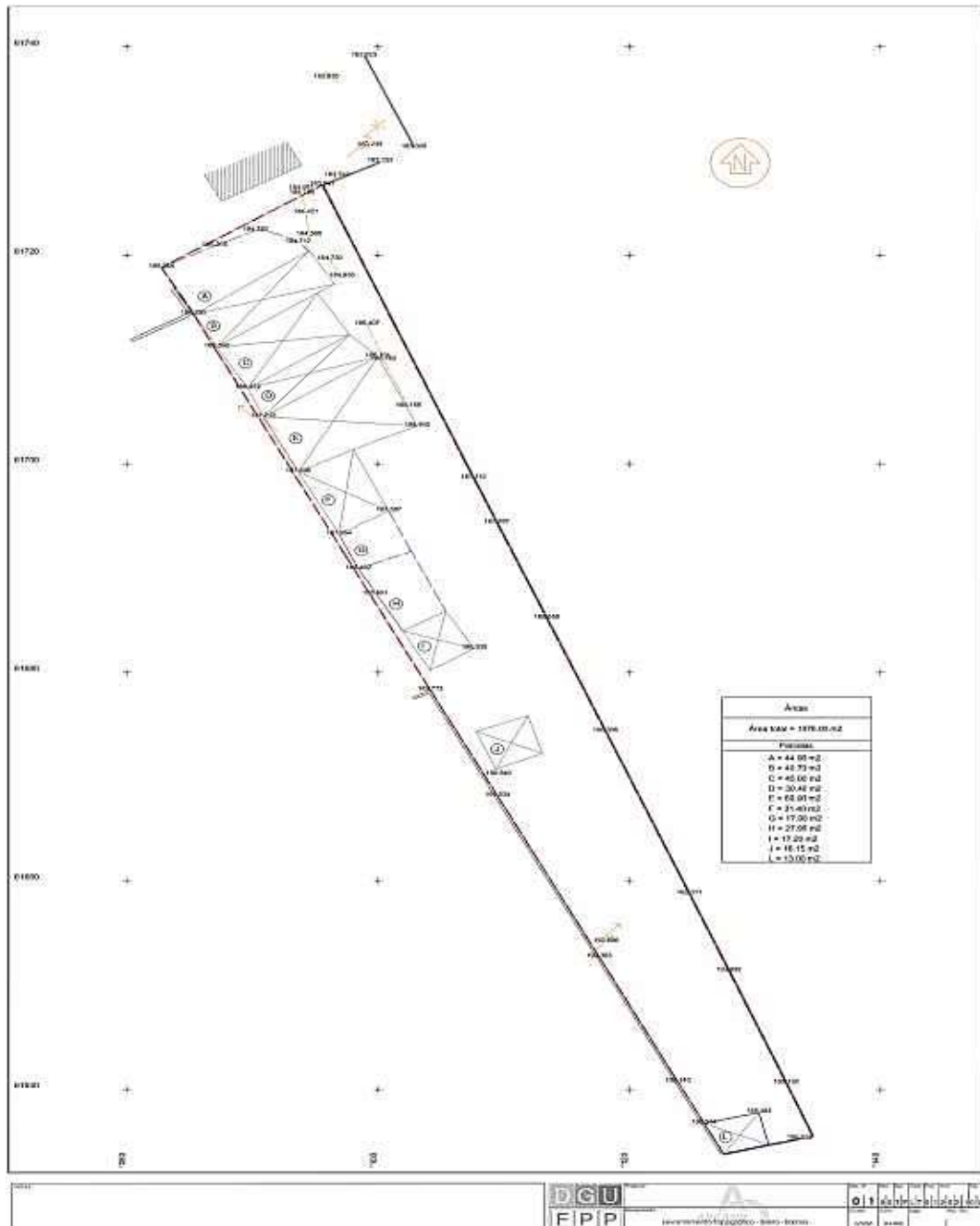


Figura 5 - Mapa Topográfico da zona superior do Bairro São Vicente de Paulo (Zona de cultivo, de acesso aos animais e de arrumos)

Anexo V – Resumo do Programa Bairros Saudáveis

O Programa Bairros Saudáveis é um programa público, de natureza participativa, para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida em territórios vulneráveis.

É um programa de pequenas intervenções, através do apoio a projetos apresentados por associações, coletividades, organizações não governamentais, movimentos cívicos e organizações de moradores, em articulação com as autarquias, as autoridades de saúde ou demais entidades públicas. Visa sobretudo dar algum poder, no sentido de “poder fazer”, a comunidades residentes e pessoas ou organizações intervenientes em territórios vulneráveis.

Os seus objetivos específicos são:

- Promover iniciativas de desenvolvimento local e de capacitação das comunidades locais, dando apoio material e institucional à auto-organização da população e à sua participação na melhoria das respetivas condições de vida e dos determinantes em saúde;
- Viabilizar intervenções céleres e eficazes que criem comunidades mais resilientes, inclusivas e saudáveis, através da transformação do capital social e humano, da cidadania ativa e do trabalho em rede;
- Promover o desenho e a gestão participados na construção e requalificação de espaços públicos e/ou comuns mais seguros, inclusivos e saudáveis, que valorizem o desenvolvimento humano e a sustentabilidade ambiental;
- Eliminar barreiras ou fatores de discriminação, contribuindo para uma imagem positiva das diferentes comunidades que partilham o espaço local e combatendo informações falsas ou estigmatizantes.

O programa compreende todo o território continental português e dirige-se a territórios, bairros ou zonas onde se verifiquem pelo menos três das seguintes sete condições:

- Condições de habitabilidade deficientes ou precárias;
- Número significativo de moradores com rendimentos baixos ou muito baixo;

- Número significativo de pessoas de risco em caso de COVID-19;
- Número significativo de pessoas com constrangimentos de acesso a cuidados de saúde;
- Taxa de cobertura vacinal do Programa Nacional de Vacinação, atualizado para a idade, inferior a 95 %;
- Número significativo de crianças e jovens em idade escolar a não frequentar a escola ou com elevada percentagem de insucesso;
- Número significativo de pessoas em situação de exclusão social, isolamento ou abandono.

O Programa Bairros Saudáveis tem uma verba de 10 milhões de euros, provenientes das seguintes fontes de financiamento:

- 7 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), Componente 3 - Respostas Sociais, Investimento RE-C03-i06.01 – “Operações Integradas em Comunidades Desfavorecidas nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto – Subinvestimento Programa Bairros Saudáveis”;
- 2,1 milhões de euros do Fundo Ambiental, Ministério do Ambiente e Ação Climática;
- 0,9 milhões de euros do Ministério da Saúde.

Anexo VI – Resumo do Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida”

O Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida” (Candidatura N.º 283, do Programa Bairros Saudáveis), foca-se numa intervenção multifacetada, de participação comunitária e de parcerias locais. A candidatura foi financiada com 50 mil euros.

A intervenção foi realizada junto de 14 habitações e 24 moradores no Bairro São Vicente de Paulo, na freguesia e concelho de Arganil, respeitando os cinco eixos de intervenção distintos, nomeadamente a saúde, o social, o económico, o ambiental e o urbanístico.

Este bairro apoia famílias carenciadas, na cedência de habitação a título gratuito.

O objetivo principal que move todo este projeto pretende contribuir para a melhoria da qualidade de vida e da dignidade Humana da população de estratos sociais desfavorecidos ou em situação de vulnerabilidade social, nomeadamente a residente no Bairro São Vicente de Paulo, através de intervenções concertadas (personalizadas e/ou coletivas) entre as entidades: promotora, parceiras e a população residente, decorrentes do levantamento de necessidades aquando da auscultação pública.

O Bairro São Vicente de Paulo sempre foi estigmatizado perante a comunidade arganilense, devido aos comportamentos de alguns moradores e a diversos problemas existentes no mesmo. Portanto, o bairro foi apelidado “Bairro dos Pobres”, denominação usada nos tempos antigos, sendo que com este projeto foi alvo de uma análise e de uma visão de esperança.

Para atingir os objetivos que foram colocados como prioridade, o projeto abrangia 15 atividades bem distintas, mas extremamente importantes e necessárias neste contexto. As atividades mencionadas anteriormente foram: Atividade 1 - “Proteja-se do COVID-19”; Atividade 2 - “Como melhorar e manter as condições de habitabilidade”; Atividade 3 - “Workshop + Saúde”; Atividade 4 - “Elaboração de Regulamento de Funcionamento e de Código de Conduta de residente, no Bairro São Vicente de Paulo”; Atividade 5 - “Atelier’s de Famílias - Saber Ser, Saber Estar, Saber Fazer”; Atividade 6 - “Partilha de Saberes”; Atividade 7 - “Elaboração de uma Exposição Fotográfica do Bairro São Vicente de Paulo e Apresentação Pública”; Atividade 8 - “Qual o caminho a escolher?”; Atividade 9 - “Põe o

Bairro a Separar e a Reciclar”; Atividade 10 - “Compostar é Reciclar”; Atividade 11 - “Reforço de Hortas Biológicas - As Hortas cá do Bairro”; Atividade 12 - “+ Saúde e bem-estar animal”; Atividade 13 - “Requalificação de 14 Habitações”; Atividade 14 - “Vem dar cor ao Bairro - Participa como Voluntário”; Atividade 15 - "Remoção de "monos".

A Entidade promotora do projeto é a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil e contou ainda com o envolvimento de várias entidades parceiras como a Autoridade de Saúde Pública – Concelho de Arganil, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil – Centro de Saúde de Arganil, a Passo a Passo com a Criança e a Família - Associação de Ajuda Psicossocial em articulação com o CLDS 4G de Arganil, o Município de Arganil, a Associação Juvenil CUME – Cultura Urgente para a Mudança Enérgica, a Freguesia de Arganil e a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil.

É ainda importante mencionar que, apesar de a candidatura ter um determinado número de atividades a cumprir, todos os envolvidos se desafiaram a fazer mais, a trabalhar mais em prol do local e junto com os moradores que nele residem, por isso, foram realizadas Atividades Adicionais como: Receção de Donativos; Visita do Pai Natal ao Bairro São Vicente de Paulo e Entrega do Cabaz de Natal; Dia dos Afetos; Limpeza no Bairro São Vicente de Paulo; Demolição de Barracões e Limpeza da Barroca; Distribuição de Paz e Fé no Bairro São Vicente de Paulo; Acolhimento de duas Estagiárias e uma Voluntária no Projeto; Sessão Fotográfica no Sub-Paço com as crianças do bairro; Criação de um Logótipo para o Bairro São Vicente de Paulo; Aula de Pilates; Reunião com Stakeholders; Campanha de Donativos junto de uma empresa local; Campanha de Apoio à Ucrânia; Visitas: Igreja Matriz de Arganil; Museu de Arte Sacra; Capela do Mont’alto e à Gruta da Nossa Senhora de Lurdes; Entre outras atividades.

Para além de todas estas dinâmicas, o bairro, os moradores e a entidade responsável pelo local foram chamados a participar em atividades que os integravam na comunidade e onde possibilitava mostrarem as suas potencialidades, por exemplo: Visita ao Bairro – Dicas de Poupança Ambientais; Mercado de Natal; Realização de uma Apresentação sobre o Projeto e área de estudo das alunas e Visita ao Bairro São Vicente de Paulo da turma do 12.º ano, do Curso Profissional de Animação Sociocultural; Campanha de Doação de

Livros; Festival Intercultural; Júri das Provas de Aptidão Profissional das alunas do 12.º ano do Curso Profissional de Animador/a Sociocultural.

Ou seja, constata-se no total que entre a realização de atividades e a participação em outras, se realizou mais de 45 atividades a esta causa, quando em candidatura estavam apenas estipuladas obrigatoriamente 15 atividades.

Como curiosidade surge ainda a necessidade de referir que houve outras entidades locais que estiveram envolvidas nas atividades da candidatura que foram implementadas, a mencionar: Entidade Jurídica; Duas Estagiárias do Agrupamento de Escolas de Arganil; Voluntária do Projeto; Biblioteca Municipal Miguel Torga; Rádio Clube de Arganil; Rádio Sol Amigo; Elementos do Projeto @GIR – Gabinete de Inovação Regional (Iniciativa do Politécnico de Coimbra); Voluntários que participaram nas diferentes atividades, pertencente à comunidade arganilense ou exterior a ela; Construções Ramal das Medas, Unipessoal, Lda.; Abel Lourenço Dinis, Unipessoal, Lda.; Idealconcept; Agrupamento Escolas de Arganil; Professora que dá aulas de Pilates no Centro Paroquial de Arganil; Entre outras entidades que apoiaram esta grande jornada.

Toda esta caminhada permitiu dar uma nova imagem ao Bairro São Vicente de Paulo e dignificá-lo mais, as ações foram pensadas para garantir uma continuidade e um acompanhamento futuro. No que diz respeito aos objetivos do projeto foram todos cumpridos e ainda superados.

Anexo VII - Fotografias do Projeto “Arco-Íris” – “Vem Dar Cor à Tua Vida”

a) Bairro São Vicente de Paulo antes da implementação do Projeto



Figuras 6 a 14 – Bairro São Vicente de Paulo antes da implementação do Projeto

b) Atividades da Candidatura N.º 283 - Projeto "Arco-Íris" - "Vem Dar Cor à Tua Vida" (Implementação)

b.1) Atividade 1 - "Proteja-se do COVID-19"



Figuras 15 a 18 - Fotografias da Atividade 1 - "Proteja-se do COVID-19"

b.2) Atividade 2 - "Como melhorar e manter as condições de habitabilidade"



Figuras 19 - Fotografia da Atividade 2 - "Como melhorar e manter as condições de habitabilidade"

b.3) Atividade 3 - “Workshop + Saúde”



Figuras 20 a 23 - Fotografias da Atividade 3 - “Workshop + Saúde”- Fotografias da Atividade 3 - “Workshop + Saúde”

b.4) Atividade 4 - “Elaboração de Regulamento de Funcionamento e de Código de Conduta de residente, no Bairro São Vicente de Paulo”



Figuras 24 a 26 - Fotografias da Atividade 4 - “Elaboração de Regulamento de Funcionamento e de Código de Conduta de residente, no Bairro São Vicente de Paulo”

b.5) Atividade 5 - "Atelier's de Famílias" – "Saber Ser, Saber Estar, Saber Fazer"



Figuras 27 a 33 – Fotografias da Atividade 5 - "Atelier's de Famílias" – "Saber Ser, Saber Estar, Saber Fazer"

b.6) Atividade 6 - "Partilha de Saberes"



Figuras 34 a 38 – Fotografias da Atividade 6 - "Partilha de Saberes"

b.7) Atividade 7 - “Elaboração de uma Exposição Fotográfica do Bairro São Vicente de Paulo e Apresentação Pública”



Figuras 39 a 46 – Fotografias da Atividade 7 - “Elaboração de uma Exposição Fotográfica do Bairro São Vicente de Paulo e Apresentação Pública”

b.8) Atividade 8 - “Qual o caminho a escolher?”



Figuras 47 e 48 – Fotografias da Atividade 8 - “Qual o caminho a escolher?”

b.9) Atividade 9 - “Põe o Bairro a Separar e a Reciclar”



Figuras 49 a 52 – Fotografias da Atividade 9 - “Põe o Bairro a Separar e a Reciclar”

b.10) Atividade 10 - “Compostar é Reciclar”



Figuras 53 a 56 – Fotografias da Atividade 10 - “Compostar é Reciclar”

b.11) Atividade 11 - “Reforço de Hortas Biológicas” – “As Hortas cá do Bairro”



Figuras 57 a 62 – Fotografias da Atividade 11 - “Reforço de Hortas Biológicas” – “As Hortas cá do Bairro”

b.12) Atividade 12 - “+ Saúde e bem-estar animal”



Figuras 63 a 67 – Fotografias da Atividade 12 - “+ Saúde e bem-estar animal”

b.13) Atividade 13 - “Requalificação de 14 Habitações”





Figuras 68 a 79 – Fotografias da Atividade 13 - “Requalificação de 14 Habitações”

b.14) Atividade 14 - “Vem dar cor ao Bairro - Participa como Voluntário”





Figuras 80 a 88 – Fotografias da Atividade 14 - “Vem dar cor ao Bairro - Participa como Voluntário”

b.15) Atividade 15 - “Remoção de "mono"





Figuras 89 a 99 – Fotografias da Atividade 15 - “Remoção de “monos”

c) Atividades Adicionais Realizadas com os moradores

c.1) Receção de Donativos



Figuras 100 a 104 – Fotografias da Atividade “Receção de Donativos”

c.2) Visita do Pai Natal ao Bairro São Vicente de Paulo e Entrega do Cabaz de Natal



Figuras 105 e 106 – Fotografias da Atividade “Visita do Pai Natal ao Bairro São Vicente de Paulo e Entrega do Cabaz de Natal”

c.3) Dia dos Afetos



Figuras 107 a 109 – Fotografias da Atividade “Dia dos Afetos”

c.4) Limpeza no Bairro São Vicente de Paulo



Figuras 110 e 111 – Fotografias da Atividade “Limpeza no Bairro São Vicente de Paulo”

c.5) Demolição de Barracões e Limpeza da Barroca



Figuras 112 a 118 – Fotografias da Atividade “Demolição de Barracões e Limpeza da Barroca”

c.6) Distribuição de Paz e Fé no Bairro São Vicente de Paulo



Figuras 119 a 121 – Fotografias da Atividade “Distribuição de Paz e Fé no Bairro São Vicente de Paulo”

c.7) Acolhimento de duas Estagiárias e uma Voluntária no Projeto



Figuras 122 a 124 – Fotografias da Atividade “Acolhimento de duas Estagiárias e uma Voluntária no Projeto”

c.8) Sessão Fotográfica no Sub-Paço



Figuras 125 e 126 – Fotografias da Atividade “Sessão Fotográfica no Sub-Paço”

c.9) Criação de um Logótipo para o Bairro São Vicente de Paulo



Figuras 127 a 129 – Fotografias da Atividade “Criação de um Logótipo para o Bairro São Vicente de Paulo”

d) Atividades em que os moradores foram chamados para participar

d.1) Visita ao Bairro – Dicas de Poupança Ambientais



Figuras 130 e 131 – Fotografias da Atividade “Visita ao Bairro – Dicas de Poupança Ambientais”

d.2) Mercado de Natal



Figuras 132 a 137 – Fotografias da Atividade no “Mercado de Natal”

d.3) Apresentação sobre o Projeto e área de estudo das alunas e visita ao Bairro São Vicente de Paulo da turma do 12.º ano Curso Profissional de Animação Sociocultural



Figuras 138 a 143 – Fotografias da Atividade “Apresentação sobre o Projeto e área de estudo das alunas e visita ao Bairro São Vicente de Paulo da turma do 12.º ano Curso Profissional de Animação Sociocultural”

d.4) Campanha de Doação de Livros



Figuras 144 e 145 – Fotografias da Atividade “Campanha de Doação de Livros”

d.5) Festival Intercultural



Figuras 146 e 147 – Fotografias da Atividade no “Festival Intercultural”

d.6) Voluntariado na Loja Social de Arganil



Figuras 148 a 150 – Fotografias da Atividade “Voluntariado na Loja Social de Arganil”

d.7) Júri das Provas de Aptidão Profissional das alunas do 12.º ano do Curso Profissional de Animador/a Sociocultural



Figuras 151 a 153 – Fotografias da Atividade “Júri das Provas de Aptidão Profissional das alunas do 12.º ano do Curso Profissional de Animador/a Sociocultural”

Anexo VIII - Notícias publicadas sobre o Projeto "Arco-Íris" – "Vem Dar Cor à Tua Vida"

A M por

"CASA JOSÉ CASTANHEIRA NUNES CONSTRUÍDA PELO JORNAL A COMARCA DE ARGANIL"

"Bairro dos Pobres" vai ser recuperado

J. M. CASTANHEIRA

"Muito feliz e com coração cheio", foram palavras do reitor de Arganil, padre Lucas Pio, ao dar a conhecer que foi aprovada a candidatura do Projeto "Arco Íris - Vem Dar Cor à Tua Vida" ao Programa Bairros Saudáveis para a recuperação do Bairro S. Vicente de Paulo, em Arganil, cuja construção ficou marcada por uma indissociável ligação ao nosso jornal, com a "Casa José Castanheira Nunes construída pelo Jornal A COMARCA DE ARGANIL com o patrocínio dos arganilenses de Angola - Setembro de 1959".

É assim que está "escrito, em letras de bronze, que há-de resistir às forças do esquecimento" na casa que numa justa homenagem a um homem "fazer bem, auxiliar o próximo, amar os pobres" recebeu o nome de José Castanheira Nunes, e que a primeira do Bairro dos Pobres, como é conhecido, que desde o final da década de cinquenta do século passado até aos dias de hoje, nas suas 14 habitações acolheu e tem acolhido, a título gratuito, muitas famílias carenciadas.

Os anos passaram e as habitações que integram o Bairro e que actualmente acolhem 24 moradores, precisavam de uma intervenção urgente, nomeadamente no que se refere ao "restauro de telhados, instalação elétrica, casas de banho condignas, pinturas", com o objectivo geral e justificação de "contribuir para a melhoria da qualidade de vida e dignidade humana da população de estratos sociais desfavorecidos ou em situação de vulnerabilidade social".

Para isso e como esses objetivos foi feito o Projeto "Arco Íris - Vem Dar Cor à Tua Vida" e depois candidato ao Programa Bairros Saudáveis (e que acabou por ser aprovado com um financiamento de 50 mil euros), que teve como entidades promoto-

za Senhora da Assunção de Arganil, a Associação Juvenil CUME, a Associação Passo a Passo, a Autoridade de Saúde Pública do Concelho de Arganil e a Freguesia, sendo ainda de realçar o grande e inevitável contributo na elaboração e fundamentação do projecto por parte da assistente social da Câmara Municipal, dr.ª Helena Travassos, da dr.ª Alexandra Martins e também do dr. Pedro Pereira Alves.

Mas além da recuperação e intervenção nas habitações, nos seus objetivos específicos o projecto contempla, de entre outros, também a melhoria do espaço público e ainda, na sua fundamentação, a capacitação dos habitantes "para um processo de mudança e reintegração social através da definição do seu projecto de vida e promovendo o envolvimento e a participação dos cidadãos em questões relacionadas com o Bairro, potenciando o envolvimento coletivo e as redes de vizinhança, melhorar o nível de literacia em saúde, promover a integração dos indivíduos em medidas de emprego, formação e qualificação profissional" e a "criação de um regulamento de funcionamento do Bairro e um código de conduta do residente", tudo isto para "aumentar o orgulho e a satisfação de pertença ao Bairro S. Vicente de Paulo, doravante Bairro Arco-Íris, eliminando o estigma do Bairro dos Pobres".

Criado pela Resolução de Conselho de Ministros 52-A/2020, de 1 de Julho e vai vigorar até Dezembro de 2021, o Programa Bairros Saudáveis "é um programa público, de natureza participativa, para melhoria das condições de saúde, bem estar e qualidade de vida em territórios vulneráveis. Saúde não é só ausência de doença.

É um programa de pequenas intervenções, através do apoio a projectos apresentados por associações, coletividades, organizações não governamentais, movimentos cívicos e organizações de moradores, em articulação com as autarquias, as autoridades de saúde ou demais entidades públicas. Visa sobretudo dar algum poder, no sentido de "poder fazer", a comunidades residentes e pessoas ou organizações intervenientes em territórios vulneráveis".

O Programa financia, com um montante máximo de 50.000 euros, projectos apresentados através de procedimento concursal por parcerias locais para

ção disponível de 10 milhões de euros (2020-2021, segundo a lista preliminar, com a pontuação das iniciativas, aprovada pelo júri. Das 774 candidaturas recebidas, o júri do programa considerou a admissão de 750 propostas e a exclusão de 24 iniciativas "por desconformidade com as regras regulamentares", aprovando a lista preliminar com a pontuação das candidaturas admitidas, que ordena as classificações por ordem decrescente e que "prevê

melhorias nesses territórios e prevê financiar 232 projectos, de um total de 774 candidaturas recebidas, considerando a dota-

que sejam financiadas as primeiras 232 candidaturas", de entre as quais está o Projeto "Arco Íris - Vem Dar Cor à Tua Vida".

"Doravante Bairro Arco-Íris, eliminando o estigma do Bairro dos Pobres"

ra a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, e como entidades parceiras, "felicitemos esta parceria por forma a tornar um mundo melhor", como referiu o padre Lucas Pio, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil - Centro de Saúde, a Câmara Municipal, a Conferência Nos-

ção dos cidadãos em questões relacionadas com o Bairro, potenciando o envolvimento coletivo e as redes de vizinhança, melhorar o nível de literacia em saúde, promover a integração dos indivíduos em medidas de emprego, formação e qualificação profissional" e a "criação de um regulamento de

"A homenagem que convinha"

Ontem como hoje, "Vem Dar Cor à Tua Vida", porque foi há quase 61 anos, em 12 de Setembro de 1959, que foi "benzida e entregue a duas famílias pobres desta vila", a "Casa José Castanheira Nunes construída pelo Jornal A COMARCA DE ARGANIL com o patrocínio dos arganilenses de Angola - Setembro de 1959", como relata o nosso jornal na edição de 3 de Setembro desse já longínquo ano, acrescentando que era a homenagem que convinha" ao ser dado a esta casa o nome de José Castanheira Nunes, "nosso inesquecível editor e administrador".

O monumento que levantamos a este jornalista brilhante da nossa terra é uma casa gemada para duas famílias pobres. Erguemo-la com o patrocínio dos nossos conterrâneos residentes em Angola que, desta forma e por simpática sugestão de Francisco Venâncio de Sousa, quiseram também assinalar a visita que lhes fizemos em fins de 1958 e princípios de 1959".

Foi durante essa visita feita pelos então representantes de A COMARCA aos conterrâneos residentes em Angola, que surgiu a ideia de construir uma casa para os pobres e que, por parte do nosso jornal, acabou por ser "mais uma etapa nesta jornada de

auxílio aos pobres da região. E esta particularmente grata ao nosso coração por ficar ligada a um nome que jamais esqueceremos".

E na sua edição de 15 de Setembro de 1959, A COMARCA dedica três páginas à inauguração do "Monumento vivo" que foi (e é) a "Casa José Castanheira Nunes" e que "foi entregue a duas famílias pobres", onde "a viúva Maria Amélia da Costa Covas e seus filhos encontraram nesta casinha nova

que vão começar a habitar o melhor lenitivo para a sua viuvez e orfandade" e "a família de Amândio da Costa, com os seus seis filhos pequeninos, deixaram de habitar no casebre onde os filhos dormiam todos no mesmo catre de palha. (...) A vida, agora, nesta casa que o amor ergueu, vai ser mais bela e mais digna".

É essa dignidade que se pretende e deseja com a recuperação do Bairro que agora passará a ser designado "Arco Íris" e que, como disse o reitor Lucas Pio, "todos fazendo um pouquinho, vamos fazer a diferença e um bairro exemplar que Arganil merece".



Um aspecto do Bairro S. Vicente de Paulo



A entrada do Bairro a "Casa José Castanheira Nunes construída pelo Jornal A COMARCA DE ARGANIL com o patrocínio dos arganilenses de Angola"

In: A Comarca de Arganil nº 12407 (15.04.2021), p. 5

ARGANIL

“Arco Íris” brilhou sobre o Bairro

J. M. CASTANHEIRA

Na passada quarta-feira, 28 de Setembro, no auditório da Biblioteca Municipal, foi feita a apresentação pública do projecto “Arco Íris – Vem dar cor à tua vida” e que permitiu uma completa remodelação, em todos os seus aspectos, naquele que é conhecido como o Bairro dos Pobres, o Bairro S. Vicente de Paulo.

Um atelier “iniciado” pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil e que contou com o envolvimento de muitos parceiros, associações, Agrupamento de Escolas, Junta de Freguesia e particularmente da Câmara Municipal e que, mais do que uma remodelação, permitiu a quase completa transformação de um bairro completamente degradado, cheio de lixo, num bairro digno desse nome, onde agora brilha de facto

Saúde, C.I.D.S., aquilo como é de entre outros, da empresa Abel Dória e a todos “e ficaram muitos”, dizem o seu reconhecimento e aos moradores o pedido, “valem do Bairro como merece”.

Como recordou o presidente da Câ-

ma, foi necessário fazer o mais difícil, em que para além dos elementos da esta equipa da Câmara (na altura o vereador Luís Almeida tinha o pelouro da Acção Social e que agora é da responsabilidade da vereadora Elisabete Oliveira), envolver também a Paróquia e a Igreja na pessoa do

todos concordamos. Não tenho qual-quer dúvida acerca disso, que é um espaço totalmente diferente daquele que era há dois ou três anos”, disse ainda o presidente da Câmara, deixando os agradecimentos às entidades envolvidas e particularmente aos que vivem no Bairro “pela disponibi-



O resto de Arganil disse que “ajudar do Bairro ser um património da Igreja, o nosso propósito” é que os moradores “se ajudam felicez nas suas casas”

“Agora compete-nos a todos nós, e particularmente a vocês, mantermos o Bairro aprazível, simpático com está actualmente”

o “Arco Íris”, onde foi dada cor “à vida” das pessoas, das famílias que ali residem.

E isso também está patente na Biblioteca e pode ser visto na exposição fotográfica “Transformação, o antes e o depois do Bairro de S. Vicente de Paulo” e que, como referiu uma das grandes entusiastas e coordenadoras do projecto, Vanessa Oliveira, resultou de “um ano e três meses de trabalho, (...) foi um trabalho da Fábrica da Igreja, mas também dos moradores. A transformação foi mesmo radical”, envolvendo também voluntários, Serviços de

Municipal, Luís Paulo Costa, o projecto resultou do projecto sobre bairros sociais, criado pelo Governo, “e ficámos muito contentes quando vimos esse anúncio público materializar-se no processo mais formal relativo à esta candidatura. E aquilo que, desde início, tentámos é que poderia ser uma oportunidade para melhorarmos as condições do Bairro de S. Vicente de Paulo”, mas “para chegarmos a este resulta-

padre Lucas Pio e que era absolutamente essencial. E aqui chegados, tinha mesmo de subsistir este aspecto, não deixei de ser necessário envolver, por um lado as entidades parceiras, mas particularmente as pessoas que vivem neste Bairro e não tenho dúvida nenhuma que, com este trabalho em conjunto, conseguimos melhorar aquilo que são as condições daquele espaço”.

idade para a modernização daquele espaço e agora compete-nos a todos nós e particularmente a vocês mantermos o Bairro aprazível, simpático com está actualmente”.

O vereador Luís Almeida, que desde o início acompanhou o projecto, que considerou “um projecto de transformação na área social, com sucesso, que está à vista de todos e dos próprios moradores”, para se referir depois às transformações feitas,



Exposição que dá a conhecer o antes e o depois do Bairro de S. Vicente de Paulo

“Um projecto de transformação na área social, com sucesso, que está à vista de todos”

“Quero muito aqui vincar todas as entidades, o padre Lucas Pio pelo seu envolvimento não apenas espiritual, mas também aquilo que tem a ver com o trabalho porque era disso que se tratava, do contacto com todas as pessoas que foi necessário fazer e esta mobilização conjunta permitiu que, efectivamente, tivéssemos obtido este resultado com o qual

a vários níveis, desde as questões da insalubridade, sociais, educação, emprego, parentalidade e que acabou por resultar “numa onda crescente e positiva de apoio e envolvimento, (...) porque só assim é que foi possível, com o pouco orçamento que tínhamos da candidatura, ir muito além daquilo a que nos propusemos”.

“Hoje estamos aqui para assinalar o momento, é certo”, disse ainda Luís Almeida, mas para aqui chegar e como também reconheceu (e agradeceu), foi necessário o envolvimento

S. Vicente de Paulo

so de muitos, dos moradores, "ao espero que os moradores sintam de facto toda esta gente que trabalhou em prol do projecto que valeu a pena, que melhorou e que aumentou a sua qualidade de vida e também saibam que por parte da Câmara Municipal e destes parceiros que todas aquelas ações que pensamos e delineámos, foram pensadas em garantir aqui uma continuidade e um acompanhamento", deixando os "parabéns a todos os envolvidos, devemos estar todos orgulhosos do trabalho que ali foi feito".

A vereadora, com o pelouro da Acção Social da Câmara Municipal, Elisabete Oliveira, também não quis deixar de enaltecer a lógica de parceria e que levou "a perceber a oportunidade de fazer uma intervenção neste Bairro, que teve um impacto muito grande nas habitações e o torna tão importante pela dignidade que lhes conferiu, mas acima de tudo uma transformação que se fez com as pessoas, todas as transformações sociais", sem contudo deixar de referir que "com um projecto desta natureza, essas transformações não terminam", mas "por aquilo que foi possível alcançar até à data, e que é muito digno de registo, hoje é um dia de celebração por tudo o que foi conquistado".

"Espero que todos os moradores do Bairro também o sintam", disse Elisabete Oliveira, acrescentando "que para conseguirmos que o Bairro seja um sítio onde todos gostam de morar, há uma responsabilidade conjunta de todos nós" e sem deixar de reconhecer também "o muito que ainda há para fazer, mesmo sem um chapéu desse projecto e preciso continuar a trabalhar e a encontrar as soluções que os problemas precisam", fazendo votos para que "este caminho não acabe".

O reitor de Arganil (e presidente da Fábrica da Igreja), padre Lucas Pio, depois de agradecer a presença de todos e em especial da Câmara Municipal que "foi uma das primeiras entidades que se preocupou com aquele Bairro juntamente com a Igreja", não deixou de reconhecer e agradecer também "a todos os outros parceiros, porque sem vocês com certeza não seria possível acontecer a transformação que aconteceu no Bairro".

E recordando que "logo quando cheguei a Arganil era muito questionado pela D. Eugénia Teixeira, das Conferências Vicentinas e uma das que acompanhava o Bairro, mas que nunca levava alegria só tristeza, falando que Bairro estava complicado, que foi lá a GNR, que estava muito mal e tive que ir conhecer o Bairro. (...) E vi realmente que assim era e que tinha de fazer alguma coisa para poder ajudar aquelas pessoas", como S. Vicente de Paulo "que se preocupava muito com as pessoas mais necessitadas". Surgiu o projecto, "com o descontentamento de alguns moradores, ia mexer com o seu conforto",

A COMARCA jamais pode ser dissociada do Bairro dos Pobres

A COMARCA jamais poderá ficar dissociada daquele que é conhecido como Bairro dos Pobres, o Bairro de S. Vicente de Paulo, porque e como está escrito na sua edição de 15 de Setembro de 1989, foi no jantar de despedida de uma visita à Angola dos representantes do nosso jornal, que o amável e benévolo pombeirense Francisco Venâncio dos Santos, ao usar da palavra disse, "meus senhores, eu proponho que para assinalar esta viagem, feita ainda como as ordens de José Castanheira Nunes, nós, arganilenses de Angola, construímos em Arganil uma casa para pobres que tenha o nome do saudoso amigo".

"A assistência levantou-se e aplaudiu. Antoinho Mendes Jorge Rodrigues e Vítor Castanheira andaram de papel e lápis na mão a registar generosos donativos. A nossa gente afirmava, mais uma vez, as riquezas da sua alma. A obra estava assegurada". E os representantes de A COMARCA, tendo à frente o seu saudoso e inesquecível director, João Castanheira Nunes, vieram para Arganil "trazendo de Angola gratíssimas recordações" e "a incumbência que aceitamos de levantar o monumento. A casa seria construída no terreno que o dedicado arganilense Fernando Gonçalves da Silva cedeu para o Património dos Pobres de Arganil, à Portelinha, na entrada da vila, para quem entra vindo dos lados de Coja. Resolvemos então construir junto à entrada nacional, duas casas geminadas para que, em vez de uma, duas famílias pudessem ser albergadas. As obras foram adjudicadas ao empreiteiro César Caldeira, de Casal de S. José, que as executou com segurança e perfeição".

Concluídas as obras, "na fachada que dá para a

estrada, mandámos colocar a seguinte legenda em letras de bronze: Casa José Castanheira Nunes - Construída pelo jornal A COMARCA DE ARGANIL, com o patrocínio dos arganilenses de Angola - Setembro de 1989".

Como está escrito na grande reportagem na edição do nosso jornal de 15 de Setembro de 89 ano, quando e como destaca a toda a largura da sua primeira página, o "Monumento vivo" que foi "A Casa José Castanheira Nunes foi entregue a suas famílias pobres", numa sentida e justa homenagem ao grande homem de A COMARCA, ao arganilense dedicado, ao vicentino e grande amigo dos pobres que foi José Castanheira Nunes.

E tudo isto foi recontado e assinalado durante a cerimónia de entrega da casa a duas famílias pobres de Arganil, como foi louvada a acção de A COMARCA "porque soube traduzir saudade pelo seu grande obreiro José Castanheira Nunes, levantando esta linda casa, que vai acolher duas famílias pobres até agora sem lar e sem agarrimo", como disse o então reitor de Arganil, padre Américo Brás da Costa, acrescentando ainda que "a obra tem de continuar arrematada pelo nosso sacrifício e generosidade. A todos peço a sua presença neste bairro de amor, de esperança, de saúde e de redenção".

E logo ali, um dedicado arganilense, Armando Nogueira de Carvalho, "fez a oferta de 70 contos para a construção de mais dois blocos de casas geminadas" e "a Casa José Castanheira Nunes dava, assim, os seus primeiros frutos" que acabaram por se multiplicar e dar lugar às 14 casas (e 7 lotes) que hoje acolhem 24 pessoas e integram o Bairro de S. Vicente de Paulo.



mas eu dizia-lhes sempre que não estávamos ali para atrapalhar, para tirar o seu conforto, mas para lhes dar conforto, ainda para lhes dar uma vida melhor".

"Hoje não podemos dizer ainda

que foi ontem aprovado pela Fábrica da Igreja e que tem de ser cumprido" e, para que assim seja, "dentro do Bairro e entre os moradores vão ser escolhidas três pessoas que constituirão a associação de moradores,

mas eu dizia-lhes sempre que não estávamos ali para atrapalhar, para tirar o seu conforto, mas para lhes dar conforto, ainda para lhes dar uma vida melhor".

mas eu dizia-lhes sempre que não estávamos ali para atrapalhar, para tirar o seu conforto, mas para lhes dar conforto, ainda para lhes dar uma vida melhor".

"Hoje não podemos dizer ainda que o Bairro é um exemplo, mas estão a caminhar para isso"

que o Bairro é um exemplo, mas estão a caminhar para isso", considerou o padre Lucas Pio, "temos agora uma preocupação de como vamos lidar com o futuro, temos um regulamento

será como um condomínio, e todos os acontecimentos, os problemas que tiverem que resolver, o cumprimento do regulamento vão ser essas pessoas a fazê-lo, ou vêm ter comigo e ten-

região

ANADIA O espetáculo "A Ratoeira" vai estar em cena no Cineatro Anadia, a 22 de outubro. Com encenação de Paulo Sousa Costa, a peça conta com um elenco liderado por Rui de Carvalho, acompanhado por Elsa Galvão, Filipe Crawford, Henrique de Carvalho, Daniel Cerca Santos, Luís Pacheco, Sara Cecília e Sofia de Portugal. O espetáculo está agendado para as 21H00.



Arganil



Elisabete Oliveira, Luis Almeida, Luis Paulo Costa, Lucas Pio e Vanessa Oliveira na apresentação do projeto

Bairro S. Vicente Paulo foi remodelado

●●● No âmbito do Programa Bairros Saudáveis, a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, em parceria com várias entidades, entre as quais a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia local, desenvolveu, no Bairro S. Vicente Paulo, em Arganil, o projeto "Arco-Íris - Vem dar cor à tua vida", que permitiu uma remodelação daquele espaço, não só a nível da melhoria das condições de habitabilidade, como também a nível social, através da realização de várias atividades.

Para dar a conhecer o que foi feito no também conhecido por "Bairro dos Pobres", no qual residem famílias carenciadas a título gratuito, está patente, até ao dia 14 de outubro, na Biblioteca Municipal Miguel Borges, em Arganil, a exposição fotográfica "Transformação: o antes e o depois do Bairro de S. Vicente de Paulo".

Investimento de 50 mil euros

O referido projeto, que contou com um financiamento de cerca de 50 mil euros, foi apresentado publicamente, na semana passada, tendo Vanessa Oliveira explicado que o resultado das intervenções realizadas foi fruto de "um ano e três meses de trabalho". "Foi um trabalho

da Fábrica da Igreja, mas também dos moradores", ressaltou a coordenadora do projeto, constando que "a transformação foi mesmo radical".

Luís Paulo Costa, constando que este projeto foi "uma oportunidade para melhorarmos as condições do Bairro de S. Vicente Paulo", ressaltou que "para chegarmos a este resultado, foi necessário fazer o mais difícil, em que para além dos elementos da minha equipa da Câmara, era essencial envolver também a Paróquia e a Igreja, na pessoa do padre Lucas Pio".

Agradecendo ao município por ter sido "uma das primeiras entidades que se preocupou com aquele bairro, juntamente com a Igreja", o padre Lucas Pio enalteceu que "sem os parceiros, com certeza não seria possível acontecer a transformação que aconteceu no bairro".

Presente também nesta cerimónia, Luís Almeida realçou que "os moradores sintam, de facto, que este projeto valeu a pena, que melhorou e aumentou a sua qualidade de vida", o atual vereador da educação e qualificação da Câmara de Arganil (que era responsável pelo planeamento da ação social quando o projeto iniciou) assegurou que "as ações que delineámos foram pensadas em garantir uma continuidade e um acompanhamento. **Lurdes Gonçalves**

região fotográfica



"Viagens" em Pampilhosa da Serra

●●● A última de oito "Viagens entre Terras" levou os habitantes da freguesia de Fajão-Vizual à descoberta das pessoas e dos pontos de interesse de Unhais-o-Velho.



Góis com curso de português

●●● O Município de Góis assinalou o encerramento do Curso de Português Língua de Acolhimento, dinamizado pelo Centro de Emprego e Formação Profissional do Pinhal Interior Norte.



Penacova Mais energia renovável

●●● A Cleanwatts vai criar uma nova Comunidade de Energia Renovável (CER) com a Santa Casa da Misericórdia de Penacova. O protocolo para esta CER, que arrancará com 37kW de potência instalada, foi assinado na sede da instituição de solidariedade social.

Inserido no Programa Bairros Saudáveis, a autarquia, junta de freguesia e a fábrica da Igreja uniram-se para dar uma nova imagem ao bairro

Figuras 154 a 157 – Notícias sobre o final do Projeto "Arco-Íris" – "Vem Dar Cor à Tua Vida"

Anexo IX - Caraterização da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil

A Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responde perante a Diocese de Coimbra e é presidida pelo Pároco de Arganil. Para além disso, detém de um Conselho Económico composto por 7 pessoas designadas pelo Senhor Bispo de Coimbra, tendo como funções a gestão administrativa, funcional e financeira relacionada com o funcionamento e com o património da Paróquia.

Encontra-se inscrita na Autoridade Tributária com o CAE 94910 – Atividades de Organizações Religiosas e possui contabilidade organizada de acordo com a legislação inerente a estas organizações e que é apresentada anualmente à Diocese de Coimbra.

Esta entidade sempre teve a preocupação de trabalhar no sentido de garantir o acesso da população às iniciativas religiosas, bem como de lutar pela preservação e valorização do património histórico-religioso que tem sob a sua responsabilidade.

Tem ainda como objetivo dinamizar iniciativas que promovam a obtenção de receitas necessárias para a sustentabilidade da sua atividade. Alguns exemplos que espelham esta dinâmica são a organização da Festa de Nossa Senhora do Mont'Alto, que ocorre anualmente no dia 15 de agosto no Santuário, a organização da Festa de São Gens em Arganil e a promoção de venda de produtos agro-alimentares produzidos nos terrenos de que é proprietária. Outra forma de fonte de receita que possuem consiste no arrendamento de espaços no Santuário do Mont'Alto, onde se encontram instaladas antenas de difusão de rede móvel e o salão de convívio, no qual funciona um restaurante concessionado a uma empresa do setor.

No que concerne a projetos desenvolvidos nos últimos anos, esta organização tem diligenciado um elevado número de investimentos na manutenção, na preservação e na valorização do seu património. Como exemplo deste empenho menciona-se as seguintes intervenções: Construção do Salão Multiusos do Mont'Alto, onde funciona um restaurante e se realizam vários eventos da comunidade; Intervenção permanente na preservação ambiental do Santuário do Mont'Alto, renovação de instalações sanitárias, arranjos e pinturas de muros, beneficiação das diversas edificações nomeadamente a “casa do Ermitão”, residência alocada a um casal que se responsabiliza pela manutenção, segurança e abertura das diversas capelas do Santuário. Em 2018 foi realizado um

significativo investimento no restauro do Altar-Mor da Igreja Matriz de Arganil; Beneficiação de outro património religioso e social da Igreja, nomeadamente do Centro Paroquial de Arganil, onde estão sedeadas e se desenvolvem as várias atividades da Igreja, nomeadamente a catequese, os escuteiros, os grupos religiosos, a Conferência de São Vicente de Paulo, estando o mesmo disponível a apoiar e receber outras instituições ou pessoas da comunidade, que costumam utilizar este espaço para realizar diversas atividades recreativas e de convívio.

A Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil é uma entidade que está bem introduzida no contexto económico, social e cultural da vila de Arganil, sendo bastante reconhecida a importância do trabalho que desenvolve na comunidade, procurando sempre estabelecer parcerias com diversas entidades e associações locais, de forma a desenvolver um processo colaborativo que permite a otimização de recursos e a concretização de iniciativas de referência no contexto local. São exemplos desta articulação, as intervenções e ações dinamizadas em união com o Município de Arganil, a Junta de Freguesia de Arganil, a comunicação social local como a Rádio Clube de Arganil e A Comarca de Arganil, as Associações culturais, de juventude e desportivas locais, grupos informais que se reúnem nas suas instalações, entre outras organizações.

Toda esta estrutura e organização carece de meios financeiros significadores, para a aquisição dos quais são mobilizadas vontades e iniciativas, que têm uma participação ativa das autarquias, das associações, do tecido empresarial e da própria comunidade. O sentimento de solidariedade e de envolvimento da comunidade nas causas coletivas é uma marca da população arganilense e a sua cooperação com as iniciativas desenvolvidas com a Igreja está sempre presente.

A capacidade de concretização e realização das iniciativas propostas, a abertura à comunidade, o cumprimento dos compromissos assumidos, a visibilidade que é conferida às intervenções numa lógica de prestação de contas, constituem princípios assumidos pela Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil que revelam confiança, valor essencial para garantir o apoio e envolvimento das populações na realização das suas atividades.

Anexo X - Questionário sobre Pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo

Este questionário tem como objetivo auscultar/ouvir os moradores do Bairro São Vicente de Paulo, de quais serão as regras e a conduta que cada morador deve promover e serem aplicadas, com vista ao bom funcionamento do bairro, sobretudo o fortalecimento das relações interpessoais e de entreatajuda como vizinhos. Vivendo em comunidade (bairro).

Pede-se a todos os moradores que respondam às perguntas que se encontram no questionário. A vossa opinião é importante para ajudarem a construir o Regulamento de Funcionamento do Bairro e as regras de conduta que cada morador deverá praticar. Apelamos à participação pois vocês é que aí moram!

N.º: _____

Nome do(s) Morador(es):

1. Gosta da maneira como o Bairro São Vicente de Paulo é organizado por todos os moradores?

Sim Não

Se respondeu não, diga porquê:

2. Quais são os comportamentos negativos que identifica nos e entre os moradores residentes no bairro?

3. Quais são os comportamentos positivos que identifica nos e entre os moradores residentes no bairro?

4. Se tivesse poder para alterar e aplicar novas regras no Bairro São Vicente de Paulo quais seriam?

(Coloque as regras de acordo com os seguintes eixos de intervenção)

Exemplos					
Social	Económico	Ambiental	Urbanístico	Saúde	Outras regras
-Os moradores devem ser acompanhados com regularidade pelas entidades municipais de apoio como, por exemplo, a Ação Social, a Passo a Passo com a Criança e a Família, Associação de Ajuda Psicossocial, a Loja Social; - Convívios;	-Qualquer indivíduo que habita o Bairro São Vicente de Paulo tem obrigatoriamente que frequentar uma resposta social ou uma formação profissional ou ter um emprego; -Cada habitação deverá ter um montante para pagamento de arrendamento;	-O lixo deve ser colocado dentro de sacos e só depois colocado dentro dos contentores. -É obrigatório a limpeza constante das ruas do bairro, removendo as ervas existentes nas ruas, cuidando das árvores que são	-Preservar e cuidar das casas e das ruas do bairro; - Antes de executar qualquer obra, é obrigatório pedir à Fábrica da Igreja	-Ter apoio uma vez por ano do Centro de Saúde de Arganil para verificar o estado de cada pessoa que reside no Bairro Vicente Paulo; -O morador que esteja com problemas deve recorrer à unidade de saúde para ser ajudado, sem qualquer tipo de vergonha;	-Todos os anos haver uma festa organizada pelos moradores para promover o espírito de comunidade num bairro; -Os moradores devem entreatuar nas várias tarefas existentes no bairro;

<p>- Comemorações. Ex: O dia do bairro; - Partilha de Saberes e de recursos; - Doar amor e afeto/ajuda ao morador mais fragilizado.</p>	<p>- Todos os moradores que apresentem necessidades devem dirigir-se às entidades competentes que farão o encaminhamento para respostas de emergência social e solidárias.</p>	<p>propriedade deste espaço; -Nas ruas não devem haver maus cheiros como a urina de animais ou outros; -Nas ruas as beatas não podem estar espalhadas pelo chão.</p>	<p>Paroquial de Arganil; -É proibido alterar a estética das habitações, tanto da parte exterior como da parte interior.</p>	<p>-Os moradores não devem ter comportamentos abusivos e que prejudiquem a sua saúde e o bem-estar do bairro, como consumir álcool em excesso, uso abusivo de drogas e outras substâncias...</p>	<p>-Os moradores devem ter em atenção ao vocabulário que utilizam nas suas conversas, evitando asneiras; -As discussões devem ser evitadas no bairro para promover o bem-estar entre todos.</p>
---	--	--	---	--	---

4.1. Depois de analisar os exemplos, diga-nos a sua opinião.

Social	Económico
Ambiental	Urbanístico
Saúde	Outras regras

--	--

5. OUTRAS SUGESTÕES:

Obrigada pela participação a sua opinião conta para melhorar o vosso bairro!!! O Bairro São Vicente de Paulo!

Anexo XI - Regulamento de Funcionamento e do Código de Conduta de Residente do Bairro São Vicente de Paulo

REGULAMENTO DE FUNCIONAMENTO E DO CÓDIGO DE CONDUTA DE RESIDENTE NO BAIRRO SÃO VICENTE DE PAULO

PREÂMBULO

Este Regulamento de Funcionamento e do Código de Conduta de Residente surge no âmbito do Projeto Bairro Saudáveis, com a implementação do Projeto “Arco-Íris” - “VemDar Cor à Tua Vida”, no Bairro São Vicente de Paulo, no concelho e freguesia de Arganil. Desta forma, e através da aplicação deste Regulamento, a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil pretende estabelecer as condições e critérios, para aceder e residir no Bairro de São Vicente de Paulo alojamento/habitações e estabelecer o seu funcionamento através das normas de utilização.

CAPÍTULO I – DISPOSIÇÕES DA VERTENTE SOCIAL

Artigo 1.º

(Condições de Acesso)

1 - Para se candidatar a uma habitação social os proponentes devem ter a sua residência no Concelho de Arganil, idade igual ou superior a 18 anos, declarou sob compromisso de honra e com Declaração da Junta de Freguesia atestar que vivem em condições habitacionais indignas, não dispondo de capacidade financeira para suportar o custo do acesso a uma habitação adequada.

2 - O candidato a arrendatário não pode ser proprietário ou comproprietário de nenhuma casa própria em condições de habitabilidade.

3 - Em cada uma das moradias só pode residir um único agregado familiar.

4 - A moradia é destinada exclusivamente à habitação permanente do arrendatário e do seu agregado familiar, sendo proibida a hospedagem ou cedência a qualquer título, do locado a terceiros.

5 – Tendo em conta as características das habitações é recomendável que a ocupação máxima seja 4 pessoas. Todas as situações que ultrapassem o número recomendado devem ser analisadas pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil.

6 - Os moradores do Bairro São Vicente de Paulo obrigam-se a procurar emprego/ocupação, assegurando a sua integração numa medida ativa de emprego, formação profissional e ou outra resposta análoga, com exceção das situações de incapacidade física ou situação de reforma que comprometam essa integração.

7 – A titularidade das habitações são da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, não podendo jamais as pessoas que as habitam arrogar-se o direito de propriedade.

Artigo 2.º

(Critérios de Seleção)

A análise de todos os pedidos de atribuição de habitação é feita de acordo com um específico critério de seleção, para determinação de classificação do candidato.

Este critério centra-se na priorização de atribuição de habitação a famílias que tenham crianças com idade inferior a 12 anos e que apresentem dificuldade em adquirir condições de estabilização de vida.

Para além deste, devem respeitar-se outros critérios, definidos nos pontos 1 e 2 deste artigo.

1 - A atribuição de habitação é realizada pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil com apoio dos serviços da Câmara Municipal de Arganil, com base nas regras estabelecidas.

2 – A atribuição de uma habitação deve ter em conta:

- a) O agregado familiar com rendimento per capita inferior a 300,00€;
- b) Número de elementos do agregado com idade igual ou superior a 65 anos;
- c) Número de pessoas com deficiência no agregado familiar;
- d) Número de crianças no agregado familiar;
- e) Excecionam-se as situações de antiguidade na data da avaliação.

Artigo 3.º

(Formalização da Inscrição)

1 - A revalidação da habitação é realizada através de um requerimento que é disponibilizado anualmente aos moradores.

2 - O formulário deve ser acompanhado dos seguintes documentos:

- a) Cópia do cartão de cidadão;
- b) Comprovativo dos rendimentos e das despesas (Recibos de água, luz, telefone, gás...);
- c) Atestado da composição do agregado familiar.

Artigo 4.º

(Uso das Habitações)

1 - A utilização das habitações deve obedecer às normas de uma prudente utilização e conservação.

2 – O seu uso é exclusivo e é estabelecido através do contrato de arrendamento.

3 - O arrendatário no uso da sua habitação está proibido de, nomeadamente:

- a) Destinar a habitação a práticas de natureza ilícita;
- b) Fazer quaisquer obras ou instalações sem autorização da entidade responsável pelo espaço;
- c) Construir qualquer anexo da habitação, que altere a arquitetura do bairro.

Artigo 5.º
(Uso das Partes Comuns)

1 - Consideram-se áreas comuns todas as que são de usufruto de todos os moradores, designadamente, os espaços verdes, desde a entrada do bairro, até aos terrenos que existem na parte superior das habitações no bairro.

2 - Os moradores só podem utilizar as partes comuns para a finalidade a que se destinam e devem evitar quaisquer deteriorações e danos, bem como a respeitar os direitos dos restantes moradores.

Artigo 6.º
(Deveres dos Moradores)

Os moradores são obrigados a:

- a) Pagar atempadamente a renda, fixada no contrato de arrendamento.
- b) Demonstrar anualmente a composição do agregado familiar e o rendimento anual, através da entrega de documentos comprovativos indicados pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, na alínea 2 do Artigo 3.º - (Formalização da Inscrição);
- c) Não dar hospedagem, sublocar, total ou parcialmente, ou ceder a qualquer título o arrendado;
- d) Não deixar a habitação desocupada por tempo superior a trinta dias consecutivos, salvo em casos previamente declarados e devidamente justificados;
- e) Garantir a boa conservação das instalações, de luz elétrica, água, gás, esgotos e todas as canalizações;
- f) Ser responsável pela instalação e ligação de contadores de água, de energia elétrica e de gás cujas despesas são da responsabilidade dos moradores, tal com as dos consumos;
- g) Não causar barulhos que coloquem em causa a tranquilidade e bem-estar dos vizinhos, devendo manter silêncio durante o período noturno entre as 22h00 e as 8h00, nos termos do Regulamento Geral do Ruído;
- h) Não provocar, participar ou interferir em problemas e discórdias que prejudiquem a imagem do bairro e afetem a segurança dos moradores. Perante uma situação como as descritas anteriormente deve o morador chamar as autoridades de segurança;
- i) Manter limpas e desimpedidas de materiais, lixos e sucata as superfícies exteriores de acesso às habitações;
- j) Depositar os lixos nos locais próprios, devidamente acondicionados;

k) Informar a entidade proprietária (Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil), por escrito, de todas as deficiências verificadas na habitação ou reparações que devam ser por ela executadas;

l) Informar a entidade proprietária (Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil), por escrito, e no prazo máximo de 15 dias, qualquer alteração na composição ou nos rendimentos do agregado familiar;

m) Em caso de desocupação da habitação, deve entregar a casa devidamente limpa e em bom estado de conservação;

n) Se a casa desocupada estiver em mau estado, o ex-morador será responsável pelo pagamento dos montantes necessários para a reparação dos estragos ou resolver os mesmos por meios próprios;

o) Realização de assembleias comunitárias com a presença de um elemento da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil para apresentar problemas/identificar propostas de atividades.

Artigo 7.º

(Direitos dos Moradores)

1 - Os moradores têm direito a utilizar a sua habitação, assim como, as partes comuns do bairro.

2 - Os inquilinos têm direito à informação sobre os assuntos respeitantes ao bairro, podendo solicitá-la à Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, por escrito, para a morada Rua Dr. Alberto Moura Pinto, N.º 3, 3300-045, Arganil ou por e-mail para a fiparoquialdeArganil@gmail.com.

Artigo 8.º

(Deveres a cargo da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil)

1 - Obras:

- a) A cargo da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil ficam as obras de manutenção e conservação das casas, essencialmente, as obras de conservação e reabilitação das fachadas e paredes exteriores, de manutenção e preservação da rede de água e esgotos, da rede de gás, dos circuitos elétricos e outras instalações ou equipamentos que façam parte das habitações, excluindo-se todas as reparações ou

intervenção que resultem de falta de cuidado ou da destruição por má utilização por parte dos moradores.

2 - Acompanhamento:

- a) Os elementos da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil realizarão visitas de acompanhamento com uma periodicidade, pelo menos semestral, que permita verificar se as normas regulamentadas se encontram a ser cumpridas.

Artigo 9.º

(Desocupação da Habitação)

1 - Tem de deixar a casa que ocupa nos seguintes casos:

- a) Pelo falecimento da pessoa responsável que consta no contrato de arrendamento, podendo o cônjuge sobrevivente requerer à Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil a continuidade dos efeitos jurídicos do contrato de arrendamento;
- b) Por comportamentos inadequados que causem constrangimento aos outros moradores ou que prejudiquem os mesmos.

CAPÍTULO II – DISPOSIÇÕES DA VERTENTE URBANÍSTICA

Artigo 10.º

(Estrutura do Bairro)

1 - O Bairro São Vicente de Paulo é constituído por 7 lotes, com um total de 14 habitações.

2 - Cada habitação tem associado um espaço para horta biológica à frente da casa e uma fração de terreno na parte superior do Bairro São Vicente de Paulo.

3 - As habitações são constituídas por: Uma casa de banho; Uma cozinha; Três divisões destinadas a sala, a quartos ou outros fins; Um sótão.

Artigo 11.º

(Exceção na Estrutura das Habitações)

1 – A habitação n.º 1874 – 14.º/Direito, no Bairro São Vicente de Paulo, tem 1 anexo que serve para arrumos e colocar a bilha de gás, 1 casa de banho, 1 cozinha, 1 sala, 1 quarto e 1 sótão.

2 - A habitação n.º 1874 – 13.º/Direito tem 1 casa de banho, 1 corredor, 1 cozinha, 1 sótão e 3 divisões destinadas a quartos ou outros fins.

3 – Depois da futura desocupação destas habitações, e tendo em conta as condições que apresentam, deverão preferencialmente destinar-se a população portadora de incapacidade e deficiências físicas ou problemas de saúde de gravidade similar.

Artigo 12.º
(Espaço de Arrumos)

1 - O terreno existente na parte superior do bairro pode ter uma zona de construção de novas arrumações, correspondente a um anexo de 20/25 M2.

2 - Este anexo não pode ser utilizado com o objetivo de pernoitar e/ou com a finalidade de habitação, devendo servir para armazém, para objetos das famílias, designadamente, ferramentas agrícolas, etc.

3 - O acesso a este terreno deve ser feito de forma a não perturbar o equilíbrio do bairro. Os veículos automóveis serão apenas permitidos levar para esta zona em situações necessárias como, para efetuar descarga de objetos ou outros afins. A passagem indicada para circular efetua-se pelo lado direito do poste de eletricidade, alertando para o seu acesso limitado.

Artigo 13.º
(Obras Exteriores e Interiores na Habitação)

1 - As obras exteriores e interiores na habitação devem ser previamente autorizadas, por escrito, pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, não sendo permitido alterar o número de divisões da casa e a sua estrutura.

2 - Todos os encargos relacionados com as obras autorizadas são da sua responsabilidade do arrendatário.

CAPÍTULO III – DISPOSIÇÕES DA VERTENTE ECONÓMICO

Artigo 14.º (Resolução do Contrato)

A resolução amigável do contrato de arrendamento é objeto de discussão entre a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil e o arrendatário.

Artigo 15.º (Causas de Resolução do Contrato)

1 - As causas que constituem a resolução do contrato, são as seguintes:

- a) O incumprimento repetido dos deveres dispostos no presente regulamento;
- b) A recusa, depois de notificados para esse efeito, em demolir ou retirar obras ou instalações que tenham realizado sem a aprovação da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil e que seja verificado o incumprimento deste regulamento;
- c) A recusa, depois de notificado, em reparar os danos causados nas habitações e espaços comuns, por culpa do arrendatário ou do seu agregado familiar;
- d) A ocupação ilegal de habitações ou o seu abandono definitivo, sem qualquer comunicação à Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil.

Artigo 16.º (Procedimento)

1 – A comunicação da resolução do contrato e informação da sua utilização realiza-se através da notificação efetuada por carta registada com aviso de receção ou por notificação presencial, através do presidente da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil, ou à pessoa que ficar responsável por visionar o Bairro São Vicente de Paulo.

2 – A comunicação referida no número anterior deve incluir a justificação da decisão de resolução, da obrigação de desocupação e entrega da habitação, o prazo concedido para esse efeito, as consequências do incumprimento do mesmo.

3 – A desocupação e entrega da habitação pelo inquilino torna-se exigível, nos termos da lei, decorridos 90 dias a contar da data da receção da notificação.

4 – Caso não ocorra a desocupação e entrega da habitação nos termos previstos nos números anteriores, o Presidente da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil remete o processo para o Sector Jurídico e Contencioso.

Artigo 17.º

(Regime da Renda)

1 – Quando a implementação do Projeto “Arco-Íris” - “Vem Dar Cor à Tua Vida” terminar, os moradores terão de começar a pagar uma renda pela sua habitação.

2 - O valor da renda será como valor mínimo 30€ e como valor máximo 50€, tendo em conta os escalões a que correspondem cada agregado familiar que reside nas habitações existentes no Bairro São Vicente de Paulo.

Artigo 18.º

(Valor da Renda)

1 - O valor da renda é atualizado anualmente de acordo com os valores legalmente fixados para a habitação.

2 - Para determinação do valor da renda, os arrendatários devem apresentar documentos comprovativos dos respetivos rendimentos anuais, bem como da composição do agregado familiar.

3 - Estes devem ser entregues no prazo que for definido pela Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil.

4 - Qualquer alteração do valor da renda será comunicada ao arrendatário, através de carta registada com aviso de receção, com pelo menos 30 dias de antecedência.

Artigo 19.º

(Vencimento e Local de Pagamento)

1 - A renda tem de ser paga até ao oitavo dia útil de cada mês.

2 - A renda deverá ser paga conforme o estabelecido no contrato de arrendamento.

Artigo 20.º
(Indemnização Moratória)

1 – Se o morador ultrapassar o prazo de pagamento referido no artigo anterior, a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil tem o direito de exigir:

a) O valor da renda acrescido de 15% sobre respetivo montante, se a renda for paga nos 30 dias seguintes;

b) No caso de atraso do pagamento da renda ser superior a três meses, a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Arganil poderá requerer judicialmente o despejo, em conformidade com o estabelecido no contrato de arrendamento e na lei do arrendamento para habitação.

CAPÍTULO IV - DISPOSIÇÕES DA VERTENTE AMBIENTAL

Artigo 21.º
(Limpeza de Espaços Comuns)

1 - A limpeza dos espaços comuns do Bairro São Vicente de Paulo é da responsabilidade de todos os moradores.

2 - Os espaços exteriores como as ruas e os espaços verdes devem ser preservados e respeitados.

3 - As beatas do cigarro não podem estar espalhadas pelo chão do Bairro São Vicente de Paulo.

4 - Os equipamentos e mobiliário urbano deve ser conservado: contentores do lixo, candeeiros de iluminação pública, devendo ser reportado qualquer incidente.

5 – Não é permitido utilizar produtos corrosivos na limpeza e conservação, que possam danificar qualquer área.

Artigo 22.º
(Limpeza das Habitações)

1 - As casas devem ser limpas com regularidade, não acumulando lixo e garantindo o seu bom uso e salubridade dos espaços.

2 - No caso de os moradores danificarem alguma coisa, devem pagar os danos respetivos.

Artigo 23.º

(Parqueamento de Automóveis no bairro)

1 - Só é permitido estacionar na zona de parqueamento, sendo proibido o estacionamento fora deste espaço.

Artigo 24.º

(Higiene Urbana)

1 - Os resíduos devem ser depositados nos contentores devidos para o efeito e devidamente acondicionado em sacos de plástico fechados. Recomenda-se a separação do papel, do cartão, das embalagens de plástico/ metal e do vidro.

2 - A recolha de “monos” e lixos no Concelho de Arganil é gratuita e é efetuada pelas Juntas de Freguesia, pelo que, devem contactar a Junta de Freguesia de Arganil para agendamento e recolha destes resíduos, através do contacto de telefone 235205588.

Artigo 25.º

(Detenção de Animais)

1 - O alojamento de cães e gatos fica sempre condicionado à existência de boas condições do mesmo e ausência de riscos higio-sanitários relativamente à conspurcação ambiental e doenças transmissíveis ao homem.

2 - É obrigatório que todos os cães e gatos sejam portadores de um microchip e que os mesmos sejam registados na base de dados SIAC, até aos 4 meses de idade.

3 - É obrigatória a vacinação contra a raiva de todos os cães com três ou mais meses de idade;

4 - É proibida a presença na via ou lugar públicos de cães sem estarem acompanhados pelo detentor, e sem açaímo funcional, excepto quando conduzidos à trela.

5 - É proibida a detenção de cães de raças potencialmente perigosas ou animais perigosos;

6 - Em cada habitação podem ser alojados até 2 cães ou 2 gatos adultos, não podendo no total ser excedido o número de 2 animais de companhia.

7 - Os detentores dos animais de companhia devem ter em atenção o cumprimento de requisitos mínimos de bem-estar:

- a) Espaço adequado que permita a prática de exercício e a fuga e refúgio dos animais;
- b) A proteção contra o sol, a chuva e o vento;

c) Ventilação, temperatura e condições de luminosidade adequadas à espécie;

d) Acesso a água e a comida, adequadas à espécie e à idade.

8 - É proibida a detenção de cães acorrentados permanentemente.

9 - Os animais não devem ser ruidosos para não provocarem distúrbios.

10 - Nas ruas não deve haver dejetos de animais, nem maus cheiros, sendo obrigatória a recolha dos dejetos com um saco de plástico, se esta situação se verificar constantemente, os moradores estarão sujeitos a uma coima.

11 - A detenção caseira de animais de espécies pecuárias, como aves de capoeira ou coelhos, carece de autorização prévia.

12 - Estes animais quando mantidos em instalações fechadas não devem estar nem em permanente escuridão, nem ser expostos à luz artificial sem que haja um período adequado de obscuridade.

13 - Os alojamentos destes animais devem ser construídos e mantidos de modo que não existam arestas nem saliências aceradas suscetíveis de provocar ferimentos.

14 - Todos os animais alojados cujo bem-estar dependa de cuidados humanos frequentes devem ser inspecionados pelo menos uma vez por dia, devendo os alojamentos ser limpos de forma adequada à espécie.

CAPÍTULO V – DISPOSIÇÕES DA VERTENTE DA SAÚDE

Artigo 26.º (Saúde Pública)

O direito à proteção da saúde é reconhecido como um direito fundamental de todos os cidadãos, aos quais incumbe o dever especial de defender e promover a saúde.

O SNS deve assegurar os cuidados necessários para a promoção da saúde, prevenção da doença e o tratamento e reabilitação dos doentes.

Os cuidados de saúde primários/CS devem prover cuidados comunitários e de base populacional; cuidados personalizados, com base na livre escolha do médico de família pelos utentes; e o exercício de funções de autoridade de saúde.

1 - No âmbito dos direitos dos utentes os moradores devem ser acompanhados pelas unidades funcionais do CS, de acordo com o reporte/identificação de necessidades e a especificidade da respetiva intervenção.

2 - Anualmente devem ser revistas e identificadas novas necessidades, e elencadas as prioridades, de forma a promover a intervenção de saúde, de âmbito comunitário ou individualizada, mais adequada.

3 – O foco da intervenção deverá ser dirigido às necessidades/problemas identificados, no âmbito do projeto, em especial no que concerne aos comportamentos de risco, designadamente consumo excessivo de bebidas alcoólicas, tabaco, uso abusivo de drogas e outras substâncias.

4 – Da parte dos moradores espera-se que promovam a adoção de hábitos saudáveis, no respeito pela segurança da comunidade e preservação de um ambiente hígido.

5 – Ainda do ponto de vista da saúde, além do dever de defender e promover a saúde, já referido, deverão no que concerne à utilização dos serviços/CS:

i. Manter atualizados os seus dados pessoais relevantes, nomeadamente os dados previstos no âmbito do Registo Nacional de Utentes (RNU) e a morada e contacto na Plataforma de Dados da Saúde – Área do Cidadão do Portal SNS;

ii. Comparecer na data e hora marcada para os eventos agendados e informar as instituições, com a antecedência prevista nos regulamentos específicos, sobre quaisquer factos impeditivos da sua comparência;

iii. Bem como formalizar por escrito e em suporte adequado às suas opções, sempre que tal lhe seja solicitado pelos serviços, assim como fazer uso dos seus direitos, nomeadamente apresentar reclamações e sugestões, se for caso disso.

Anexo XII - Reflexão sobre sugestões de intervenções a executar Bairro São Vicente de Paulo

No final do mês de setembro de 2022, no âmbito da intervenção que estava a ser realizada no Bairro São Vicente de Paulo, através do Projeto “Arco-Íris” - “Vem Dar Cor à tua Vida”, a entidade promotora (Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil) reuniu-se no Bairro São Vicente de Paulo para a última reunião do projeto com as entidades parceiras do projeto, nomeadamente, a Autoridade de Saúde Pública – Concelho de Arganil, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil – Centro de Saúde de Arganil, a Passo a Passo com a Criança e a Família - Associação de Ajuda Psicossocial em articulação com o CLDS 4G de Arganil, o Município de Arganil, a Associação Juvenil CUME – Cultura Urgente para a Mudança Enérgica, a Freguesia de Arganil e a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil.

Durante a reunião foram abordados os seguintes tópicos:

- Perceção das intervenções e atividades efetuadas até ao momento;
- Observação e reconhecimento de algum trabalho e mudanças desenvolvidas no bairro desde a última reunião;
- Discussão de ideias e apresentação de sugestões;
- Reflexão sobre sugestões de passos a traçar para o futuro do Bairro São Vicente de Paulo;
- Observação e satisfação do trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano no Bairro.

O ponto mais relevante desta reunião foi as entidades parceiras darem o seu contributo através de ideias a implementar no bairro.

Esta dinâmica consistiu que cada entidade parceira escrevesse em papéis coloridos algumas sugestões que achavam necessárias para a continuação da intervenção no bairro e que identificaram como prioritárias, depois da realização do projeto em que ajudaram a desenvolver.

As sugestões que foram mais abordadas, discutidas e até mesmo repetidas por várias entidades parceiras foram:

- Continuação da Intervenção Comunitária;
- Manutenção de espaços exteriores;
- Melhoria dos arruamentos/pavimento do bairro;
- Colocação de equipamentos desportivos exteriores;
- Nomear/Indicar um representante para dialogar com os moradores;
- Formar/constituir comissões/grupos no bairro (Respeitado pelos moradores) para articulação com a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil e para prosseguir os ganhos do projeto e futuras intervenções;
- Construção de um parque de estacionamento e um espaço comunitário;
- Definição de um plano de trabalho no bairro com as diferentes entidades;
- Monitorização do bairro mensalmente;
- Manter a limpeza do bairro (Limpeza do lixo e da erva envolvente junto às casas);
- Sensibilizar e acompanhar os residentes do bairro nas diversas áreas;
- Promoção das redes de vizinhança e convívio;
- Arranjar as janelas partidas;
- Arranjar os barracões de arrumos;
- Tentar arranjar animadora para atividades pelo menos uma vez por semana;
- Manter o contacto entre as entidades e os moradores;
- Criar um espaço para colocar viaturas (Melhorar o aspeto visual);
- Criar um espaço de lazer para moradores;
- Criar uma horta em comum;
- Melhorar o aspeto da entrada do bairro;
- Trabalhar as relações interpessoais;
- Chamar moradores a participar em todas as intervenções necessárias ou atividades a realizar.



Figura 158 – Papéis coloridos das reflexões da reunião

Nesta reunião, uma das conclusões em que todas as entidades parceiras estiveram em sintonia foi a importância de haver um acompanhamento periódico do bairro para não deixar que os resultados obtidos sejam perdidos depois de tanto esforço, dedicação e trabalho. Outra das conclusões obtidas foi que realmente deveria ser pensado futuramente em voltar a constituir uma nova candidatura para continuar as melhorias no Bairro São Vicente de Paulo, sendo essencial haver uma fase 2 e fase 3 de intervenção e a pouco e pouco mudar mais a realidade deste bairro, pois os projetos nunca estão acabados.

Ainda sobre conclusões retiradas foi o reconhecimento das entidades parceiras entenderem que é muito importante haver uma proximidade com as pessoas e com o meio que estava a ser trabalhado. Cada pequeno pormenor é um grande triunfo e o trabalho contínuo e consertado no terreno desenvolve mais resultados.

Anexo XIII - Análise das respostas ao Questionário sobre Pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre a Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo

A realização da análise das respostas ao Questionário sobre Pedido de manifesto de opinião aos moradores sobre Conduta de cada Residente e Regras a serem implementadas no Bairro São Vicente de Paulo foi bastante importante para este estudo porque foi uma maneira de numa forma teórica fundamentar melhor as conversas informais. Estas foram realizadas com os moradores e vieram comprovar que todos os tópicos abordados são de extrema importância. São ainda fatores que gostariam de ver implementados, alterados e apoiados no que necessitam.

Foi refletido ainda, tendo em conta a análise deste questionário, que é uma maneira estratégica de os moradores se sentirem ouvidos, sentirem que pertencem a este espaço e que podem trabalhar em conjunto para a melhoria do mesmo. É uma forma também de se sentirem mais valorizados pelos seus contributos e que os mesmos sejam transmitidos aos responsáveis pelo Bairro São Vicente de Paulo e às entidades parceiras do projeto que foi executado.

Dessa forma, abaixo apresenta-se a tabela com a análise das respostas ao questionário:

Perguntas	Conteúdos analisados	
Pergunta 1: Gosta da maneira como o Bairro São Vicente de Paulo é organizado por todos os moradores?	Sim:	6 Respostas
	Não:	4 Respostas
	Justificações para respostas negativas:	<ul style="list-style-type: none"> • Ainda não há respeito pelos outros. Quer com as horas de barulho. Barulhos a partir das 22:30 da noite; • Ninguém quer ajudar; • Ajudaram sempre os vizinhos e os vizinhos não (Alguns).

<p>Pergunta 2:</p> <p>Quais são os comportamentos negativos que identifica nos e entre os moradores residentes no bairro?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Muitas pessoas que tinham inveja; • Falar mal um dos outros; • Falta de transparência; • Ainda existem vizinhos intrigistas e invejosos; • Falta de partilha e de humildade em alguns; • Na minha opinião existe muita falsidade; • A meu ver, há desunião entre os moradores; • Neste momento, nenhum; • Existência falta de comunicação e egoísmo; • Não; • Carros mal-estacionados nos lugares indevidos; • Falta de consciência de algumas pessoas quando estão infetadas com o Covid-19.
--	--

Tabela 1 - Respostas aos Questionários realizados no Bairro São Vicente de Paulo

Neste questionário, as conclusões mais presentes nas respostas e que também se iam comentando ao longo do projeto, era a importância que os moradores davam a execução dos arruamentos, de refazer e limpar os esgotos, dos comportamentos e atitudes existentes por várias pessoas residentes no bairro, a necessidade de apoios em várias vertentes da vida para conseguirem melhorar as suas condições, entre outros.

Verifica-se este facto porque, ao longo da análise, os moradores que responderam ao questionário repetiram muitas vezes as mesmas ideias, salientando-se a sintonia também entre eles em vários assuntos do bairro.

Ao realizarem este questionário também mostraram que têm uma palavra a dizer e que, no final de contas, se importam com o bairro bem como com as condições de vida que adotam. Esta visão também resultou dos ensinamentos, do acompanhamento e de muitas tarefas que foram elaboradas e tidas em conta como fatores importantes para o desenvolvimento do bairro e das pessoas no seu interior.

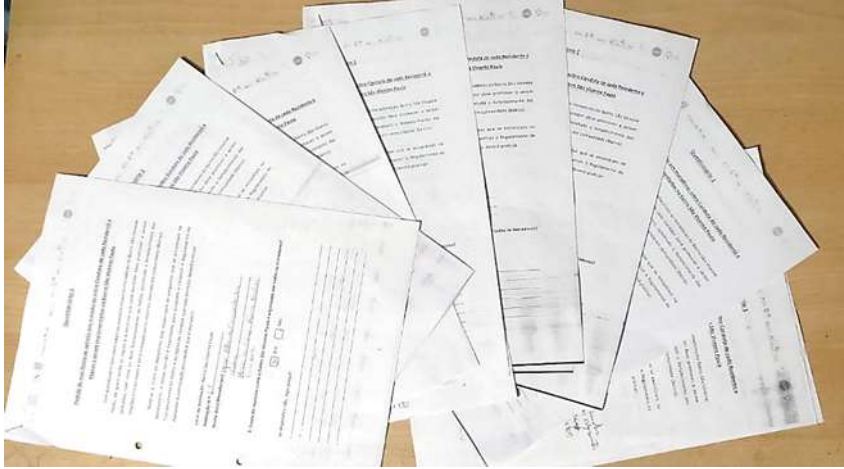


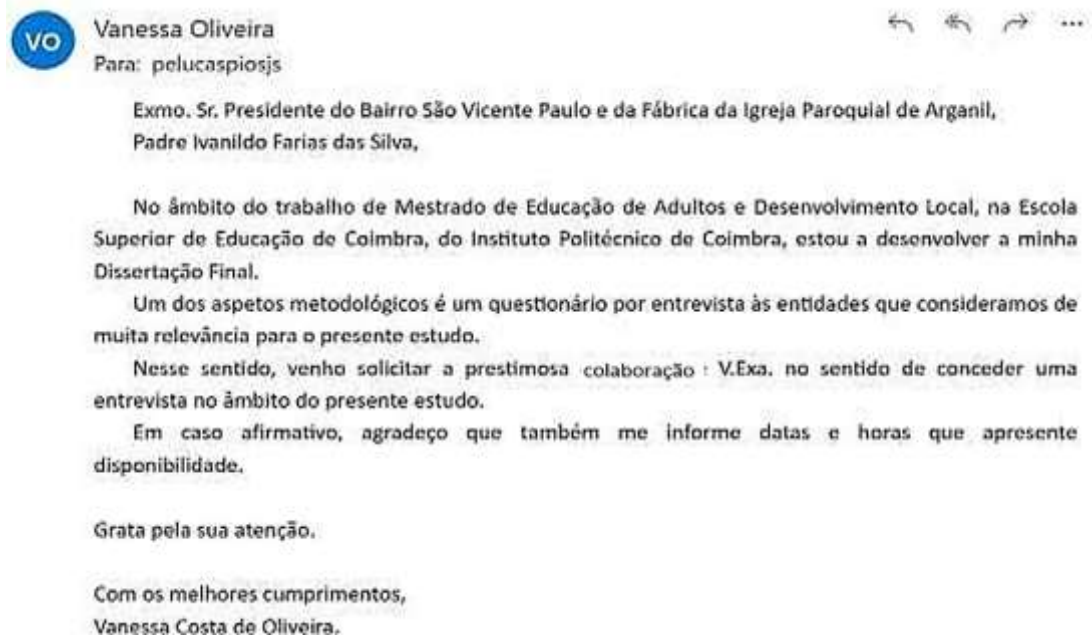
Figura 159 - Folhas das respostas aos Questionários realizados no Bairro São Vicente de Paulo

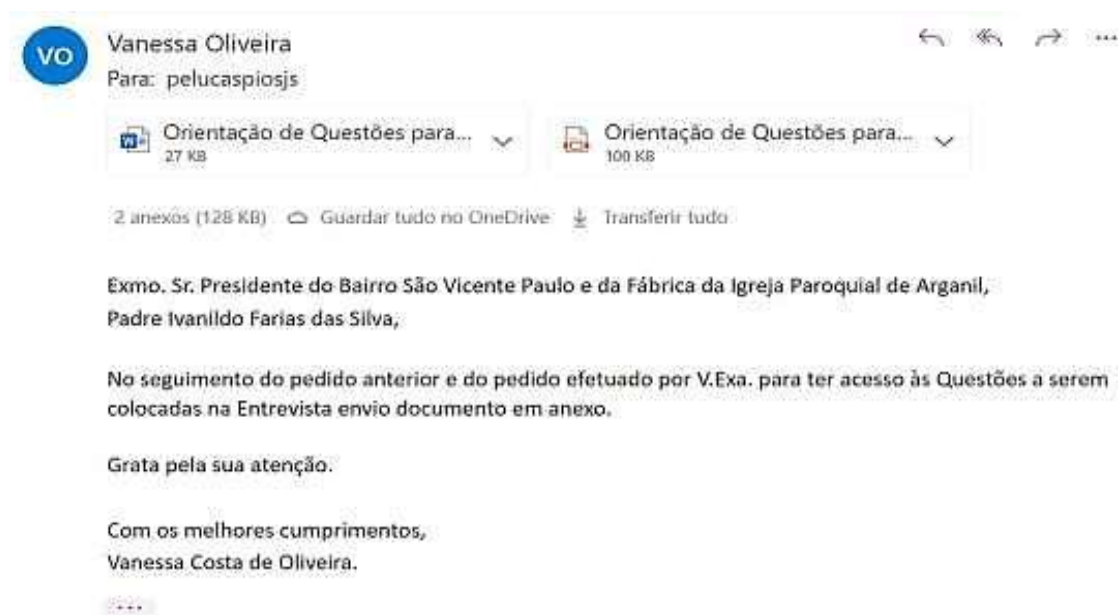
APÊNDICES

Apêndice I - Pedidos de apoio no Estudo

Para realizar o estudo, teve-se a necessidade de recolher várias informações. Através das Entrevistas Semiestruturadas foi possível obter as mesmas, fazendo assim uma seleção das pessoas ou entidades adequadas ao nosso estudo. Neste processo foi ainda de extrema importância contactar as entidades e para perceber o seu interesse na participação do estudo.

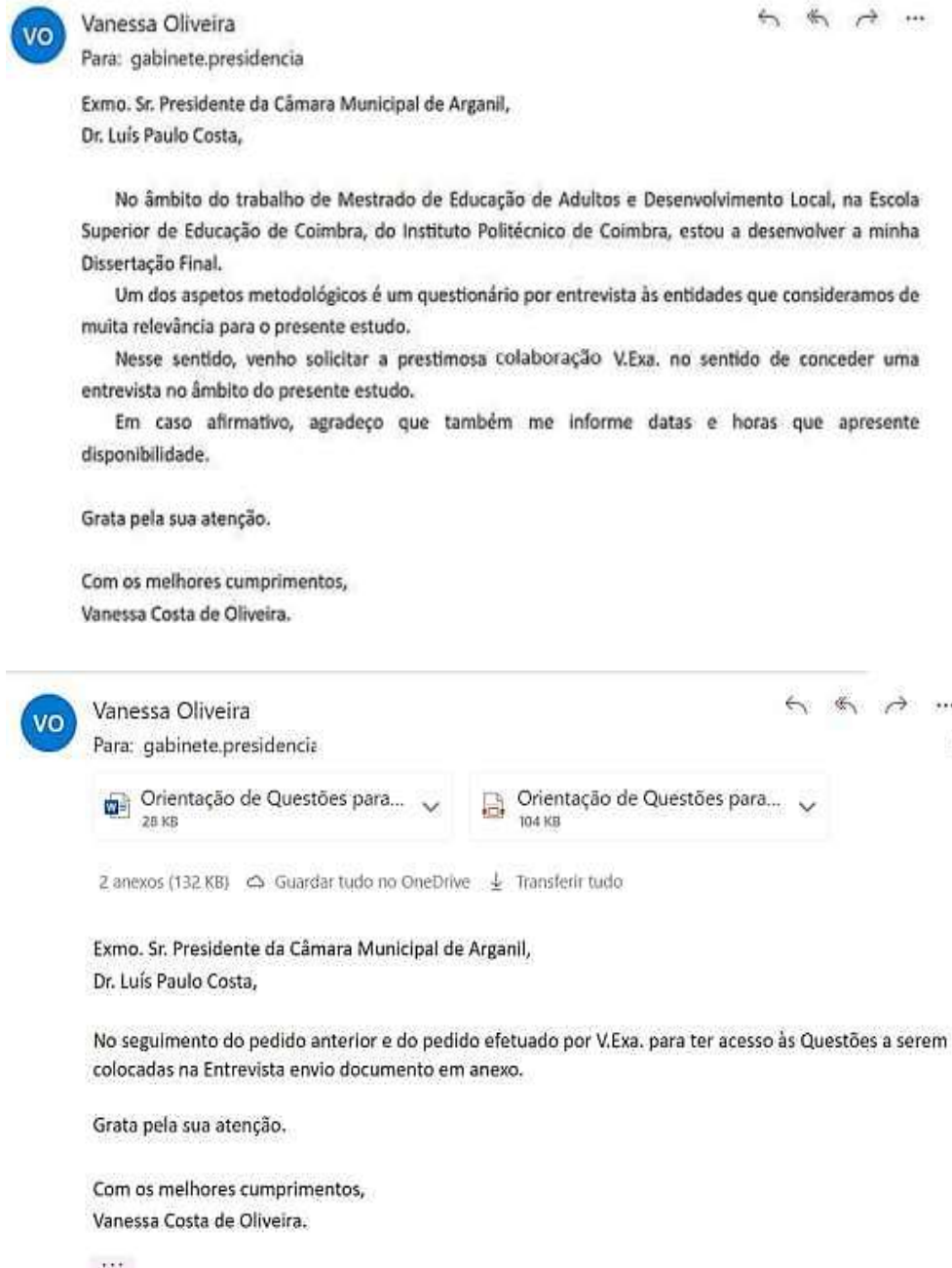
a) Pedido de apoio no estudo ao Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil





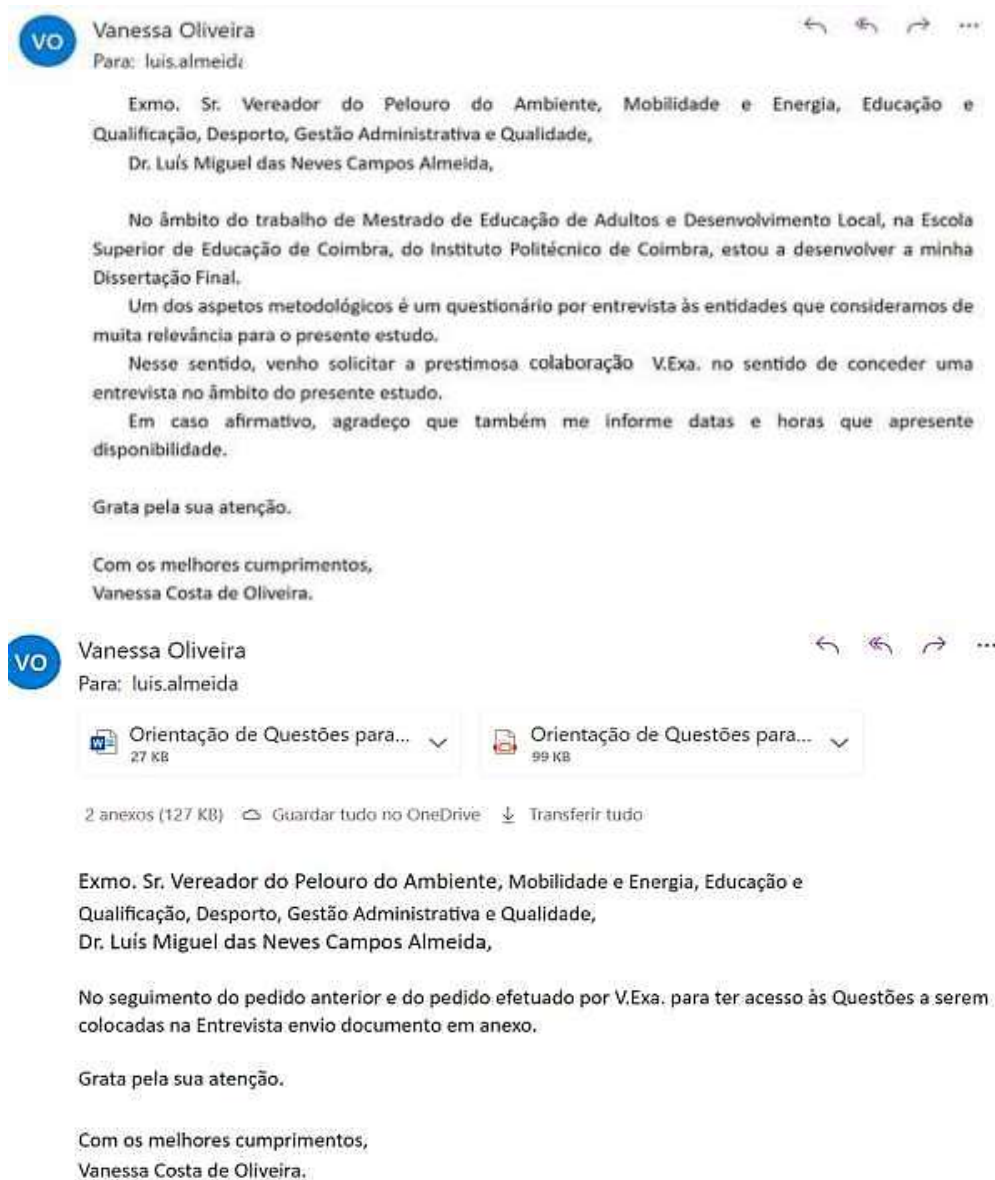
Figuras 160 e 161 - Contacto com o Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil para pedido de apoio no estudo

b) Pedido de apoio no estudo ao Presidente da Câmara Municipal de Arganil



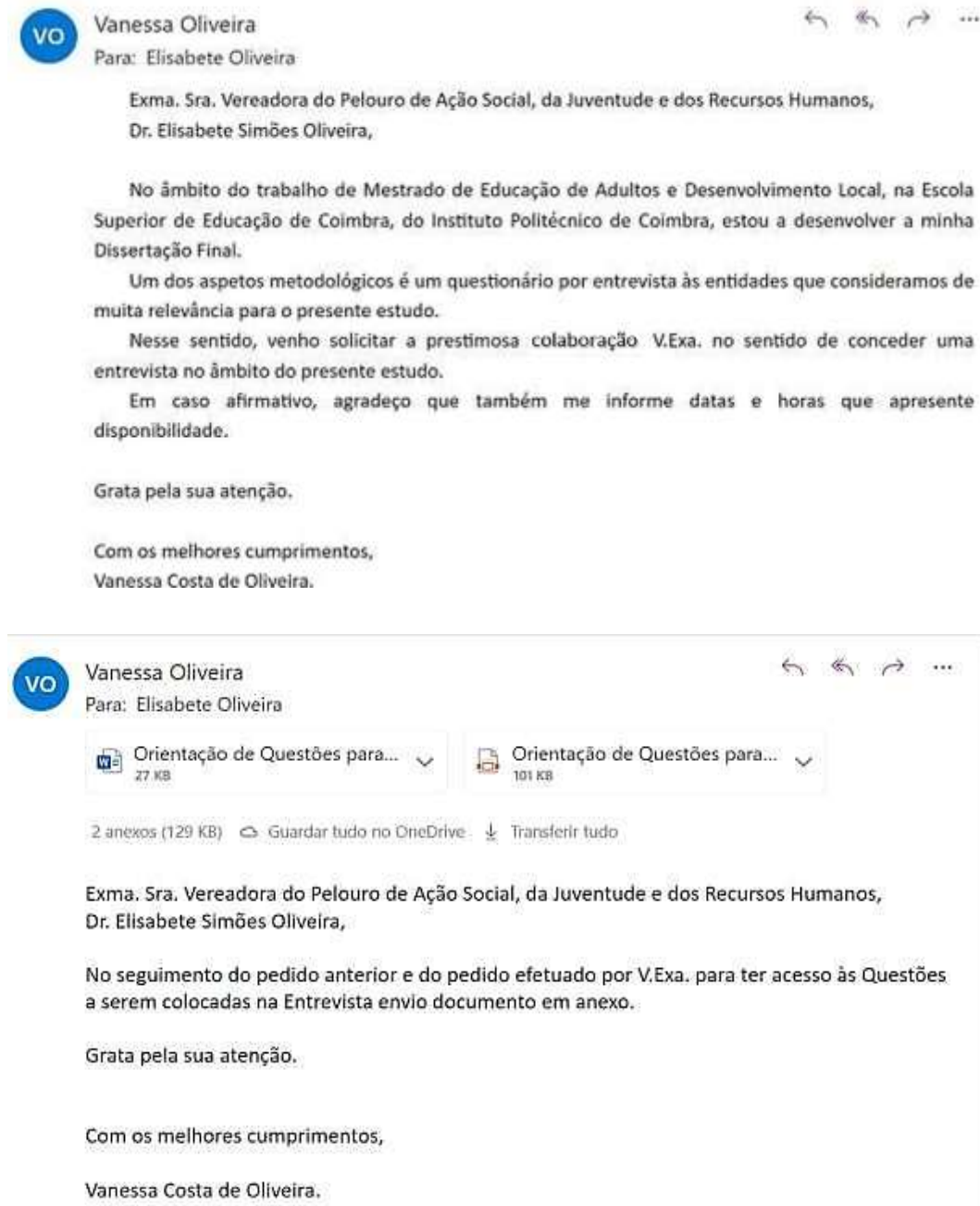
Figuras 162 e 163 - Contacto com o Presidente da Câmara Municipal de Arganil para pedido de apoio no estudo

c) Pedido de apoio no estudo ao Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade



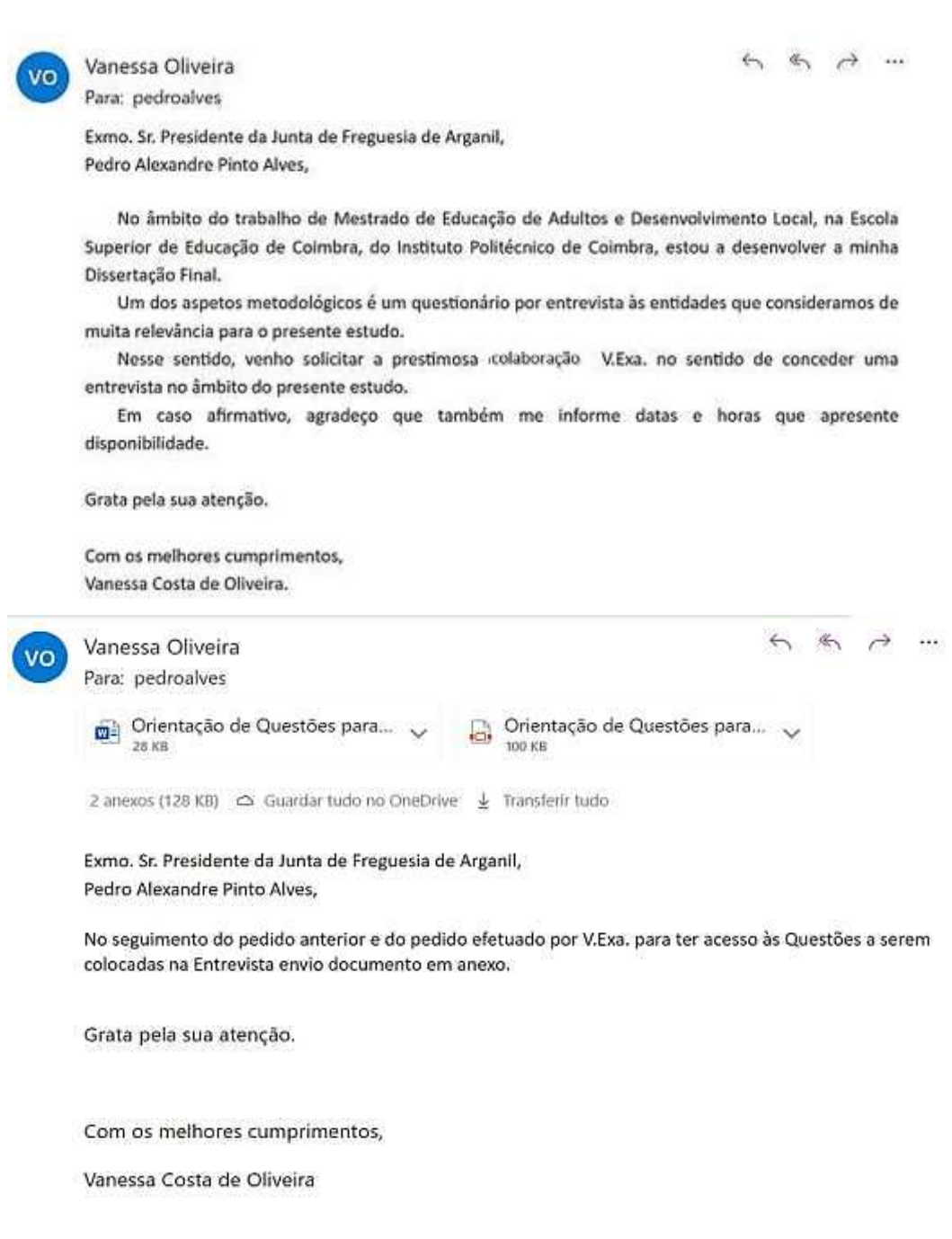
Figuras 164 e 165 - Contacto com o Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade para pedido de apoio no estudo

d) Pedido de apoio no estudo à Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos




Figuras 166 e 167 - Contacto com a Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos para pedido de apoio no estudo

e) Pedido de apoio no estudo ao Presidente da Junta de Freguesia de Arganil



Figuras 168 e 169 - Contacto com o Presidente da Junta de Freguesia de Arganil para pedido de apoio no estudo

f) **Pedido de apoio no estudo à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil**

 **Vanessa Oliveira**
Para: Elisabete Oliveira

Exma. Sra. Vereadora do Planeamento Estratégico, Desenvolvimento Económico e Empreendedorismo, da Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos,
Dra. Elisabete Oliveira,

No âmbito do trabalho de Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, na Escola Superior de Educação de Coimbra, do Instituto Politécnico de Coimbra, estou a desenvolver a minha Dissertação Final.

Um dos aspetos metodológicos é um questionário por entrevista às entidades que consideramos de muita relevância para o presente estudo.

Nesse sentido, venho solicitar a prestimosa colaboração V.Exa. no sentido de me autorizar a fazer uma Entrevista à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil, Dra. Helena Travassos, no âmbito do presente estudo.

Em caso afirmativo, agradeço o apoio prestado e fundamental neste processo.

Grata pela sua atenção.

Com os melhores cumprimentos,
Vanessa Costa de Oliveira.

 **Elisabete Oliveira**
Para: Você
Cc: Helena Travassos

Boa tarde Cara Vanessa,

Autorizo a entrevista à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil, Dra. Helena Travassos, no âmbito do presente estudo, pedindo que articule diretamente com a Dra. Helena para escolher um momento que lhe seja mais oportuno.

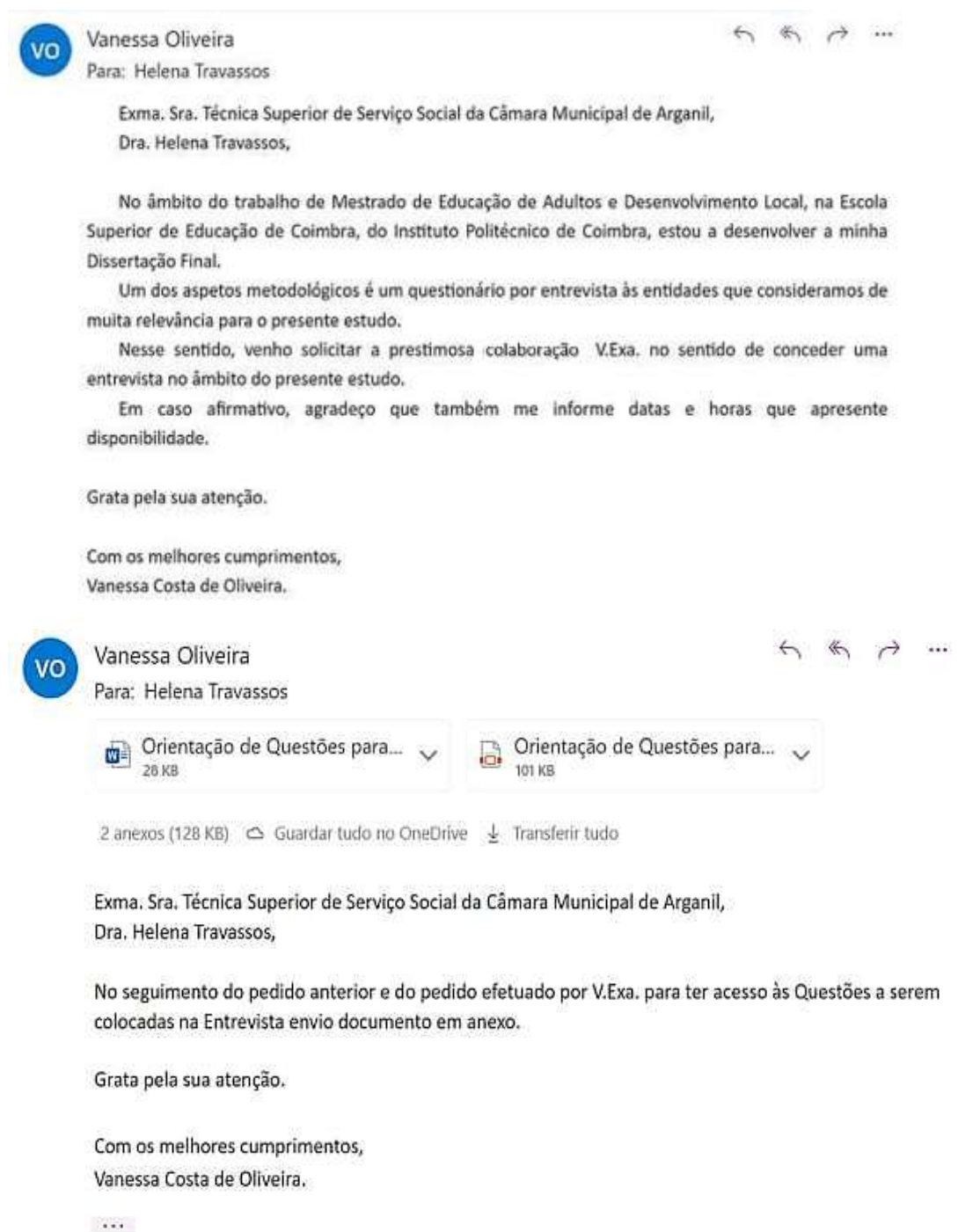
Atenciosamente,



Elisabete Oliveira
Vereadora da Câmara Municipal de Arganil
Tlm: 926 430 874
elisabete.oliveira@cm-arganil.pt

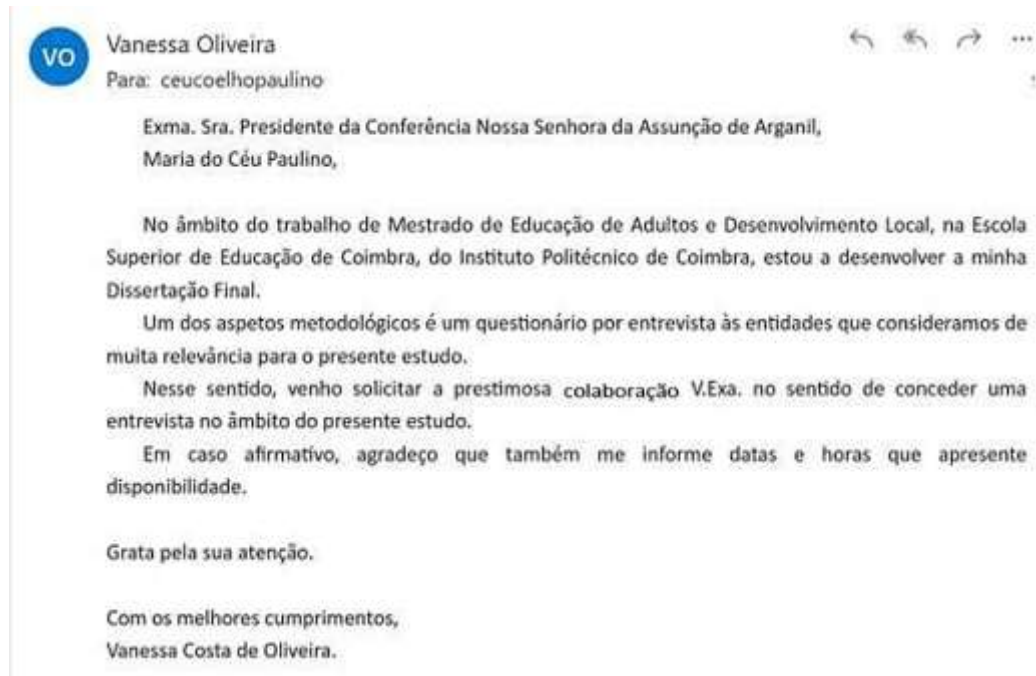
Município de Arganil
Praça Simões Dias, Apartado 10, 3304-954 ARGANIL
Tel: 235 200 150 Fax: 235 200 158
geral@cm-arganil.pt

Figuras 170 e 171 - Contacto com a Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos a solicitar a participação da Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil em apoiar no estudo



Figuras 172 e 173 - Contacto com a Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil para pedido de apoio no estudo

g) Pedido de apoio no estudo à Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil



VO Vanessa Oliveira
Para: ceucoelhopaulino

Exma. Sra. Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil,
Maria do Céu Paulino,

No âmbito do trabalho de Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, na Escola Superior de Educação de Coimbra, do Instituto Politécnico de Coimbra, estou a desenvolver a minha Dissertação Final.

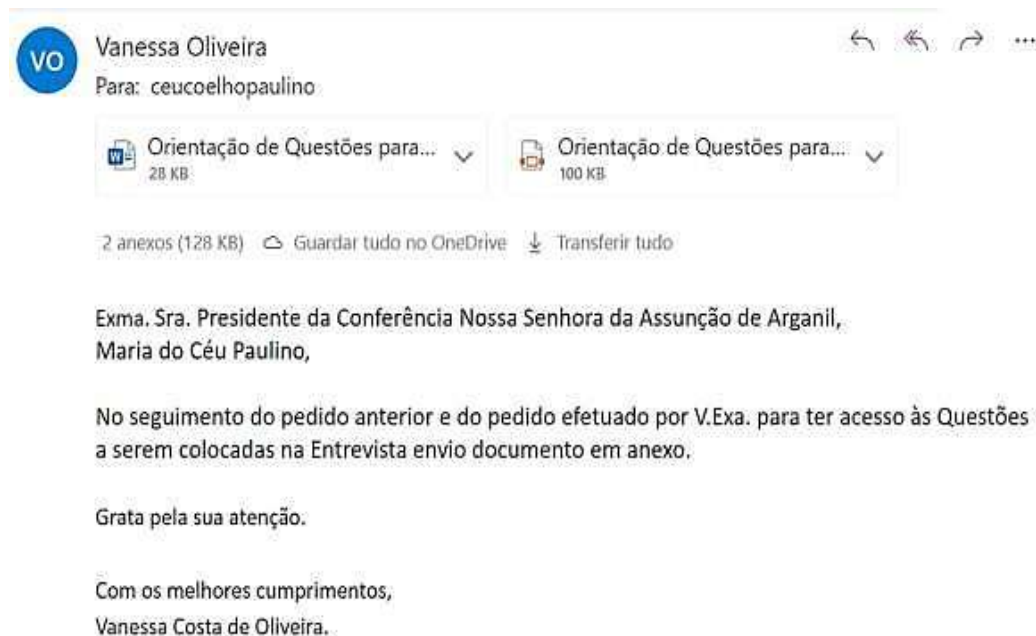
Um dos aspetos metodológicos é um questionário por entrevista às entidades que consideramos de muita relevância para o presente estudo.

Nesse sentido, venho solicitar a prestimosa colaboração V.Exa. no sentido de conceder uma entrevista no âmbito do presente estudo.


Em caso afirmativo, agradeço que também me informe datas e horas que apresente disponibilidade.


Grata pela sua atenção.



Com os melhores cumprimentos,
Vanessa Costa de Oliveira.



VO Vanessa Oliveira
Para: ceucoelhopaulino

 Orientação de Questões para...
28 KB

 Orientação de Questões para...
100 KB

2 anexos (128 KB)  Guardar tudo no OneDrive  Transferir tudo

Exma. Sra. Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil,
Maria do Céu Paulino,

No seguimento do pedido anterior e do pedido efetuado por V.Exa. para ter acesso às Questões a serem colocadas na Entrevista envio documento em anexo.

Grata pela sua atenção.

Com os melhores cumprimentos,
Vanessa Costa de Oliveira.

Figuras 174 e 175 - Contacto com a Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil para pedido de apoio no estudo

Apêndice II - Guiões de Entrevistas Semiestruturadas

Depois das entidades aceitarem realizar as Entrevistas Semiestruturadas constituíram-se os respetivos guiões.

a) Guião de entrevista ao Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil

Categorias	Objetivos específicos	Questões
I – Dados Biográficos: Nome Idade Sexo Naturalidade Residência Escolaridade Área profissional Tempo em exercício de funções	Recolher informações sobre o Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil	Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional

<p>II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil</p>	<p>Identificar e caracterizar a contribuição da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O que achava sobre este local? 1.2. Das suas condições? 1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado? 2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro? 3. Como é a relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos? 4. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil na intervenção no bairro? Quais?
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente versus Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<ol style="list-style-type: none"> 5. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação? 6. Houve alguma intervenção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil ao longo destes anos? <ol style="list-style-type: none"> 6.1. Se sim – Quais? 6.2. Se não – Porquê?

		<p>7. Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil fez parte, sendo a entidade promotora.</p> <p>7.1. No que consistiu o Projeto?</p> <p>7.2. O que permitiu fazer?</p> <p>7.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p>
IV - Relação entre Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil e o Desenvolvimento Local	Identificar a forma como a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho	<p>8. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>8.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>8.2. Se não - Porquê?</p> <p>9. Acha que os outros projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>9.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>
V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo	Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil	<p>10. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê?</p> <p>10.2. Se não - Porquê?</p>

		<p>11. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p> <p>12. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>13. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>14. A Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>15. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?</p>
Pergunta Aberta	Momento de reflexão do Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil	Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?
VI – Agradecimentos	Felicitar o Presidente do Bairro São Vicente de Paulo pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer ao Presidente do Bairro São Vicente de Paulo pelas informações disponibilizadas.

Tabela 2 - Guião de entrevista ao Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil

b) Guião de entrevista ao Presidente da Câmara Municipal de Arganil

Categorias	Objetivos específicos	Questões
<p>I – Dados Biográficos:</p> <p>Nome</p> <p>Idade</p> <p>Sexo</p> <p>Naturalidade</p> <p>Residência</p> <p>Escolaridade</p> <p>Área profissional</p> <p>Tempo em exercício de funções</p>	<p>Recolher informações sobre o Presidente da Câmara Municipal de Arganil</p>	<p>Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.</p>
<p>II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil</p>	<p>Identificar e caracterizar a contribuição da Câmara Municipal de Arganil para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção?</p> <p>1.1. O que achava sobre este local?</p> <p>1.2. Das suas condições?</p> <p>1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?</p>

		<p>2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?</p> <p>3. Como é a relação da Câmara Municipal de Arganil com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?</p> <p>4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Câmara Municipal de Arganil?</p> <p>5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Câmara Municipal de Arganil na intervenção no bairro? Quais?</p>
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<p>6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?</p> <p>7. Houve alguma intervenção da Câmara Municipal de Arganil ao longo destes anos?</p> <p>7.1. Se sim – Quais?</p> <p>7.2. Se não – Porquê?</p> <p>8. Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Câmara Municipal de Arganil fez parte.</p> <p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p>

		<p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
<p>IV - Relação entre a Câmara Municipal de Arganil e o Desenvolvimento Local</p>	<p>Identificar a forma como a Câmara Municipal de Arganil tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho</p>	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>
<p>V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil</p>	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p>

		<p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p> <p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Câmara Municipal de Arganil tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?</p>
Pergunta aberta	Momento de reflexão do Presidente da Câmara Municipal de Arganil	Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?
VI – Agradecimentos	Felicitar o Presidente da Câmara Municipal de Arganil pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer ao Presidente da Câmara de Arganil pelas informações disponibilizadas.

Tabela 3 - Guião de entrevista ao Presidente da Câmara Municipal de Arganil

c) Guião de entrevista ao Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade

Categorias	Objetivos específicos	Questões
<p>I – Dados Biográficos:</p> <p>Nome</p> <p>Idade</p> <p>Sexo</p> <p>Naturalidade</p> <p>Residência</p> <p>Escolaridade</p> <p>Área profissional</p> <p>Tempo em exercício de funções</p>	<p>Recolher informações sobre o Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade</p>	<p>Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.</p>
<p>II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental</p>	<p>Identificar e caraterizar a contribuição da Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção?</p> <p>1.1. O que achava sobre este local?</p> <p>1.2. Das suas condições?</p> <p>1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?</p>

		<ol style="list-style-type: none"> 2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro? 3. Como é a relação da Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos? 4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental? 5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, na intervenção no bairro? Quais?
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<ol style="list-style-type: none"> 6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação? 7. Houve alguma intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, ao longo destes anos? <ol style="list-style-type: none"> 7.1. Se sim – Quais? 7.2. Se não – Porquê?

		<p>8. Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, fez parte.</p> <p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p> <p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
<p>IV - Relação entre a Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, e o Desenvolvimento Local</p>	<p>Identificar a forma como a Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho</p>	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>

<p>V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental</p>	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p> <p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p> <p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Câmara Municipal de Arganil, ao nível ambiental, tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?</p>
---	---	---

Pergunta Aberta	Momento de reflexão do Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade	Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?
VI – Agradecimentos	Felicitar o Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer ao Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade pelas informações disponibilizadas.

Tabela 4 - Guião de entrevista ao Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade

d) Guião de entrevista à Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos

Categorias	Objetivos específicos	Questões
I – Dados Biográficos: Nome Idade Sexo Naturalidade Residência Escolaridade Área profissional Tempo em exercício de funções	Recolher informações sobre a Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos	Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.
II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social	Identificar e caraterizar a contribuição da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O que achava sobre este local? 1.2. Das suas condições? 1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado? 2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?

		<p>3. Como é a relação da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?</p> <p>4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social?</p> <p>5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, na intervenção no bairro? Quais?</p>
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<p>6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?</p> <p>7. Houve alguma intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, ao longo destes anos?</p> <p>7.1. Se sim – Quais?</p> <p>7.2. Se não – Porquê?</p>

		<p>8. Recentemente houve um projeto implementado no bairro, do qual a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, fez parte.</p> <p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p> <p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
IV - Relação entre a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, e o Desenvolvimento Local	Identificar como a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros os projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>
V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo	Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p>

		<p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p> <p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que possam vir a serem manifestadas?</p>
<p>Pergunta aberta</p>	<p>Momento de reflexão da Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos</p>	<p>Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?</p>

VI – Agradecimentos	Felicitar a Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer à Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos pelas informações disponibilizadas.
---------------------	---	--

Tabela 5 - Guião de entrevista à Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos

e) Guião de entrevista à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil

Categorias	Objetivos específicos	Questões
<p>I – Dados Biográficos:</p> <p>Nome</p> <p>Idade</p> <p>Sexo</p> <p>Naturalidade</p> <p>Residência</p> <p>Escolaridade</p> <p>Área profissional</p> <p>Tempo em exercício de funções</p>	<p>Recolher informações sobre a Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil</p>	<p>Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.</p>
<p>II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social</p>	<p>Identificar e caraterizar a contribuição da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção?</p> <p>1.1. O que achava sobre este local?</p> <p>1.2. Das suas condições?</p> <p>1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?</p>

		<p>2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?</p> <p>3. Como é a relação da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?</p> <p>4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social?</p> <p>5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, na intervenção no bairro? Quais?</p>
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<p>6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?</p> <p>7. Houve alguma intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, ao longo destes anos?</p> <p>7.1. Se sim – Quais?</p> <p>7.2. Se não – Porquê?</p>

		<p>8. Recentemente houve um projeto implementado no bairro, do qual a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, fez parte.</p> <p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p> <p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
<p>IV - Relação entre a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, e o Desenvolvimento Local</p>	<p>Identificar como a Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho</p>	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros os projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>

<p>V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>Reflexão sobre a perspectiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social</p>	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p> <p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p> <p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Câmara Municipal de Arganil, ao nível da Ação Social, tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que possam vir a ser manifestadas?</p>
<p>Pergunta aberta</p>	<p>Momento de reflexão da Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil</p>	<p>Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?</p>

VI – Agradecimentos	Felicitar a Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil pelas informações disponibilizadas.
---------------------	--	---

Tabela 6 - Guião de entrevista à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil

f) Guião da entrevista à Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil

Categorias	Objetivos específicos	Questões
I – Dados Biográficos: Nome Idade Sexo Naturalidade Residência Escolaridade Área profissional Tempo em exercício de funções	Recolher informações sobre a Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil	Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.
II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil	Identificar e caraterizar a contribuição da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O que achava sobre este local? 1.2. Das suas condições? 1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado? 2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?

		<p>3. Como é a relação da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?</p> <p>4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil?</p> <p>5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil na intervenção no bairro? Quais?</p>
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<p>6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?</p> <p>7. Houve alguma intervenção da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil ao longo destes anos?</p> <p>7.1. Se sim – Quais?</p> <p>7.2. Se não – Porquê?</p> <p>8. Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil fez parte.</p>

		<p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p> <p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
IV - Relação entre a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil e o Desenvolvimento Local	Identificar como a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros os projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>
V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo	Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p> <p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p>

		<p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que possam vir a ser manifestadas?</p>
Pergunta aberta	Momento de reflexão da Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil	Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?
VI – Agradecimentos	Felicitar a Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer à Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil pelas informações disponibilizadas.

Tabela 7 - Guião da entrevista à Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil

g) Guião de entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Arganil

Categorias	Objetivos específicos	Questões
I – Dados Biográficos: Nome Idade Sexo Naturalidade Residência Escolaridade Área profissional Tempo em exercício de funções	Recolher informações sobre o Presidente da Junta de Freguesia de Arganil	Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.
II - Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Junta de Freguesia de Arganil	Identificar e caracterizar a contribuição da Junta de Freguesia de Arganil para o melhoramento das condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O que achava sobre este local? 1.2. Das suas condições? 1.3. Da maneira como se encontrava estruturado e organizado? 2. O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?

		<p>3. Como é a relação da Junta de Freguesia de Arganil com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?</p> <p>4. Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo Bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Junta de Freguesia de Arganil?</p> <p>5. Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Junta de Freguesia de Arganil na intervenção no bairro? Quais?</p>
<p>III – Questionamento sobre a situação do Bairro São Vicente de Paulo: Antigamente <i>versus</i> Atualmente</p>	<p>Perceber se houve ou não houve uma intervenção mais aprofundada no passado desta entidade local</p>	<p>6. Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?</p> <p>7. Houve alguma intervenção da Junta de Freguesia de Arganil ao longo destes anos?</p> <p>7.1. Se sim – Quais?</p> <p>7.2. Se não – Porquê?</p> <p>8. Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Junta de Freguesia de Arganil fez parte.</p> <p>8.1. No que consistiu o Projeto?</p>

		<p>8.2. O que permitiu fazer?</p> <p>8.3. Por que entidades foi desenvolvido?</p> <p>8.4. Qual foi o vosso nível de participação na parceria?</p>
IV - Relação entre a Junta de Freguesia de Arganil e o Desenvolvimento Local	Identificar a forma como a Junta de Freguesia de Arganil tem integrado, integra ou poderá integrar-se no Desenvolvimento Local do Concelho	<p>9. Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>9.1. Se sim - Porquê? Como?</p> <p>9.2. Se não - Porquê?</p> <p>10. Acha que os outros projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?</p> <p>10.1. Se sim - Porquê? Pode especificar quais são os projetos?</p> <p>10.2. Se não - É do vosso interesse desenvolver projetos neste âmbito, do Desenvolvimento Local?</p>
V – Questionamento sobre o Futuro do Bairro São Vicente de Paulo	Reflexão sobre a perspetiva futura do Bairro São Vicente de Paulo e a intervenção da Junta de Freguesia de Arganil	<p>11. O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?</p> <p>11.1. Se sim - Porquê?</p> <p>11.2. Se não - Porquê?</p> <p>12. Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?</p>

		<p>13. Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?</p> <p>14. Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?</p> <p>15. A Junta de Freguesia de Arganil tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?</p> <p>16. Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?</p>
Pergunta Aberta	Momento de reflexão do Presidente da Junta de Freguesia de Arganil	Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?
VI – Agradecimentos	Felicitar ao Presidente da Junta de Freguesia de Arganil pelo seu esclarecimento em relação a este tema	Agradecer ao Presidente Junta de Freguesia de Arganil pelas informações disponibilizadas.

Tabela 8 - Guião de entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Arganil

Apêndice III - Transcrições das Entrevistas Semiestruturadas

Após a realização das Entrevistas Semiestruturadas e, para fazer a devida análise das mesmas, foi necessário fazer a sua transcrição. De realçar, que existe um critério de identificação para distinguir as duas pessoas envolvidas na entrevista, ou seja, colocou-se um P para reconhecer a intervenção do entrevistador e um R para se identificar o entrevistado.

a) Transcrição da entrevista ao Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil

P1: Boa noite, Senhor Reitor. É um prazer estar aqui consigo. É uma honra realmente poder ter esta entrevista com uma presença tão ilustre da nossa Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil e também Presidente do Bairro São Vicente de Paulo. Eu gostaria primeiramente que me falasse um pouco sobre si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar e académico e o seu percurso profissional?

R1: Muito boa noite. Obrigado pela oportunidade de falar um pouquinho sobre isso. Na questão, de falar um pouquinho de mim... Eu já tenho já um bom tempo que desde os sete anos de idade já queria ser padre. Hoje graças a deus o sou, mas para chegar esse dia foi preciso passar por várias etapas da minha vida, que fui professor de educação física... Sou formado em educação física... Mestrado... Dei aulas durante vinte e tal anos em educação física, até hoje. Primeiro fiz filosofia e teologia, na Faculdade da Diocese Santo Amaro, São Paulo, desporto que se chama cá em Portugal. Depois, quando eu tinha trinta e três anos resolvi ver com a idade de Cristo, resolvi ver se a minha vocação foi despertada quando tinha sete anos, se era realmente um chamado de Deus ou se era coisa da minha cabeça e realmente fui. Entrei com trinta e três anos, fiz seminário.... Fui ordenado em 2008 e passei as primeiras paróquias minhas foi cá em Portugal lá no baixo Mondego, ali Montemor o velho que faz parte, também uma parte de Coimbra que é São Silvestre, Lamarosa, São Martinho, depois por último fiquei com essas três mais, Meãs do Campo e Tentúgal. Depois, no ano de 2019, o bispo convidou para vir para estar paróquias que é a

daqui de Arganil. Sete paróquias... Por minha surpresa e descontentamento tenho de dizer isso, fui convidado a assumir mais onze paróquias. Ao todo dezoito paróquias, que é quase impossível de trabalhar, da mesma forma em todas essas paróquias.

Tento fazer e dar o meu máximo de contribuir com a ajuda de dois vigários que não é suficiente, dois diáconos permanentes. E estou cá em Arganil há já três anos e seja o que Deus quiser.

P2: Sabendo o Senhor Reitor, que eu tenho uma estreita relação com o Bairro São Vicente de Paulo e sabendo que sou aluna do Mestrado Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, não faria sentido, senão o meu interesse ser realmente focado no Bairro São Vicente de Paulo e, por isso, estudar a importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local associado a este local, ou seja, o estudo de caso do Bairro São Vicente de Paulo. E eu gostaria primeiramente que o Senhor Reitor me dissesse qual é que é a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção que foi feita? Por exemplo, o que achava sobre este local? Das suas condições? Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?

R2: Quando eu vim para cá em 2019, quando eu tive conhecimento do bairro ainda no mesmo ano, entrei em vinte de outubro de 2019. Ainda nesse mesmo ano tive conhecimento desse bairro, não imaginava que a Paróquia de Arganil tinha um bairro com catorze casas e era um local que se chamava bairro dos pobres. Estava sobre a responsabilidade das vicentinas, aqui o pessoal que fazem parte das vicentinas há muitos anos cá em Arganil, que já foi repassado para elas através de um pedido de Padre Manuel Martins para que eles pudessem tomar conta desse bairro já que o trabalho deles é com as pessoas carenciadas. E elas vieram diante da situação que estava o bairro, tantas confusões, conflitos, GNR, realmente uma calamidade, muitas reclamações dos vizinhos, da sociedade em si e eu resolvi visitar o bairro e realmente aquilo lá estava um terror... Uma situação terrível que estava se encontrava nesse bairro, tanto os relacionamentos entre eles não tinham um bom convívio, cada um por si e Deus por todos e um engolindo

o outro, um ditado que nós falamos. Fora a situação terrível das casas, a maneira de arrumar as casas dentro, a organização, barracões por um lado, barracões por outro, sujeira para tudo quanto é lado. Era uma pequena favela do Brasil. Depois então eu assumi a responsabilidade novamente como Fábrica da Igreja desse bairro e depois procurei meios para podermos melhorar aquilo. De que forma? Aí surgiu essa candidatura dos bairros saudáveis e nós tivemos o grande apoio da Câmara Municipal. Conseguimos cinquenta mil euros que não é nada diante do que foi gasto lá, mas conseguimos diante das parcerias, da ajuda de um e de outro, reduzir os custos e fazer um bom trabalho, não só na questão do prédio em si, mas com as pessoas. As pessoas hoje podemos dizer que são melhores que eram, não são cem por cento ainda, mas já são melhores. Graças a Deus correu bem o projeto...

P3: Aproveitando a parte que está a falar aqui das pessoas em si, o que é que pensa ou pensava sobre as pessoas que habitam no bairro?

R3: O que é que eu pensava? Pensava que eram pessoas muito conflituosas. Achavam, armavam conflitos com qualquer coisa, de qualquer maneira. Hoje já percebo, já são diferentes. São mais sociáveis, mais abertas... Mesmo que ainda tenham alguns rebeldes no meio, mas já são, já mudou muito, muito, muito mesmo. A maneira de pensar, a maneira de partilhar, já não têm o mesmo egoísmo que tinha antes. São pessoas que só pensavam em si olha e se o vizinho não tomasse cuidado também. Mas não, agora já são, graças a esse trabalho que foi feito, foi feito lá, mudaram muito... Como eu disse, não é a cem por cento ainda, mas melhorou muito.

P4: Em relação à Fábrica da Igreja, como é que é a relação com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar alguns exemplos da vossa relação?

R4: É boa. Eu, como Presidente da Fábrica da Igreja, já estive lá algumas vezes. Sou muito bem recebido. Eles veem aqui no Cartório, também às vezes, para falar de alguma coisa que aconteceu ou que está acontecendo.... Tem um bom relacionamento. Por mais que por vezes esse mexer no conforto deles incomode, mas graças a Deus até agora eles estão

a ter um bom relacionamento, num tenho de muito que reclamar deles em questão ao relacionamento com a Fábrica da Igreja. Espero que continue cada vez melhor, não é.

P5: E ao longo do tempo, que papel tem tido a Fábrica da Igreja na intervenção do bairro?

R5: A relação era muito distante... Mesmo sendo passado para as vicentinas, elas tentavam, eram só senhoras, elas tentavam fazer um bom trabalho, mas não conseguia porque era dominada pelo egoísmo, muitas vezes, de algumas pessoas de lá e esses conflitos, então era muito distante... Já têm muitas ferramentas para poder então pegadas, usufruir daquilo e cuide deles lá e não querem saber de nada. Hoje já somos mais próximos.

P6: Aos seus olhos essa intervenção era positiva ou negativa?

R6: Positiva. Era necessário... Ou fazíamos isso ou, era sempre problemas a ser resolvidos. Conforme fizemos uma reunião com todas as entidades parceiras e não só. Porque o comandante da GNR disse, "Olha, o nosso trabalho lá no bairro diminuiu quase 100%". Já é bom, bom resultado... Sinal que as coisas estão caminhando para melhor.

P7: Falando o Senhor Reitor, que em 2019 foi quando se estabeleceu mais em Arganil e, por exemplo, até ao longo dos anos 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tinha poucas condições no seu todo, tanta arquitetura, espaços verdes... Toda a comunidade arganilense reconhecia isso... Como é que explica esta situação destas condições?

R7: Então aquilo foi realmente assim. Foi... Ninguém queria se envolver com esse bairro. Era muitos conflitos e ninguém queria nem saber desse bairro e achavam um monte de pessoas ali desocupadas. Não faziam nada por si nem por ninguém, e realmente as pessoas olha já que querem assim isolaram eles e eles ficaram realmente isolados ali

naquele bairro... Sem eles ajudarem ninguém e nem ninguém os ajudava.... Ninguém queria saber de nada mais. Mais distante era melhor...

P8: E, ao longo destes anos, houve alguma intervenção da Fábrica da Igreja, por exemplo, sendo na mesma da Conferência, por exemplo, algum interesse em fazer atividades, alguma coisa?

R8: Nada, nada, nada...

P9: E porque é que não houve?

R9: Exatamente pela postura dos próprios moradores que não eram merecedores na época e não tinham atitudes para merecer. Então, quer dizer, ninguém ajuda, quem não quer também. Para nós fazermos esse projeto lá, foi complicado, porque se fossemos ver ali a atitude de alguns moradores nós não íamos fazer nada, porque eles não queriam. Estavam bem daquele jeito, na bagunça, no desconforto, nas confusões, nos conflitos.... Estava tão bom para que mudar? Então quer dizer, a Fábrica da Igreja devia ser do mesmo jeito, não estava nem aí para eles porque ia mexer com vespeiro? Ninguém quer saber de vespeiro.... Quanto mais longe de nós melhor era. Mas Graça a Deus deu certo...

P10: Como falámos até agora, realmente foi implementado no bairro um projeto a partir de 2021, no qual a Fábrica da Igreja realmente teve um grande papel neste sentido, que foi a entidade promotora. Eu queria saber assim, num pequeno resumo, se me sabe dizer em que consistiu o projeto? O que permitiu fazer? Por que entidades foi desenvolvido?

R10: O projeto era para trabalharmos com um todo. Não só como disse, a parte física, mas também uma parte humana. Isso foi... O nosso projeto que não adiantava nada fazermos ali grandes palacetes, arrumar todas as casas, fazer isso e aquilo, mas as pessoas continuaram com o mesmo pensamento, as mesmas manias, os mesmos... O querer aquela liberdade, o tudo pode.... Realmente exatamente isso... O nosso querer ali foi trabalhar a parte estrutural, que foi feita física, nas casas.... Arrumar os telhados, arrumar

casas de banho... A pintura por dentro, por fora... A parte de fora, por exemplo, havia muitos barracões, muitos puxadinhos aqui e ali... Fazer um bairro que as pessoas pudessem ir lá. Por exemplo, visitar e ter gosto de estar ali, vontade de morar ali, sentir bem em morar ali. Eu acho que a Fábrica da Igreja teve esse papel de querer mudar tudo, não só a parte física em si, mas também a parte humana, que foi tão importante para algumas mudanças e melhorarmos realmente aquele bairro que era um pé de guerra.

P11: Relativamente à vossa entidade considera que esteve à altura deste desafio ou teve realmente a consciência do processo em si que ia ser feito neste projeto?

R11: Tinha consciência nenhuma. A nossa vontade é que aquilo lá fosse feito, mas sem tanta coisa que foi trabalhada ali com num todo ali, a parte estrutural e a parte humana. Não imaginávamos que devia ia ser tão difícil... E que foi... Não foi fácil.... Era muita coisa a ser feita, muita coisa a ser cobrada, muita coisa... Mas foi sendo feita aos pouquinhos e hoje podemos dizer assim que realmente valeu a pena esse projeto.

P12: Então considera que superaram o desafio?

R12: Superaram... Eu não imaginava que ia trabalhar com também com essa parte humana que era tão necessário. E conseguimos trabalhar nessa parte humana das pessoas e as pessoas certamente completamente mudaram o jeito de pensar, de agir, partilhar, mas sei lá em quaisquer eventos, qualquer movimento que fazemos ali, nas entidades parceiras que fizeram parte de tudo... Eles preocupavam-se, era um sumo, era um bolinho, era uma coisa, era outra... Quer dizer, isso era impossível antes... Hoje não, hoje já partilham. Um vai busca uma coisa, outra busca outra.... Mudou muito, muito...

P13: Já vão em busca das coisas? Já conquistam?

R13: É diferente...

P14: Relativamente às intervenções realizadas, acha que elas se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

R14: Sim... Eu acho que sim, porque o objetivo foi esse mais, superou. Era para fazer-se esse desenvolvimento para melhorar em tudo em qualquer aspeto naquele bairro e conseguimos.

P15: O que considera que no bairro proporcionou o Desenvolvimento Local? Tanto ao nível do bairro, como ao nível do concelho de Arganil?

R15: Todas as entidades contribuíram para isso. Era impossível, por exemplo, a Fábrica da Igreja queria fazer uma coisa e a Câmara, mas não aí depois tem a parte de saúde, a parte veterinários... Todas as entidades envolveram-se com aquilo ali, cada um fez uma parte e fizeram e deram o seu melhor, então quer dizer foi graças a isso, senão não era possível...

P16: Acha que outros projetos, como este, podem ser realizados pela vossa entidade da Igreja, da Fábrica da Igreja no âmbito do Desenvolvimento Local?

R16: Acho que o Bairro, por exemplo, já fizemos essa parte toda do que foi feito lá, mas eu acho que ainda não é o fim... Ainda tem muito que fazer lá, ainda. Mas penso que sim... Penso que futuramente poderá até outros projetos que possam contribuir para que esse bairro possa melhorar mais ainda. Eu acho, nós temos, não é pegar aqui e ali e depois não faz nem um, nem outro bem feito e continuarmos quando se temos outras oportunidades. Pegarmos e trabalharmos mais nesse bairro para melhorar mais ainda a vida dessas pessoas que nós não parámos ainda. Temos aí o projeto para terminar as calçadas, aí com a ajuda da Junta da Freguesia de Arganil. O projeto não parou, apenas começou e tem que dar continuidade da maneira do possível para melhorar a vida das pessoas.

P17: Mas, por exemplo, eu tenho conhecimento o que Senhor Reitor é muito propício a trabalhar o património histórico-cultural de Arganil, que costuma organizar muitas

atividades, desde caminhadas, desde de passeios, desde dinâmicas em que haja convívios e partilha entre as pessoas. Acha que isso é Desenvolvimento Local?

R17: Penso que assim, não só local, mas como também a nível do concelho todo. Nós tentamos fazer com que as pessoas possam se inteirar mais, conviver mais, poder partilhar, poder.... Trabalhamos com e nas questões de preservar o património, não só a parte cultural, parte emocional das pessoas, a parte física.... Então tentamos trabalhar num geral, não é uma igreja hoje nós podemos dizer fechada somente rezar e casa... Não.... Rezar e trabalharmos num todo, no desenvolvimento das pessoas para que elas realmente possam sentir participante de tudo, não só pensar que vai para a Igreja para rezar... Não... vai para a igreja para participar de tudo... De ajudar em tudo o que é preciso, dos desenvolvimentos dos trabalhos nas atividades, tanto culturais como religiosas. Essa parte social que também é tão importante e que nós temos, graças a Deus... Com a parte social que é feita pelas vicentinas, que já ajudam há tantos anos famílias carenciadas com a alimentação, mas isso tem que fazer com aquelas pessoas que sintam também assim, eu faço parte, eu preciso de ajudar também... E não só um grupo de pessoas, mas tem que abrir, abrir o leque.

P18: Realmente, em toda esta pequena conversa que tivemos, já se percebeu que o bairro foi realmente beneficiado para uma intervenção gigantesca, que não seria impensável antigamente. Na sua perspetiva, seria interessante desenvolver outro projeto similar? Tanto no bairro como fora do bairro?

R18: Sim, acho que sim... Desde que tenhamos oportunidade e a ajuda das entidades... Sempre é possível...

P19: Ou seja, partilha da opinião que é importante as entidades acompanharem este processo?

R19: Sempre...

P20: E, sabe dizer-me porquê?

R20: Uma entidade, por exemplo, quando colabora num projeto em si ela tem de colaborar e tem que dar continuidade, porque se ela não dá continuidade vai voltar, então a tudo que era antes. E ela, dando continuidade, cobrando as coisas que foram feitas e que não está sendo mais. E aí cobrando isso da Fábrica da Igreja nós vamos tentando fazer para realmente aquilo não acontecer, para não cair também no esquecimento e depois voltar tudo ao que era antes. As entidades o que ela fez, ela precisa agora dar continuidade, ajudando, colaborando e cobrando...

P21: Como pessoa, Presidente e profissional, tem assim algumas ideias em mente ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R21: Penso que sim. Nós temos tantas atividades que nós fazemos em várias paróquias em si. Em nada foge de um dia nós fazermos alguma atividade relacionada às paróquias aqui, junto com o bairro ou vamos lá pelo bairro, podemos fazer alguma coisa, alguma atividade lá dentro do bairro. Depois, não só, depois temos a Câmara Municipal, junto com a parte de ação social, promover alguns eventos ali também no bairro... Trazer, conforme já fizeram, levar para fazer doces essas coisas que eles sabem lá de melhor nessas festas que temos aqui dentro do concelho. Para não deixar isso cair se perder... Tem lá tantas pessoas que sabem fazer doce, sabem fazer salgado, sabem fazer tantas outras atividades que poderia ser aproveitado e a Igreja também poderá junto com essas entidades pegar e colaborar para fazermos algumas coisas ali diferente no bairro, para mostrar que esse bairro não é mais aquele bairro que ninguém queria ir, mas que todos agora podem ir e que vão ser bem recebidos.

P22: E como gostaria de ver daqui a alguns anos, tanto o bairro como as pessoas?

R22: Um bairro modelo, que ainda não é o modelo a nível nacional, mas assim a nível de vida daqui de Arganil, as pessoas agora passam ali, os vizinhos ficam contentes, as pessoas passam ali na frente do bairro ficam contente com tudo o que foi feito. Então acho que ainda temos muito ainda que fazer e depois diante disso tudo o bairro poderá realmente ser um modelo nacional diante do projeto que foi feito, é um projeto que não é local, mas é um projeto de dinheiro que veio de fora. Acho que isso possa mostrar, então, um dia que isso aconteça, que com essa pouca quantidade de dinheiro que eles deram, um bairro inteiro mudou, a cabeça das pessoas, mudou o local, mudou a estrutura física e tudo. Ficou tudo para melhor! Poderá ainda ser um modelo, não sei...

P23: Sendo a sua perspetiva e ambição que seja um modelo, o bairro, um modelo mediano, ou melhor, ou dependendo da perspetiva e também da ambição das pessoas, a Fábrica da Igreja tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros no melhoramento do bairro?

R23: Sim. Desde que tenham e surja algum projeto que nós possamos fazer a candidatura. Nada impede se for para melhorar ali a vida deles e porque a Igreja não é nós temos que ser realmente aquela igreja presente na vida das pessoas independente se as pessoas vão ou não vão à Igreja, nem todos ali vão à Igreja e até pastores de outras igrejas.... Olha o mais importante é ajudar, independente quem seja, quem são e que religião são... Uma igreja solidária, porque não adianta falarmos assim, olha fala de Deus, reza, seguem um Jesus, mas ele ia ao encontro de todos, independente se era seguidor dele ou não, mas ele ia... A Igreja nossa, tem que fazer o mesmo, tem que estar presente na vida das pessoas, tentar ajudá-las e o que for preciso. E cobrar obviamente, cobrar também algumas coisas que não é só dá, dá, dá... Depois não agradece nem nada, não. Dá, mas cobra também para que eles possam também sentir mais que eles têm aquela obrigação de poder contribuir. Tem de receber sim.... Temos prazer de lhe dar mais, mas também possam contribuir com alguma coisa para melhorar também a vida dos outros também.

P24: Então, nesta perspectiva, os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?

R24: Com certeza. É exatamente por isso que nós estamos, vamos querer fazer essas cobranças dessas pequenas taxas, não é para igreja, mas sim para eles próprios para melhorar um pouquinho do que é preciso ali, algumas emergências que vai ser necessário fazer no bairro. Isso, e que eles possam ver isso. Depois só prestar contas para a Fábrica da Igreja e de objetivos alcançados, é tipo um condomínio. No condomínio todo mundo paga, mas todo mundo recebe e lá também tem de ser. Eles pagam um pouquinho, mas eles vão receber também. Eles estão pagando para eles próprios, não é para nós, para eles, para melhorar a vida deles.... Melhorar o ambiente onde eles estão...

P25: Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e gostasse de falar agora nesta parte final da nossa entrevista?

R25: Não, seria agradecer o seu trabalho como aquela que coordenou todo o Projeto. Realmente, sem alguém que abraçasse a causa, quisesse fazer melhorar aquilo, dar um pouquinho de si, amar aquele projeto que estava sendo executado.... Olha não, talvez não teria saído do jeito que foi... Mas a doação, o carinho, o cuidado que você teve dentro do bairro é que foi importante. É ser responsável, mas também abraçar a causa, amar aquilo ali, cuidar daquilo... E hoje você, como coordenadora do projeto, podemos dizer que é a mais conhecedora de tudo o que acontece ali, não é?

P26: Atualmente é ex-coordenadora, ajudante direta...

R26: É... E aí quer dizer é a que mais conhece cada pessoa, que mais conhece cada situação, que mais conhece tudo que depois feito, jeito que era, da maneira que eles se tratavam e hoje, através do seu empenho é que foi possível.

P27: Agradeço mais uma vez a oportunidade desta entrevista. Foi uma honra ter um tempinho consigo. Agradeço, obrigada.

R27: De nada. Eu é que agradeço.

b) Transcrição da entrevista ao Presidente da Câmara Municipal de Arganil

P1: Bom dia, Senhor Presidente, é uma honra realmente poder ter uma entrevista consigo e um bocadinho do seu tempo. Sei que é uma pessoa bastante ocupada. Inicialmente, eu gostaria que me falasse um pouco sobre si mencionando, a sua naturalidade, o seu percurso escolar e académico e o seu percurso profissional.

R1: Bom, estou aqui na autarquia, há uns anos, como costume dizer, vim parar aqui por manifesto do acidente, nunca tinha tido atividade política ou partidária, como sabe. Do ponto de vista profissional sou colaborador, sou técnico da segurança social onde regressarei um dia destes. E nesse percurso profissional, a minha vida era com as empresas, com aquelas que não tinham situação financeira mais equilibrada e por isso, deixavam, regra geral, deixavam de pagar ao Estado e, portanto, era nessa altura que eu entrava em ação. E pronto e basicamente é essa aí a minha história mais recente.

P2: Relativamente ao Bairro São Vicente de Paulo é notório para toda a gente em Arganil que eu tenho uma relação estreita de amizade tanto com o bairro como com a entidade que representa. Mas eu gostaria de ter um pouco da sua visão relativamente a esta parte, porque eu sou aluna do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local e realmente eu gosto de estudar e analisar e observar as coisas. E é nesta vertente que eu achei importante estudar a importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local, nomeadamente fazer um estudo de caso do Bairro São Vicente de Paulo e o impacto que isso tem a nível concelhio. Então, eu gostaria de lhe perguntar qual é a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção que foi feita ao nível de, por exemplo, o que é que achava do local? Das suas condições? Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?

R2: O Bairro São Vicente de Paulo nós olhávamos para aquele espaço quase como uma espécie de gueto que estava um pouco à margem de tudo o resto. É certo que houve ali um conjunto de contribuições que resultaram na situação que ali tínhamos. A própria

circunstância de não haver intervenção no espaço, dele estar nalguns aspetos, até com algum nível de degradação, depois alguns acontecimentos sociais que acompanharam algumas das pessoas que estavam naquele espaço e, penso que a Vanessa deve saber que houve, chegou a ver ali situações de 20 pessoas dentro de uma casa com comportamentos que originaram inclusivamente violência...

P3: Comportamentos autodestrutivos, certo?

R3: Certo... Com acompanhamento social das mais diversas razões ao longo de muitos anos, naturalmente, o que quero dizer com isto, quero dizer que havia ali um conjunto de contributos, todos eles com carácter negativo que contribuíram para o resultado que ele estava.

P4: Por exemplo, enquanto pessoa e profissional, quando passava na estrada, que é a paisagem mais visível do bairro, o que é que você achava sobre o sobre o local? O que pensava? O que é que lhe transmitia o bairro?

R4: O bairro, por incrível que pareça, nós só temos uma noção ou só tínhamos uma noção muito clara da realidade do espaço quando lá entrávamos. Porque de fora o aspeto não é assim... Mesmo antes da intervenção, não era tão negativo quanto isso. Quando nós entrávamos no bairro, sabíamos aquele abarracamento que havia lá naqueles anexos, o espaço que estava ali junto às residências que efetivamente se notava que era muito descuidado. Depois, aquele abarracamento por causa dos animais também não era um contributo muito positivo. Mas até pela localização geográfica, quem passa, quem passava fora, quem passa fora não fica com uma fotografia negativa daquele espaço. Porque as casas até são, têm uma construção harmoniosa, a localização é boa e é desafogada. Não era uma, não, quando passava, não tinha uma imagem negativa daquele espaço. Quando conheci, sim, aí sim, mas isso volto a dizer é preciso, era preciso lá entrar para perceber efetivamente o que é que lá estava. Sabíamos que havia alguns agregados

com maior nível de disfuncionalidade. Isso sabíamos que estavam identificadas, acompanhávamos ao longo dos anos nas mais diversas componentes de intervenção social. Isso estava mais do que documentado.... Do ponto de vista urbanístico, as casas não estavam com uma tinta recente, mas não era aquilo que saltava aos olhos.

P5: Por exemplo, falámos agora dos moradores, o que é que pensa ou pensava dos moradores do Bairro São Vicente de Paulo?

R5: Eu não tenho capacidade para fazer uma, no fundo, para colocar tudo num embrulho e colocar uma designação. Sei porque acompanhei alguns processos aqui no tempo que estive na CPCJ quer naquilo que fui acompanhando nos vários programas de intervenção social. Sei ou sabia que havia alguns agregados familiares mais disfuncionais e a necessitarem de maior nível de acompanhamento. Mas não consigo generalizar, nem seria certamente correto fazê-lo generalizar essas dificuldades que aconteciam num outro agregado a todos os outros, isso não. Aí, já não consigo fazer esse tipo de análise e de apreciação.

P6: Ou seja, não acha que as pessoas são boas ou más? Não tem uma opinião realmente formada e é um estereótipo igualitário a toda a gente?

R6: Lá está, nem sequer são os quisermos olhar a coisa do ponto de vista matemático e por exclusão de partes. Eu sei que consigo identificar facilmente que há uma habitação onde aconteciam imensos problemas. Que tiveram e que deram lugar a não sei quantos processos de acompanhamento social. Mas seria manifestamente abusivo e incorreto estar a transpor essa apreciação que se traduzia em casos concretos para tudo o resto. Eu acho que aquilo que eu conheço na a generalidade das pessoas são pessoas normais, como todas as outras, havendo agregados com mais dificuldades, outros com menos dificuldades... Mas volto a dizer, generalizar uma fotografia, tenho a certeza que não é correto, nem é a realidade concreta daquele espaço.

P7: E, por exemplo, qual é a relação da Câmara Municipal com os habitantes deste bairro? Tem assim alguns exemplos que possa dar que representa esta vossa relação?

R7: A esse nível não, para além daquilo que é intervenção social, também sei que há colaboradores do Município que residem naquele espaço. De resto é um espaço que, sim, quando entrámos e percebemos que efetivamente havia ali um conjunto de habilidades, a nossa visão e aquilo de que nos obrigou a olhar também, obrigou entre aspas, que nos obrigou a olhar para aquilo que ali estava, foi essa perceção muito clara no espaço, as condições que existiam naquele espaço e de se perceber que às vezes uma coisa contamina a outra... Não tenho dúvidas nenhuma... Isso acontece não apenas num bairro social, como em qualquer aldeia do Concelho. Quando o espaço público está cuidado, quando é objeto de uma intervenção por regra, isso contamina positivamente também intervenções que se fazem no espaço privado, ou seja, as pessoas sentem também disso um estímulo para pintar a casa ou para arranjar o jardim ou para uma coisa qualquer do género e, portanto, ali notava-se que o desleixo no espaço envolvente acabava muitas vezes por contaminar negativamente também ali vivência social do Bairro São Vicente de Paulo.

P8: Então, considera que agora, com a presente intervenção, a vossa relação com estes moradores e com este bairro se tornou melhor? Se tornou mais sustentada?

R8: Inequivocamente que se nota que há um outro nível de envolvimento e, portanto, mas este nível de envolvimento também tem como correspondência uma responsabilização dos habitantes. E esse é o seu trabalho, um bocadinho, uma parte do seu trabalho e, no fundo, também nesse processo de pedagogia àquelas pessoas de lhes explicar que o esforço que estamos coletivamente ali a fazer é também para termos uma correspondência, uma entrega da parte deles naquilo que tem a ver agora também, principalmente com a preservação e com a manutenção daquilo que se fez, mas também

com outro tipo de integração e de corresponsabilização que todos pretendemos do ponto de vista social de cada um daqueles cidadãos.

P9: E agora falando mais de uma abordagem da relação com a Fábrica da Igreja de Arganil, que é o responsável pelo bairro, como é que caracterizaria a vossa relação aqui com o Município de Arganil?

R9: É um relacionamento positivo de colaboração recíproca e, neste caso em concreto, a Fábrica da Igreja foi parceiro essencial até como disse, é o proprietário do bairro, mas parceiro essencial e até foi o adequado para implementar este programa, acho que aí objetivamente temos a materialização de um conjunto de contributos, de entidades institucionais, não oficiais, de pessoas a título particular... Portanto, acabou por ser ali, no fundo também um conjunto de vontades que deram de si para termos ali um resultado muito positivo. A Fábrica da Igreja aqui foi essencial por todas as razões que desde logo se a Fábrica da Igreja dissesse não, aqui não mexem, não se podia fazer nada. Pelo contrário, não apenas disseram que sim, mas envolveram-se também na solução. Isso foi muito importante para o resultado que se chegou no bairro.

P10: E ao longo deste tempo todo, até esta intervenção, que papel tem tido o Município de Arganil na intervenção do bairro? Ou quais foram, por exemplo, as atividades ou as intervenções que foram feitas até, por exemplo, 2020?

R10: Que tenha de memória... Nenhuma, para além daquela componente passiva de acompanhamento social, de surge o caso, vamos lá acompanhar o caso... Em termos objetivos de intervenção no bairro não tenho memória de ter existido outra intervenção prévia a esta.

P11: E sendo esta data tão importante, 2020, que provavelmente será um ponto de viragem aqui nesta nossa conversa. O Bairro São Vicente de Paulo claramente que ao nível da comunidade arganilense e toda a gente via que o bairro tinha poucas condições em geral, era óbvio... Como explica esta situação?

R11: Eu não consigo encontrar nenhuma, nenhum enquadramento, nem lhe dar uma resposta que seja muito objetiva porque há casos... Aquilo que vou dizer agora é puramente especulativo. Há uma multiplicidade de casos que motivam depois também um comportamento diferente dos cidadãos, vamos chamar de comunidade de cada localidade. Estava aqui agora a hesitar se identificar o local ou não, mas é preferível não o fazer... Mas há, não é um bairro, mas é vamos chamar um espaço habitacional, uma casa, penso que são duas, noutra localidade do concelho, igualmente em má condição urbanística que eu diria muito pior do que estava o bairro antes de ser intervencionado. E nessa localidade não há, antes pelo contrário, não há nenhuma iniciativa por parte da comunidade para ajudar a resolver. E ali percebe-se só ao fim de muito tempo é que percebi o porquê... Porque efetivamente estamos a falar neste caso de pessoas que, pese embora as tentativas que a comunidade já fez para ajudar a integrar, no fundo, para contribuir para resolver os problemas, a postura desses agregados é exatamente oposta, é, estão num gueto e querem se manter num gueto... Estão à parte, aliás, agem até de uma forma ostensiva. E quando isto acontece, estou a dar este exemplo apenas para colocar isto num extremo de aquilo que pode acontecer neste tipo de situações. Neste caso, volto a dizer, este caso é muito evidente, contrariamente à situação do Bairro São Vicente de Paulo, só quando se entrava em que se percebia que efetivamente havia um conjunto de problemas, alguns no Espaço Público, outros no espaço privado, que não eram os mais significantes. Este exemplo que estou a dar é mesmo manifestamente evidente para quem passa na rua que há ali, uma coisa que está mal, que está feia, que estas pessoas pura e simplesmente não são ajudadas e repudiaram a ajuda que lhes foi oferecida ao longo dos tempos... Mas isto é um extremo. No caso do Bairro de São Vicente de Paulo, não consigo identificar essa maneira de ser que vamos chamar assim maneira de ser negativa e ali aquilo que vi foi efetivamente uma disposição, uma disponibilidade das pessoas também para se envolverem nas soluções. Naturalmente, quando as pessoas também assumem essa predisposição para serem jogadas, a comunidade também tem outra forma de encarar as coisas. E, portanto, acho que ali é um bom exemplo de como

as coisas que não eram muito positivas à partida, se conseguiram alinhar. E não é só muitas vezes, não é só dinheiro. E ali é um bom exemplo disso. Ali, além do dinheiro, é certo que é preciso sempre algum, mas também são muitas vontades e as pessoas colaboraram... Os moradores colaboraram... Isso também contribuiu para que a própria comunidade também se sentisse, de certa forma, motivada para ajudar.

P12: Desta forma, não tendo assim uma explicação óbvia, se calhar teria uma explicação se fosse mais ao terreno ou se tivesse mais convivência com esta realidade... Mas, por exemplo, ao longo destes anos houve assim alguma preocupação da Câmara em querer intervir? Sabendo que a Câmara Municipal não era dono daquilo, houve algum interesse da Câmara de intervir ou fazer alguma coisa?

R12: Nós aqui temos que também perceber aquilo que é o quadro formal de intervenção das entidades públicas. E objetivamente, naquele espaço em concreto do ponto de vista daquilo que são as competências do Município, nós cumprimo-las todas, mas as competências do Município, objetivamente, para aquilo que se pretendia ali a fazer, estavam muito aquém daquilo que era o necessário. O que é que eu quero dizer com isto, quero dizer que sempre cumprimos naquilo que eram as nossas responsabilidades, acompanhamento dos casos sociais, de casos da CPCJ... Essas competências que eram as do Município, volto a dizer e a repetir, sempre as cumprimos, sempre lhes demos cumprimento... Coisa diferente é uma intervenção como esta, que aqui se fez que objetivamente, mesmo que houvesse muito dinheiro, mesmo que houvesse vontade, do ponto de vista legal e formal, era muito difícil levá-las ao terreno. Desde logo, estamos a falar de espaço que não é de propriedade que não é municipal. E o máximo que a Câmara podia fazer do ponto de vista formal, e esse não era o caminho, era chatear, era mandar para lá a fiscalização e a fiscalização chegava à conclusão que havia construção ilegal e que tinha que ser demolida, tudo aquilo que se resolveu, mas isso não ia contribuir para resolver nada, portanto... Por isso é que eu digo desde a primeira hora e não me esqueço da entrevista que ouvi ser feita à arquiteta Helena Roseta acerca deste programa e vi ali mesmo uma ideia muito boa que não tem a ver com as questões burocráticas. Tem mesmo a ver com esta envolvente que foi possível construir aqui. Não quero ser

deselegante ao ponto de dar exemplos que acho que não são tão bons quanto o nosso. Mas sei que houve em outras localidades do país, houve, por exemplo, uma visão, em torno deste programa, de investir os cinquenta mil euros, por exemplo, num conjunto de equipamentos para a prática desportiva geriátrica.... Pode ser a coisa mais importante do mundo... No nosso caso em concreto, acho que nós conseguimos selecionar e apontar o melhor projeto para implementar este tipo de programa no nosso concelho, portanto a esse nível também foi positivo, porque não sendo uma resposta formal da autarquia, como sabe, nós não temos de vista formal, não colocámos lá dinheiro, mas contribuímos também tenho que o dizer, contribuímos para dinamizar o programa e para o levar ao terreno. E, portanto, nesse aspeto, acho que é daquelas parcerias que toda a gente fica a ganhar e, principalmente, com a perceção de dever cumprido. Como disse à pouco não tem a ver com dinheiro, tem a ver às vezes com juntar as pontas e por as pessoas no terreno a trabalhar.

P13: Estamos aqui a falar nesta pequena conversação que realmente houve uma intervenção.... Houve um projeto... E que este projeto foi implementado a partir de 2021 e que realmente a Câmara Municipal fez parte deste projeto. E acho que nada melhor que o Senhor Presidente para me dizer um pequeno resumo, por exemplo, no que consistiu o projeto? O que permitiu fazer? Por que entidades foi desenvolvido? Qual é que foi o vosso nível de participação neste projeto? Assim, pequenino resumo.

R13: Essa informação, a Vanessa tem-na muito mais pormenorizada do que eu... Mas a dinâmica deste programa e naquilo que tem a ver com o Bairro São Vicente de Paulo, aquilo que foi uma preocupação muito grande foi mesmo de corrigir os problemas urbanísticos.... Vamos chamar-lhe urbanísticos que existiam no bairro. E naturalmente que, são sempre um bom exemplo daquilo que não era correto. Aquelas construções anárquicas que lá existiam, com criação de bicharadas, sei de galinhas que havia por lá, penso que até suínos por lá havia, em construções construídas em volta das casas e, portanto, é algo que mesmo do ponto de vista de saúde pública era questionável. Esta

intervenção permitiu resolver isso, permitiu resolver estas desconformidades gritantes. Permitiu naturalmente criar uma condição para além de ser mais aprazível com outras condições que antes não existiam, inclusivamente de salubridade para resolver os seus problemas de salubridade, resolveram-se os problemas de também de naquilo que tem a ver com a estética do bairro. Foi tudo intervencionado ao nível de algumas melhorias, ao nível das pinturas.... Foi também um resultado final muito mais dignificante... Toda a gente percebe isso, mas, ao mesmo tempo também reconhecia que isso podia ser efetivamente um complemento importante do ponto de vista da própria sobrevivência das pessoas e, portanto, aquilo que tem a ver com esta agricultura ou pecuária de subsistência nunca se disse. Bom, isto tem que sair, é porque não prestam, porque não é bom, não. Aquilo que se constatou foi, isto tem que sair daqui agora... Se calhar é importante, é um complemento importante para as famílias.... Vamos lá encontrar outra localização para colocar estas atividades... E foi isso que vocês também fizeram do ponto de vista do trabalho terreno que fizeram... De encontrar soluções para essas, para essa economia de sobrevivência ou essa agricultura de subsistência poder perdurar e, portanto, são aqui apenas dois ou três exemplos soltos de tipologias de intervenção que foram levadas ao efeito e que considero muito pertinentes.

P14: Por exemplo, eu achava importante, por exemplo, que agora falasse realmente da participação da Câmara Municipal de Arganil, que teve.... Sei que teve aqui um grande impacto e eu gostaria que por pormenorizasse um bocadinho esta vertente do trabalho que fizeram?

R14: A intervenção, volto a dizer, nós somos essencialmente uma espécie de motor de arranque, pusemos a máquina andar. Mas objetivamente também tivemos aqui um privilégio poder contar, de facto com o envolvimento de toda a comunidade, desde logo, os moradores, das instituições, da Fábrica da Igreja, de um conjunto de instituições que se juntaram em torno do projeto, naturalmente, também com a intervenção dos serviços do Município... Mas isso no fundo, também é o nosso papel interventivo que deveremos ter. E se calhar circunscreveria mesmo a intervenção do Município a essa componente que reconheço que é, que foi relevante... Também não escamoteio.... Fomos

essencialmente um elemento dinamizador, incentivador, o resto, a máquina depois funcionou, isso é muito positivo.

P15: Considera que, por exemplo, estas intervenções que foram realizadas se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

R15: Sim, sem dúvida... Quer dizer, quando conseguimos um nível de integração das comunidades mais aprofundado, quando as pessoas também percebem que há outra abordagem, que há outra preocupação com a sua integração.... Acho que do ponto de vista da construção social de qualquer território isso é um contributo ou é um elemento importante. As coisas regra geral, onde falham e nós vemos exemplos um pouco por esse mundo fora, aonde falham é quando essa integração não se consegue levar a efeito e quando há efetivamente aspetos de dissonância, às vezes até de algum confronto entre perspetivas a que muitas vezes são opostas e que nenhuma das visões está correta. Não, aquilo que aqui foi possível perceber, e concretizar, foi efetivamente uma simbiose de entendimento e é nesse aspeto achamos que demos um passo importante também para a integração dessas pessoas.

P16: E, por exemplo, acha que projetos que vocês desenvolvem aqui no Município de Arganil também se enquadram no âmbito do Desenvolvimento Local?

R16: Sim, olha eu vou-lhe dar um outro exemplo que não tem muito a ver com esta tipologia de intervenção, mas que acho que responde àquilo que é o desiderato a que estava a referir. E permita-me que faça apenas aqui uma de preâmbulo. Quando nós, e temos numa autarquia, temos registo disso... Quando nós, na história de uma família, constatamos que a avó foi apoiada pelos serviços de ação social há 40 anos, a filha foi apoiada pelos serviços de ação Social há 20 ou há 30, a neta já está a ser apoiada pelos serviços de ação social agora... Isto para mim só tem uma leitura... Os serviços de ação social não conseguiram cumprir aquilo que era o seu objetivo. Não vou dizer que foi por

falta de vontade, por falta de entrega, mas objetivamente foi uma intervenção falhada. O que se pretende quando há uma intervenção social, e isso a Vanessa que é da área sabe isso melhor do que eu, é efetivamente permitir que aquela situação seja sanada e as pessoas se possam de certa forma autonomizar, vamos chamar assim do sistema de ação social. Nós constatámos situações destas e implementamos já aqui alguns anos, o CAFAP que a designação é Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, o acompanhamento da família. Basicamente o CAFAP, eu sei em que é que consiste a resposta. A resposta basicamente passa por assegurar que as famílias tenham as competências básicas e essas competências básicas, por melhor que sejam as intenções, não se fazem a passar essas competências básicas. Isso não se faz num trabalho que se faça sentado atrás de uma secretária num gabinete de um serviço de ação social. Isso aconteceu aqui no nosso concelho, como aconteceu um pouco por todo o país, esse tipo de resposta eu não vou dizer que não é importante, é importante, tem um papel, mas não permite resolver o problema que eu estava a dizer há pouco com o CAFAP e com associação passo a passo que, no fundo a entidade executora no território. Aquilo que nós assumimos foi um nível de responsabilidade diferente. Ao mesmo tempo, percebemos que muitas das famílias não se conseguiam autonomizar por falta de competências básicas. Assumimos também o compromisso e a responsabilidade de fazer um acompanhamento sistematizado, regular no terreno, na casa das pessoas. Não era uma vez por mês, era se fosse preciso diariamente até conseguir incutir essas competências básicas. Falo deste caso como um outro exemplo, outro caso que na nossa perspectiva contribui para aquilo que é a componente social dos territórios.

P17: Então considera, por exemplo, nessas duas entidades que, referiu, são dois grandes projetos do Município que proporcionam o Desenvolvimento Local do concelho?

R17: Sem dúvida, sem dúvida...

P18: Pronto e tem mais algum que queira mencionar assim, por alto que se lembre?

R18: Nós temos também um conjunto de respostas mais, mas aí eu acho que são importantes, mas são mais assistencialistas, a questão da Loja Social. A Loja Social também envolve no fundo, de certa forma, a comunidade para além daquilo que são as respostas típicas que existem. Mas não são diferenciadas do resto que se faz nos outros pontos do país. Agora aquilo que fizemos no bairro, o que fizemos ou que estamos a fazer com a Passo a Passo, com o CAFAP é efetivamente diferenciador. No caso do CAFAP, e desta formação parental, nós temos muito orgulho em termos o único espaço que dá esta resposta no distrito, para além de Coimbra. Portanto, em todo o distrito é em Arganil que temos a resposta. E, conseguimos já medir os resultados e isso é motivo de satisfação.

P19: Percebemos que realmente o bairro foi beneficiado por uma intervenção. Acha, na sua perspetiva, que seria interessante desenvolver um projeto similar tanto no bairro, como fora do bairro?

R19: É assim.... Aí é difícil porque nós conseguimos, no caso do bairro, conseguimos, nem foi preciso pensar muito.... É óbvio o que está ali... Se me perguntar, se havia outros espaços, onde podia haver uma abordagem similar, havia.... Temos aqui o Bairro da Misericórdia, daquilo que é a minha perceção não padece de algumas situações ou de alguns problemas, como aquilo que tínhamos no Bairro São Vicente de Paulo, do ponto de vista. Mas ainda assim, é um conjunto que se nota que precisava ali também de uma outra abordagem, de uma outra intervenção. Não sei se precisa ou não também do envolvimento das pessoas e da integração das pessoas, e acho que não é tão crítico quanto lá em cima. Mas é outro exemplo onde podia haver também uma intervenção com este tipo de características.

P20: E no bairro acha que faz sentido fazer outro projeto ou algo similar que já foi feito?

R20: Aquilo que é muito importante, diria que se calhar é, talvez seja mesmo o mais importante no bairro é não perder a ligação. E isto, muitas vezes, não tem a ver com o

fazer lá mais um esforço, mais uma intervenção, tem haver com impedir que se estrague aquilo que se fez. É, e por isso tenho uma noção muito clara... Ou se mantém o trabalho que não tem que ser com a mesma regularidade que existiu até agora, mas tem que ser um trabalho de proximidade para ver quando é que nasce lá a primeira casota de cão, a primeira coisa qualquer que tem que desaparecer no dia seguinte. Esse trabalho vai ter que se continuar a ser feito. Porque se simplesmente estivermos agora de repente um ano sem ir ao bairro, eu tenho a certeza que depois de um ano sem ir ao bairro daqui a dois vamos ter lá problemas, se calhar parecidos com aqueles que tínhamos antes.

P21: Eventualmente...

R21: Esse trabalho de ligação àquela comunidade é importante, acho que até mais numa perspetiva de acompanhamento, de dinamização, do que propriamente de intervenção física.

P22: Então, visto que fala aqui de acompanhamento, acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro?

R22: Acho isso essencial. Se nós não conseguirmos de uma forma mais formal ou informal manter esse acompanhamento, não tenho muitas dúvidas que daqui a algum tempo daríamos como perdido esforço que agora ali fizemos.

P23: E o investimento a todos os níveis. Sendo assim, uma pessoa visionária, tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R23: Há um aspeto que, tem nada a ver com aquilo que são as minhas perspetivas.... Tema ver com aquilo que está nos livros... A Vanessa sabe isso... Eu já quase me esqueci, mas ainda me lembro. Mas é algo que efetivamente é assumido do ponto de vista de toda a bibliografia como sendo manifestamente negativo da organização social. O ócio é algo que é um inimigo regra geral da integração das pessoas. Portanto, é muito importante

assegurarmos a integração daquelas pessoas das mais diversas formas. Algumas estão na idade de trabalho tanto quanto possível devem estar no mercado laboral. E, isso é muito importante, não apenas do ponto de vista, mas da própria realização e a autonomização dessas pessoas. Isso é algo, é um objetivo que devemos tentar ajudar a cumprir. E depois tem a ver como as dinâmicas sociais que é algo também importante acautelar. Confesso que não sei, nem conheço as organizações ao nível de organização da dinâmica social do bairro. Admito e entendo que não seja negativa, porque quando é negativa regra geral, há notícias disso e, portanto, a inexistência de notícia parece-me que significa que haverá até pelo menos uma convivência pacífica entre as várias famílias, entre as várias pessoas. Isso dá-nos também alguma tranquilidade.

P24: Por exemplo, e como é que gostaria de ver daqui a alguns anos o bairro e as pessoas que habitam nele?

R24: Gostava de ver o bairro, pelo menos conforme está agora e como acabei de dizer, com as pessoas integradas do ponto de vista profissional e pessoal.

P25: A Câmara Municipal tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros nos melhoramentos do bairro?

R25: Naturalmente... Este processo que estamos agora aqui a cumprir e a concluir e a discutir é um bom exemplo. Mas naturalmente que estamos disponíveis e interessados em manter este tipo de colaboração.

P26: Então, por exemplo, relativamente aos moradores do bairro, eles também poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades ou dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?

R26: Naturalmente que é o quadro formal de que falávamos há pouco.

P27: Por exemplo, acesso à loja social, encaminhamentos para ação social...

R27: Exatamente.

P28: Agora, numa perspetiva de finalizar a nossa entrevista, eu gostaria de saber sobre algum assunto que não tenha sido perguntado e gostasse de falar ou adicionar?

R28: Acho que fez aqui uma entrevista muito exaustiva com coisas ou, pelo menos com respostas que eu dei foram muito para além do ponto de vista daquilo que é o maior nível de concisão daquilo que tinha perguntado, mas acho que falei daquilo que era o mais relevante, eventualmente, algumas coisas menos relevantes. Mas queria aproveitar reforçar mesmo este espírito de parceria que foi possível ali construir com envolvimento, e permitam-me que reforce isto mais uma vez, um envolvimento alargado de pessoas a título particular, de entidades informais, entidades formais... Quando se consegue juntar assim tanta gente é algo que é assinalável e que devemos, por um lado, devemos louvar e, por outro lado, devemos tentar repetir e, portanto, é esse o nosso exercício.

P29: Agradeço mais uma vez a sua disponibilidade e foi um prazer estar aqui consigo.

R29: Ora essa...

P30: E quem sabe, no futuro nos reencontremos. Obrigada.

c) Transcrição da entrevista ao Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade

P1: Bom dia, agradeço por me dar esta entrevista. Eu gostaria em primeiro lugar que me falasse um pouco sobre si, se me poderia mencionar a sua naturalidade, o seu percurso escolar, académico e percurso profissional.

R1: De uma forma rápida... Eu nasci em Coimbra, portanto, acabo por ser natural de Coimbra por nascimento na prática, sou e sempre fui de Arganil. Estudei em Arganil, o ensino secundário. Depois fiz Engenharia Informática e de Sistemas no Instituto Superior de Engenharia de Coimbra. Tenho uma Pós-graduação também em Redes Cisco feita no ISLA, em Leiria. O meu percurso profissional, eu comecei na formação profissional, depois, entretanto, fui docente e coordenador de um curso técnico na Escola Técnico Profissional de Cantanhede. Depois, entretanto, integrei o Corpo Técnico da Câmara Municipal de Arganil, onde atualmente ainda tenho lugar, como especialista de informática. E desde 2017 que exerço as funções de Vereador na Câmara Municipal de Arganil, vários pelouros, este é o segundo mandato. Neste segundo mandato, com algumas alterações, tenho responsabilidade nos pelouros de Educação e Qualificação... De Ambiente, Mobilidade e Energia... De Gestão Administrativa e Qualidade... E de Desporto. São, portanto, os quatro pelouros que tenho neste mandato e acho que é isso.

P2: Eu comuniquei numa forma, mais informal e também formal, porque sou aluna do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, e encontro-me a fazer uma Dissertação, o qual o tema do meu trabalho é “A importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local associado ao estudo de caso do Bairro São Vicente de Paulo”. Portanto, não seria mais pertinente perguntar-lhe qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo, antes do da presente intervenção que foi feita?

R2: O Bairro São Vicente de Paulo era conhecido como o bairro dos pobres. Essa conotação negativa já dizia tudo, ou seja, era quase que ali, um gueto social à entrada e à saída de Arganil, como quiser entender. Mas era ali um cartão de visita nada agradável na vila porque é um ponto importante de passagem, neste caso para o concelho, para a vila de Coja, etc. E era um bairro extremamente degradado e com inúmeros problemas. No mandato anterior, tive a responsabilidade do pelouro da ação social e, tive oportunidade, in loco, de verificar as condições em que aqueles moradores sobreviviam. E de facto, apesar de eu já ter uma imagem, algumas informações sobre as condições de vida daquelas pessoas, ainda assim estava longe de imaginar encontrar algumas situações como encontrei ali, na vila onde moro. E, de facto, impressionou-me bastante... Quando visitei eu tive a oportunidade de visitar, todas as casas com o Padre Lucas Pio, Presidente da Fábrica da Igreja, entidade responsável por aquele espaço. Quando visitei já foi após a candidatura aprovada, ou seja, já sabíamos o que queríamos fazer ali e que a intervenção ia ser uma realidade. Mas de facto, naquele momento, tive a certeza que o trabalho era muito, o caminho era longo e havia muito, muito para fazer, continua a haver, obviamente. Havia muito para fazer, mas tive ali a certeza de que aquele projeto fazia todo o sentido. E se pensámos e idealizámos com a rede de parceiros, mais certezas tive que aquele era um caminho fundamental para aquelas pessoas e também para aquele pedaço de terra na vila de Arganil.

P3: E, por exemplo, enquanto pessoa e enquanto profissional das áreas todas que estudou e conservou e canalizou, quando passava pelo bairro, o que é que achava sobre aquele local? Que visão é que tinha dele?

R3: Eu tive a oportunidade de morar ali durante, não sei precisar, quatro ou cinco anos, paredes meias com aquele bairro. Morei ali ao lado e recordo-me de um episódio em que, no dia em que me mudei e houve um tempo em que morei em Coimbra e que regressei a Arganil, no dia em que me mudei foi um dia que não sei bem o que ali se passou e que no final da tarde agitada, que inclusive envolvendo tiros para o ar e foi ali uma imagem de alguma preocupação até, inclusive familiar que a minha esposa não é de cá. E isto para dizer o quê, esse ponto de partida, negativa, mas obviamente que, com o tempo aquilo

foi uma exceção, não foi a regra, fui vendo que as pessoas havia ali pessoas amáveis, simpáticas... Havia ali muita gente que se notava que tinha deambulava pelo dia, que não faziam nada... Havia ali vários problemas de instabilidade social... Havia ali algumas casas que se verificava que tinham excesso de lotação de pessoas... Havia ali crianças, por vezes pareciam sós, desacompanhadas... Havia ali muito lixo amontoado... Ou seja, havia ali muitos problemas típicos da conotação que se tem de um bairro social. E essa, não era uma imagem muito agradável, de facto. Por isso se dizia que a conotação de bairro dos pobres tem dezenas de anos. Ela era negativa, mas de certa forma compreensível, porque aquilo que se passava ali é um gueto social completamente. Muito confuso.... Muito, muito turbulento...

P4: Mencionou em algumas condições características daquele bairro na altura, tanto a nível de comportamentos, pobreza, exclusão... E da maneira como se encontrava, organizada e estruturada? Qual era a sua opinião em relação a isso? Qual a sua visão?

R4: Ele tem ali algumas características da construção da época final dos anos 60. Se não estou em erro, de início de 70. Que acabava por ser ali uma época conturbada do nosso Portugal. Porque estávamos em plena Guerra do Ultramar, os retornados, etc. Mas a organização, o bairro basicamente tem uma rua, uma rua principal e depois casas de um lado e de outro. O facto é que as casas são espaços exíguos. Eu, quando tive a oportunidade de visitar as casas, como disse, uma das coisas que me impressionou foi a área, que era muito reduzido. Casas tinham uma única casa de banho com poucas ou nenhuma condições. Quartos minúsculos, exíguos mesmo. E impressionava-me a quantidade de gente que morava em algumas das habitações e de paredes meias com outras, porque cada casa são duas casas. Uma construção muito pouco ou nenhuma qualidade. E, na prática, vivia uma ou duas, nalguns casos, duas grandes famílias num espaço onde nos dias de hoje, se calhar, entendemos que deve ser o adequado para uma família de quatro, cinco pessoas no máximo. Depois também é um espaço que não estava bem aproveitado, mais acima, e também foi alvo de intervenção obviamente. Também

tinha ali uma área significativa onde não estava aproveitado, nomeadamente para a exploração agrícola ou hortícola que pudesse até ajudar a alimentar essas famílias, ou seja, é um espaço muito abandonado. Foram criados ali barracões de barracões por haver ali alguma falta de estruturação das pessoas no seu quotidiano, porque acumulavam tudo, acumulavam tralha, acumulavam tudo o que era lixo, bem sabíamos o que é que dali saiu. E, foram muitas toneladas que saíram dali. De longe daquelas pessoas acumulavam quase que o histórico da vida toda em lixo e, quando não servia, faziam um barracão ao lado, em vez de pegarem em algumas ferramentas e trabalhar um bocadinho a terra que ali tinham para lhes dar algum sustento. Depois tinha ali uma característica também um pouco estranha, que é um bairro inserido naquilo que é um acesso a uma propriedade privada. O que é estranho e, sobretudo, estranho para a pessoa que ali morava ir para casa, e também nunca me esqueço dessa pessoa quando numa das visitas ao bairro nos encontrou, a nós e ao presidente e a satisfação e de certa forma, até a pessoa estava de certa forma sensibilizado, comovido pela transformação que estava ali a verificar, porque imagino que a vida dessa pessoa também não deveria ser fácil. Portanto, aquilo que dá ideia foi, houve ali um pedaço de terreno que alguém deu e criou-se ali um bairro, à beira de uma linha de água também e foram sendo construídas habitações, mas acima de tudo foram sendo autorizadas, ou não, a residência, permanência ali de pessoas nalgumas casas, nalguns casos excesso de sobrelotação que não deveriam ter acontecido. Isso também resultou em muitos problemas de exclusão social e muitos problemas familiares, de parentalidade, algumas situações também que ao longo dos anos ali se verificaram pouco abonatórias.

P5: O que pensa sobre estas pessoas que habitam este espaço?

R5: Essa é outra das grandes transformações que ali se fez... Não tenho uma ideia diferente, nem melhor, nem pior do que do antes do projeto e depois do projeto. Tenho sim ali a capacidade de assinalar uma transformação... Portanto, no início, dizíamos que eram pessoas um pouco à margem de certa parte ali na sociedade, que se autoexcluía até de certa forma, que não se integravam e que olharam com muita desconfiança quando começámos a entrar no bairro. E dizer, queríamos ajudar e que tínhamos ali um projeto

capaz de transformar aquele bairro. E aquilo que se conseguiu ao longo do trabalho e grande mérito é da Dra. Vanessa, obviamente, pela persistência e a presença do dia a dia e o acompanhamento com aquelas pessoas, mas as pessoas no fundo revelaram-se, portanto, eu não acho que não tenham sido diferentes, ou seja, as pessoas ganharam confiança, as pessoas passaram a aceitar a ajuda dos parceiros, e isso é muito importante e em nome da Câmara Municipal falo, porque passaram a perceber que a presença da Câmara, quer seja na área social que já acontecia infelizmente, mas outras áreas, como a área do ambiente ou saúde animal, as pessoas passaram a perceber que naturalmente que estas pessoas estavam ali para ajudar e elas passaram a querer ser ajudadas. E hoje, se formos ao bairro, vemos menos gente a deambular por ali, sem nada fazer. Obviamente que há reformados, mas aqueles que estão em vida ativa já não param ali. Alguns procuraram trabalho, estão a tentar agarrar as oportunidades que, entretanto, foram criadas. Já resultante de terem mais espaço, mais áreas já não têm lixo à porta. Já vão procurando ter ou trabalhar a sua horta. São também mais solidários uns com os outros e criou-se ali um espírito de comunidade que não existia. Existia muita guerra, muito atrito... E na última vez que lá tive, aquando da inauguração simbólica no bairro, mas também quando da pintura senti solidariedade entre as pessoas, tal como na biblioteca, senti a presença das pessoas. Isso há dois anos era impensável, impensável... Por isso, a ideia que fico daquelas pessoas é que é boa gente, a grande maioria das pessoas... E aqueles que não diria boa gente, mas se calhar que precisam de ser mais ajudados, perceberam que tinham que ser ajudados. E de facto procuraram ajuda e estão no caminho para se tornarem pessoas melhores e, portanto, acho isso muito importante.

P6: Agora, dirigindo assim o nosso foco um bocadinho para o Município de Arganil, eu gostaria de saber, como é que é a relação da Câmara Municipal de Arganil, por exemplo, nesta parte do pelouro na parte ambiental, todos os pelouros que gere, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? E se poderia dar assim alguns exemplos que espelhassem esta relação?

R6: Pronto, não falando da social que tive no mandato anterior, falando no ambiente. Esse é um dos grandes desafios ali. Nós, quando no desenho do projeto e falamos de atividades, havia ali questões de insalubridade, falta de higiene, falta de muita coisa... Inclusive até não é um pelouro meu, mas a saúde animal era altamente percebemos desde o início porque havia ali um histórico de algum maltrato de animais, de algum descuido, de algum de desleixo. Nunca me esqueço do cão fechado em agonia dentro do barracão quando visitámos o espaço... Mas ia-me focar no ambiente. Porquê? Porque não só que é um pelouro que tenho agora, mas porque essa era uma das grandes dificuldades. E nós, e foi porventura das ações onde também existiram mais dificuldades. Porque, por um lado pessoas que não estavam minimamente sensibilizadas para a necessidade de reciclar e de reutilizar. Não conheciam o conceito, não estavam informadas e não estavam motivadas e percebe-se. Porquê? Num bairro onde o reciclar é deixar à porta. Se temos um carro velho que já não anda, ele ficava à porta. Se temos um frigorífico, deixou de trabalhar, ele ficava à porta. E assim sucessivamente... Ou seja, não havia o mínimo de cultura ambiental nesse aspeto e essa foi outra das grandes transformações. As pessoas passaram a perceber o que são “monos” que eles podem ser e devem ser recolhidos e não colocados no lixo. O que é o plástico? O que é o vidro? O que é o papel? Pode e deve ser encaminhado diretamente e foram feitas várias ações nesse sentido. Distribuídos contentores, desde logo e colocar o porta a porta, literalmente passava ali à porta diariamente e aquelas pessoas não reciclavam, por ventura nem sabiam que isso existia ou não estavam para aí viradas. Hoje já utilizam, já são utilizadores como qualquer outro morador da vila de Arganil, ou seja, beneficiam daquele serviço. Por outro lado, também a questão dos óleos alimentares usados... Também passaram a perceber que eles devem ser encaminhados devidamente para os oleões, ou seja, houve toda ali um trabalho que ajuda também a que o bairro esteja limpo, que esteja cuidado e que esteja até mais verde. Porque a partir do momento em que retirámos o lixo, que limpámos o espaço, que lhes demos esse conhecimento e essas ferramentas, cabe-lhes a eles o quê, que não é fácil, mas aí também a Câmara tem o dever de acompanhar.... Cabe-lhes manter.... Cabe-lhes continuar a separar, a reciclar, a reutilizar... E faltou-me aí também ainda duas ações que houve na área do ambiente, a parte da compostagem foi extremamente difícil e que ainda carece de ser trabalhada, porque nós distribuímos um compostor a cada família e

ensinámos as pessoas a compostar, ou seja, os bioresíduos, que iam parar ao lixo, ou que eram atirados para a rua, porque os animais eventualmente haveriam de os comer e depois que ganhava cheiro, ganhava sujidade que era outra realidade que em algumas casas se praticava... Também ensinámos que esses bioresíduos, os lixos provenientes dos restos da alimentação, que poderiam e deveriam ser encaminhados para o biocompostor e perceber que dali resulta um composto que podem usar e aí noutra ação também fizemos, das mais difíceis foram as hortas biológicas, ou seja, cada casa tirar o lixo e por num cantinho de terra ou no terreno mais acima e perceber que podem produzir composto para ajudar a fertilizar ali aquelas terras, seja as plantas, seja os legumes, que seja que queiram fazer algum aproveitamento das águas da chuva, embora ali as casas não ajude muito a esse aproveitamento, mas, por exemplo, dá para regar plantas e regar a hora... Ou seja, é todo ali um conceito de economia circular que se procurou ali implementar e alguns já o fazem, outros precisam de mais tempo e mais acompanhamento, mas ainda assim, com muita dificuldade, conseguimos executar tudo. E do ponto de vista ambiental o que era o bairro antes e o que é agora não tem nada a ver. Acho que agora temos ali um caminho, um trajeto que nos podemos orgulhar... E eles próprios também devem estar orgulhosos disso. O antes era uma fotografia tenebrosa...

P7: Todos sabemos que a Fábrica da Igreja é responsável por este local, mas eu gostaria que me caracterizasse, por exemplo, a relação que a Câmara ou este pelouro tem com os representantes da Fábrica da Igreja?

R7: A relação é ótima... E todo este projeto já foi desenvolvido com o Padre Lucas Pio. Também com a Conferência São Vicente de Paulo, que era no fundo quem apoiava aquelas famílias do ponto de vista com umas ajudas, com algumas ofertas... A parte social, naturalmente seria a Câmara, a segurança social, mas a boa relação existente entre a Câmara particularmente o pelouro da ação social com o Padre Lucas Pio, posso dizer que a primeira conversa que tive com o padre e mesmo a primeira reunião com os elementos da Conferência São Vicente de Paulo perceberam a ideia, a oportunidade e tiveram

sempre muito disponíveis e confiaram também muito na Câmara, sobretudo na capacidade de desenvolver uma candidatura para aquele fim. Obviamente que, quando as relações são boas, torna tudo mais fácil e neste caso simplificou e muito o desenvolvimento da candidatura e depois tudo e o relacionamento, aliás, nós fomos fazendo sempre, que foi algo muito bom, foram reuniões de acompanhamento mensais do projeto. E o Padre Lucas Pio teve quase sempre presente e quando não teve, teve alguém sempre ou teve um cuidado de acompanhar e de saber o que ali se passa. Ouseja, isso também é sinal da importância. E quem diz o Padre diz os outros parceiros todos. Tiveram sempre muito presentes...

P8: Falamos aqui numa intervenção que foi feita, mas eu gostava de saber qual é que foi o papel que a Câmara Municipal tem tido ao longo deste tempo até agora, depois deste projeto, nesta parte ao nível ambiental? E qual foi este acompanhamento? Que intervenções houve ou que interesse houve?

R8: Nós ainda no mandato anterior, com a minha colega que tinha o pelouro do ambiente, foram entregues aliás, se não estou em erro, até simbolicamente os primeiros contentores do porta a porta. Um contentor amarelo, um contentor azul para reciclagem. Foram entregues aos habitantes do bairro. Obviamente que passado um tempo, comecei também a ir mais ao terreno, aquilo que verifiquei que eles estavam vazios ou não estavam à vista, ou estavam arrumados.... Houve ali uma ação de sensibilização, sim, mas depois pouco ou nada aconteceu. E este trabalho a partir do momento também em que a Dra. Vanessa entrou e deste acompanhamento e desta interligação com a Câmara Municipal permitiu perceber desde logo, ações de sensibilização no local práticas com as pessoas, com as viaturas a irem lá explicar para perceberem que funciona... E isso foi muito importante... E depois ir passando e abrir quando estão a reciclar se estão a fazer bem, se estão a fazer mal... Portanto, acompanhamento e isso passou a existir e quem diz aí a compostagem que foi difícilima, também fizemos na altura uma entrega e também em nada resultou. Depois tivemos que voltar a fazer ações de sensibilização nesse sentido e de acompanhamento, ou seja, o importante e o fundamental é há uma ação de sensibilização, além no local, mas não pode esgotar-se porque aí depois a seguir tem que

haver acompanhamento e se for preciso novas ações de sensibilização. Porque estas pessoas tiveram muitos anos de más práticas e necessitam de tempo e de ter uma curva de aprendizagem maior que a maioria dos cidadãos têm acesso a outro tipo de informação, tiveram outro tipo de esclarecimento ao longo da vida e de lucidez, que algumas destas pessoas não têm, não tiveram, mas que estão a ter.

P9: Mas, por exemplo, antes de tudo isso, do projeto houve alguma intervenção da Câmara? Houve algum interesse, por exemplo, com voucher de algum dinheiro monetário? Se foram feitas visitas antes ao bairro para perceber alguma coisa?

R9: Sim. Antes do projeto... E tanto houve que quando fizemos a candidatura, já tínhamos este histórico ambiental, da necessidade... Já tínhamos a saúde animal, já tínhamos a parte social, ou seja, nós já conhecíamos bem, tínhamos bem caracterizado ali o bairro. O Gabinete de Ação Social sempre foi uma presença muito assídua no bairro, tal como foi a CPCJ, tal como foi a Associação Passo a Passo, o CLDS também já ia conhecendo... A saúde, também já conhecia... Ou seja, porque havia ali um histórico de apoios sociais e de intervenção psicossocial, entre outras que já ali existia. A Loja Social já ajudava muitas daquelas pessoas por via da articulação entre Loja Social e o bairro e a Conferência São Vicente de Paulo, desde alimentação, desde cabazes, desde a preocupação na ajuda também com as crianças e a sua inserção na escola, livros de fichas escolares... Ou seja, aquelas pessoas já eram acompanhadas. A grande diferença... A grande diferença é que, com este projeto e esta intervenção passou a ver ali a uma figura diária de interligar todos estes parceiros e estas necessidades, para além das ações, com as pessoas e as pessoas passaram a ter alguém em quem confiam. Porque algumas pessoas já confiavam na assistente social X ou na enfermeira Y... Mas é diferente... Mas, por exemplo, ao nível da saúde animal, as pessoas tinham muita resistência, lidavam muito mal com a ida do veterinário lá. A nível ambiental era o lixo que se via... As pessoas não queriam saber, não colaboravam e ignoravam a informação. Portanto, isto para dizer a intervenção que há hoje obviamente que é maior que a anterior. Porque, também nos permitiu aqui abrir

caminho para outro tipo de aceitação por parte das pessoas. Agora... Intervenção ela sempre houve e acompanhamento ele sempre existiu e volto a dizer, e termino foi fundamental para nós, quando estruturámos a candidatura, juntar uma série de parceiros, porque já sabíamos onde estavam os problemas e as dificuldades... E a partir daí em conjunto construímos soluções.

P10: Então considera que este papel foi positivo, ao longo dos tempos?

R10: Ao longo do tempo, o papel foi positivo. Porque nós quando fizemos a candidatura equando começámos a desenvolver estas parcerias todas, a dada altura, percebemos uma coisa muito simples, ou há aqui uma figura do gestor do projeto, ou então a Câmara pode tentar a articulação com todas estas pessoas, mas nunca está presente no terreno todos os dias. Ou seja, algumas destas ações podem falhar e isto pode não ser bem-sucedido. E nós quando fizemos a candidatura, a candidatura é uma candidatura muito boa, foi muito bem pontuada a nível nacional, nas cinquenta melhores entre setecentas, se não estou em erro, de projetos que surgiram neste Programa dos Bairros Saudáveis. E, nós queríamos, tínhamos consciência que tínhamos pouco tempo e queríamos realmente operar ali uma bandeira de transformação. Aí percebemos que a figura do gestor do projeto era essencial.... Percebemos bem e foi essencial...

P11: Ao longo dos anos até 2020, que foi quando provavelmente fizeram a candidatura que espelha aí.... Eu queria saber sobre o Bairro São Vicente de Paulo, como é que explica esta situação das condições que eram más e que toda a gente abordava em Arganil? Condições no geral, em tudo? Desde ambientais? Desde as estruturais? Desde construções? Arquiteturas? Tudo... Até comportamentais? Como é que explica esta situação?

R11: É assim, isto é quase como, para muita gente, se calhar é quase como nós quando estamos numa grande cidade e vamos a passar na rua e vemos um mendigo. É aquele sentimento, por um lado, de impotência porque não podemos nada fazer enquanto outros viram a cara ao lado. E depois há outros que acham que tem que ser as instituições a

resolver o problema. E acho que isto era o que se passava aqui também na vila de Arganil. Em boa hora, graças a esta oportunidade que surgiu as ditas instituições, pela primeira vez obviamente que havia articulações, não é, nomeadamente a Câmara, a saúde, isso existia muitas vezes... Pela primeira vez as chamadas instituições juntaram-se todas e olharam para aquele problema em conjunto. E quando isso acontece a transformação existe e com muito trabalho é capaz de ser operada e foi o que aconteceu ali. Julgo que, na prática, a própria Fábrica da Igreja, a dona do espaço, não estava há muito tempo e não conhecia muito Arganil. Mas a própria Fábrica da Igreja ganhou uma consciência diferente e até se calhar mais próxima junto do bairro e daquelas pessoas que tinha antes. Às vezes é preciso surgir a oportunidade de envolver-nos e partir daí é diferente... Em conjunto atuarmos para e agora no futuro é não deixar cair e continuar a acompanhar.

P12: Eu queria saber se pronto como nós já falámos que houve aqui uma intervenção preocupante da Câmara Municipal... Mas eu queria saber ao nível ambiental, se antigamente houve alguma intervenção assim que foi marcante para vocês, nesta parte?

R12: Nós, como tinha dito no mandato anterior houve, ali a tentativa de despertar e a partir dali de criar condições para que o serviço porta a porta, nomeadamente através da reciclagem, que aquelas pessoas ganhassem ali uma consciência ambiental. Agora, o que existe ali hoje é resultante de um trabalho de meses, de ganhar confiança das suas pessoas, porque nós não podemos chegar ali e arrancar o lixo todo às pessoas. Mal ou bem aquilo, muito ou pouco, aquilo são os bens das pessoas, ou seja, por muita tentativa que tivesse havido no passado, ela não iria ser bem-sucedida porque a Câmara ou Junta de Freguesia não pode chegar ali dizer não, isto é lixo vou levar, até porque aquelas pessoas sabiam quem contactando a Câmara e os serviços de ação social, diziam várias vezes, chamavam a atenção, mas as coisas não saíram dali, continuavam ali a serem amontoadas. Ou seja, este envolvimento, com esta figura do gestor de projeto e esta presença no terreno, é que lhes deu a informação, que generalizou, que os sensibilizou para que sim, que eles, entretanto, pegassem eles nas coisas e fossem entregar à Junta ou

à Câmara que já fazia este serviço, já o poderia ter feito há muito tempo e entregar os seus bens, monos, de lixo, mas que eram bens destas pessoas e que elas cá tinham como sentimento de posse e entre aspas, parte da sua riqueza. Mas afinal, aquilo nada valia era lixo ponto e entregar. Ou seja, é a grande diferença entre o antes e o depois... O serviço é o mesmo, o serviço é o mesmo... A Junta todas as semanas continua a recolher era monos e o estaleiro está ali a dois passos onde as pessoas podem entregar e deixar aquele tipo de lixo. O serviço é o mesmo, o que mudou foi a sensibilização, a capacitação dessas pessoas e a vontade e a partir daí, um brio que começaram a sentir de ter as suas casas limpas, o seu terreno à volta limpo, desafogado, sem lixo e o chão útil para, por exemplo, eventualmente plantarem e ter uma pequena horta. Essa é que é a grande diferença...

P13: Falamos daqui de um projeto, de uma intervenção assim por alto. Mas como toda a gente sabe, em 2021, foi realmente implementado um projeto no Bairro São Vicente de Paulo. Também sabemos que a Câmara Municipal fez parte desta intervenção... Eu gostaria que o Senhor Vereador me explicasse um pouco no que é que consistiu este projeto? O que permitiu fazer? Por que entidades foi desenvolvido? Qual foi o vosso nível de participação da parceria? Sabendo que já mencionou aqui algumas atividades, mas o real nível de participação?

R13: É assim, eu não sei quantificar, obviamente, em percentagem... Mas sei e posso afirmar que a Câmara foi âncora neste projeto, ou seja, a Câmara olhou para este aviso, para esta candidatura... A Câmara proporcionou uma ação de sensibilização para agentes do Concelho... A Câmara, em conjunto com os parceiros, começou a desenvolver reuniões, a perceber intervenções, os interessados, começou a desenhar a candidatura com o facto da Igreja, etc. E a partir daí a Câmara sempre esteve envolvida em várias ações. Nós falámos aqui muito de ações do ambiente devido ao pelouro que tenho agora, mas a Câmara teve ações a nível ambiental, a nível de saúde animal, a nível de ação social.... Pelo menos destas áreas, assim mais significativas... Os parceiros foram muitos e eu estou aqui a falar de cor e queria ver se não me esquecia de nenhum. Já estivemos desde a Fábrica da Igreja, já falámos a Conferência São Vicente de Paulo, a Associação Passo a Passo, o

CLDS 4G, a Junta de Freguesia de Arganil... Na prática a saúde... Tivemos... Preciso de ajuda...

P14: A Associação Juvenil CUME, talvez?

R14: A Associação Juvenil CUME, com muito importante com a parte do voluntariado... Depois tivemos também alguns agentes no território que ajudaram, tivemos muitos particulares, mas alguns agentes no território importantes, como a Rádio Clube de Arganil, na divulgação da mensagem através do programa mensal, por exemplo. O Agrupamento Escolas de Arganil... Portanto, foram muitos, muitos parceiros... Não sei se está aqui a faltar algum... Mas foram muitos parceiros que desde a primeira hora, se envolveram, não só no desenho da candidatura através do gabinete da ação social quando foi feita a candidatura e depois desta coordenação que também existiu sempre no terreno e que acabou com muitas das ações dessas entidades, também fossem articuladas com a Câmara, ou seja, ao voluntariado jovem com a Associação Juvenil é articulado com a Câmara... Algumas questões relacionadas com a saúde também são articuladas com a Câmara, com a ação social, com a Junta de Freguesia, também há uma articulação com a Câmara e por aí fora, portanto... Eu não sei quantificar, mas tenho a noção de que, se calhar metade e ficaria por aqui, metade do trabalho deveu-se por causa desta parceria com a Câmara.

P15 Considera que, por exemplo, estas intervenções realizadas no bairro se integram no Desenvolvimento Local?

R15: Sim, sem dúvida... Para já a vários níveis... Por um lado, aquele é um espaço hoje mais inclusivo. Portanto, mais inclusão social foi trabalhada ali. Aquelas pessoas estão mais ativas... Estão mais realizadas na escola, no caso das crianças e mais participativas na própria escola, está mais atenta àquele bairro e àquela realidade. Aquelas pessoas, algumas numa situação já de algum desemprego prolongado e de alguma instabilidade laboral, hoje também tem uma perspetiva diferente e outro tipo de acompanhamento,

entra aqui o CLDS, o IEPF, entidades que também elas capazes de uma forma mais direcionada e direta conseguirem chegar a essas pessoas capazes de as ajudar. Acaba por ser também um bairro estando mais aprazível, está mais enquadrado no espaço e isso torna que as pessoas olhem para ele de outra forma, já não com aquele peso, aquela conotação negativa, já está mais integrado... Naquela paisagem, naquela entrada à saída da vila de Arganil... São pessoas também que ganharam uma capacidade e um à vontade de participar mais nas iniciativas da comunidade. Portanto, estão mais integradas na sociedade, não estão tão fechadas ali naquele espaço. Não, antes pelo contrário, parece-me que saem mais, que se envolvem mais, que participam mais nas ações da comunidade, portanto à sua volta. E, de certa forma, acabam por contribuir também com uma vivência social mais tranquila, mais calma também para uma normalidade que existe que é uma zona residencial, o Bairro da Barrosa, que mora muita gente, e acaba por já não haver a diferença que havia entre quase os moradores lá do lado da estrada e do lado de cá do bairro. Portanto, isso acaba por ser tudo um contributo para o Desenvolvimento Local, eles depois também, como já reciclam, como já separam devidamente, também acabam por, entre aspas indiretamente, contribuir para o Desenvolvimento Local através de projetos como APPACDM, *ArgusRecycling*, etc. Está tudo interligado e acima de tudo, neste momento eles também estão interligados ao resto do tecido da vila e quando antes estavam em grande parte, na maioria isolados.

P16: Acha que, por exemplo, outros projetos que o Município de Arganil realiza, ou seja, a vossa entidade, se integra no âmbito do Desenvolvimento Local?

R16: Sim, há várias. Nós desde logo somos parceiras de um contrato local de Desenvolvimento Social, o CLDS 4G. Nós, grande parte da nossa atividade do dia a dia também é o Desenvolvimento Local e das comunidades, ou seja, nós em qualquer área da nossa intervenção, na esfera do Município, nós promovemos o Desenvolvimento Local, quer seja através da criação de uma nova zona industrial na zona de Arganil, quer seja através da beneficiação da rede rodoviária, porque as pessoas em maior segurança e maior comunidade, transitem pelo concelho, que circulem pelo concelho, quer para trabalhar, quer para estudar, quer para fazer os seus negócios... As atividades que fazemos

muitas vezes promoção do comércio local e tradicional como feiras e exposições, como a Ficabeira também para que a nossa dinâmica do tecido empresarial seja mostrada dentro e fora de portas. Ao nível da educação, quer seja com os transportes escolares, quer todo o apoio de ação social escolar que prestamos e também de projetos educativos que, em parceria com o Agrupamento de Escolas e outras entidades, vamos desenvolver... Portanto, é toda uma panóplia... O Desenvolvimento Local rima quase com a autarquia, com o Município... Esta integração com a juntas, a celebração de contratos programa com as juntas de freguesia que lhes permitem também eles realizarem pequenas obras, promovendo o Desenvolvimento Local junto das populações que estão mais próximas.

P17: Ou seja, há sempre parceria nas vossas intervenções?

R17: Sempre.... Aliás, sem parcerias faríamos muito menos, ou seja, os recursos já são tão poucos.... As pessoas, infelizmente, são cada vez menos... O dinheiro que nos é transferido também é cada vez mais escasso... As oportunidades são cada vez menos... Portanto, se não celebrarmos, se não estimularmos parcerias, então aí é que fazíamos pouco mais que gestão administrativa e o “Rang-rang” do dia-a-dia e não éramos capazes, muitas vezes, de sonhar... Situações como este projeto... Sonhámos... Fomos à luta... E concretizámos e promovemos o Desenvolvimento Local.

P18: Até ao momento, é claro que o bairro sofreu uma intervenção. Isso é inegável... Mas há, na sua perspetiva, seria interessante desenvolver outro projeto similar, tanto no bairro, como na comunidade arganilense? Por exemplo, noutra bairro? Noutra instituição?

R18: É assim... Com uma dificuldade social, não queria chamar um problema, mas com aquela dimensão no concelho, felizmente não temos.... Obviamente que há muitos bairros sociais, há o bairro social da Carriça, em Coja, nem perto, nem de longe, apresentam os mesmos problemas. Há um outro bairro social que também pertence a uma IPSS, que também eventualmente poderia ali a levar uma intervenção e onde eu via ali com bons

olhos, que se pudesse operar um projeto mais pequeno, diferente... Agora, felizmente, no concelho, não temos nada com esta dimensão como tínhamos no Bairro São Vicente de Paulo. Mas projetos desta natureza quando são feitos com planeamento, com parcerias, com a verdadeira articulação entre as entidades fazem sempre sentido, por isso, da parte da Câmara Municipal estamos sempre disponíveis e atentos a oportunidades como estas. Volto a dizer não, não tem necessariamente de fazer o mesmo, porque cada caso é, mas se calhar há oportunidades e articulações mais pequenas que podem ser feitas para melhorar a condição de vida das pessoas.

P19: E no bairro, seria um projeto similar ou um projeto diferente?

R19: No bairro, similar agora já não faria sentido. No bairro aquilo que temos que perceber todos os intervenientes neste processo, que tem que haver continuidade do que foi ali feito. Não podemos agora chegar, acabou projeto e abandonar as pessoas ou voltar só fazer as ações que tínhamos antes. Não, tem que haver continuidade... Portanto, todos os parceiros têm que ter a consciência de que há um compromisso para com o futuro daquelas pessoas. Não digo, voltar a estar ali todos os dias, isso não é possível... Mas voltar a estar, a passar, a interagir e a perceber que ajuda que aquelas pessoas precisam porque, entretanto, a confiança, os canais foram abertos, isso é muito importante porque não existiam no início... As pessoas eram muito fechadas e não confiavam nas instituições. Outros projetos que ali possam acontecer desde que devidamente autorizados pelo titular do espaço que é a Fábrica da Igreja, podem fazer sentido.... Há sempre muito trabalho a fazer em todas as áreas. No caso de um bairro social como aquele sabemos bem que o trabalho não se esgota, a pintura das paredes e no arranjo dos telhados e na limpeza do espaço e tudo aquilo que muito foi feito, como é óbvio.... Há sempre situações, nomeadamente temáticas, nomeadamente na área do social, há ali muito, muito, muito trabalho ainda a fazer e a continuar, até para evitar situações que aconteceram no passado e que esperamos não voltem a repetir.

P20: Esperemos.... Acha importante que as entidades parceiras estiveram neste projeto, continuem a acompanhar o bairro?

R20: Acho...

P21: Porquê?

R21: Porque senão, por aquilo que dizia, porque senão todos nós temos muito trabalho, todos nós temos muitos focos e muitos, muitos fogos para acudir... E se não houver aqui um acompanhamento com alguma regularidade, daqui a um ano ou dois vamos começar, ou podemos cair no erro de voltar ao mesmo e daqui imaginando a dez anos perceber, eh pá, tivemos aqui um projeto extraordinário, que transformou isto, mas então está tudo na mesma. E isso não pode acontecer...

P22: Por exemplo, tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R22: Acho que há ali uma parte do trabalho, mas já está.... Precisésemos que houvesse meios financeiros disponíveis, que a Fábrica da Igreja não tem e que as autarquias também não podem chegar a todo o lado... Mas era importante e, nunca nos vamos esquecer que aquilo é um espaço privado, era importante haver uma melhoria nos acessos às casas. A situação ali à partida da linha de água ficou resolvida, obviamente quando ela for muita, será sempre muita e isso aí não há nada a fazer as coisas, mas a rua ficou desobstruída, tirámos ali todo aquele entulho, já foi importante. Mas essa parte, dos acessos e ainda, se possível, algumas intervenções interiores nas casas porque de facto o projeto teve uma cotação financeira interessante, sensivelmente cinquenta mil euros, mas os cinquenta mil euros para catorze habitações e para uma série de ações que ali foram feitas, embora foram os parceiros que investiram e subsidiaram, é certo.... Mas cinquenta mil euros não é nada... E precisávamos de mais para fazer ali mais e melhor. Uma coisa é certa e nunca sabemos se no futuro vai haver novos programas desta natureza, agora que podem ter a certeza é que, cada euro que foi ali investido, foi bem investido, foi duplicado e triplicado porque houve ali muito desenvolvimento das entidades parceiras e particulares privados,

de donativos de empresas e podem ter a certeza que tudo o que nós propusemos foi realizado, aliás até mais.... Além daquilo que nos propusemos. Ou seja, aquele projeto fez sentido.... Tomara nós, em Portugal, todos os projetos com base social tivessem os resultados e muitas vezes medimos só pelos resultados e se nos ficássemos por aí, o sucesso estava garantido, porque houve resultados. Mas acima de tudo o trabalho que ali foi feito justifica bem o que foi ali investido, aplicado e justifica que numa próxima oportunidade, se ela existir, se ela surgir, que olhem para aquele projeto e percebam que em Arganil se trabalha bem, aproveitam-se as oportunidades e que merece haver ali mais investimento.

P23: Exatamente...A Câmara Municipal de Arganil, nesta área do ambiente, tem interesse em participar em mais projetos futuros nos melhoramentos do bairro?

R23: Sim. Nós, neste momento, para além das ações que falámos, e esse foco mantêm-se e aí é acompanhar... Ou seja, continuar a perceber se reciclam, se fazem compostagem, combustão às hortas biológicas... Nós neste momento, relativamente à compostagem, vamos direcionar e alargar mais na ótica da compostagem comunitária, porque as pessoas no bairro têm condições para compostar por um lado e têm condições e a necessidade de utilizar esse por outro, como lhe disse, mas neste momento sobretudo é acompanhar, olhar e perceber que pode começar a haver outra vez monos e a armazenar lixo e lá vai a Junta recolher. Neste momento é, se nós conseguirmos manter e que as pessoas mantenham o foco e a sensibilização de separar, de reciclar, de reutilizar, de compostar... Também me parece que o fazem por questões financeiras obviamente, fazer o aproveitamento das águas fluviais também, acho que já é muito significativo...Agora, naturalmente que sim, se houver projetos na área do ambiente, o bairro, tal como qualquer outra casa ou prédio da vila, é parte integrante da vila, portanto não há questão para isso.

P24: Como gostaria de ver o bairro e as pessoas daqui a alguns anos?

R24: Gostava de ver o bairro com mais intervenção ao nível de obra, se possível... Para ainda melhorarmos ainda a questão da vida e dos acessos, como lhe disse. De resto gostaria de ver o bairro como vi nos últimos tempos, um bairro sereno, tranquilo, limpo e sobretudo com pessoas que me parecem orgulhosas de ali morar, e contentes por se sentirem parte integrante da vila ou do bairro onde o bairro está. E se daqui a dez anos, o bairro for isso, é sinal que o nosso trabalho foi muito bem-feito.

P25: Os moradores do bairro poderão sempre contar com o vosso auxílio, da vossa entidade, nas dificuldades quotidianas que apresentem ou possam apresentar?

R25: Sim... Já podiam antes e vão poder continuar a poder contar, como é óbvio.

P26: Houve algum assunto nesta entrevista que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?

R26: Não. Obviamente que tinha uma área mais direcionada no mandato anterior, que era o pelouro da ação social do que tenho agora. Mas de certa forma também deu aqui uma abrangência do que é aquilo que é a intervenção da Câmara que acaba por estar ligado nas áreas quase todas que houve de intervenção. Acho que falámos sobre tudo, falámos sobre o mais importante, passado, presente e futuro. E, lá está, só espero que aquilo que formulei que gostava de ver o bairro daqui a dez anos fosse uma realidade... Que é sinal que as pessoas continuam a falar com a Câmara, com os parceiros etc. e que caminhando sozinhos, têm sempre ao lado alguém que lhes dê a mão ou que evite que eles caiam e persistam nos mesmos erros que faziam no passado. Acho que de uma vez por todas acabámos com aquele estigma do bairro dos pobres e isso era um dos objetivos iniciais deste projeto e da candidatura e julgo que isso estava escrito algures que era acabar com esse estigma e com essa palavra tão forte que caracterizava ali, aquele sítio, e aquelas pessoas. Por isso, Dra. Vanessa, parabéns pela entrevista, pela condução da mesma, mas acima de tudo e que fique escrito, ou melhor que fique registado, gravado,

parabéns pelo trabalho, pela dedicação e pelo empenho que teve ali com aquele projeto que foi essencial, tal como dizia já lá atrás percebemos que tinha que haver um acompanhamento senão as coisas funcionariam mais ou menos e iam acabar por funcionar, iam acabar por ter os resultados ali satisfatórios, mas não ia ser o sucesso que foi... Portanto, parabéns e muito boa sorte no próximo passo e no futuro e era este registo que eu queria deixar.

P27: Resta-me agradecer a sua disponibilidade para esta entrevista, e todo o apoio que deu ao projeto.

R27: Ora essa Foi um projeto que acompanhei com gosto e no qual tenho orgulho de ter feito parte porque pude contribuir também para o Desenvolvimento Local da minha terra. E é para isso que aqui estou...

P28: Obrigada

R28: Obrigado.

d) Transcrição da entrevista à Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos

P1: Bom dia Senhora Vereadora. É um prazer estar aqui na sua presença, tendo em conta a sua disponibilidade. Primeiramente gostaria que me falasse um pouco sobre si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar e académico e o seu percurso profissional.

R1: Muito bem. Então eu nasci aqui em Arganil, portanto sou de Arganil. Vivi aqui até aos dezoito. Só sai daqui para ir estudar, para a universidade. Estudei Psicologia, no curso de Psicologia, na área da Psicologia Comunitária e Familiar. E depois tenho andado assim a trabalhar sempre ou com famílias em situação de vulnerabilidade, em Portugal. Tive também já duas experiências em Moçambique, em Angola, que colaborei num campo de refugiados e depois em São Tomé. Já três experiências em projetos de Desenvolvimento Comunitário e estou há aproximadamente um ano e meio a assumir aqui estas funções como vereadora do pelouro da ação social. Pronto que, através desse pelouro acabei por trabalhar aqui, trabalhei mais com o projeto.

P2: Sendo eu aluna do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local e tendo experienciado também um pouco acerca de um ano e meio, um contexto diferente, não faria sentido não fazer a minha tese direcionada para o Bairro São Vicente de Paulo, cujo tema é a importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local associado ao estudo de caso do bairro São Vicente de Paulo. Nesta perspetiva, eu gostaria de saber qual é que era a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção? Ou seja, o que é que achava sobre este local? Das suas condições? Da maneira como ele se encontrava estruturado e organizado?

R2: O Bairro São Vicente de Paulo sofreu, aliás, como qualquer outro bairro com estas características, de uma certa estigmatização e associava-se muito, ainda que houvesse ali

sempre mesmo dentro do próprio bairro, havia da comunidade para o bairro. Mas no bairro ainda havia aquelas pessoas que mais velhas, que foram viver para o bairro numa altura em que, naturalmente, a vida era muito diferente e depois aqueles que muito facilmente podem ser designados como subsídio dependentes, como pessoas que não querem trabalhar. Depois muito associados também em determinados consumos que geravam episódios também de alguma violência e que foram trazendo uma certa imagem negativa de todos os habitantes do bairro que depois é assim, não é? Começam a generalizações e acho que de alguma forma não seria muito diferente da restante comunidade se de alguma forma disséssemos que ali viviam este género de pessoas e depois havia um muito pouco cuidado também com o próprio espaço. Eu acho que uma das coisas, uma das melhores coisas do bairro é que ele é muito visível e tem até do ponto de vista de característica de habitação e de casas, um aspeto pitoresco, mas como estava muito mal cuidado, não é? Havia muito aquele lado assim de um espaço, de um espaço... é isso que não havia cuidado.

P3: E enquanto, por exemplo, pessoa e profissional, quando passava pronto do outro lado da estrada, que é a visão mais ampla do bairro, o que é que achava enquanto pessoa? O que é que olhava para o bairro e dizia? O que é que na sua perspetiva achava em relação ao bairro?

R3: Eu acho que agora a Vanessa está a dizer uma coisa, primeiro olhava-se pouco se calhar. Se calhar olhava pouco para o bairro e depois aquilo que ia ter do conhecimento, sobretudo quando trabalhei aqui, acabava por ser muitas situações más, não é? Às vezes, tudo depende da lente que se usa e às vezes, em relação a certos sítios, acabasse por falar sempre muito daquilo que corre mal e pouco do que havia de bom, como em qualquer sítio, com qualquer pessoa, não é ninguém é perfeito. E, portanto, lá também não existem pessoas perfeitas. Mas se calhar, quando se falava do bairro, era sempre ou porque tinha havido um problema ou porque havia uma confusão ou porque havia terminado as famílias que era necessário ajudar e, portanto, havia sempre esta conotação negativa não se falava do bairro por coisas boas quando elas também já lá deviam existir antes, não é?

P4: E em relação às pessoas, o que é que pensa ou pensava sobre as pessoas que lá residem?

R4: É Como eu digo à Vanessa. É engraçado porque eu tinha ali também algumas referências de pessoas mais velhas, por quem até tinha, pronto se a gente tinha uma imagem positiva e depois havia muito ali aquela lógica quase de alguma marginalização, não é? Das pessoas porque, de facto, dizia que se vivia no bairro, até só se fazia bairro, não é? Agora começa-se a dizer Bairro São Vicente de Paulo. É curioso isso, era assim algo que de alguma forma desvalorizada, não é? E mostrava que ali devia haver um problema social, portanto ficava logo de alguma forma alerta, não é?

P5: E como é a relação, por exemplo, aqui do Município de Arganil, mais aqui ao nível da ação social, sendo a sua parte do pelouro, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Se pode dar alguns exemplos assim mais específicos.

R5: Ou seja, eu acho que através dos serviços de ação social, houve sempre bastante relacionamento com vários, com vários elementos, quer através de algum tipo de apoio da Loja Social ou outro tipo de acompanhamento que seja necessário. Portanto, eu também aquilo que ia tendo conhecimento acabava por ser por este tipo de acompanhamento, mesmo as crianças que estão no bairro foram sempre integrando aquilo que eram atividades mais ligadas à infância/juventude. E depois também, para além deste apoio social mais direto, também já tivemos e temos, aliás, alguns moradores do bairro a integrar aqui medidas de apoio de emprego no município e, portanto, também a procurar o município não só ajudar no encaminhamento, mas também a receber alguns moradores para ter essas experiências profissionais num contexto um bocadinho mais protegido.

P6: Sabendo aqui que, a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil é responsável pelo bairro, como caracterizaria, por exemplo, a relação da Câmara Municipal, neste setor, com esta entidade?

R6: Eu acho que este projeto foi absolutamente revolucionário, ou seja, eu de facto não estava na génese, mas através do Vereador Luís Almeida, ele foi partilhando também esta questão, não é? Tem muito a ver com ter-se pensado em conjunto nesta mudança. Não há mudanças também perfeitas, as mudanças também trazem se calhar aspetos e trazem novos problemas, o que é bom, porque resolvem uns, mas trazem novos desafios e aquilo que eu sinto e que e que trouxe força ao projeto foi, de facto, esta visão conjunta desde o início entre a Fábrica da Igreja e o do Município e esta partilha de recursos. Portanto, eu acho que este projeto fez com que a relação fosse de muita confiança. Eu acho que é essencial numa relação de parceria e do entendimento que é muito próximo, não é? E que se mantém e que tem dado frutos até depois noutros projetos.

P7: Isso é bastante bom! E que papel tem tido, por exemplo, ao longo do tempo aqui o Município de Arganil, na intervenção no bairro?

R7: Eu daquilo que vou percebendo, daquilo que também tive oportunidade de acompanhar aqui muita a parte técnica também, sobretudo inicial, não é? Portanto, aqui esse reforço e esse apoio daquilo que podia ser o trabalho, porque inicialmente havia por um lado o conhecimento do terreno que há de ter sido partilhado depois também aqui, tudo o que são processos mais pesados dos projetos, a nível burocrático, nível de... mesmo também da agilização de algumas parcerias e depois tudo o que são áreas também mais práticas, não é? Ou seja, que são naturalmente mais fáceis a uma estrutura como município, que tem muitas áreas de intervenção, não é? Eu sei que a Vanessa já falou também que falou com o vereador Luís Almeida por causa da questão do ambiente, ainda que depois também tivesse estado muito ligado ao projeto, ainda noutras funções, mas, no fundo a abrangência da ação do Município também permitiu que tivesse sido muito útil às vezes em questões muito práticas, não é de transportes, deslocações e de pequenas intervenções, mas também na articulação com outros parceiros. Não é? Porque

às vezes também é mais fácil para o Município. Neste acompanhamento, nesta partilha de preocupações a encontrar soluções, ou seja, senti sempre muito este trabalho de equipa.

P8: Então, por exemplo, no projeto e sem ser no projeto, considera que a vossa intervenção, o vosso papel, realmente foi positivo no bairro?

R8: Ah sim, sem dúvida! Acho que foi muito positivo, mas também que o próprio projeto não é, ou seja, é sempre possível fazer mais, nós estamos sempre condicionados na parte financeira, na parte de recursos humanos, claro, e não podemos fazer sempre tudo aquilo que seriam as necessidades das pessoas. Mas acho foi que foi muito positiva e esta relação que falava entre a Fábrica da Igreja do Município, muita proximidade, acho que também permitiu que, se fizessem muitas coisas e aqui também com a Junta de Freguesia de caminha, o que, sobretudo nesta última etapa se envolveu muito, que foi essencial para se poder desenvolver o trabalho que foi desenvolvido.

P9: Ao longo dos anos, até ali meados de 2020, notava-se realmente que o bairro São Vicente de Paulo tinha poucas condições, tinha talvez um aspeto marginalizado, todas essas condições em geral e especificações que foram atribuídas ao bairro. Sabe-me explicar como é que se procedeu esta situação ou como é que esta situação se deu?

R9: Eu acho que é curioso porque eu não acompanhei, ou seja, não tenho mesmo uma memória muito longínqua do bairro. Eu diria que o bairro, ao ser criado para pessoas que na altura tinham dificuldades económicas, mas que era um perfil completamente diferente daquilo que é hoje, o perfil de pobreza e pobreza também está a mudar, também já não teremos o mesmo perfil daqui a muito um pouco tempo, quero crer infelizmente. Nós teremos muita gente a trabalhar que é pobre. Isso preocupa-me bastante, mas avançando... Eu diria que foi acontecendo foi uma degradação do bairro, uma falta de investimento não é, ou seja, à medida que o bairro foi ficando menos insistido

e que o perfil de famílias mudou, não é? Porque se começa a associar uma situação de pobreza, alguns comportamentos que não estavam associados àquilo que foi o perfil das primeiras famílias. Estávamos a falar de famílias muito simples, provavelmente que viviam na Terra, não é? Que podiam nem sequer ter um trabalho remunerado ou porque tinham algum tipo de dificuldade? Havia algumas características especiais, não tinha, não estavam totalmente relacionadas ao consumo excessivos de álcool ou com outro tipo de comportamentos...

P10: Comportamentos autodestrutivos?

R10: É isso. E as novas famílias, que surgiram à medida, o bairro foi ficando desequilibrado. Porque de repente, as famílias que ali viviam tinham todas perfis muito vulneráveis neste campo e, portanto, sei como assim um bocadinho juntar ali vários ingredientes que levavam a que o ambiente do bairro se fosse degradando e que as relações entre as pessoas fossem muito conflituosas e a imagem das pessoas relativamente aos habitantes, também se fosse alterando. Ainda que, acho importante fazermos esta ressalva, porque às vezes olhamos para este tipo de realidade, assim que olhar um bocadinho arrogante, mas a verdade é que, às vezes com menos filtros, fruto precisamente destas fragilidades, se formos a um bairro normal, onde as pessoas vivem e convivem umas com as outras continua a haver conflitos entre os vizinhos, continua a haver situações, portanto.... Aquilo que às vezes vamos falando, é que parece que exigimos estas pessoas que sejam perfeitas e que se depois formos à nossa realidade, ao nosso prédio, continuamos a ter problemas ou porque o carro fica estacionado à frente não sei quê... Ou seja, há coisas que também nunca vão ser eliminadas porque fazem parte da natureza humana. Eu acho que o trabalho que foi feito e que tem sido e bem feito é mostrar às pessoas como é que podem reagir, ou como é possível, no fundo, controlar melhor aquilo que são as minhas, os meus comportamentos, não é? E as minhas impressões... E se eu estiver melhor comigo e isto vale para todos, naturalmente, que conseguirei ter na relação com os outros uma melhor atitude e um melhor comportamento, mas tenho que fazer primeiro esse trabalho dentro de mim.

P11: Ou seja, de dentro para fora?

R11: Sem dúvida...

P12: Como a Senhora Vereadora já tinha dito, a Câmara Municipal fez aqui algumas intervenções ao longo do tempo, como especificou numa parte mais técnica. Mas quer especificar quais intervenções foram feitas ao longo deste ano ou quando?

R12: Olhe é assim. Também daquilo que fui acompanhando.... É curioso perceber, para além daquilo que foi um apoio às vezes pontual da Loja Social, não é? Em momentos assim, mais especiais como Natal ou mesmo noutros momentos, em que aqui com a articulação da Vanessa, se for possível também poder oferecer às pessoas questões muito concretas. Eu ia percebendo que assim de forma mais direta da parte da ação social, havia também muito este trabalho da avaliação de do perfil de cada uma das pessoas e também depois procurar encaminhá-las para aquilo que é, que acaba por ser uma integração efetiva na comunidade, não é? Porque o trabalho acaba por permitir, por um lado, uma valorização daquilo que sou e daquilo que valho, mas, por outro lado, também uma integração não é sair daquele contexto em que estou um bocadinho isolada do resto e começar a estar num outro ambiente e com outras pessoas. Portanto, teve aqui muito a ver também com estes encaminhamentos nesta área do emprego e depois aqui também não no apoio naquilo que a Vanessa naturalmente ia solicitando e necessitando também para resolver algumas questões mais concretas, isto portante na parte mais social, que depois havia naturalmente outras áreas onde também se foi desenvolvendo trabalho, não é.

P13: Exatamente. Pronto, nós temos vindo aqui a conversar, um projeto, um projeto, um projeto. Se calhar, é bom desmistificar o que é que foi este projeto? Realmente recentemente houve um projeto que foi implementado naquele espaço, no Bairro Vicente de Paulo, do qual o Município ao nível da ação social, perante aqui, a presença da Senhora

Vereadora também fez parte. Eu gostaria que, aos seus olhos e na sua visão, resumisse – me um pouco no que consistiu este projeto? O que é que permitiu fazer? Por quem foi desenvolvido? Até mesmo qual foi o vosso nível de parceria neste projeto?

R13: Ou seja, o Projeto integra-se no Programa Bairros Saudáveis, Arco-Íris - Vem dar cor..., é isso, não é?

P14: Vem Dar Cor à Tua Vida!

R14: Exatamente. E de facto foi um projeto que teve a funcionar... até setembro, não foi Vanessa, corrija-me porque, entretanto, foi prorrogado. Esteve até setembro 2022 e iniciou em, que eu não estava cá...

P15: julho de 2021.

R15: 2021. Foi em 2021? Ah ok. Curioso... junho de 2021 a setembro de 2022, foi um projeto curto e é de facto o trabalho que foi desenvolvido, como foi muito, muito, muito no terreno conseguiu mudanças muito grandes num período, num período tão curto... Foi muito importante envolver várias associações e naturezas muito diferentes, não é? Desde logo a Passo a Passo, com este trabalho mais diretamente com as famílias, a Conferência, a sociedade São Vicente de Paulo estava muito relacionada com o próprio bairro e eram as pessoas de referência, pronto e continua naturalmente também a ser antes do projeto e, portanto, tê-las envolvidas também foi muito importante. A parte da saúde, termos uma associação juvenil, ter também os contratos locais de desenvolvimento social que também trabalham em muitas áreas a poder ajudar também e, portanto, e a Câmara aqui, quer na área social, quer na área de ambiente e creio que não me esqueci de ninguém... Portanto, por um lado, desde logo este trabalho em rede, não é? E de ter estas áreas todas a pensar no projeto, este projeto ter iniciativas em todas as dimensões, porque elas dimensões onde se encontraram as fragilidades e, portanto, perceber que temos que trabalhar todos em conjunto para responder às suas realidades que encontrámos e que o município acho que em relação e à Fábrica da Igreja, assumiu

sempre aqui, sendo naturalmente um parceiro como os demais, não há mais nem menos importante, mas assim esta posição do motor, não é... Portanto, ajudando aqui a que a Fábrica da Igreja, mas também na figura da coordenadora do projeto, Vanessa, de alguma forma, em alguns momentos mais duros, mais difíceis, mais exigentes, sentisse que tinha aqui não só um parceiro como alguém que estava mesmo ali ao lado, não é... E que tinha esse papel de não deixar cair, não deixar desanimar e, portanto, acho que de alguma forma assumiu assim aqui, quase a corresponsabilidade, não deixando de ser a Fábrica da Igreja a entidade promotora. Sabíamos que tínhamos outros recursos, não é? Quer em termos técnicos, quer em termos logísticos e, portanto, aqui numa sempre muito disponíveis para aquilo que iam sendo as solicitações, portanto, a sentir assim que isto era mesmo um trabalho, lado a lado.

P16: Relativamente às intervenções realizadas neste bairro, eu gostaria de saber se acha que estas intervenções se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

R16: Ah, sem dúvida, sem dúvida nenhuma. E porquê? Integram-se no âmbito do Desenvolvimento Local porque nos demonstraram todos e acho que era essa a lição que eu mais gostava, que fosse aprendida e que só com proximidade, eu digo isto muitas vezes, só com conhecer aquela pessoa, conhecê-la e ela não vai ficar perfeita por eu a conhecer, mas vai transformar o olhar. Eu vou olhar para ela como pessoa, não vou estar a ver que só os erros, só as, não vou olhar para ela, conheço-a. Sei o que ela tem de melhor, sem aquela o que tem demais e ela também me conhece e é nesta relação que estas mudanças sociais que procuramos e que são muito complexas porque são contextos complexos que se concretizam. E, portanto, eu acho que este projeto contribui muito para o Desenvolvimento Local, porque ao valorizar aquelas pessoas, ao valorizar aquele local, contribuiu muito para que alguns ciclos de pobreza e que alguns ciclos de exclusão se quebrassem, não é? E, eu acho que isso é absolutamente determinante, portanto, o projeto permitiu que o bairro se transformasse, não é... E que nós tínhamos ali uma situação de marginalização, de estigmatização. Não se resolve, porque não são milagres,

mas que gradualmente se vai transformando. Portanto, acho que contribuiu muito para um projeto de Desenvolvimento Local, porque um projeto de Desenvolvimento Local que nós queremos é que as situações que temos de exclusão, as situações que temos de pobreza e situações que temos durabilidade possam ser superadas, não?

P17: E assim também contribuir para os parâmetros do concelho de Arganil?

R17: Claro, exatamente...

P18: Acha que os outros projetos que a vossa entidade, Município de Arganil, se enquadram também no Desenvolvimento Local?

R18: Nós temos dois projetos, um em que somos promotores e outros que no que eles vão ser local de desenvolvimento social, Projeto FAMI que é de integração de migrantes e, realmente, tanto um como outro respondem de formas muito diferentes àquilo que a Vanessa estava a referir, não é? Nós temos objetivos a nível social, queremos chegar a determinadas metas, não é, de integração no caso específico do FAMI e das pessoas que nos escolhem para viver e que são estrangeiras. No caso do CLDS, desde das crianças aos seniores e estes projetos permitem-nos responder melhor àquilo que são as nossas iniciativas. São instrumentos muito importantes para isso...

P19: É claro que realmente o bairro sofreu uma grande intervenção que terá sempre lugar para melhorias, mas na sua perspetiva, seria interessante desenvolver outro projeto similar no bairro?

R19: Olha, eu acho que é muito importante criar-se e desenvolver-se um projeto que desse continuidade ao que eu dizia, não é desta intervenção, surgiram novas necessidades, mas também novas potencialidades. E seria muito bom encontrar um projeto ou uma forma de continuarmos a trabalhar no bairro que permitisse às pessoas que estes ganhos se consolidassem acima de tudo. Porque nós, quando lançamos as sementes, elas demoram muito tempo a que se consiga ver e de facto, na minha

perspetiva, havia aqui um trabalho que se for acompanhado, corre menos riscos de se perder.

P20: E acha importante, por exemplo, que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro?

R20: Acho determinante e acho que é o maior risco porque de facto a mais-valia dos projetos é ter e eu sentia muito isso, é ter uma pessoa que puxa por todos, porque o foco dela é o projeto. Quando isso deixa de existir, as outras pessoas por mais que tenham interesse, por mais que percebam que é importante, começam a ser envolvidas por este polvo que tem muitas pernas e puxa por todo o lado e é fácil, é mesmo fácil distraímos, não é? Estou a utilizar esta expressão, mas acaba por meio de tantas coisas se não temos alguém que nos lembra, que nos puxa, que convoca e, portanto, seria muito importante haver de facto, de uma forma ou de outra, uma figura de referência que pudesse puxar pelos parceiros para que se organizassem. Porque eu acho que era determinante que as pessoas do bairro continuassem, que a população do bairro continuasse a ter esta relação de proximidade com os diferentes serviços que foi criada, que não se perdesse este potencial.

P21: Tem assim algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R21: Eu acho, ou seja, estava aqui a pensar, de repente olhando para o bairro... Eu acho que era muito importante continuar a criar contextos que pudessem pôr as pessoas a sentir-se uma comunidade. Não é? Por entre as suas diferenças, por entre, ou seja, conseguir algumas atividades nem que fossem simbólicas uma ou duas por ano em que as pessoas tivessem como uma espécie, não é, como a festa de aldeia. E nós todos reconhecemos que há rivalidades nos sítios, mas que era muito bom trabalhar isso, porque às vezes eu acho que., uns com perfis mais difíceis que outros, mas acho que estas

relações mais conflituosas também vêm das ideias que as pessoas foram construindo umas das outras, não é. E depois isso sugere este tipo de questões, portanto, acho que ter um ou dois eventos comunitários anuais que a própria população organizava e dinamizada parece-me importante. Haver aquilo que falávamos, não é, que era uma espécie de comissão de moradores do bairro e haver um responsável pela limpeza, não direto, mas assim haver áreas e cada um ter a responsabilidade de ir verificando se está tudo bem a nível da limpeza do espaço, está tudo bem ao nível das hortas, ou seja, haver aqui uma divisão por pelouros também não é dos habitantes, para que se sentissem responsabilizados. Acho que podia ser interessante, não é? Porque também acho que esta autonomia, não é, esta autonomia que se dizer pedida em relação ao seu próprio, ao seu próprio espaço.

P22: Interessante... Como gostaria de ver daqui a alguns anos o bairro e as pessoas que habitam nele?

R22: Gostava de ver o bairro... completamente integrado...na comunidade, ou seja, não são eles e nós. E, dar este exemplo não é que foi mesmo importante e que se calhar há alguns meses era completamente impossível antes do projeto seria, não é, de ter um projeto como aquele que aconteceu agora da missão país e ter cá jovens que foram visitar o bairro, ter na igreja a referência ao bairro, ter moradores do bairro e a importância de ter pessoas de fora a falar de forma positiva do bairro, falar no como foram acolhidos... E eu acho que isto vai mudando, obriga as pessoas locais para quem é mais difícil ter um novo olhar é normal, mas quando chegamos a um sítio novo não temos referências, não temos preconceitos. E acho que isso também é muito importante, portanto, olhar para aquele local como um local que não é marginal, não é, um local que faz parte da nossa vila e até ter lá está referências positivas. Nós lembrarmo-nos dele por coisas e por momentos positivos.

P23: A Câmara Municipal de Arganil, ao nível deste pelouro principalmente, tem também uma grande responsabilidade. E eu gostaria de saber se, por exemplo, no futuro tem

interesse em participar ou desenvolver projetos nesta área dos melhoramentos do bairro?

R23: Todo! Todo o interesse, sim!

P24: Bastava haver uma candidatura ou interesse por parte da Fábrica da Igreja?

R24: Sem dúvida, sem dúvida!

P25: Os moradores do bairro poderão certamente contar com o vosso auxílio, da vossa entidade, nas necessidades, dificuldades quotidianas que possam ser vir ou possam ser ou vir manifestadas?

R25: Aliás, o que a Vanessa disse é responsabilidade do Município dentro daquilo que são os seus recursos, responder às necessidades, pronto dos habitantes do Concelho que assim necessita, não é? Quer dizer, dentro daquilo que são as suas atribuições, mas aqui em parceria também para ajudar pelo menos com a segurança social, percebendo o que é que é possível, o que é que é possível fazer, portanto, quer para os moradores do bairro, quer para todos os habitantes que estejam numa situação de vulnerabilidade no Município, terá que ter, porque a sua missão, é sua essa obrigação, essa disponibilidade.

P26: Houve algum assunto assim, durante esta entrevista, que não tenha sido perguntado e gostasse de falar?

R26: Acho que só dar destaque e sublinhar que a transformação que se verificou, que se verifica, que tem continuidade, quer da parte de quem olha, quer da parte de quem, de quem vive, tem muito a ver com a transformação que foi possível acontecer dentro das pessoas. Que não sentiram que estavam a mudar ou que estavam a fazer para os outros. Não é para mostrar à doutora ou mostrar ao doutor.... Fizeram-no e enquanto fizeram

perceberam que se sentiam melhor e que é daí que vem a mudança, que a mudança permanece... Para nós também, nós mudamos porque nos sentimos melhor... E, volto a dizer, precisando muito de se consolidar eu acho que houve alguns moradores, se uns mais do que outros, naturalmente, mas há alguns moradores que experienciando coisas novas se sentiram melhor e é isso que os faz, que os fará naturalmente, também aqui com algum acompanhamento para uns, outros de forma mais autónoma permanecer ali, não é, porque alguém vai ver, não estou a fazer isto para ninguém. Eles estão a fazer isto porque perceberam que algo a começar a trabalhar ou estar mais estruturado em casa e se calhar, não havia tantos motivos de discussão ou ter a minha casa mais investida, mais feliz me sinto melhor. E acho que é isso, também temos que trabalhar.

P27: Queria agradecer mais uma vez à Senhora vereadora por esta entrevista que realmente veio colmatar e veio clarificar aqui algumas ideias e que a gente se possa encontrar num futuro em novos projetos e novas caminhadas.

R27: Eu é que agradeço a dedicação da Vanessa a este projeto. A forma como se entrega àquilo a que se propõe. Vai haver com certeza muito caminho para fazer, muito para aprender... Isso também é ótimo, mas que mantenha sempre esta disponibilidade de receber o outro, de ouvir o outro e depois fazer caminho com ele a partir disso. E, portanto, também desejar muito bom trabalho.

P28: Obrigada, até à próxima!

R28: Eu é que agradeço Vanessa!

e) Transcrição da entrevista à Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil

P1: Boa tarde. Agradeço desde já a honra de poder-me dar esta entrevista. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre si ao nível da sua naturalidade, percurso académico, formação, a profissão que exerce, onde habita, quais são as suas questões pessoais e ambições na vida.

R1: Pronto, boa tarde. Eu chamo Helena Maria Paiva Travassos Mota, sou assistencial do Município de Arganil. Já trabalho na Câmara Municipal de Arganil há 30 anos e exerço funções na área social desde 2005. Habito no Sarzedo. Tenho 2 filhos. Fiz um bacharelato em Ação Social, uma licenciatura em Política Social e uma outra licenciatura em Serviço Social. O que me permitiu também neste quadrante foi da ação social, foi a experiência profissional com outras colegas mais velhas de serviço que apoiavam o Bairro São Vicente de Paulo. Neste caso vamos falar um bocadinho sobre o Bairro São Vicente de Paulo e o trabalho no Concelho é vasto, eram dezoito freguesias, agora são catorze. Em cada freguesia, existem assistentes sociais que trabalham com os seus utentes nas várias respostas sociais, mas também colaboram um bocadinho na ajuda à resolução de problemas sociais de cada freguesia. Basicamente, no meu trabalho, eu já fiz de tudo. Já estive com o POPMC, com o FEAC, com a Loja Social, com, portanto, fazemos atendimentos, avaliação socioeconómica, encaminhamento para emprego, para atividades socialmente úteis, violência doméstica também fiz formação e quando nos aparece alguma das situações, também tentamos resolver e encaminhar agora para a equipa. Tirei pós-graduação na Faculdade de Direito sobre Proteção de Menores. Estive sete anos ou oito anos na CPCJ de Arganil, que também foi um trabalho um bocadinho árduo com crianças e com pais disfuncionais em que nesta situação ou nesta problemática, o que nós temos que tratar são as crianças e ajudar as crianças e não proteger os pais. Temos de trabalhar com os pais, mas trabalhar sobretudo na proteção da criança. Se as crianças não forem protegidas, há sempre recursos dos quais, pronto que

eu não gosto muito, mas em último recurso, se a criança tiver que ser colocada num outro familiar ou numa pessoa idónea ou em último recurso numa instituição é preferível estar e ser retirada do que estar com os pais. Os pais se não têm competências parentais para ficar com as crianças não podemos vacilar nessa tomada de decisão. Basicamente já fiz muita coisa, projetos, candidaturas, na área do emprego, encaminhamentos para formação, apoio a estágios profissionais, eu trabalho muito com o Agrupamento de Escolas, com outras CPCJ... Pronto aqui a dinâmica do Gabinete de Ação Social é muito variada porque trabalhamos com a rede social e fazemos diagnósticos sociais do concelho, é fazer o planeamento das necessidades, portanto, com as Swots e ver o que é que nós podemos alavancar nos próximos anos, em termos de projetos para colmatar as necessidades. Pronto, basicamente, na generalidade é pau para toda a colher... Portanto, trabalhamos muito em várias áreas da saúde mental, de crianças, nos idosos, na comunidade... O leque do município é muito variado.

P2: No âmbito do meu Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, basicamente eu decidi fazer algo sobre a nossa terra, sobre as nossas potencialidades e a intervenção no âmbito do social, o que significa que a minha tese só poderia ser a importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local, área que estudo principalmente e associado ao estudo de caso do Bairro São Vicente de Paulo. E é sobre esta vertente que gostaria de questioná-la. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção, por exemplo, o que é que achava do local? Das suas condições? Da maneira que se encontrava estruturado e organizado?

R2: Quando surgiu a candidatura aos Bairros Saudáveis, umas das ideias que me surgiu foi isto é para uma rua, uma freguesia, é para um bairro... E o que me surgiu a ideia logo foi do Bairro São Vicente de Paulo.... Porquê? Porque era denominado o bairro dos pobres, onde havia algumas pessoas muito carenciadas. As habitações eram gratuitas e muito degradadas com muito mau, portanto, fracas condições habitacionais, mesmo muito nos seus interiores... As casas de banho não tinham polivan, não tinham condições, ou os ratos passavam... Era sobrelotação de pessoas em habitação, em algumas habitações, não em todas... Não havia pinturas... A parte exterior eram vidros partidos... E também sobressaía

ali outro tipo de não só estrutural, mas também comportamental... Portanto, isto tem a ver com as pessoas que ali viviam, os descatos que provocavam, o não ter regras, o não ter limites, o poder ceder a casa, a troca de chaves que havia.... A Conferência São Vicente de Paulo é que ficou responsável durante muitos anos e deram um apoio, e tinham muitas dificuldades.... Há uma altura em que vieram ter com o anterior Presidente do Município, se não se importava de tomar conta do bairro e ele não aceitou, achou que deveria ficar com a Igreja. Neste sentido, passou para as mãos da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil. E pronto e desde aí foi feito um lançamento o repto ao Senhor Reitor, o Padre Lucas, que é o Presidente da instituição, desta entidade e que ele acolheu de boa forma porque ali sobressaia, portanto era uma população heterogéneo e multicultural, portanto, tinha crianças, têm idosos, alguns com incapacidade de deficiências, outros em idade ativa, mas desempregados que também sofriam de várias patologias, como o álcool e muito dependentes de prestações sociais... Era recorrente a vinda da GNR e das ambulâncias ali por descatos no bairro, portanto, as relações de vizinhança eram bastante desadequadas e conflituosas, o vocabulário era sempre ofensivo que muitas vezes levava a vandalismo de bens, tanto materiais como um carro, um furto de uma máquina de cortar mato, de uma motosserra, seja do que for, não havia estas regras... Portanto, tínhamos que fazer aqui alguma coisa para que estas atitudes fossem travadas e que houvesse respeito mútuo entre todos e que houvesse respeito, sobretudo por quem é detentor da propriedade. Por exemplo, lembro-me de algumas casas que a rede elétrica era de puxadas elétricas clandestinas em que poderia ocorrer curto circuito ou incêndio... Muitas vezes albergavam se ali pessoas sem o consentimento, sem ocupações ilegais e consentimento da Fábrica da Igreja. Muita desorganização e, sobretudo, a estigmatização do bairro dos pobres. Portanto, há ali pessoas que não são conflituosas, não têm este estigma, mas passavam todos por baixo dos pobres. Acho que esta estigmatização, de acordo com o projeto, foi se diluindo e hoje as pessoas olham para o bairro com um espaço diferente. O espaço contíguo estava sujo, estava cheio de ervas, não havia preservação, não havia cuidado, não havia gosto da própria da própria população, do espaço onde habitavam, portanto, que era um espaço comum, onde todos habitavam,

mas guardavam sempre fosse a Câmara ou junta a fazer eles. Eles entendiam aquilo, não entendiam como fosse deles, habitavam lá, mas não tinham gosto e acho que no decorrer deste projeto o trabalhar com as pessoas, não trabalhar para as pessoas, mas sim a trabalhar com as pessoas e eles entenderem que quanto mais cuidassem do espaço, melhor estava não danificado, implementando-se regras de conduta. Claro que isto não foi de um dia para o outro, isto demorou meses, meses e meses. E este projeto daria pernas para continuar por vários longos anos, porque há muito ainda por fazer, mas foi uma iniciativa do Estado, do Governo esta candidatura e foi premiada aqui no concelho Arganil e houve muitos frutos que vão no futuro dar grandes ideias e à vontade em dar continuidade a uma candidatura, porque muito há para fazer em termos comunitários. Portanto, aqui o que sobressai foi uma grande vontade, mas sobretudo a intervenção comunitária. A intervenção comunitária em que todos os parceiros se uniram à população e a população também com os parceiros, porque os parceiros que estão elencados na candidatura não eram bem vistos, não eram, nós éramos vistos como intrusos, como polícias, vistos de forma em que nós iríamos para fazer alguma coisa ou com o CPCJ ou com o tribunal, ou com a GNR. Pouco a pouco começámos a desconstruir estes estereótipos deles e começaram a ver-nos como aliados, como um parceiro que está ali para ajudar e que quer ouvi-los e dar-lhes voz. A eles sugerir ideias para transformar o bairro e foi isso que começámos a ver. Explicámos a candidatura e foi aí nesta forma de partilha, de dar e receber, que eles também se começaram a abrir connosco e perceber que estávamos ali, de coração para os ajudar, nunca para os prejudicar absolutamente nada. Claro que sim, com regras para também inseri-los na sociedade para que não sejam vistos como o bairro dos pobres e hoje garanto que não existe o bairro dos pobres, existe o Bairro São Vicente de Paulo ou o Bairro Arco-Íris.

P3: Mas, por exemplo, Doutora Helena, enquanto pessoa e enquanto profissional, quando olhava para o bairro e sem falar de projeto ou sem falar do Município em si, o que é que você, enquanto pessoa e profissional, pensava sobre o bairro? O que é que achava do bairro quando olhava para ele? Quando fazia, tinha que fazer alguma intervenção no bairro na sua área? O que é que achava dele?

R3: O que eu achava era que o bairro era problemático, de núcleos fechados, grupos de grupos, uns de idosos, outros que controlavam o bairro, portanto, havia quem controlava o bairro em que havia medo para entrar no bairro, porque já no passado tinham sido retiradas crianças que residiam e ainda hoje residem no bairro. Não entendiam que a retirada das crianças tinha sido, por exemplo, por um abuso sexual ou por negligência, ou por uma sobrelotação, ou por comportamentos de risco. E pronto e nós tínhamos muita dificuldade em trabalhar, aceder a documentos deles, aceder à própria ajuda, a própria colaboração, do próprio nosso apoio. As pessoas só queriam receber e não queriam nada em troca, não queriam que nós trabalhássemos com eles, não queriam, não nos deixavam, não partilhavam as suas ideias, que tinham medo e sim era um bairro problemático às portas de Arganil.

P4: E relativamente às pessoas, o que é que pensava sobre elas? sobre quem morava lá, os que moraram e os que moram atualmente?

R4: Pronto. Os que moravam e os que moram são praticamente os mesmos. Há aqui algumas nuances, uns entravam, outros saiam. As pessoas modificaram o seu comportamento. O comportamento de há vinte anos atrás, trinta anos, há dez anos e o comportamento há dois anos a esta parte, está diferente. Muito melhor... Porque as pessoas pensavam que as casas eram deles, apoderaram-se das casas, faziam obras clandestinas sem permissão, eles albergavam pessoas de tráfico de droga, de álcool, de familiares, sem autorização prévia. Não havia regras! Portanto, era um bairro que estava sem norte, sem norte... E acho que da vontade também da Fábrica da Igreja, da Conferência... A Conferência era impotente... Portanto, as senhoras conseguiram ter um apoio técnico sem ter uma intervenção que fosse notória, sobretudo a parte habitacional e relativamente ao resto, tinha que ser mesmo com uma candidatura, tem que ser através de um projeto que continue a fazer o desenvolvimento comunitário porque depois começou o trabalho a ser feito de dentro para fora e não o contrário. Portanto, começou a trabalhar-se com as pessoas amiúde, saber a caracterização por habitação, quais as

necessidades, quem eram as pessoas, o que precisavam, que habilitações literárias tinham, que rendimentos têm, que tipo de saúde, porque isto foi numa altura em que o COVID estava com grande mortalidade... Foi das primeiras ações que tiveram que ser desenvolvidas para explicar o que é o COVID. Portanto, isto foi um projeto sob financiado, primeiramente pelo Ministério da Saúde, depois passou para o PRR. Mas era sobre as condições habitacionais porque eram degradadas, eram promíscuas, havia contatos entre vizinhança sem cuidados, havia, por exemplo, dejetos de animais e havia um todo muito enraizado de décadas. Era muito difícil, foi trabalhado muito amido, mas casa a casa foi feito um levantamento e depois antes disto tudo foi pensado o levantamento das necessidades e foi feito as catorze ações ou atividades foram pensadas de acordo com o regulamento da candidatura. Mas daquilo que nós tínhamos feito um levantamento das necessidades, com ajuda dos parceiros, pensámos nestas atividades para ir de encontro às problemáticas que sobressaiam ali do bairro.

P5: Pronto neste conjunto todo e associado ao Município de Arganil, eu gostaria de saber como é a relação da Câmara Municipal de Arganil, ao nível da parte social obviamente a que diz respeito, com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? E se pode dar alguns exemplos desse tipo de relação que estabelecem?

R5: A relação que eu estabeleço enquanto profissional e assistente social, no meu ponto de vista, só posso falar por mim. Portanto, os serviços ação social estão sempre disponíveis para atenderem os moradores. Sempre estiveram... Mas há aqui uma situação que tem que se ter atenção... Se for uma situação relacionada com o âmbito da Fábrica da Igreja, tem sempre que passar pela Fábrica da Igreja, pelo Conselho Económico que tem os elementos e se é do âmbito habitacional ou se pronto tem outra situação qualquer. Tem sempre passar por lá... Relativamente aos serviços municipais, a minha relação com eles sempre foi boa, foi transparente, foi de imposição muito de regras, e eles ouviam-me, porque também havia cedência... Nós com este tipo de população, temos que lhe explicar sempre os direitos e os deveres, que é muito por aqui que nós temos que ir. Nestas décadas foi só direitos... As pessoas tinham direito a uma casa, tinham direito a albergarem quem queriam, tinham direito a pôr a música alta, tinham direito a fazer tudo

e mais uma coisa, que nem nos passa pela cabeça.... Tivemos que desconstruir que as casas não são propriedade das pessoas. As casas foram cedidas gratuitamente numa fase da vida destes moradores que não tinham condições socioeconómicas para criar os seus filhos, para viverem, para pagar uma renda... Contudo, tinham deveres... E estes deveres tinham que prestá-los à Fábrica da Igreja, tinham que prestá-los à coordenadora do Bairro São Vicente de Paulo, que esteve à frente desta candidatura e eu, enquanto profissional, sempre que ia lá, não tinha problemas, abordavam-me se achava bem, se não achava, eu encaminhava sempre para a coordenadora, encaminhava sempre para a Fábrica da Igreja... No fundo, se era da minha competência, havia depois a sinalização e encaminhamento para nós. Se forem crianças, também para outros projetos que era a Associação Passo a Passo ou para o CLDS 4G. Mas, por exemplo, as questões habitacionais... O que foi deitar barracões abaixo clandestinos era impensável, era impensável e sem problemas nenhuns. Porque temos que desconstruir como é que, onde é que está a licença, quem é que autorizou, e eles ficavam embaraçados.... Pronto, muito difícil e agora vou ficar sem as minhas coisas e como é que é... Depois tivemos, houve uma negociação para a parte de cima, transformou-se a parte de cima arrumos... As casas ficaram todas com a traça original, como estava, sem nada de barracões à frente, atrás parecia um bairro da lata, completamente descaracterizado às portas da vila de Arganil, cheio de lixo, pronto. Muito, muito difícil de entrar... Quer dizer, eu acho que isto foi décadas de total anarquia, fazer-se o que se pode, o que se quer, ninguém manda, ameaças de mortes, machado... Neste momento, acho que as coisas estão muito mais tranquilas e também sabem que tem muito mais olhos a ser vigiados e a Fábrica da Igreja também tomou consciência que tem responsabilidades e que tem que dar força e dar voz. E também no fundo, acarinhá-los, como os acarinhou, mas também ouvi-los e ir passando. Porque é para isto não ser tomado como pronto agora acabou o projeto e já cá não passa ninguém, já ninguém quer saber de nós, não pode ser. Acho que a própria autarquia tem que ter este contato, mesmo veterinário municipal, os serviços ação social... Pronto irem passando, ver se está tudo bem e havendo contato aqui também com a Fábrica da Igreja que a própria Fábrica, se houver um ou dois elementos que nos possam fazer dar o

feedback olha, uma pessoa está doente, acamada, tem uma doença oncológica, para que serviço é que nós podemos canalizar, fazermos chegar a essa informação, nós depois também fazemos visita domiciliar, mas também passar esporadicamente no bairro para ver se as pessoas precisam de alguma coisa.

P6: Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, realmente a responsável pelo bairro, eu gostava que me caracterizasse a relação desta entidade aqui com a parte da Câmara, da ação social?

R6: Eu acho que é boa, eu acho que é boa.... Sinceramente, a própria pessoa que esteve encarregue da elaboração da candidatura, foi na altura que o senhor padre estava fora, o Padre Lucas estava de férias no Brasil e deu, portanto, passou a uma declaração de plenos poderes ao senhor José Rosa e tenho muito a agradecer a este senhor. Entretanto, entrou outra figura que me agradou muito, muito proactivo que é o senhor Manuel Fernandes, que acho que estas 2 pessoas são essenciais para que haja sintonia no bairro e muita organização. Porque o senhor José Rosa conhece a Fábrica da Igreja e os meandros da contabilidade e tudo, de dentro para fora, de fora para dentro. E o senhor Manuel Fernandes é uma pessoa que tem disponibilidade, pode ser um excelente voluntário aqui na Fábrica da Igreja para passar de vez em quando na Fábrica da Igreja, no Bairro São Vicente de Paulo e com a Fábrica da Igreja e aqui conseguir fazer aqui uma ponte. Embora que aqui está-se aqui a uma congeminar uma comissão organizadora, mas sim que fosse liderada pela Fábrica da Igreja, por exemplo, um dos elementos era o porta-voz para a Fábrica e o porta-voz, os moradores. Porquê? Porque dar total abertura aos moradores para mim, na minha opinião, não é o correto. Porque dá a entender que uns que estão sobrepostos aos outros e eu não concordo com isto. Acho que haja a lei da paridade, que haja uma mulher que seja escolhida para ser também aqui porta-voz de outras mulheres e haja um homem, um homem que seja também líder, que as pessoas se identifiquem e que escolham e que votem entre si, votem com papelinhos, que sejam democráticos, que haja uma eleição, que põe-se o nome de todas as mulheres que vivem... As mulheres votam nas mulheres, quem é a pessoa que tem mais capacidades de chegar e expor os problemas que estão ali no bairro que às vezes tem haver com filhos ou com escola ou

com a saúde, com alguns problemas oncológicos... Pronto e haver uma figura masculina e depois haver no topo um elemento da Fábrica da Igreja que receba estas informações e as trata e passe para a Fábrica da Igreja ou para os serviços da ação social do Município ou para nós que que tente saber junto de nós qual é a entidade que melhor se enquadra, se é a Misericórdia, se é a saúde, se é a área do emprego, se é no Município, se é na Junta de Freguesia de Arganil, se é através da Conferência, se através de um cabaz ou da Loja Social... Eu acho que tem que se ter atenção aqui nesta escolha e a minha perspetiva é muito esta é ser lei da paridade, haver uma mulher com quem elas se identifiquem e possam partilhar as suas problemáticas, as suas ideias, o seu bem-estar, as suas preocupações como mães e mulheres. Se virem ali pessoas no bairro desconhecidas também se calhar, também não se sentirão bem... E haver uma figura masculina, porque também ali uma força de trabalho, que veja que as coisas que poderão ser assim, juntar.... Olha pronto, uma pessoa com mais idade, não consegue mudar uma lâmpada, não consegue fazer uma pintura.... Olha, alguém está disponível para fazer este serviço, não ser o queixinhas, mas no fundo, passar para a Fábrica da Igreja, para o elemento dinamizador que fica o interlocutor entre os moradores e, portanto, e a Fábrica da Igreja. Acho que deve ser assim, na minha opinião, não ficar totalmente nos moradores vai haver, era como numa Câmara haver aqui dois ou três colaboradores da Câmara ficarem os porta-vozes dos outros. Não me parece bem.... Há, por exemplo, um chefe de divisão fica a porta-voz de todos colabores, é uma figura que é um chefe que depois transmite para o executivo as ideias. No fundo, tem que haver aqui algum cuidado para não haver guerrilhas ali dentro.

P7: Que papel tem tido ao longo do tempo aqui a Câmara Municipal, a este nível da ação social, na intervenção no bairro? E quais foram as intervenções se se lembra assim por alto?

R7: É assim, desde que eu me conheço a trabalhar aqui no bairro, nós tínhamos intervenção, pronto, de os apoiar em bens alimentares e pronto havia mães com filhos

que também tinham os processos da CPCJ. Organizava-se e pediam-se pequenas obras à Conferência São Vicente de Paulo, houve casas que foram uma contribuição da Conferência São Vicente de Paulo, a Junta de Freguesia, muito esporadicamente, o Município pronto este atendimento de serviços, mas não com tanta força como foi agora. Portanto, isto era mais um apoio pontual e, portanto, eles vinham aos serviços, para inscrever ou no centro de emprego ou para inscrever na saúde ou porque não tinham médico de família. Nós encaminhávamos, articulávamos ou para apoio para subsídios. Neste projeto houve uma intervenção concertada em que houve um levantamento de necessidades para a candidatura e houve a execução nas atividades, portanto, e foram depois também feitas mais atividades para além daquelas que estava preconizada porque assim houve tempo e eram necessárias e urgentes, portanto, houve aqui um trabalho que depois foi surgindo e depois até foi dos poucos moradores que também sugeriam. Eu recordo-me o jantar de Natal que eles nunca tinham sido convidados para um Jantar de Natal, não tinha havido uma consoada comunitária, nunca tinham participado no Magusto... Este sentimento de união, de pertença, não existia...

P8: E acha que essas intervenções foram positivas ou negativas?

R8: Muito positivas. Mas que deveriam continuar, na minha perspetiva. Porque não é em um ano e meio que se consegue isto e vai para o tempo, não. Isto é um trabalho que se deve continuar... Ou haver uma segunda fase dos Bairros Saudáveis, uma nova candidatura para se fazer, por exemplo, aquilo que perspetivavam que era um espaço comunitário, por exemplo, para crianças, um escorrega, um parque infantil pequenino, mas simbólico para as crianças ou duas ou três máquinas para os idosos fazerem exercício, por exemplo, e haver ali um forno comunitário, um tipo, um telheiro, muito artístico, pitoresco, aberto, com umas telhas, com umas madeiras, com os bancos de jardim, com um forno, com uma elaboração de uma mesa simples, mas que alguém quisesse fazer broa e fizesse broa e uns a faziam umas bolas, umas tigeladas... Eh pá, haver ali um forno comunitário... Quando alguém tivesse alguém em casa e que precisasse de cozinhar pão, não cada um ter as suas coisas, haver um espaço comunitário que fosse usado de acordo com o regulamento, com um calendário, com uma prévia marcação para não haver

atropelos entre ninguém, em que este dinamizador ou interlocutor da Fábrica da Igreja via com estes dois elementos, dois ou três elementos ou quatro do bairro.

P9: E antes da intervenção do projeto, acha que as vossas intervenções foram positivas ou negativas?

R9: Eram pontuais. Não eram concertadas, não tinham, eram positivas num momento que se entregavam bem alimentar, no momento que se encaminhava para o trabalho, mas eram pontuais, não eram de acompanhamento sistemático. O que aconteceu aqui, foi diariamente, a quase sete dias da semana, porque no sábado ia falar com voluntários, no domingo tinha que se fazer não sei das quantas, mas foi um trabalho de acompanhamento sistemático. E estas pessoas com algumas vulnerabilidades precisam de um trabalho de acompanhamento sistemático. Não pode ser pontual...

P10: Ao longo dos anos, até 2020, o bairro todo a gente verificou até a comunidade arganilense que tinha poucas condições no geral, no seu todo. Como explica esta situação?

R10: As pessoas, eu explico esta situação... Porque as pessoas, eram conotadas como preguiçosos, como só recebiam uma prestação social e subsídios e não queriam trabalhar. E como eram conotadas assim e como tinham comportamentos desviantes e agressivos, ninguém os queria ajudar e ninguém se ia lá meter. E quem ia lá para tentar ajudar, que era o caso das senhoras da Conferência São Vicente de Paulo saíam um bocadinho com o rabo entre as pernas, porque eles não permitiam a ajuda e também ninguém estava para aí virado para as qualidades que eles também têm, porque é assim qualquer pessoa tem boas qualidades e maus ou têm efeitos e têm qualidades. E muitas coisas, nós só olhamos para os defeitos. Como o espaço habitacional estava deteriorado, o espaço envolvente também estava degradado e no interior também estava degradado, obviamente que há uma conotação negativa relativamente às pessoas. As pessoas até podiam trabalhar no

campo ou trabalhar numa IPSS, mas como estavam num bairro dos pobres, não eram aceites pela sociedade e tinham muito mais dificuldades em conseguirem trabalho, portanto, o bairro dos pobres, as pessoas que lá vivem ou viviam nem toda a gente corria na mesma meta. Portanto, quem vivia no seio de Arganil tinha outras possibilidades de quem vivia num bairro, ainda por cima dos pobres. Ninguém corre na mesma meta. Portanto, as metas a eles eram atrás, muito atrás, tinham que se esforçar para provarem que eram honrados, que eram boas pessoas, que tinham educação, que tinham princípio. Isso foi e é muito difícil!

P11: Tenho ouvido atentamente até ao momento a Doutora Helena dizer um projeto, um projeto, um projeto.... Consto que recentemente realmente houve um projeto que foi implementado no Bairro São Vicente de Paulo do qual o Município, a Câmara Municipal, na parte da área social, também fez parte. Eu gostaria, por alto, que me dissesse no que consistiu esse projeto? O permitiu fazer? Por que entidades foi desenvolvido? E qual foi o vosso nível de participação nesta parceria?

R11: Pronto. A candidatura foi constituída com cinco eixos de intervenção que é o caso da saúde, social, económico, ambiental e urbanístico. A entidade promotora, como referi há bocado, foi a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil. As entidades parceiras foram o Centro de Saúde de Arganil, neste caso, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil, foi o Município de Arganil, a Conferência de Nossa Senhora da Assunção, que é a Conferência São Vicente de Paulo... Foi a Associação Juvenil C.U.M.E, a Associação Passo a Passo, a Autoridade de Saúde Pública do Concelho de Arganil e a Freguesia de Arganil. E isto porque foi dentro do Ministério da Saúde e foi aqui que entraram as unidades da saúde, portanto, a Unidade de saúde pública, porque havia condições habitacionais indignas, portanto, com insalubridade, portanto, falta de higiene, portanto, e multicultural e multi- assistido, porque era muita gente, é um entra e sai em muitas casas.... Pronto, estas foram as parcerias. Na parte da dos objetivos da Câmara Municipal de Arganil era contribuir no fundo, para a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas, da população de estratos sociais desfavorecidos, pronto, que estão em situação de grande vulnerabilidade social. E a nós, Município de Arganil, fazíamos sentido que fossem estas

entidades e que fossem feitas as atividades que todas concertadas e em parceria, não desgarradas, nem agora vais tu, ou eu. Não! Havia a planificação e estas opções eram concertadas, e depois havia um coordenador, que foi através do IEFP de Arganil, que não poderia ser também nosso parceiro porque também estava no projeto através da Doutora Adília Farinha, Diretora do IEFP de Arganil ACES do Pinhal Interior Norte. Pronto, ela é que sugeriu, porque é que nós não colocaríamos uma coordenadora e que estava disponível para fazer um estágio profissional, que neste caso foi a Dra. Vanessa, porque entendia que as próprias ações tinham que ser todas coordenadas e, não era a Câmara que ia coordenar uma, outra... Não! Tinha que haver alguém, um líder que coordenasse e também coordenasse com as entidades, com os técnicos e com Fábrica da Igreja e com os moradores e que trabalhasse com os moradores, não era para os moradores que isso foi difícil ao início. A Câmara teve esta preocupação em que fosse o objetivo, fosse também este trabalho, mas também o trabalho que nos preocupava muito era que chovia em muitas casas, os telhados estavam maus. Na parte da intervenção dos telhados, de caleiras, nas portas de entrada colocar-se qualquer coisa em alumínio para zinco ou lusalite ou outro material que as pessoas pudessem entrar em casa sem se molharem. Um estendal da roupa, por exemplo. os cumes estava tudo partido, entrava ratos em buracos, pronto. Pronto, havia essa parte.... Depois, as nossas mudanças eram mesmo no meu ponto de vista, este trabalho todo, era a eliminação do estigma, o estigma do pobre, do pobre, do coitadinho, do que estás aí, dos preconceitos sobre as pessoas, porque muita gente é trabalhadora, vive lá e nós queríamos passar esta imagem que há pessoas boas e más em todos os sítios. Até nos melhores Bairros de Arganil existem problemas e há violência doméstica, há alcoolismo, há droga, há roubos, há outros tipos de descatos, não é só por ser num bairro... E sobretudo um trabalho que deu prazer foi as pessoas voluntariarem-se a participar, participar nas atividades, o dar os seus documentos, o querer trabalhar.... Aquilo que me deu mais prazer foi as pessoas estarem disponíveis para a mudança, o ansiar pela mudança, não terem medo... Ao início terem medo, mas depois confiarem e quererem mudar e participar em formações, participaram em atividades da parte do ambiente, da parte habitacional, da jardinagem, das atividades que foram feitas

com a Passo a Passo, com o CLDS 4G, no âmbito das famílias, as relações de vizinhança, partilha de objetos... O Município foi a parte que nos coube, foi a área do emprego e da formação e o encaminhar para outros níveis, pronto, tanto para a Segurança Social, IEFP, como para a saúde, como para Misericórdia, para o POPMC ou para a Loja Social. Foi um elemento, foi o parceiro que dinamizou aqui mais atividades e pronto se for ver a candidatura, foi o Município que alavancou aqui uma parte em dinheiro que não há, não é dinheiro visível, mas foi em materiais, como os ecopontos, foi os não sei como é que se chama aquelas partes do porta a porta, os caixotes do lixo para a reciclagem. Pronto... E os outros que para fazer reciclagem de folhas para adubar as terras no fundo e também deu formação. Portanto, aqui esta parte que a Câmara depois também em termos de com Junta de Freguesia, a maquinaria, a limpeza da ribeira que passava ali, os lixos, o senhor José Afonso que andava sempre a acartar os lixos, as pessoas despejaram os sacos do lixo de roupas que já eram velhas, roídas, os colchões velhos, eu sei lá mais o quê... Aquelas coisas todas que estavam deterioradas foi tudo para o lixo... Portanto, foram carradas e toneladas de lixo que saiu dali... As pessoas também se desfizeram e começaram a fazer elas próprias, foi feito um convite de se limpar a casa de dentro para fora. No fundo, começou-se a limpar, a limpar, depois começou-se a tirar os lixos, desmornar os barracões que estavam ilegais, que pronto que chegavam lá, o arquiteto ou engenheiro, isto não parece bem, isto foi feito clandestino, vocês vão apanhar uma multa, era os cães e os gatos que não tinham vacinas, era cocó e xixi por todo o lado, não há vacinas, não havia donos.... Houve uma consciencialização e uma educação formativa em várias áreas ambientais, dos animais, de na área da saúde. Isso o Município acho que teve aqui uma grande, havia sempre quando a coordenadora chegava ao Senhor Vereador, que era o Vereador, o engenheiro Luís Almeida, aí não estou a conseguir com isto, o senhor Padre.... Havia sempre uma palavra de conforto.... Olhe, faça-me escrito que eu vou passar pata o técnico tal ou para a técnica tal, para o parceiro tal ou vamos pedir isto. Pronto e acho que correu bem.... Acho que a Câmara que foi para mim que mais sobressaiu, não é por eu trabalhar na Câmara, mas não, que sobressaiu e agarrou as coisas como uma questão de honra também, não vamos ter que pegar nisto, se isto não está bem, vamos mudar, vamos fazer mudança, vamos também trabalhar com eles. O próprio executivo várias vezes foi a casa das pessoas foram ver, entraram.... Eram convidados a entrar e ver as

condições como tinham. Portanto, eu acho que só com os executivos com a Junta de Freguesia, com o delegado de saúde, com os outros parceiros, com enfermeiro, ver in loco as condições, é que podiam imaginar ou podiam verificar e constatar como é que aquilo estava, estava degradado. Eu acho que as pessoas não entrando só fazendo muitas vezes juízo de valor e às vezes errados, outros certos, outros errados é que se poderia verificar e arranjam-se soluções. É que se arranjam soluções... De donativos... Como é que vamos? O dinheiro não chega... Como é que vamos fazer?

P12: Considera que as intervenções realizadas neste bairro se integram no Desenvolvimento Local?

R12: Concordo.... Acho que sim...

P13: Porquê? Como?

R13: Tudo na candidatura foi projetada, foi estudada ao pormenor com as necessidades. Que tipo de intervenção? Qual é o objetivo? E com quem vamos fazer? E onde é que nós vamos fazer? E os resultados que nós queremos chegar? Nós tínhamos que olhar para a candidatura num fio condutor e tínhamos que atingir os resultados e tínhamos as nossas necessidades e nós tínhamos os nossos resultados, e isto fomos construir as atividades, nos cinco eixos para resolver os problemas lá estavam, para atingir aquelas pessoas e para modificar, para alterar comportamentos, para alterar condições habitacionais, para haver melhor esclarecimento até das próprias pessoas, porque as pessoas depois já nos questionavam sobre outros assuntos, não era só sobre isto eram outras coisas. Iam à procura... E passam por nós ainda hoje, quando foi inauguração com o Senhor Bispo, o repto que foi lançado foi venha mais vezes o Senhor bispo ver-nos, nós gostamos de que ele lá tivesse ido. Portanto, as pessoas não gostam de ser desprezados, gostam que as entidades as acolham e participem e vão. Eu acho que sim...

P14: Acha que outros projetos que a vossa entidade enquanto Município, da ação social, se integram também aqui no âmbito do Desenvolvimento Local?

R14: Eu acho que os projetos do Município de Arganil todos se integram na intervenção Desenvolvimento Comunitário. O único problema senão é que muitas das vezes os projetos têm que ser feitos por entidades, por IPSS ou por Fábricas da Igreja que foi caso. Que foi difícil esta candidatura ser aprovada porque esteve chumbada... Nós na audiência prévia é que, através de um advogado, dos escritórios do Doutor Pedro Pereira Alves, que também deu o seu serviço voluntariamente, que se fundamentou que a Diocese de Coimbra, com os estatutos que têm para todas as Fábricas da Igreja, que também presta assistência social. E foi com esta abertura que se conseguiu chegar a estas pessoas, porque senão não havia ninguém queria pegar no bairro. Porque o bairro era da Fábrica da Igreja e não sendo aprovada a candidatura isto não se tinha conseguido. E foi também com a fundamentação, e foi também com a boa vontade e com a legalidade como foi explicado a Lisboa que acho que estes projetos têm que abrir aqui um bocadinho os seus horizontes para outro tipo de entidades, que detêm casas, como casas paroquiais. As Fábricas de Igreja neste momento são detentoras de casas paroquiais e os projetos não permitem as reconstruções. Portanto, eu acho que se abrirem o leque a mais entidades para o Desenvolvimento Comunitário, eu acho que tem mais, tem se tudo a ganhar, desde uma associação de estudantes, de uma associação de jovens, uma associação de moradores, uma IPSS, uma misericórdia, uma liga nos melhoramentos... E sobretudo as Fábricas da Igreja. Porque não nos podemos esquecer que em cada freguesia há uma Fábrica da Igreja, e isto ao nível nacional, os problemas são transversais, portanto, poderão reconstruir casas, poderão ser ajudadas para ajudar pessoas de classes desfavorecidas. E eu acho que isto é uma mais valia se abrirem a porta para outras entidades com o suporte da Câmara ou com outros parceiros, foi o caso. E eu acho que isso é que é positivo, porque se se fecharam muito leque às entidades promotoras, se afunilar muito, é muito completo.

P15: E consegue especificar assim um projeto ou outro, nesta parte do Desenvolvimento Local, que o município esteja a fazer ou que já fez?

R15: Por exemplo, o Município de Arganil apoia muitas candidaturas, todas as candidaturas de IPSS. Por exemplo, um dos projetos que alavancou muito foi a casa dos sorrisos, acho que é assim que se chama... Não... A casa dos afetos que é da APPACDM de Arganil, portanto, que a através do CLDS 3G, das várias atividades, caminhadas para conseguir angariar dinheiro para a Casa dos afetos. O que é casa dos afetos? A casa dos afetos é APPACDM de Coimbra tem um projeto para ser um lar residencial para a população portadora de deficiência e que não há, não havia verbas, não há verbas, não havia candidaturas e então no ano passado o Governo decidiu abrir uma candidatura. A APPACDM de Coimbra, candidatou-se. O polo de Arganil, tinha já algum dinheiro em caixa porque era uma ideia, um projeto da comunidade porque os pais destes jovens, destas pessoas com quarente e cinquenta anos, os pais têm setenta e oitenta anos, se falecessem ficavam sem retaguarda familiar e isto foi um projeto muito, muito importante, mas houve outros projetos que a Câmara teve com o PROGRIDE, com o CLDS 3G, com outro CLDS, com outros projetos que são parceiros na área ou da saúde mental ou da parte desportiva, com crianças na parte educacional, ou com a Passo a Passo. Há sempre projetos... A Câmara tem sido sempre parceira porque muitas vezes não pode ser a entidade promotora. Tem que ser uma IPSS ou tem que ser uma misericórdia e nós temos que ficar um bocadinho aquém, mas nós temos sempre participado. Têm dado sempre frutos...

P16: O bairro foi beneficiado em si por um projeto, uma intervenção. Gostaria de saber se na sua perspetiva, seria interessante agora desenvolver outro projeto similar a este? Não só no bairro, mas se calhar em todo o ambiente do Município ou em algum projeto que seja necessário intervir ou alguma coisa.

R16: Eu acho que tenho aqui duas ou três ideias. Primeiro, eu acho que no Bairro São Vicente de Paulo devia haver uma continuidade na consolidação dos conhecimentos, no aprendizado, nas regras, pronto naquela continuidade, porque não há financiamentos,

não há dinheiro, mas haver ali aquele financiamento para aquela parte do Desenvolvimento Comunitário para a própria Comunidade, fazer-se ali um espaço comunitário. Foi isso que as pessoas solicitaram e pronto e não houve dinheiro para mais. Fazer ali um embelezamento no espaço com uma madeira tipo rústica, com os banquinhos de jardim, plantar umas árvores, dar ali um bocadinho, um conforto diferente... Um parque infantil, como tinham sugerido naquele levantamento de necessidade. Acho que ficava melhor ir passando com regularidade, mas focalizando-se, por exemplo, noutra tipo. Acho que a parte dos jovens é uma parte da juventude que me preocupa. Preocupa-me o não se conseguir chegar ao jovem, porque é assim os jovens, aos mais novos que estão em ATL ou numa IPSS ou numa Misericórdia ou então, por exemplo, vão para as atividades lúdicas de uma biblioteca ou outro espaço. Mas há aqui uma franja de jovens que ficam um bocadinho à margem da escola. Embora a escola tenha os ATLs da Cáritas, portanto, em Côja, como em Arganil, como na Escola Secundária, falta aqui alguma dinâmica para cativar os jovens, para os ouvir primeiro.... Começar por ouvir o que é que eles querem ou quais são as temáticas que gostariam de fazer. Sei lá, eu sei que há sempre clubes, mas eu vejo tantos jovens um bocadinho perdidos. Ou comer, por exemplo, na obesidade comer muitas porcarias... Nós trabalhamos aqui no Centro Paroquial, ai no Centro paroquial, no CAJE e eles vêm muitas vezes para aqui e nós vemos à hora de almoço, é batatas fritas, gomas e coca-cola. Não se alimentam.... Vê-se muita troca de haxixe, de consumo de drogas.... Vêm para fora do espaço da escola, obviamente. Mas preocupa-me estes jovens... O que fazer com eles? O que é que eles querem fazer? Quais são as temáticas que gostavam de ser abordadas? Grupos de autoajuda? Por outros jovens a conversar, fazer um levantamento, um questionário anónimo, haver pequenos grupos com a psicóloga da escola, identificar necessidades problemas, os pais estão próximos dos alunos ou estão, porque há absentismo... Porque é que há outros miúdos com outro tipo de problemáticas que são canalizados para os profissionais... Não sei, há aqui, esta parte dos jovens que me, porque a parte dos idosos está coberta, porque nós temos quase 100% de cobertura na parte dos idosos, temos o centro de dia, o apoio domiciliário, temos os lares, temos o hospital, temos os cuidados continuados, em princípio, fala-se nos paliativos. Mas depois em termos de respostas para os jovens, temos a Crossbox.... Pronto, que é um fundo que é pago, só vai quem quer. Temos os ATL das

escolas em que alguns miúdos se identificam e ficam, mas a maior parte vem para a periferia da escola, portanto divagando no Sub-Paço, no Eduardos Bar, por ali, lá em cima e por volta da GNR, para trás, para frente, muitos vêm para aqui, para o SubPaço. Eu acho que devia haver aqui um outro espaço, ou dentro da escola ou fora da escola, não sei., só auscultando os jovens é que se pode perceber o que é que eles querem fazer, porque antigamente nós estávamos na escola, nós até não saímos da escola e gostávamos de lá estar. Neste momento não, mesmo à hora de almoço eles saem da escola, têm autorização para sair da escola, pelos pais, para virem... Ou os pais não sabem que eles não se alimentam... Portanto, e, depois também fazer aqui um trabalho, eu sei que já é feito, mas com o Centro de Saúde, explicar, fazer trabalhos, os professores também abordam muito, penso que é na formação cívica ou no PES. Pronto, perceber o que é que os miúdos, o que é que querem ou se não querem fazer nada. Acho que a parte dos jovens dos catorze aos dezoito preocupa-me muito, o tabaco, o álcool e a droga...

P17: Acha importante que as entidades parceiras deste projeto que decorreu continuem a acompanhar o bairro? E porque é que acha importante?

R17: Acho que devem continuar a acompanhar o bairro, não pontualmente como nós fazemos, mas uma vez por mês, ou sei lá perceberem se está tudo bem e nos seus planos de atividades haver essa preocupação e esse comprometimento que fizemos. Portanto, a mim faz-me sentido que cada um, mas eu acho que antes disto deve ser constituída aquela tal equipa e com a equipa no terreno do interlocutor da Fábrica da Igreja e dos moradores, no fundo, vai nos levar a surgirem novos problemas e novas funções, portanto, nós vamos continuando a passar nem que seja uma mulher grávida, vai para a saúde ou porque não têm emprego ou porque não têm dinheiro, ou com a nova assunção de novas competências nas autarquias locais, nós por força do estatuto da descentralização das competências, vamos estar mais próximos deles. Mas os problemas têm que chegar a nós.... Porque nós temos um concelho enorme com duzentos e tal lugares, com catorze ou dezoito freguesias, portanto catorze e quatro uniões de

freguesias, portanto é muito difícil periodicamente ou à hora a hora, ou sistematicamente a gente ir lá. Não, tem que ser alguém também que nos transmita ou que passe e hoje deixa-me ir ao bairro perceber se aconteceu alguma coisa, se está tudo bem, deixa-me só cumprimentar, olha era para lá passar e preciso disto ou aquilo.... Para nós facilitávamos muito este interlocutor da Fábrica da Igreja, uma vez por mês que fosse passar ou que fizessem chegar ao Senhor Reitor ao Cartório, que está aberto todos os dias a todas as quintas-feiras, os problemas. Pronto, e acho que era por aí, mas não deixar de todo o bairro, acho que tem que haver um comprometimento entre todos, tanta saúde, ambiental e pronto. E este interlocutor de ver o que foi feito, a candidatura, para depois mandar ter um e-mail mandar nem que fosse com alguém da Presidência dizer, olhe, surgiu este problema este, este, este e solícito a intervenção do Município para a resolução. Acho que era por aí...

P18: Tendo agora terminado o projeto no terreno, por assim dizer, gostaria de saber se tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R18: Ideias para o bairro? Continuar o desenvolvimento comunitário, participativo, rede de vizinhança, fortalecimento dos laços de amizade e de partilha de trabalhos, de ajuda... Alguém que saiba de tensão arterial, a alguém que sabe vai ajudar, um queimou-se vem trazer ao hospital ou chame o 112... Portanto, muito as redes de vizinhança, muito a diferença, assumirem-se como diferentes. Todos iguais, mas todos diferentes, com respeito, respeito mútuo, o respeito... Nunca me vou esquecer disto de dizer "Olhe venha aqui ver as minhas caninhas que eu tenho aqui fiz a volta, artesanal". Pessoas que supostamente eram os problemáticos que hoje olho para aquelas pessoas que se assumem com um banho tomado, com uma barba feita, homem da casa que no fundo, era matriarca... Neste momento não querem confusão e não querem passar essa imagem de confusão. Acho muito bonito a transformação e acho que isto era algo que não gostaria de ver perder. Vi como aquilo, anos, décadas, como aquilo estive e como está. Era um orgulho para mim dar continuidade a este trabalho. A parte de uma Câmara do Desenvolvimento Comunitário é muito importante, seja neste bairro, seja naquela rua,

seja com os idosos isolados, seja no outro tipo de contexto. Eu acho que por as pessoas a mexer com ideias, por exemplo, engraçado, por exemplo, por freguesias. Acho que na minha Terra, a junta fazia os concursos das varandas floridas e no fundo, era uma competição no fundo saudável para pôr as coisas mais bonitas. Por exemplo, ali no bairro só isso também podia haver um concurso a ver quem é que tem um jardim mais apetrechado, mais bonito, tratado ou com o canteiro mais florido, ou mais bem-posto ou com mais produtos hortícolas. Qualquer coisa que que disputasse o entusiasmo e uma construção, pouco a pouco, novas construções, mas ordenadas de coisas e fazemos coisas diferentes, mas tornar aquilo aprazível para se poder bem-estar.

P19: Como gostaria de ver daqui a alguns anos o bairro e as pessoas que habitam nele?

R19: Gostava de ver novas pessoas.... Outro tipo de pessoas, as pessoas não vão durar sempre, não é? Gostava de ver o espaço, se calhar um bocadinho mais ampliado.... Poderia dar para fazer mais duas ou três casas. Portanto, desta parte da outra.... Deixar ali um espaço... Se não se fizesse um espaço comunitário, fazer ali mais um bloco de casas ou fazer uma ampliação, ou fazer outro tipo de intervenção na casa. Por exemplo, há sótãos que podem ser recuperados para habitarem mais pessoas e terem mais condições. Eu acho que precisavam ali uma intervenção habitacional maior para, por exemplo, uma família com três crianças, os quartos são muito pequenos. Não é? Para ter uma sala, precisamos, por exemplo, se calhar passar um quarto para cima ou uma sala de estudo para o sótão, todo forrado, tipo sala de estudo em baixo, os quartos que já lhe desse espaço para arrumações.... Pronto, tipo ideias assim... Mas com famílias, muito virado para as famílias monoparentais ou famílias pai-mãe, nucleares.... Muito com crianças para não, porque os idosos mais tarde ou mais cedo seguem o seu curso, que fossem dadas hipóteses a pessoas, casais com filhos, para poderem, por exemplo brasileiros ou ucranianos... Os brasileiros estão a pagar rendas caríssimas... Os brasileiros estão a abandonar a sua terra para virem para Arganil e nós não temos habitação em Arganil. Gostaria muito que à medida que as casas, por exemplo estes angolanos que vieram, para

mim excelente. Passaram pelos serviços de ação social, tive o prazer de dar lápis de cor cada, a cada um deles em livro para eles pintarem e fiquei muito contente de saber que eles iam. Por exemplo, se de hoje amanhã a casa ficasse desocupada com outra família e visse, aqui um casal de brasileiros, pai e mãe, que estão com algumas dificuldades que só o pai trabalha ou só mãe, não conseguem, porque ainda não têm a nacionalidade, têm dois meninos na escola, porque não ajudar este casal de brasileiros a ficarem cá, sobretudo brasileiros... Porque nesta altura, nós já nem temos bem a noção de quantos brasileiros estão aqui a chegar a Arganil. Portanto, aqueles que nos vão chegando, nós temos a listagem, mas são muitos e as rendas são de quatrocentos a quinhentos euros, um salário mínimo são setecentos e tal euros, portanto...

P20: A Câmara Municipal de Arganil, ao nível da ação social, tem interesse em participar ao desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?

R20: Para o futuro? Tem de competir o executivo decidir isso. Acho que é essa questão, muito do futuro tem que ser feito sempre ao executivo. Claro que os técnicos estão sempre disponíveis para dar ideias, que nós temos que ter espírito crítico, mas as decisões não possam por nós, mas nós podemos sugerir. Mas sim, acho que tem que ser o executivo, por exemplo, nestes anos, agora os próximos anos a dizer, até com a Junta de Freguesia se têm no seu orçamento municipal, alguma perspetiva de dar alguma coisa, ajudar ou colaborar com a Junta a fazer algum melhoramento... Por exemplo, nos bancos de jardim ou plantar umas árvores, por exemplo. Eu acho pouco a pouco fazemos coisas pequenas, tudo somado, como se costuma dizer a galinha, a grão, a grão enche o papo pronto.

P21: Os moradores do bairro poderão contar com o vosso auxílio, desta entidade, nas necessidades e dificuldades quotidianas que possam ser manifestadas?

R21: Sim. A 100%. A 390%. As portas do Município dos serviços de ação social estão sempre disponíveis para resolver os problemas, dentro das nossas competências e se não

for é encaminhado para os serviços competentes. Orgulho-me de dizer que os serviços de ação social do Município preocupam-se com a população.

P22: Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e gostasse de falar?

R22: Acho que não, acho que foi tudo perguntado. Acho que foi tudo resolvido. Acho que o Município acompanhou de perto os problemas e as dores da coordenadora, também tem que se dizer isso... As dores, os problemas, as chatices e as queixas. Portanto, acho que isso foi tudo resolvido em tempo oportuno, em tempo certo. E acho que questões não há. Há se houver uma nova candidatura...

P23: Agradeço a participação nesta entrevista, a sua disponibilidade e desejo-lhe um resto de bom trabalho.

R23: E eu a ti, desejo-te tudo de bom porque foste uma excelente profissional. Procuraste sempre ouvir-me, num e-mail, num ofício, numa estratégia, com parceiros às vezes mais complicados, com moradores manipuladores, que pronto podemos chamar assim... E tu tentaste sempre vir a bom porto, sabias que íamos pensar as duas numa solução. E foi muito profícuo também cresci com isto porque também conheci mais o bairro na sua problemática e na manipulação, que eles também fazem entre eles, para nos manipularem a nós. E se nós trabalhamos todos com honestidade e transparência, acabamos por não sermos apanhados na curva, não é? E pronto foi muito bom. Obrigada espero que tenhas outro desafio brevemente.

P24: Obrigada.

f) Transcrição da entrevista à Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil

P1: Olá, boa tarde, é um prazer ter aqui a dona Maria do Céu Paulinho comigo, portanto, eu gostaria que me falasse um pouco de si mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar académico e o seu percurso profissional.

R1: Então muito boa tarde Dra. Vanessa. Entretanto, eu sou a Maria do Céu Brito Coelho Alves Paulino. Nasci no lugar de São Pedro de Alva, freguesia de Penacova. Frequentei a primária em São Pedro de Alva, onde fiz até à quarta classe. Mais tarde, fui estudar para o Colégio de Penacova, ou seja, o Colégio Príncipe das Beiras de Penacova, onde estudei até ao quinto ano do curso geral dos liceus que eram assim chamados nesse tempo. Mais tarde, estive a trabalhar num escritório em Coimbra e concorri para a empresa dos Correios. Portanto, na empresa dos Correios estive a trabalhar em diversas localidades como Alvares, Coimbra... Em Coimbra trabalhei na secretaria, trabalhei noutros serviços de distribuição, Portugal inclusive. E trabalhei também inclusivamente na minha terra, em São Pedro de Alva. E, entretanto, concorri para Arganil. E, portanto, em 1975 já estava em Arganil, onde me mantenho até hoje. Portanto, estive cá há algum tempo primeiramente a trabalhar ao balcão e mais tarde, a chefiar a estação. Há cerca de 10 anos, reformei-me e pronto agora tenho feito parte de várias atividades aqui na localidade de Arganil como, por exemplo, pertencer à política, porque não? Portanto, também a grupos da Igreja, como no coral, como na catequese... Portanto e, inclusivamente na Conferência. Também já estive na CPCJ.... Pronto, tive assim vários contactos e vários trabalhos com estas atividades, com estas instituições melhor falando.

P2: Contactei-a por ser uma referência importante para o meu estudo e para a minha análise. Como sabe, sou aluna do Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local e encontro-me a fazer o meu processo e a minha observação e a minha análise. E nada seria mais importante do que perceber realmente o tema do meu trabalho, que é a importância da Intervenção Social no Desenvolvimento Local, mais propriamente o estudo caso no Bairro São Vicente de Paulo. E é sobre isso que eu gostaria de falar um pouco sobre o bairro em si. Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo

antes da presente intervenção? Ou seja, o que achava sobre o local? Das suas condições? Da maneira como se encontrava, estruturado e organizado?

R2: Portanto, eu não tinha por hábito ir ao bairro, ao Bairro São Vicente de Paulo. Portanto, mas embora ele estivesse próximo da minha morada, mas não tinha por hábito ir lá, mas tinha a noção do que era o Bairro São Vicente de Paulo. Era um bairro em que as pessoas havia lá certos conflitos, era um bairro que tinha muitos, pronto, que tinha muitas dificuldades. Embora era composto por pessoas, umas mais estruturadas do que outras e, portanto, de vez em quando tinham muitas discussões, iam lá, inclusive com muita frequência a GNR. E quando eu passei a fazer parte da Conferência, acabei por verificar que, como esse bairro foi entregue pelo Senhor reitor, que estava cá na altura acerca de 15 anos atrás entregue à Conferência, a Conferência estava mais ou menos a tomar a responsabilidade do bairro. E era discutida nas nossas reuniões semanais, que de vez em quando havia lá montes de problemas, muitos, muitos, muitos problemas.... Pronto, e as pessoas estavam consecutivamente também a vir fazer junto da presidente, vinham fazer as suas queixas do que se estava a passar. De vez em quando a Presidente ia lá, mas também não conseguia resolver na totalidade a situação.

P3: Mas, por exemplo, quando passava à frente do bairro, tinha uma visão que era bonito, era feio?

R3: Não, era visão de estás aí, estás um bocado desprezado... O bairro estava um pouco desprezado, sem dúvida. E ninguém conseguia olhar para o bairro com a ideia de fazer mãos à obra e fazer um trabalho específico como agora foi feito. E isso nunca surgiu na mente de ninguém, portanto, nunca houve nem da parte da Câmara, nem da parte da Conferência, nem da parte de fosse quem fosse, nem da Igreja inclusivamente.

P4: Agora, falando um pouco das pessoas. O que é que você acha sobre as pessoas ou o que é que pensa sobre as pessoas do bairro?

R4: Pronto, as pessoas são pessoas como as outras... No fim ao cabo, só que não tinham as condições que as outras pessoas dentro da vila tinham. Portanto, elas estavam um bocadinho marginalizadas, pronto. E então como estavam marginalizadas e não tinham e desprotegidas elas eram consideradas quase abandonadas. Era como se estivessem abandonadas e por aí surgiu muitos mais, muitos mais problemas, logicamente... Elas tinham muitos mais problemas, por vezes, inclusivamente, eu ouvia dizer nas nossas reuniões que a GNR já brincava com a situação. Ah, pois, é... é verdade, ia lá e não fazia nada... Não sei, eu não fui lá nessa altura, mas que ouvia dizer ouvia, não sei se isso até era verdade.

P5: Pronto. E a relação que os elementos da Conferência da Nossa Senhora da Assunção estabelecem com o bairro e com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo. Acha que é boa, que é má? Pode dar alguns exemplos dessa relação que estabelecem?

R5: Quer dizer, a Conferência neste momento sempre tem colaborado e continua a colaborar, evidentemente, porque nós temos um certo carinho por este bairro. Apesar de não conseguirmos gerir como deveria ser, porque uma instituição sozinha nunca conseguiria, que é mesmo assim, muito menos a Conferência, porque a Conferência não está vocacionada em termos sociais, nem nada disso para tratar este bairro, era mais para dar apoio a nível de alimentos. Porque a nossa Conferência o serviço dela é exatamente oferecer os alimentos a quem necessita, portanto, para além disso, não temos grandes condições, e claro a nível financeiro também não temos possibilidades. Não é? Porque a conferência de uma coleta e de um cheque uma vez por ano que nos dá a Junta de Freguesia de duzentos euros. Portanto, não temos, não tínhamos um fundo de maneiio para podermos tratar como devíamos e tínhamos capacidade.

P6: Vocês têm noção que a Fábrica da Igreja Paroquial Arganil atualmente é responsável pelo bairro. Como caracteriza a relação que vocês têm com esta entidade?

R6: A relação é boa! Estamos perfeitamente aptos a colaborar e ajudar sempre que for necessário.

P7: E, por exemplo, que papel tem tido ao longo dos tempos, a vossa entidade na intervenção do bairro? E quais foram assim as intervenções mais especiais, mais marcantes?

R7: As mais marcantes era quando lá havia, portanto, a introdução de águas e, portanto, aquilo são casas antigas com paredes muito velhas e de vez em quando havia infiltrações e essas infiltrações eram sanadas porque nós falávamos, a Presidente, falava a um pedreiro, contratava um pedreiro, o pedreiro ia lá e eliminava as águas. Esses pequenos remendos que eram necessários fazer, vamos lá, estes pequenos serviços porque não tínhamos condições para mais, não havia condições para mais...

P8: E acha que essas intervenções que foram feitas foram positivas ou negativas?

R8: Foram positivas, porque eliminaram, não é? Acabaram por ser positivas dentro das nossas possibilidades.

P9: Ao longo dos anos, pronto até 2020, que foi até há pouco tempo, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Isso é óbvio para toda a comunidade arganilense, como se pode verificar... Mas como explica esta situação?

R9: Portanto, apesar de eu ter entrado para a Conferência apenas em 2013, não posso responder ao trabalho dos antecessores Vicentinos/Vicentinas. Mas é evidente, que eles não teriam condições financeiras para remodelar o bairro, como era necessário, até porque uma pequena instituição sozinha não tinha de forma alguma capacidade económica, nem social para tratar como deveria ser necessária.

P10: Em 2021, foi implementado um projeto no bairro, da qual a Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil fez parte. Sabe-me dizer no que é que consistiu o projeto? O que permitiu fazer? Por que entidades foi desenvolvido? Ou qual foi o vosso nível de participação nesta parceria?

R10: Pronto, então houve várias parcerias e várias atividades. A nós, foi-nos atribuído a remodelação, remover os monos, o que nós fizemos. Portanto, acabámos por cumprir. Mais tarde também contribuímos financeiramente com um donativo e colaboramos no cabaz de Natal, no jantar de Natal, no contato com empresas para uma possível ajuda.... Pronto, fizemos dentro das nossas possibilidades aquilo que tínhamos ao nosso dispor. É verdade.

P11: Então e agora poderia me dizer se considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

R11: Claro que sim, claro que integram.... Aliás, o Bairro São Vicente de Paulo foi rejuvenescido. Está um bairro alegre... Bem organizado.... Inclusive todos os moradores, acho que também estão felizes por terem lá esse bairro remodelado...

P12: E nesta parte, visto que considera que realmente se integra no Desenvolvimento Local, por que é que acha que é Desenvolvimento Local ou como se proporcionou ali um bocadinho para desenvolver aquele local e mesmo o Concelho Arganil? O que é que isso ajudou?

R12: É assim evidentemente teve uma grande alavanca que foi a sua... Portanto, a sua alavanca fez movimentar todas as instituições.... É verdade.... Sinceramente... Portanto, todos de mãos dadas, porque tinha uma grande orientadora, realmente conseguiu-se e como foi como do dia para a noite.... Sinceramente...

P13: Relativamente a outro assunto e também associado a esta parte da vossa entidade, eu gostaria de saber se vocês desenvolvem atividades que integram o âmbito do Desenvolvimento Local?

R13: Nós não estamos muito vocacionadas para isso, portanto, a nossa missão é outra. A missão da Conferência, que é ainda aquela tradicional há muitos anos, a missão da Conferência é ajudar aqueles que necessitam, porque nós, é à base de produtos alimentares e antigamente os bens eram só comprados com o dinheiro da coleta, que as

peessoas já tinham, portanto, faziam reuniões e todas a seguir às reuniões faz-se uma coleta. E nós sobrevivemos com isso.... Só que mais tarde começou-se a alargar e através do Banco Alimentar conseguimos ir buscar alimentos, levar papel inútil e esse papel inútil também é convertido em alimentos.... Foi uma maneira mais fácil de conseguirmos, portanto, também dilatar os nossos beneficiários e acabar por ter um número superior do que era habitual. Neste momento temos algumas quarenta famílias, portanto, cento e tais beneficiários e, portanto, porque temos essa facilidade, porque a Conferência estava vocacionada só para isso sinceramente. Não estava a conseguir nada a nível social, nem nada disso, não tem capacidade...

P14: Mas, por exemplo, seria do vosso interesse desenvolver projetos nessa área ou serem chamados para projetos?

R14: Agora nós sendo parceria, sim, estamos cá para dar as mãos e a ajudar...

P15: Pronto, como nós já temos referido aqui na nossa pequena conversa, o bairro foi realmente beneficiado por uma intervenção. Eu gostaria de saber se na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar, tanto no bairro como fora do bairro? Porque nós em Arganil temos muitas instituições, muitos meios ou projetos possíveis por desenvolver e eu gostaria de saber um pouco a sua opinião nesta parte...

R15: Claro que sim, é claro que sim. Aquilo foi uma experiência.... Foi uma experiência que resultou positivamente e, portanto, acho que quando, portanto, estávamos no encerramento falou-se precisamente nisso... Agora não podemos parar, portanto, em há lá umas coisinhas a fazer, não é. Não está na devida perfeição como todos desejavam... Portanto, vamos ter de pôr mãos à obra, segundo se houver outras situações similares com certeza que estamos cá todos para... Até porque como saímos todos bem e assim o trabalho foi positivo... Não podemos descurar, temos que continuar, sem dúvida.

P16: Então e você, acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro?

R16: Acho...

P17: Porquê?

R17: Porque eles estão pode-se chamar entre aspas alinhadinhos e como estão alinhadinhos é para dar continuidade, porque se eles não tiverem alguém que vigie e que continue a orientar começam a descurar e cai tudo por terra, e nós não podemos deixar que isso aconteça, verdade.

P18: Agora, tendo uma perspectiva diferente do Bairro São Vicente de Paulo, como não tinha antes, como tinha mencionado.... Você por acaso tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

R18: Possivelmente, possivelmente há muitas, mas agora de momento não me estou a recordar, mas sei lá, atividades até a nível das pessoas, entre os moradores fazerem determinadas atividades, fazerem uma sei lá, qualquer coisa que em que eles todos tivessem mais harmonia ainda e não deixassem cair por terra todo este trabalho que se fez pronto, que qualquer coisa que surge, que se fosse bom para eles darem continuidade à união e serem um bairro familiar, em que vivessem como família.

P19: E relativamente daqui a alguns anos, como gostaria de ver o bairro e as pessoas que habitam nele?

R19: Daqui alguns anos.... Teremos um bairro, jamais... Bem com mais, com mais habitantes, não podia ser porque as casas são poucas, mas podíamos ir inclusivamente se houvesse condições para isso, portanto, fazer as casas de modo que em vez de ser para uma família fosse para duas, por exemplo. Porque não houvesse condições para isso? Porque os habitantes do bairro também já têm filhos, alguns possivelmente até já têm netos... E nunca se sabe até que ponto eles gostariam de dar continuidade ao bairro deles e viverem lá. É verdade... Como o Bairro São Vicente de Paulo é um bairro bem localizado, que está exposto ao sol e à beirinha da estrada até podia ter sido chamado agora, ultimamente bairro da luz, porque tem mais luz que tinha.

P20: A Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil tem interesse em participar a desenvolver projetos futuros nos melhoramentos deste bairro?

R20: Claro que sim, é como lhe falei... É um bairro que nós temos um determinado carinho, porque apesar de nós não termos feito muito, demos tudo o que pudemos, o que tínhamos para dar, o que fizemos, não é? Portanto, continuo a dizer quando nos fazem algum pedido, não podemos dizer que não àquele bairro, porque aquele bairro também é nosso entre aspas, porque não é nosso, evidentemente... Mas que também é nosso, porque nós ajudámos, pelo menos equilibrámos o bairro... Se não fizemos obra foi porque não tínhamos capacidade, mas aguentámos o bairro até que houve alguém que conseguiu pôr mãos-à-obra. Vendo bem por essa perspetiva, também é verdade.

P21: Então, perante o seu discurso, os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades que apresentem no seu dia e que possam a vir ser manifestadas por eles?

R21: Claro que sim, claro que sim, enquanto eu for Presidente sim. Não posso responder pelas outras. Enquanto eu for Presidente, pode ser.

P22: Houve algum assunto nesta entrevista que não tenha sido perguntado e gostasse de falar?

R22: Talvez perguntar a si se também está interessada em continuar a ajudar o bairro e, portanto, continuar a dar um jeitinho com a sua boa vontade, o seu trabalho para que ele se mantenha e comece a crescer.

P23: Se o interesse de todos for a participação não tenho como não ser amiga do bairro.

R23: Então parabéns!

P24: Obrigado por me ter dado esta entrevista foi uma honra tê-la comigo. Obrigado pelas informações.

Apêndice IV - Entrevista por escrito

a) Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Arganil

Fale um pouco de si, mencionando a sua naturalidade, o seu percurso escolar/académico e o seu percurso profissional.

Sou natural de Lisboa e possuo o 12.º ano. Em 1985 entrei no curso de Direito na Faculdade de Coimbra, mas logo a seguir fui cumprir serviço militar e daí para a frente a minha vida pessoal e profissional nunca mais me possibilitou a continuação dos estudos. Trabalhei como segurança, depois num escritório e, por fim, em 1991 entrei para a CGD . Em 2020, e no âmbito da reestruturação da CGD, aderi ao programa das pré-reformas. Desde 2009 integro o executivo da Junta de Freguesia de Arganil, primeiro como Tesoureiro e agora, após 2021, como Presidente. Em 2010 reingressei em Coimbra para completar o curso como trabalhador estudante e atualmente encontro-me a tentar completar esse percurso faltando-me algumas cadeiras para o finalizar. Passei por várias coletividades integrando os seus corpos sociais, com destaque para o GFRA onde fui Tesoureiro e Presidente da direção, e para o VCSA, onde atualmente sou Presidente do Conselho Fiscal.

Qual a visão que tinha sobre o Bairro São Vicente de Paulo antes da presente intervenção?

O Bairro São Vicente de Paulo era conhecido por “Bairro dos Pobres” ... era um local associado a maus vícios e a más frequências. Existia uma certa aversão ao local. Era sinónimo de confusão e de problemas.

O que achava sobre este local?

Das suas condições?

Da maneira como se encontrava estruturado e organizado?

Tinha muito mau aspeto, parecia aquilo a que vulgarmente se chama “um bairro da lata”, um “gueto” pouco atrativo para a vista de quem por lá passava.

O que pensa sobre as pessoas que habitam no bairro?

Existe um antes e um depois... antes da recente intervenção só sobressaia o lado negativo de quem morava ou frequentava o bairro. Mas sempre lá moraram pessoas de bem, que se relacionavam bem com a restante comunidade de Arganil. Pessoas de quem nunca houve nada a apontar negativamente. Após a recente intervenção é o lado positivo de quem mora ou frequenta no bairro que sobressai. Houve uma mudança de atitudes...

Como é a relação da Junta de Freguesia de Arganil com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo? Pode dar exemplos?

A relação da Junta de Freguesia é igual à que existe com outros bairros ou lugares da nossa freguesia. Não existe nenhuma diferença entre um freguês que habite naquele bairro e um freguês que habite noutro lugar da freguesia. O tratamento é igual... As respostas que damos às solicitações que nos são apresentadas são iguais atendo à sua prioridade e a sua excitabilidade.

Sendo a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil responsável pelo bairro, como caracterizaria a relação desta entidade com a Junta de Freguesia de Arganil?

É, e sempre foi, uma boa relação. De proximidade e de colaboração. Sempre atendendo aquilo que é e deve ser a área de atuação de uma Junta de Freguesia, com os limites das suas competências bem delimitados.

Que papel tem tido, ao longo do tempo, a Junta de Freguesia de Arganil na intervenção no bairro? Quais?

A intervenção tem sido, e será sempre, aquela que decorre da obrigação legalmente estabelecida para as autarquias locais, tendo sempre como base as suas competências próprias ou delegadas. Não poderá ser de outra forma.

Ao longo dos anos até 2020, o Bairro São Vicente de Paulo tem tido poucas condições em geral. Como explica esta situação?

O bairro é uma espécie de condomínio privado cuja propriedade pertence à Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil. É, queiramos quer não, propriedade privada. E, como tal, cumpre ao seu proprietário legal qualquer intervenção no espaço. As autarquias não podem pura e simplesmente substituir-se aos proprietários privados na gestão do seu património. Os serviços sociais do município, e outras entidades sociais, foram acompanhando ao longo dos tempos os moradores, mas não podiam ir para lá das suas competências. Só com a vontade do proprietário e com a sua proatividade foi possível, agora, conjugar esforços para inverter a situação que lá se verificava.

Houve alguma intervenção da Junta de Freguesia de Arganil ao longo destes anos?

As intervenções da Junta de Freguesia no local resumiram-se basicamente aquelas que decorrem das suas competências e dos meios humanos e materiais que possui. Que, diga-se, são muito escassos. Ou seja, as intervenções resumem-se a ações de limpeza e recolha de “monos”.

Em 2021 foi implementado um projeto no bairro, do qual a Junta de Freguesia de Arganil fez parte.

No que consistiu o Projeto?

Consistiu num programa público, de natureza participativa, sob a direção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, proprietária do espaço sobre o qual incidiu a intervenção social, para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida no território vulnerável que é o Bairro São Vicente de Paulo, zona habitacional que apoia famílias carenciadas que usufruem de respostas sociais solidárias, através de cedência de habitação a título gratuito. Contemplava este projeto, entre outras atividades, a intervenção de restauro/conservação em habitações, integração em medidas ativas de emprego e formação e ainda a capacitação dos indivíduos para processos de mudança e integração social.

O que permitiu fazer?

Permitiu a interação das diversas entidades parceiras no projeto, no âmbito das suas competências e dentro das respetivas áreas de intervenção, com a população residente no bairro. Essa interação possibilitou o levar de informação e conhecimento variado muito importante aos moradores, alertando-os para os perigos a que estavam expostos devido às insalubres condições em que se encontravam a viver. Foi efetuada intervenção profunda em todo o espaço, com reabilitação do edificado e limpeza nos respetivos espaços exteriores. Com o conjunto de todas as intervenções foi possível dar uma maior dignidade ao espaço e aumentar a autoestima e o bem-estar dos seus habitantes, lançando dessa forma os pilares para um futuro mais promissor do bairro com a sua plena integração na restante comunidade da vila de Arganil.

Por que entidades foi desenvolvido?

O projeto foi desenvolvido com a parceria das seguintes entidades, Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, Câmara Municipal de Arganil, Junta Freguesia de Arganil, Associação Passo-a-Passo, Conferência São Vicente de Paulo, Associação Juvenil CUME, Autoridade

de Saúde Pública e Unidade de Cuidados à Comunidade do Centro de Saúde de Arganil com a colaboração do CLDS4G.

Qual foi o vosso nível de participação na parceria?

Mais uma vez a nossa participação enquadrou-se na área das nossas competências e com o recurso possível aos nossos escassos meios humanos e materiais. Efetuámos ações de limpeza e remoção de resíduos urbanos.

Considera que as intervenções realizadas no Bairro São Vicente de Paulo se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

Claro que sim. O Desenvolvimento Local depende do desenvolvimento de todas as suas componentes, nomeadamente da componente social e das condições de vida. O desenvolvimento deve sempre nivelar por cima. E todos temos o direito de aceder a melhores condições de vida, nomeadamente de saúde, habitabilidade e sociabilidade.

Acha que os outros os projetos que a vossa entidade desenvolve se integram no âmbito do Desenvolvimento Local?

A atividade de qualquer Junta de Freguesia deve sempre pautar-se por uma relação de proximidade com os seus fregueses. Quando respondemos positivamente às suas inquietações e solicitações estamos a contribuir para melhorar as suas condições de vida naquilo que para eles é mais premente e, assim, contribuir, à nossa escala, para o Desenvolvimento Local.

O bairro foi beneficiado por uma intervenção. Na sua perspetiva seria interessante desenvolver outro projeto similar?

Qualquer intervenção que vise dotar os seus moradores de mais e melhores competências, que vise melhorar as condições de vida dos alvos dessa intervenção e

daqueles que com eles direta ou indiretamente interagem será sempre bem-recebida e será, sem dúvida, sempre do interesse de toda a comunidade.

Acha importante que as entidades parceiras continuem a acompanhar o bairro? Porquê?

Penso que será muito importante, nomeadamente as entidades de cariz mais social. Será de todo fundamental o acompanhamento de proximidade para solidificar o trabalho que foi efetuado neste processo.

Tem algumas ideias ou sugestões que acharia importante desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo?

Julgo que o mais importante nesta fase será o acompanhamento próximo, por parte da entidade gestora do espaço e pelas entidades de âmbito social local, de modo que o trabalho agora realizado não termine. Este acompanhamento deverá permitir que os próprios moradores desenvolvam as próprias competências sociais, entretanto adquiridas no âmbito deste projeto, no sentido de não permitirem que o passado insalubre regresse ao seu bairro e que consigam, por si só, corrigir algum desvio do caminho que conseguiram, entretanto, alcançar.

Como gostaria de ver, daqui a alguns anos, o bairro e as pessoas que habitam nele?

Gostaria que o bairro fosse apenas mais um de entre todos os que compõem a malha urbana arganilense, que quem olhasse para ele não o visse como um gueto. Que as pessoas que nele habitam estivessem plenamente integradas na sociedade envolvente e não se sentissem discriminadas por nele morar. Que fosse um bairro donde sobressaíssem boas práticas sociais e bons exemplos de vida.

A Junta de Freguesia de Arganil tem interesse em participar ou desenvolver projetos futuros de melhoramentos no bairro?

A Junta de Freguesia estará sempre aberta à participação em projetos que visem a plena integração dos seus fregueses e que levem à melhoria da qualidade de vida dos mesmos, quer seja neste bairro, quer seja noutra qualquer lugar da freguesia.

Os moradores do bairro poderão contar com o auxílio da vossa entidade nas necessidades e dificuldades quotidianas que venham a ser manifestadas?

Dentro da nossa área de competências e de acordo com a nossas possibilidades, a Junta de Freguesia estará sempre presente para responder às solicitações que possam vir a surgir quer no presente, quer no futuro.

Houve algum assunto que não tenha sido perguntado e que gostasse de falar?

Julgo que todos os assuntos pertinentes foram questionados.

Apêndice V - Matriz de análise de conteúdo das entrevistas

Dimensões de análise	Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Inferências
A vida no bairro e a contribuição para o seu melhoramento	Condições de vida no Bairro São Vicente de Paulo	Visão sobre o Bairro São Vicente de Paulo	<p>“...diante da situação que estava o bairro, tantas confusões, conflitos, GNR, realmente uma calamidade, muitas reclamações dos vizinhos, da sociedade em si.” (Entrevistado 1)</p> <p>“Uma situação terrível que estava se encontrava nesse bairro, tanto os relacionamentos entre eles não tinham um bom convívio, cada um por si e Deus por todos e um engolindo o outro, um ditado que nós falamos.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...situação terrível das casas, a maneira de arrumar as casas dentro, a organização, barracões por um lado, barracões por outro, sujeira para tudo quanto é lado. Era uma pequena favela do Brasil.” (Entrevistado 1)</p> <p>“O Bairro São Vicente de Paulo nós olhávamos para aquele espaço quase como uma espécie de gueto que estava um pouco à margem de tudo o resto.” (Entrevistado 2)</p>	No bairro havia muitas confusões e muitos fatores que levavam a essa realidade. (Entrevistados 1, 2, 4, 5 e 7)

			<p>“...pela localização geográfica, quem passa, quem passava fora, quem passa fora não fica com uma fotografia negativa daquele espaço. Porque as casas até são, têm uma construção harmoniosa, a localização é boa e é desafogada.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...havia ali um conjunto de contributos, todos eles com carácter negativo que contribuíram para o resultado que ele estava.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...o bairro basicamente tem uma rua, uma rua principal e depois casas de um lado e de outro. O facto é que as casas são espaços exíguos.” (Entrevistado 3)</p> <p>“Casas tinham uma única casa de banho com poucas ou nenhuma condições. Quartos minúsculos, exíguos mesmo. E impressionava-me a quantidade de gente que morava em algumas das habitações e de paredes meias com outras, porque cada casa são duas casas. Uma construção muito pouco ou nenhuma qualidade.” (Entrevistado 3)</p> <p>“Também tinha ali uma área significativa onde não estava aproveitado, nomeadamente para a exploração agrícola ou hortícola que pudesse até ajudar a alimentar essas famílias, ou seja, é um espaço muito abandonado.” (Entrevistado 3)</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“...quando se falava do bairro, era sempre ou porque tinha havido um problema ou porquê havia uma confusão ou porque havia terminado as famílias que era necessário ajudar e, portanto, havia sempre esta conotação negative, não se falava do bairro por coisas boas quando elas também já lá deviam existir antes...” (Entrevistado 4)</p> <p>“...que uma das coisas, uma das melhores coisas do bairro é que ele é muito visível e tem até do ponto de vista de característica de habitação e de casas, um aspeto pitoresco, mas como estava muito mal cuidado...” (Entrevistado 4)</p> <p>“...o bairro era problemático, de núcleos fechados, grupos de grupos, uns de idosos, outros que controlavam o bairro, portanto, havia quem controlava o bairro em que havia medo para entrar no bairro...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...sobressaía ali outro tipo de não só estrutural, mas também comportamental... Portanto, isto tem a ver com as pessoas que ali viviam, os desacatos que provocavam, o não ter regras, o não ter limites, o poder ceder a casa, a troca de chaves que havia...” (Entrevistado 5)</p> <p>“As pessoas só queriam receber e não queriam nada em troca, não queriam que nós trabalhássemos com eles, não queriam, não nos deixavam, não partilhavam as suas ideias, que tinham medo e sim era um bairro problemático às portas de Arganil.” (Entrevistado 5)</p>	
--	--	--	---	--

			<p>“O Bairro São Vicente de Paulo era conhecido por Bairro dos Pobres.” (Entrevistado 7)</p> <p>“...era um local associado a maus vícios e a más frequências. Existia uma certa aversão ao local. Era sinónimo de confusão e de problemas.” (Entrevistado 7)</p> <p>“Tinha muito mau aspeto, parecia aquilo a que vulgarmente se chama “um bairro da lata”, um “gueto” pouco atrativo para a vista de quem por lá passava.” (Entrevistado 7)</p>	
		<p>Considerações sobre as pessoas que habitam no bairro</p>	<p>“Pensava que eram pessoas muito conflituosas. Achavam, armavam conflitos com qualquer coisa, de qualquer maneira.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...já são diferentes. São mais sociáveis, mais abertas... Mesmo que ainda tenham alguns rebeldes no meio, mas já são, já mudou muito, muito, muito mesmo. A maneira de pensar, a maneira de partilhar, já não têm o mesmo egoísmo que tinham antes.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...na generalidade das pessoas são pessoas normais, como todas as outras, havendo agregados com mais dificuldades, outros com menos dificuldades...” (Entrevistado 2)</p> <p>“...no início, dizíamos que eram pessoas um pouco à margem de certa parte ali na sociedade, que se autoexcluíam até de certa forma, que não se integravam e que olharam com muita desconfiança quando começámos a entrar no bairro.” (Entrevistado 3)</p>	

			<p>“...a ideia que fico daquelas pessoas é que é boa gente, a grande maioria das pessoas... E aqueles que não diria boa gente, mas se calhar que precisam de ser mais ajudados, perceberam que tinham que ser ajudados. E de facto procuraram ajuda e estão no caminho para se tornarem pessoas melhores e, portanto, acho isso muito importante.” (Entrevistado 3)</p> <p>“O comportamento de há vinte anos atrás, trinta anos, há dez anos e o comportamento há dois anos a esta parte, está diferente. Muito melhor... Porque as pessoas pensavam que as casas eram deles, apoderaram-se das casas, faziam obras clandestinas sem permissão, eles albergavam pessoas de tráfico de droga, de álcool, de familiares, sem autorização prévia. Não havia regras! Portanto, era um bairro que estava sem norte, sem norte...” (Entrevistado 5)</p> <p>“Existe um antes e um depois... antes da recente intervenção só sobressaia o lado negativo de quem morava ou frequentava o bairro. Mas sempre lá moraram pessoas de bem, que se relacionavam bem com a restante comunidade de Arganil. Pessoas de quem nunca houve nada a apontar negativamente. Após a recente intervenção é o lado positivo de quem mora ou frequenta no bairro que sobressai. Houve uma mudança de atitudes...” (Entrevistado 7)</p>	
		<p>Relação das entidades com os habitantes do Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>“É boa. Eu, como Presidente da Fábrica da Igreja, já estive lá algumas vezes. Sou muito bem-recebido... Eles veem aqui no Cartório, também às vezes, para falar de alguma coisa que aconteceu ou que está acontecendo.... Tem um bom relacionamento... Por mais que por vezes esse mexer no conforto deles incomode, mas graças a Deus até agora eles estão a ter um bom relacionamento...” (Entrevistado 1)</p>	<p>Tratamento e respostas que dão às solicitações são iguais para todos na comunidade</p>

			<p>“Inequivocamente que se nota que há um outro nível de envolvimento e, portanto, mas este nível de envolvimento também tem como correspondência uma corresponsabilização dos habitantes.” (Entrevistado 2)</p> <p>“Relativamente aos serviços municipais, a minha relação com eles sempre foi boa, foi transparente, foi de imposição muito de regras, e eles ouviam-me, porque também havia cedência...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...neste momento sempre tem colaborado e continua a colaborar, evidentemente, porque nós temos um certo carinho por este bairro.” (Entrevistado 6)</p> <p>“A relação da Junta de Freguesia é igual à que existe com outros bairros ou lugares da nossa freguesia.” (Entrevistado 7)</p>	<p>arganilense. (Entrevistado 7)</p>
		<p>Relação da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil com as outras entidades</p>	<p>“É um relacionamento positivo de colaboração recíproca...” (Entrevistado 2)</p> <p>“...quando as relações são boas, torna tudo mais fácil e neste caso simplificou e muito o desenvolvimento da candidatura e depois tudo e o relacionamento, aliás, nós fomos fazendo sempre que foi algo muito bom que foram reuniões de acompanhamento mensais do projeto.” (Entrevistado 3)</p>	

		<p>“A relação é boa! Estamos perfeitamente aptos a colaborar e ajudar sempre que for necessário.” (Entrevistado 6)</p> <p>“...sempre foi, uma boa relação. De proximidade e de colaboração. Sempre atendendo àquilo que é e deve ser a área de atuação de uma Junta de Freguesia, com os limites das suas competências bem delimitados.” (Entrevistado 7)</p>	
	Papel das entidades nas intervenções no bairro	<p>“Nenhuma, para além daquela componente passiva de acompanhamento social, de surge o caso, vamos lá acompanhar o caso... Em termos objetivos de intervenção no bairro não tenho memória de ter existido outra intervenção prévia a esta.” (Entrevistado 2)</p> <p>“Intervenção ela sempre houve e acompanhamento ele sempre existiu...” (Entrevistado 3)</p> <p>“...de os apoiar em bens alimentares e pronto havia mães com filhos que também tinham os processos da CPCJ. Organizava-se e pedia-se pequenas obras à Conferência São Vicente de Paulo, houve casas que foram uma contribuição da Conferência São Vicente de Paulo, a Junta de Freguesia, muito esporadicamente, o Município pronto este atendimento de serviços, mas não com tanta força como foi agora. Portanto, isto era mais um apoio pontual...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...a introdução de águas e, portanto, aquilo são casas antigas com paredes muito velhas e de vez em quando havia infiltrações...” (Entrevistado 6)</p>	

	<p>Intervenções no bairro ao longo do tempo</p>	<p>Condições do bairro</p>	<p>“Ninguém queria se envolver com esse bairro. Era muitos conflitos e ninguém queria nem saber desse bairro e achavam um monte de pessoas ali desocupadas. Não faziam nada por si nem por ninguém, e realmente as pessoas olha já que querem assim isolaram eles e eles ficaram realmente isolados ali naquele bairro... Sem ajudar ninguém eles e nem ninguém ajudava.... Ninguém queria saber de nada mais. Mais distante era melhor...” (Entrevistado 1)</p> <p>“Eu não consigo encontrar nenhuma, nenhum enquadramento, nem lhe dar uma resposta que seja muito objetiva porque há casos...” (Entrevistado 2)</p> <p>“...aquele sentimento, por um lado, de impotência porque não podemos nada fazer enquanto outros viram a cara ao lado. E depois há outros que acham que tem que ser as instituições a resolver o problema. E acho que isto era o que se passava aqui também na vila de Arganil.” (Entrevistado 3)</p> <p>“O serviço é o mesmo, o que mudou foi a sensibilização, a capacitação dessas pessoas e a vontade e a partir daí, um brio que começaram a sentir...” (Entrevistado 3)</p> <p>“...diria que o que foi acontecendo foi uma degradação do bairro, uma falta de investimento não é, ou seja, à medida que o bairro foi ficando menos assistido e que o perfil de famílias mudou...” (Entrevistado 4)</p>	<p>As pessoas não eram aceites na sociedade por causa de viverem no bairro dos pobres e tinham que se esforçar para provarem que eram honrados, boas pessoas e que tinham princípio. (Entrevistado 5)</p>
--	---	----------------------------	---	---

		<p>“Porque as pessoas, eram conotadas como preguiçosos, como só recebiam uma prestação social e subsídios e não queriam trabalhar. E como eram conotadas assim e como tinham comportamentos desviantes e agressivos, ninguém os queria ajudar e ninguém se ia lá meter. E quem ia lá para tentar ajudar, que era o caso das senhoras da Conferência São Vicente de Paulo, saíam um bocadinho com o rabo entre as pernas, porque eles não permitiam a ajuda e também ninguém estava para aí virado para as qualidades que eles também têm, porque é assim qualquer pessoa tem boas qualidades e maus ou têm efeitos e têm qualidades.” (Entrevistado 5)</p> <p>“...não teriam condições financeiras para remodelar o bairro, como era necessário, até porque uma pequena instituição sozinha não tinha de forma alguma capacidade económica, nem social para tratar como deveria ser necessária.” (Entrevistado 6)</p> <p>“Os serviços sociais do Município, e outras entidades sociais, foram acompanhando ao longo dos tempos os moradores, mas não podiam ir para lá das suas competências. Só com a vontade do proprietário e com a sua proatividade foi possível, agora, conjugar esforços para inverter a situação que lá se verificava.” (Entrevistado 7)</p>	
	Intervenção das entidades ao longo dos anos	<p>“Exatamente pela postura dos próprios moradores que não eram merecedores na época e não tinham atitudes para merecer.” (Entrevistado 1)</p>	

			<p>“...temos que também perceber aquilo que é o quadro formal de intervenção das entidades públicas. E objetivamente, naquele espaço em concreto do ponto de vista daquilo que são as competências do Município, nós cumprimo-las todas...” (Entrevistado 2)</p> <p>“Não eram concertadas, não tinham, eram positivas num momento que se entregavam bem alimentar, no momento que se encaminhava para o trabalho, mas eram pontuais, não eram de acompanhamento sistemático.” (Entrevistado 5)</p>	
		<p>Implementação de um projeto no bairro</p>	<p>“O projeto era para trabalharmos com um todo. Não só como disse a parte física, mas também uma parte humana.” (Entrevistado 1)</p> <p>“O nosso querer ali foi trabalhar a parte estrutural, que foi feita física, nas casas.... Arrumar os telhados, arrumar casas de banho... A pintura por dentro, por fora... A parte de fora, por exemplo, havia muitos barracões, muitos puxadinhos aqui e ali.... Fazer um bairro que as pessoas pudessem ir lá. Por exemplo, visitar e ter gosto de estar ali, vontade de morar ali, sentir bem em morar ali.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...a Fábrica da Igreja teve esse papel de querer mudar tudo, não só a parte física em si, mas também a parte humana, que foi tão importante para algumas mudanças e melhorarmos realmente aquele bairro que era um pé de guerra.” (Entrevistado 1)</p>	<p>O projeto pretendia ajudar a corrigir os problemas urbanísticos existentes no bairro. (Entrevistado 2)</p>

			<p>“Esta intervenção permitiu resolver isso, permitiu resolver estas desconformidades gritantes. Permitiu naturalmente criar uma condição para além de ser mais aprazível com outras condições que antes não existiam, inclusivamente de salubridade para resolver os seus problemas de salubridade, resolveram se os problemas de também de naquilo que tem a ver com a estética do bairro.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...uma espécie de motor de arranque, pusemos a máquina andar.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...um elemento dinamizador, incentivador, o resto, a máquina depois funcionou, isso é muito positivo.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...se calhar metade e ficaria por aqui, metade do trabalho deveu-se por causa desta parceria com a Câmara.” (Entrevistado 3)</p> <p>“...papel de não deixar cair, não deixar desanimar e, portanto, acho que de alguma forma assumiu assim aqui, quase a corresponsabilidade, não deixando de ser a Fábrica da Igreja a entidade promotora.” (Entrevistado 4)</p> <p>“...constituída com cinco eixos de intervenção que é o caso da saúde, social, económico, ambiental e urbanístico.” (Entrevistado 5)</p>	
--	--	--	---	--

			<p>“...contribuir, no fundo, para a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas, da população de estratos sociais desfavorecidos, pronto, que estão em situação de grande vulnerabilidade social.” (Entrevistado 5)</p> <p>“Havia a planificação e estas opções eram concertadas, e depois havia um coordenador...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...eliminação do estigma, o estigma do pobre, do pobre, do coitadinho, do que estás aí, dos preconceitos sobre as pessoas, porque muita gente é trabalhadora, vive lá e nós queríamos passar esta imagem que há pessoas boas e más em todos os sítios.” (Entrevistado 5)</p> <p>“...entidade promotora, como referi há bocado, foi a Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil. As entidades parceiras foi o Centro de Saúde de Arganil, neste caso, a Unidade de Cuidados na Comunidade de Arganil, foi o Município de Arganil, a Conferência de Nossa Senhora da Assunção, que é a Conferência São Vicente de Paulo... Foi a Associação Juvenil C.U.M.E, a Associação Passo a Passo, a Autoridade de Saúde Pública do Concelho de Arganil e a Freguesia de Arganil.” (Entrevistado 5)</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“...agarrou as coisas como uma questão de honra também, não vamos ter que pegar nisto, se isto não está bem, vamos mudar, vamos fazer mudança, vamos também trabalhar com eles.” (Entrevistado 5)</p> <p>“Consistiu num programa público, de natureza participativa, sob a direção da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil, proprietária do espaço sobre o qual incidiu a intervenção social, para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida no território vulnerável que é o Bairro São Vicente de Paulo, zona habitacional que apoia famílias carenciadas que usufruem de respostas sociais solidárias, através de cedência de habitação a título gratuito. Contemplava este projeto, entre outras atividades, a intervenção de restauro/conservação em habitações, integração em medidas ativas de emprego e formação e ainda a capacitação dos indivíduos para processos de mudança e integração social.” (Entrevistado 7)</p> <p>“Permitiu a interação das diversas entidades parceiras no projeto, no âmbito das suas competências e dentro das respetivas áreas de intervenção, com a população residente no bairro. Essa interação possibilitou o levar de informação e conhecimento variado muito importante aos moradores, alertando-os para os perigos a que estavam expostos devido às insalubres condições em que se encontravam a viver. Foi efetuada intervenção profunda em todo o espaço, com reabilitação do edificado e limpeza nos respetivos espaços exteriores. Com o conjunto de todas as intervenções foi possível dar uma maior dignidade ao espaço e aumentar a autoestima e o bem-estar dos seus habitantes lançando, dessa forma os pilares para um futuro</p>	
--	--	--	--	--

			mais promissor do bairro com a sua plena integração na restante comunidade da vila de Arganil.” (Entrevistado 7)	
O futuro no bairro	Forma de intervenção das entidades no âmbito do Desenvolvimento Local	Intervenções que se integram no âmbito do Desenvolvimento Local	<p>“Todas as entidades se envolveram com aquilo ali, cada um fez uma parte e fizeram e deram seu melhor, então quer dizer foi graças a isso, senão não era possível...” (Entrevistado 1)</p> <p>“...quando conseguimos um nível de integração das comunidades mais aprofundado, quando as pessoas também percebem que há outra abordagem, que há outra preocupação com a sua integração.... Acho que do ponto de vista da construção social de qualquer território isso é um contributo ou é um elemento importante.” (Entrevistado 2)</p> <p>“São pessoas também que ganharam uma capacidade e um à vontade de participar mais nas iniciativas da comunidade. Portanto, estão mais integradas na sociedade, não estão tão fechadas ali naquele espaço. Não, antes pelo contrário, parece-me que saem mais, que se envolvem mais, que participam mais nas ações da comunidade, portanto à sua volta. E, de certa forma, acabam por contribuir também com uma vivência social mais tranquila, mais calma também para uma normalidade que existe que é uma zona residencial...” (Entrevistado 3)</p> <p>“...só com proximidade, eu digo isto muitas vezes, só com conhecer aquela pessoa, conhecê-la e ela não vai ficar perfeita por eu a conhecer, mas vai transformar o olhar.” (Entrevistado 4)</p>	

		<p>“...porque ao valorizar aquelas pessoas, ao valorizar aquele local, contribuiu muito para que alguns ciclos de pobreza e que alguns ciclos de exclusão se quebrassem...” (Entrevistado 4)</p> <p>“...as pessoas depois já nos questionavam sobre outros assuntos...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...todos de mãos dadas, porque tinha uma grande orientadora, realmente conseguiu-se e como foi como do dia para a noite...” (Entrevistado 6)</p> <p>“O Desenvolvimento Local depende do desenvolvimento de todas as suas componentes, nomeadamente da componente social e das condições de vida. O desenvolvimento deve sempre nivelar por cima. E todos temos o direito de aceder a melhores condições de vida, nomeadamente de saúde, habitabilidade e sociabilidade.” (Entrevistado 7)</p>	
	<p>Outros projetos que as entidades desenvolvem e se integram no âmbito do Desenvolvimento Local</p>	<p>“Nós tentamos fazer com que as pessoas possam se inteirar mais, conviver mais, poder partilhar, poder.... Trabalhamos com e nas questões de preservar o património, não só a parte cultural, a parte emocional das pessoas, a parte física.... Então tentamos trabalhar num geral, não é uma igreja hoje nós podemos dizer fechada somente rezar e casa... Não.... Rezar e trabalharmos num todo, no desenvolvimento das pessoas para que elas realmente possam sentir participante de tudo...” (Entrevistado 1)</p> <p>“...o CAFAP que a designação é Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, o acompanhamento da família.” (Entrevistado 2)</p>	<p>Propício a trabalhar o património histórico-cultural de Arganil, organizando muitas atividades, desde caminhadas, passeios, dinâmicas em que haja convívio e partilha</p>

			<p>“...também um conjunto de respostas mais, mas aí eu acho que são importantes, mas são mais assistencialistas, a questão da Loja Social.” (Entrevistado 2)</p> <p>“Nós, grande parte da nossa atividade do dia a dia também é o Desenvolvimento Local e das comunidades, ou seja, nós em qualquer área da nossa intervenção, na esfera do Município, nós promovemos o Desenvolvimento Local...” (Entrevistado 3)</p> <p>“O Desenvolvimento Local rima quase com a autarquia, com o Município... Esta integração com a juntas, a celebração de contratos, programas com as juntas de freguesia que lhes permitem também eles realizarem pequenas obras, promovendo o Desenvolvimento Local junto das populações que estão mais próximas.” (Entrevistado 3)</p> <p>“...objetivos a nível social, queremos chegar a determinadas metas, não é, de integração no caso específico do FAMI e das pessoas que nos escolhem para viver e que são estrangeiras. No caso do CLDS, desde das crianças aos seniores e estes projetos permitem-nos responder melhor àquilo que são as nossas iniciativas.” (Entrevistado 4)</p> <p>“...os projetos do Município de Arganil todos se integram na intervenção Desenvolvimento Comunitário.” (Entrevistado 5)</p>	<p>entre as pessoas. (Entrevistado 1)</p>
--	--	--	---	---

			<p>“O único problema senão é que muitas das vezes os projetos têm que ser feitos por entidades, por IPSS ou por Fábricas da Igreja que foi caso.” (Entrevistado 5)</p> <p>“...outros projetos que a Câmara teve com o PROGRIDE, com o CLDS 3G, com outro CLDS, com outros projetos que são parceiros na área da saúde mental ou da parte desportiva, com crianças na parte educacional, ou com a Passo a Passo.” (Entrevistado 5)</p> <p>“Nós não estamos muito vocacionadas para isso, portanto, a nossa missão é outra...” (Entrevistado 6)</p> <p>“A atividade de qualquer Junta de Freguesia deve sempre pautar-se por uma relação de proximidade com os seus fregueses. Quando respondemos positivamente às suas inquietações e solicitações estamos a contribuir para melhorar as suas condições de vida naquilo que para eles é mais premente e, assim, contribuir, à nossa escala, para o Desenvolvimento Local.” (Entrevistado 7)</p>	
	Futuro do bairro e Participação das entidades	Desenvolvimento de outros projetos	<p>“Desde que tenhamos oportunidade e a ajuda das entidades... Sempre é possível...” (Entrevistado 1)</p> <p>“Aquilo que é muito importante, diria que se calhar é, talvez seja mesmo o mais importante no bairro é não perder a ligação. E isto, muitas vezes, não tem haver com o fazer lá mais um esforço,</p>	

			<p>mais uma intervenção, tem haver com impedir que se estrague aquilo que se fez.” (Entrevistado 2)</p> <p>“Esse trabalho de ligação àquela comunidade é importante, acho que até mais numa perspetiva de acompanhamento, de dinamização, do que propriamente de intervenção física.” (Entrevistado 2)</p> <p>“No bairro similar agora já não faria sentido. No bairro aquilo que temos que perceber todos os intervenientes neste processo, que tem que haver continuidade do que foi ali feito.” (Entrevistado 3)</p> <p>“...acho que é muito importante criar-se e desenvolver-se um projeto que desse continuidade ao que eu dizia, não é desta intervenção, surgiram novas necessidades, mas também novas potencialidades. E seria muito bom encontrar um projeto ou uma forma de continuarmos a trabalhar no bairro que permitisse às pessoas que estes ganhos se consolidassem acima de tudo. Porque nós, quando lançamos as sementes, elas demoram muito tempo a que se consiga ver e de facto, na minha perspetiva, havia aqui um trabalho que se for acompanhado, corre menos riscos de se perder.” (Entrevistado 4)</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“...acho que no Bairro São Vicente de Paulo devia haver uma continuidade na consolidação dos conhecimentos, no aprendizado, nas regras, pronto naquela continuidade...” (Entrevistado 5)</p> <p>“Não está na devida perfeição como todos desejavam... Portanto, vamos ter de colocar mãos à obra, segundo se houver outras situações similares com certeza que estamos cá todos para...” (Entrevistado 6)</p>	
		<p>Acompanhamento das entidades parceiras</p>	<p>“Uma entidade, por exemplo, quando colabora num projeto em si ela tem de colaborar e tem que dar continuidade, porque se ela não dá continuidade vai voltar, então a tudo que era antes.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...se não houver aqui um acompanhamento com alguma regularidade, daqui a um ano ou dois vamos podemos cair no erro de voltar ao mesmo...” (Entrevistado 3)</p> <p>“...determinante e acho que é o maior risco porque de facto a mais valia dos projetos é ter e eu sentia muito isso, é ter uma pessoa que puxa por todos, porque o foco dela é o projeto.” (Entrevistado 4)</p> <p>“...era determinante que as pessoas do bairro continuassem, que a população do bairro continuasse a ter esta relação de proximidade com os diferentes serviços que foi criada, que não se perdesse este potencial.” (Entrevistado 4)</p>	

			<p>“Acho que devem continuar a acompanhar o bairro, não pontualmente como nós fazemos, mas uma vez por mês, ou sei lá perceberem se está tudo bem e nos seus planos de atividades haver essa preocupação e esse comprometimento que fizemos. Portanto, a mim faz-me sentido que cada um, mas eu acho que antes disto deve ser constituída aquela tal equipa e com a equipa no terreno do interlocutor da Fábrica da Igreja e dos moradores, no fundo, vai nos levar a surgirem novos problemas e novas funções...” (Entrevistado 5)</p>	
		<p>Ideias ou sugestões a desenvolver e aplicar no Bairro São Vicente de Paulo</p>	<p>“...temos a Câmara Municipal, junto com a parte de ação social, promover alguns eventos ali também no bairro.... Trazer, conforme já fizeram, levar para fazer doces essas coisas que eles sabem lá de melhor nessas festas que temos aqui dentro do concelho.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...é muito importante assegurarmos a integração daquelas pessoas das mais diversas formas. Algumas estão na idade de trabalho tanto quanto possível devem estar no mercado laboral.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...essa parte, dos acessos e ainda, se possível, algumas intervenções interiores nas casas.” (Entrevistado 3)</p> <p>“...ter um ou dois eventos comunitários anuais que a própria população organizava e dinamizada parece-me importante. Haver aquilo que falávamos, não é, que era uma espécie de comissão de moradores do bairro e haver um responsável pela limpeza, não direto, mas assim haver áreas</p>	

			<p>e cada um ter a responsabilidade de ir verificando se está tudo bem a nível da limpeza do espaço, está tudo bem ao nível das hortas, ou seja, haver aqui uma divisão por pelouros também não é dos habitantes, para que se sentissem responsabilizados.” (Entrevistado 4)</p> <p>“...haver uma segunda fase dos Bairros Saudáveis, uma nova candidatura para se fazer, por exemplo, aquilo que perspetivavam que era um espaço comunitário, por exemplo, para crianças, um escorrega, um parque infantil pequenino, mas simbólico para as crianças, duas ou três máquinas para os idosos fazerem exercício, por exemplo, e haver ali um forno comunitário, um tipo, um telheiro, muito artístico, pitoresco, aberto, com umas telhas, com umas madeiras, com os bancos de jardim, com um forno, com uma elaboração de uma mesa simples, mas que alguém quisesse fazer broa e fizesse broa e uns a faziam umas bolas, umas tigeladas... Eh pá, haver ali um forno comunitário...” (Entrevistado 5)</p> <p>“Continuar o desenvolvimento comunitário, participativo, rede de vizinhança, fortalecimento dos laços de amizade e de partilha de trabalhos, de ajuda...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...podia haver um concurso a ver quem é que tem um jardim mais apetrechado, mais bonito, tratado ou com o canteiro mais florido, mais bem-posto ou com mais produtos hortícolas.” (Entrevistado 5)</p>	
--	--	--	---	--

			<p>“...fazer as casas de modo que em vez de ser para uma família fosse para duas, por exemplo.” (Entrevistado 6)</p> <p>“...acompanhamento próximo, por parte da entidade gestora do espaço e pelas entidades de âmbito social local, de modo a que o trabalho agora realizado não termine.” (Entrevistado 7)</p>	
		<p>Visão sobre o bairro e as pessoas que nele habitam</p>	<p>“Um bairro modelo, que ainda não é o modelo a nível nacional, mas assim a nível de vida daqui de Arganil, as pessoas agora passam ali, os vizinhos ficam contentes, as pessoas passam ali na frente do bairro ficam contente com tudo o que foi feito.” (Entrevistado 1)</p> <p>“...as pessoas integradas do ponto de vista profissional e pessoal.” (Entrevistado 2)</p> <p>“...ver o bairro com mais intervenção ao nível de obra, se possível... Para ainda melhorarmos ainda a questão da vida e dos acessos...” (Entrevistado 3)</p> <p>“...nos últimos tempos, um bairro sereno, tranquilo, limpo e sobretudo com pessoas que me parecem orgulhosas de ali morar, e contentes por se sentirem parte integrante da vila ou do bairro onde o bairro está.” (Entrevistado 3)</p> <p>“Gostava de ver o bairro... completamente integrado...na comunidade, ou seja, não são eles e nós.” (Entrevistado 4)</p>	

		<p>“Gostava de ver novas pessoas... Outro tipo de pessoas...” (Entrevistado 5)</p> <p>“...ver o espaço, se calhar um bocadinho mais ampliado.... Poderia dar para fazer mais duas ou três casas.” (Entrevistado 5)</p> <p>“...há sótãos que podem ser recuperados para habitarem mais pessoas e terem mais condições. Eu acho que precisavam ali uma intervenção habitacional maior para, por exemplo, uma família com três crianças, os quartos são muito pequenos.” (Entrevistado 5)</p> <p>“Gostaria que o bairro fosse apenas mais um de entre todos os que compõem a malha urbana arganilense, que quem olhasse para ele não o visse como um gueto. Que as pessoas que nele habitam estivessem plenamente integradas na sociedade envolvente e não se sentissem discriminadas por nele morar. Que fosse um bairro donde sobressaíssem boas práticas sociais e bons exemplos de vida.” (Entrevistado 7)</p>	
	Participação ou Desenvolvimento de projetos futuros no bairro	<p>“Desde que tenham e surja algum projeto que nós possamos fazer a candidatura. Nada impede se for para melhorar ali a vida deles...” (Entrevistado 1)</p> <p>“...naturalmente que estamos disponíveis e interessados em manter este tipo de colaboração.” (Entrevistado 2)</p>	

			<p>“...se houver projetos na área do ambiente, o bairro, tal como qualquer outra casa ou prédio da vila, é parte integrante da vila, portanto não há questão para isso.” (Entrevistado 3)</p> <p>“...dentro daquilo que são as suas atribuições, mas aqui em parceria também para ajudar pelo menos com a segurança social, percebendo o que é possível, o que é possível fazer, portanto, quer para os moradores do bairro, quer para todos os habitantes que estejam numa situação de vulnerabilidade no Município, terá que ter, porque a sua missão, é sua essa obrigação, essa disponibilidade.” (Entrevistado 4)</p> <p>“Claro que os técnicos estão sempre disponíveis para dar ideias, que nós temos que ter espírito crítico, mas as decisões não possam por nós, mas nós podemos sugerir.” (Entrevistado 5)</p> <p>“A Junta de Freguesia estará sempre aberta à participação em projetos que visem a plena integração dos seus fregueses e que levem à melhoria da qualidade de vida dos mesmos, quer seja neste bairro, quer seja noutra qualquer lugar da freguesia.” (Entrevistado 7)</p>	
		<p>Auxílio das entidades necessitadas e dificuldades quotidianas dos</p>	<p>“É exatamente por isso que nós estamos, vamos querer fazer essas cobranças dessas pequenas taxas, não é para igreja, mas sim para eles próprios para melhorar um pouquinho do que é preciso ali, algumas emergências que vai ser necessário fazer no bairro.” (Entrevistado 1)</p> <p>“Já podiam antes e vão poder continuar a poder contar, como é óbvio.” (Entrevistado 3)</p>	

		<p>moradores do bairro</p>	<p>“A 100%. A 390%. As portas do Município dos serviços de ação social estão sempre disponíveis para resolver os problemas, dentro das nossas competências e se não for é encaminhado para os serviços competentes.” (Entrevistado 5)</p> <p>“...área de competências e de acordo com a nossas possibilidades, a Junta de Freguesia estará sempre presente para responder às solicitações que possam vir a surgir quer no presente no futuro.” (Entrevistado 7)</p>	
--	--	----------------------------	---	--

Tabela 9 - Matriz de análise de conteúdo das entrevistas

Legenda:

- Entrevistado 1 – Presidente do Bairro São Vicente de Paulo e da Fábrica da Igreja Paroquial de Arganil;
- Entrevistado 2 – Presidente da Câmara Municipal de Arganil;
- Entrevistado 3- Vereador do Pelouro do Ambiente, Mobilidade e Energia, Educação e Qualificação, Desporto, Gestão Administrativa e Qualidade;
- Entrevistado 4 – Vereadora dos Pelouros de Ação Social, da Juventude e dos Recursos Humanos;
- Entrevistado 5 – Técnica Superior de Serviço Social da Câmara Municipal de Arganil;
- Entrevistado 6 – Presidente da Conferência Nossa Senhora da Assunção de Arganil;
- Entrevistado 7 - Presidente da Junta de Freguesia de Arganil.

